



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LUIZ GONZAGA LAPA JUNIOR

**MAPEAMENTO DE VALORES
E COMPREENSÃO DO JEITINHO BRASILEIRO
EM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL
DO DISTRITO FEDERAL**

Brasília, 15 de abril de 2019

LUIZ GONZAGA LAPA JUNIOR

**MAPEAMENTO DE VALORES
E COMPREENSÃO DO JEITINHO BRASILEIRO
EM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL
DO DISTRITO FEDERAL**

TESE de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UNB, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora:
Prof^a Dr^a Cláudia Marcia Lyra Pato.

BRASÍLIA/DF
15 de Abril de 2019

LUIZ GONZAGA LAPA JUNIOR

MAPEAMENTO DE VALORES
E COMPREENSÃO DO JEITINHO BRASILEIRO
EM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL
DO DISTRITO FEDERAL

Tese defendida em 15 de abril de 2019
e avaliada pela banca examinadora:

Professora Doutora Claudia Marcia Lyra Pato

Universidade de Brasília – Faculdade de Educação (Presidente)

Professora Doutora Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Professor Doutor Claudio Vaz Torres

Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia

Professora Doutora Juliana Alves de Araújo Bottechia

Universidade Estadual de Goiás

Professora Doutora Solange Alfinito

Universidade de Brasília - Departamento de Administração (Suplente)

*A fé não torna as coisas
mais fáceis ...
A fé torna as coisas
possíveis.*

Yla Fernandes

*Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar*

Música: Timoneiro

Intérprete: Paulinho da Viola

Autores: Paulo Cesar B.F. e Herminio B.C.

Homenagem aos meus guias e
Orixás que sempre estiveram ao
meu lado nesta caminhada.

In memoriam de meu pai,
querido amigo e professor...
de meu filho Luiz Eduardo...
e da minha filha Maria Eduarda
que nos deram momentos de
felicidade e sentido à vida.

Amor, fé e caridade !

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma forma, com mais ou menos intensidade participaram ou colaboraram para a concretização deste trabalho, em especial à minha esposa Eunice pelo apoio incondicional e aos meus filhos, Luiz Felipe e André Luiz, pela paciência e compreensão nos momentos de renúncia.

Agradeço, em particular, à professora Claudia Pato pela confiança, carinho e tolerância em toda essa caminhada, construção do conhecimento e sensibilidade no seu “olhar divino”.

RESUMO

O sistema de valores humanos tem sido foco de interesse crescente por parte de profissionais nas mais diversas áreas. Em particular, aumentam as pesquisas sobre valores com crianças e adolescentes. Nesse âmbito, destaca-se a teoria refinada de valores humanos de Schwartz *et al.*(2012). Segundo a teoria, os indivíduos expressam seus valores por meio dos comportamentos, visando, primeiramente, tentar atingir as metas importantes para eles. A presença de certos comportamentos e valores remetem à ideia de uma institucionalização de atitudes, que poderiam estar associadas a uma prática social na resolução de problemas, o *jeitinho brasileiro*. Neste trabalho buscou-se mapear os valores pessoais e compreender o *jeitinho brasileiro* em pré-adolescentes no ambiente escolar. Para tanto, foram realizados três estudos com a abordagem quantitativa, em uma amostra de 3271 estudantes do ensino fundamental II da rede pública do Distrito Federal, na faixa etária de 10 a 13 anos, com média de idade de 11,79 anos, no qual 2832 pertencem ao 6º ano (86,58%) e 439 ao 7º ano (13,42%), sendo 51,8% do sexo feminino e 48,2% do masculino. No primeiro estudo foi desenvolvida e validada a Escala de Valores para Pré-adolescentes (EVP), uma adaptação do PVQ-R de Schwartz *et al.*(2012). A análise fatorial exploratória revelou que a EVP é multidimensional, com KMO = 0,878 e possui dois fatores com valores nos focos social e pessoal da teoria: Fator 1 – *Foco social* ($\alpha = 0,826$) e Fator 2 – *Foco pessoal* ($\alpha = 0,632$). No segundo estudo foi elaborada e validada a Escala de Jeitinho para Pré-adolescentes (EJP), cuja análise fatorial exploratória revelou ser multidimensional, com KMO = 0,890 e possui três fatores: Fator 1 – *Malandragem* ($\alpha = 0,770$), Fator 2 – *Burlar regras* ($\alpha = 0,691$) e Fator 3 – *Simpatia* ($\alpha = 0,508$). No terceiro estudo foram analisadas as relações dessas práticas do *jeitinho* e os valores pessoais dos estudantes. Os resultados demonstram haver uma relação direta entre valores e *jeitinho*. Os resultados encontrados podem contribuir para a elaboração de projetos e intervenções pedagógicas nas instituições de ensino, visando melhorias no processo das relações interpessoais e na formação de cidadãos críticos.

Palavras-chave: Teoria refinada de valores humanos de Schwartz. Escala de valores para pré-adolescentes (EVP). Escala do *jeitinho* para pré-adolescentes (EJP). *Jeitinho brasileiro*. Pré-adolescência.

ABSTRACT

The system of human values has been a point of growing interest by professionals in a wide range of fields. In particular, there has been increased research on values with children and adolescents. Of note in this context is Schwartz *et al.*'s (2012) refined theory of human values. According to this theory, individuals express their values by means of behaviors, aiming, first of all, at achieving goals that are important to them. The presence of certain behaviors and values lead to the idea of institutionalized attitudes, which could be associated to a social practice for the solution of problems, the so-called *jeitinho brasileiro* (Brazilian way). This study sought to map the personal values and understand the *jeitinho brasileiro* in pre-adolescents in the school environment. Three qualitative studies were carried out with a sample of 3,271 elementary public-school students of the Distrito Federal. The ages ranged from 10 to 13, with a mean age of 11,79. In the sample, 2,832 were 6th grade students (86,58%) and 439 were in the 7th grade (13,42%). Girls accounted for 51,8% of the sample, while 48,2% were boys. In the first study, the Value Scale for Pre-adolescents (VSP), an adaptation of Schwartz *et al.*'s PVQ-R (2012), was developed and validated. The exploratory factorial analysis revealed that the VSP is multidimensional, with KMO = 0.878 and has two factors with values in the social and personal focus of the theory: Factor 1 – “*Social focus*” ($\alpha = 0.826$) and Factor 2 – “*Personal focus*” ($\alpha = 0.632$). The second study developed and validated the *Jeitinho* Scale for Pre-adolescents (JSP), whose exploratory factorial analysis revealed to be multidimensional, with KMO = 0.890, having three factors: Factor 1 – *Cunning (Malandragem)* ($\alpha = 0.770$), Factor 2 – *Circumventing rules (Burlar rules)* ($\alpha = 0.691$), and Factor 3 – *Amiability (Simpatia)* ($\alpha = 0.508$). The third study analyzed the relationships between these practices of the *jeitinho* and the personal values of the students. The results show there is a direct relationship between values and *jeitinho*. The findings may contribute to the development of pedagogical projects and interventions in schools, aiming at improving interpersonal relationships and developing critical citizens.

Keywords: Schwartz's refined theory of human values. Value Scale for Pre-adolescents (VSP). *Jeitinho* Scale for Pre-adolescents (JSP). *Jeitinho brasileiro*. Pre-adolescence.

RESUMEN

El sistema de valores humanos ha sido foco de interés en las más diversas áreas. En particular, aumentan las investigaciones de los valores con niños y adolescentes. En ese ámbito, se destaca la teoría refinada de valores humanos de Schwartz *et al.*(2012). Según la teoría, los individuos expresan sus valores por medio de los comportamientos, visando primeramente, intentar atingir las metas importantes para ellos. La presencia de ciertos comportamientos y valores remiten a la idea de una institucionalización de actitudes, que podrían estar asociadas a una práctica social en la resolución de problemas, el “jeitinho brasileiro”, manera brasileña. En este trabajo se buscó mapear los valores personales y comprender la “manera brasileña” en pre-adolescentes en el ambiente escolar. Por lo tanto, fueron realizados tres estudios con el enfoque cuantitativo, en una muestra de 3271 estudiantes de la enseñanza fundamenta II de la red pública del Distrito Federal, en la franja de edad de los 10 a 13 años, con media de edad de 11,79 años, en la cual 2832 pertenecen al 6º año (86,58%) y 439 al 7º año (13,42%), siendo 51,8% del sexo femenino y 48,2% del masculino. En el primer estudio fue desarrollada y validada la Escala de Valores para Pre-adolescentes (EVP), una adaptación del PVQ-R de Schwartz *et al.*(2012). El análisis factorial exploratoria reveló que la EVP es multidimensional, con KMO = 0,878 y posee dos factores con valores en los focos sociales y personales de la teoría: Factor 1 – “Foco social” ($\alpha = 0,826$) y Factor 2 – “Foco personal”, $\alpha = 0,632$). En el segundo estudio fue elaborada y validada la Escala de “Jeitinho” para Pre-adolescentes (EJP), cuyo análisis factorial exploratoria reveló ser multidimensional, con KMO = 0,890 y posee tres factores: Factor 1 – Astucia ($\alpha = 0,770$), Factor 2 – Burlar reglas ($\alpha = 0,691$) y factor 3 – Simpatía ($\alpha = 0,508$). En el tercer estudio fueron analizadas las relaciones de las prácticas del “jeitinho” y los valores personales de los estudiantes. Los resultados muestran que existe una relación directa entre los valores y el jeitinho. Los resultados encontrados pueden contribuir para la elaboración de proyectos e intervenciones pedagógicas en las instituciones de enseñanza, visando mejorías en el proceso de las relaciones interpersonales y en la formación de ciudadanos críticos.

Palabras-clave: Teoría refinada de valores humanos de Schwartz. Escala de valores para pre-adolescentes (EVP). Escala do “jeitinho” para pre-adolescentes (EJP). “Jeitinho” brasileiro. Pre-adolescencia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Estrutura universal dos valores pela teoria de Schwartz (1994).	17
Figura 2	Descrições que orientam os valores de cada dimensão da teoria de valores humanos	19
Figura 3	Estrutura circular dos valores da Teoria Refinada de Valores	23
Figura 4	Exemplos de carinhas <i>emojis</i> analisadas por juízes estudantes	59
Figura 5	Carinhas <i>emojis</i> selecionadas pelos juízes estudantes	60
Figura 6	Quantidade de juízes que concordaram com a semântica dos itens	61
Figura 7	Distribuição geográfica das CREs no Distrito Federal	63
Figura 8	Religião informada pelos participantes	67
Figura 9	Os entes familiares que moram com os participantes	68
Figura 10	O desejo dos participantes em ter uma profissão no futuro	68
Figura 11	Histograma da variável V15 – As pessoas reconhecerem o que eu faço	69
Figura 12	Teste de KMO e Bartlett da matriz de correlações da escala EVP	71
Figura 13	<i>Scree plots</i> dos <i>eigenvalues</i> na ACP para a EVP	73
Figura 14	Ilustração dos tipos motivacionais no Fator 1 da escala de valores	76
Figura 15	Ilustração dos tipos motivacionais no Fator 2 da escala de valores	76
Figura 16	Histograma para os resíduos: Foco social vs variáveis demográficas	87
Figura 17	Gráfico P-P Plot: Foco social vs variáveis demográficas	87
Figura 18	Gráfico de dispersão: Foco social vs variáveis demográficas	88
Figura 19	Histograma para os resíduos: Foco pessoal vs variáveis demográficas	90
Figura 20	Gráfico P-P Plot: Foco pessoal vs variáveis demográficas	90
Figura 21	Diagrama de dispersão: Foco pessoal vs variáveis demográficas	90
Figura 22	MDS com todas as variáveis da EVP do Estudo 1	93
Figura 23	MDS dos tipos motivacionais de 2ª ordem	94
Figura 24	MDS dos tipos motivacionais de 1ª ordem	95
Figura 25	Cenário 1: Carro em cima da calçada	102
Figura 26	Cenário 2: Carro estacionado em lugar proibido	102
Figura 27	Cenário 3: CD substituindo a tampa de combustível.	102
Figura 28	Cenário 4: Furadeira sendo usada como bate-deira de bolo.	102
Figura 29	Cenário 5: Aluno “colando” a resposta do outro colega	103
Figura 30	Cenário 6: Troca de dinheiro, indícios de propina e corrupção	103
Figura 31	Carinhas <i>emojis</i> selecionadas para o estudo do <i>jeitinho</i>	105
Figura 32	Atividade 1 para indicar o significado das carinhas <i>emojis</i>	106
Figura 33	Atividade 2 para indicar o significado das carinhas <i>emojis</i>	106
Figura 34	Modelo teórico do <i>jeitinho</i> proposto na etapa inicial	110
Figura 35	Teste de KMO e Bartlett da matriz de correlações da escala do <i>jeitinho</i>	114

Figura 36	<i>Scree plots</i> dos <i>eigenvalues</i> na ACP da escala do <i>jeitinho</i>	116
Figura 37	Proposta do Modelo teórico do <i>jeitinho</i>	121
Figura 38	Histograma Fator <i>Simpatia</i> vs variáveis demográficas	128
Figura 39	Gráfico P-P Plot: Fator <i>Simpatia</i> vs variáveis demográficas	128
Figura 40	Diagrama de dispersão: Fator <i>Simpatia</i> vs variáveis demográficas	129
Figura 41	MDS das variáveis do <i>jeitinho</i>	132

LISTA DE TABELA

Tabela 1	Tipos de valores de Schwartz e Bilsky (1987)	13
Tabela 2	Tipos motivacionais de valores de Schwartz (1992)	15
Tabela 3	Eixos bipolares, as quatro dimensões e os tipos motivacionais de Schwartz	18
Tabela 4	Escala de avaliação do SVS - 1992	20
Tabela 5	Os 19 tipos motivacionais da Teoria de Valores Refinada de Schwartz	24
Tabela 6	Países com seus respectivos nomes ligados à corrupção	38
Tabela 7	Cenários do <i>jeitinho</i> no estudo de Pilati <i>et al.</i> (2011)	46
Tabela 8	Escala do <i>jeitinho</i> brasileiro no estudo de Miura (2012)	47
Tabela 9	Cenários do <i>jeitinho</i> no estudo de Ferreira <i>et al.</i> (2012)	48
Tabela 10	Os três itens das motivações do valor segurança-pessoal do PVQ-R	57
Tabela 11	Resultado estatístico das carinhas <i>emojis</i> selecionadas para a escala	60
Tabela 12	Dados estatísticos da amostra por PERÍODO	66
Tabela 13	Dados estatísticos da amostra por IDADE	66
Tabela 14	Dados estatísticos da amostra por ESCOLARIDADE	66
Tabela 15	Quantidade de escolas e turmas visitadas por CRE	66
Tabela 16	Análise dos componentes principais da escala proposta	72
Tabela 17	Extração da análise fatorial exploratória da escala EVP	74
Tabela 18	Matriz padrão da AFE para EVP	75
Tabela 19	Itens do questionário da EVP e seus respectivos tipos motivacionais	77
Tabela 20	Médias e desvios padrão (DP) dos fatores extraídos pela AFE da EVP	78
Tabela 21	Fator 1 da escala EVP com suas variáveis, cargas fatoriais e comunalidades	79
Tabela 22	Fator 2 da escala EVP com suas variáveis, cargas fatoriais e comunalidades	80
Tabela 23	Médias dos valores de 1ª ordem e das dimensões de 2ª ordem	83
Tabela 24	ANOVA entre a variável sexo e as duas dimensões de valores da escala EVP	85
Tabela 25	Correlação entre gêneros nos grupos etários e valores do fator <i>Foco pessoal</i>	85
Tabela 26	Resultado da ANOVA na RM: <i>Foco social</i> sobre as variáveis demográficas	88
Tabela 27	Resultado da RM hierárquica entre <i>Foco social</i> e as variáveis demográficas	89
Tabela 28	Resultado da RM hierárquica para predição do fator <i>Foco social</i>	89

Tabela 29	Resultado da ANOVA na RM: <i>Foco pessoal</i> sobre as variáveis demográficas	91
Tabela 30	Resultado da RM hierárquica entre <i>Foco pessoal</i> e as variáveis demográficas	91
Tabela 31	Resultado da RM hierárquica para predição do fator <i>Foco pessoal</i>	92
Tabela 32	Coletânea de cenários sobre <i>jeitinhos</i> no olhar dos participantes	104
Tabela 33	Percentuais de concordância e similaridade dos significados das carinhas <i>emojis</i>	107
Tabela 34	Quantidade de juízes do construto de <i>jeitinho</i> e suas áreas de domínio	109
Tabela 35	Análise dos componentes principais da escala EJP	115
Tabela 36	Matriz padrão da AFE na escala EJP	117
Tabela 37	Médias e DP dos fatores extraídos no Estudo 2	118
Tabela 38	Fator 1 da escala EJP com suas variáveis, cargas fatoriais e comunalidades.	118
Tabela 39	Fator 2 da escala EJP com suas variáveis, cargas fatoriais e comunalidades	120
Tabela 40	Fator 3 da escala EJP com suas variáveis, cargas fatoriais e comunalidades	120
Tabela 41	Correlações significativas entre as variáveis demográficas e a escala EJP	122
Tabela 42	ANOVA entre a variável sexo e as dimensões da escala EJP	123
Tabela 43	ANOVA entre a variável idade e as dimensões da escala EJP	124
Tabela 44	ANOVA entre a variável série e as dimensões da escala EJP	125
Tabela 45	Teste de Levene entre os fatores da escala EJP e a variável série	125
Tabela 46	ANOVA entre a variável período e as dimensões da escala EJP	126
Tabela 47	Resultados da RM entre o fator <i>Malandragem</i> e as variáveis demográficas	130
Tabela 48	Resultados da RM entre o fator <i>Burlar regras</i> e as variáveis demográficas	131
Tabela 49	Resultados da RM entre o fator <i>Simpatia</i> e as variáveis demográficas	131
Tabela 50	Correlações entre os fatores de valores e <i>jeitinho</i>	138
Tabela 51	Correlações significativas entre os valores de 2ª ordem e a escala EJP	138
Tabela 52	Correlações significativas entre os valores de autotranscendência e a escala EJP	139
Tabela 53	Correlações significativas entre os valores de conservação e a escala EJP	139
Tabela 54	Correlações significativas entre os valores de autopromoção e a escala EJP	139

Tabela 55	Correlações significativas entre os valores de abertura à mudança e a escala EJP	140
Tabela 56	ANOVA entre o fator <i>Foco social</i> e os fatores da escala EJP	140
Tabela 57	ANOVA entre o fator <i>Foco pessoal</i> e os fatores da escala EJP	141
Tabela 58	Resultados da RM entre o fator <i>Malandragem</i> e os fatores da escala EVP	142
Tabela 59	Resultados da RM entre o fator <i>Burlar regras</i> e os fatores da escala EVP	142
Tabela 60	Resultados da RM entre o fator <i>Simpatia</i> e os fatores da escala EVP	143
Tabela 61	Resultados da RM entre o fator <i>Malandragem</i> e os valores de 2ª ordem	143
Tabela 62	Resultados da RM entre o fator <i>Burlar regras</i> e os valores de 2ª ordem	144
Tabela 63	Resultados da RM entre o fator <i>Simpatia</i> e os valores de 2ª ordem	144
Tabela 64	Relações entre valores e <i>jeitinho</i> dos participantes em cada CRE	145
Tabela 65	Médias dos fatores do <i>jeitinho</i> e dos valores de 2ª. ordem nas CREs	148

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AF	Análise fatorial
AFE	Análise fatorial exploratória
AM	Dimensão de 2ª ordem – Abertura à mudança
ANOVA	Análise de variância
AP	Dimensão de 2ª ordem – Autopromoção
AT	Dimensão de 2ª ordem – Autotranscendência
CO	Dimensão de 2ª ordem – Conservação
CRE	Coordenação Regional de Ensino
DF	Distrito Federal
DP	Desvio padrão
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJP	Escala de Jeitinho para Pré-adolescentes
EMD	Análise de escalonamento multidimensional
EP	Erro padrão
EVP	Escala de valores para pré-adolescentes
KMO	<i>Kaiser-Meyer-Olkin</i> (índice de adequação amostral)
M	Média
MDS	Escalonamento multidimensional (<i>multidimensional scaling</i>)
N	Amostra - quantidade de participantes
OMS	Organização Mundial de Saúde
PAF	<i>Principal Factor Extraction</i> (fatoração pelo eixo principal)
PC	Componentes principais
PVQ	Perfil de Valores de Schwartz
PVQ-R	Teoria de valores refinada (Portrait Values Questionnaire – Refined)
r	Coeficiente de correlação de Pearson
RA	Região Administrativa
RM	Regressão múltipla
RVS	<i>Rokeach Value Survey</i>
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do D.F.
SSA	<i>Smallest Space Analysis</i> (Análise do Menor Espaço)
SVS	Escala de Valores de Schwartz
VD	Variável dependente
VI	Variável independente

VIF Fator de inflação de variância (*Variance inflation factor*)
 α Alfa de Cronbach

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1	VALORES	9
2.1.1	Debates contemporâneos sobre valores	10
2.1.2	Aporte teórico da pesquisa – a teoria de valores humanos de Schwartz	12
2.1.3	A Teoria Refinada de Valores Humanos de Schwartz	22
2.1.4	Pesquisas sobre valores com crianças e jovens	27
2.1.5	Resumo e discussão	33
2.2	O JEITINHO BRASILEIRO	35
2.2.1	Cenários e contextos do <i>jeitinho</i>	36
2.2.1.1	Processos de influência informal em outras culturas	36
2.2.1.2	Compreensões sobre <i>jeito</i> e <i>jeitinho</i> brasileiro	39
2.2.1.3	Contextos do <i>jeitinho</i> brasileiro	43
2.2.1.4	Instrumentos de medida do <i>jeitinho</i> brasileiro	45
2.2.1.5	O <i>jeitinho</i> brasileiro no contexto escolar	49
2.2.2	Resumo e discussão	51
3	PESQUISA EMPÍRICA	53
3.1	Estudo 1 – ELABORAÇÃO E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO INSTRUMENTO DE MEDIDA DE VALORES PARA PRÉ-ADOLESCENTES	54
3.1.1	A adaptação do PVQ-R para a escala de valores para pré-adolescentes	55
3.1.1.1	Método	55
3.1.1.1.1	Amostra	55
3.1.1.1.2	Estratégias	55
3.1.1.1.3	Instrumento	55
3.1.1.1.4	Procedimentos	56
3.1.1.1.5	Análise de dados	58
3.1.1.2	Resultados	59
3.1.2	Evidências de validade estatística da escala EVP	62
3.1.2.1	Método	62
3.1.2.1.1	Amostra	63

3.1.2.1.2	Estratégias	64
3.1.2.1.3	Instrumento	64
3.1.2.1.4	Procedimentos	64
3.1.2.1.5	Análise de dados	64
3.1.2.2	Resultados	65
3.1.2.2.1	Análise de dados - pressupostos iniciais	69
3.1.2.2.2	Análise fatorial exploratória da escala EVP	70
3.1.2.2.3	Análise exploratória com a escala EVP	83
3.1.2.2.4	Médias dos valores de 1ª. ordem e das dimensões de 2ª. ordem	83
3.1.2.2.5	Análises de variâncias: variáveis demográficas vs escala EVP	84
3.1.2.2.6	Regressões múltiplas	86
3.1.2.2.7	Análises de escalonamento multidimensional (MDS)	92
3.1.3	Resumo e discussão	96
3.2	Estudo 2 – ELABORAÇÃO E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA ESCALA DE COMPREENSÃO DO JEITINHO BRASILEIRO PARA PRÉ-ADOLESCENTES	99
3.2.1	Motivação para elaboração de uma escala de compreensão do <i>jeitinho</i> brasileiro para pré-adolescentes	99
3.2.2	O processo de construção das imagens da escala	100
3.2.2.1	Método	100
3.2.2.1.1	Amostra	100
3.2.2.1.2	Estratégias	101
3.2.2.1.3	Instrumento	101
3.2.2.1.4	Procedimentos	101
3.2.2.1.5	Análise de dados	104
3.2.2.2	Resultados	105
3.2.2.2.1	A escolha das carinhas <i>emojis</i> para a escala Likert	105
3.2.2.2.2	A análise semântica dos itens	107
3.2.3	Evidências de validade estatística da escala EJP	111
3.2.3.1	Método	111
3.2.3.1.1	Amostra	111
3.2.3.1.2	Estratégias	111
3.2.3.1.3	Instrumento	112
3.2.3.1.4	Procedimentos	112
3.2.3.1.5	Análise de dados	112

3.2.3.2	Resultados	114
3.2.3.2.1	Análise fatorial exploratória da escala de medida do <i>jeitinho</i>	114
3.2.3.2.2	Análise exploratória com a escala EJP	121
3.2.3.2.3	ANOVA – variáveis demográficas e a escala EJP	122
3.2.3.2.4	Regressões múltiplas	127
3.2.3.2.5	Análises de escalonamento multidimensional (MDS)	131
3.2.4	Resumo e discussão	133
3.3	Estudo 3 – RELAÇÕES ENTRE VALORES E JEITINHO	136
3.3.1	Método	136
3.3.1.1	Amostra	136
3.3.1.2	Estratégias	136
3.3.1.3	Instrumentos	136
3.3.2	Resultados	137
3.3.2.1	Correlações entre os fatores da EVP e EJP	137
3.3.2.2	ANOVA entre os fatores da EVP e EJP	140
3.3.2.3	Regressões lineares entre os fatores da EVP e EJP	141
3.3.2.4	O poder preditivo dos valores de 2ª ordem sobre os fatores do <i>jeitinho</i>	143
3.3.2.5	Relações entre os valores e <i>jeitinho</i> com a variável CRE	145
3.3.3	Resumo e discussão	148
4	DISCUSSÃO GERAL	150
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
	REFERÊNCIAS	168
	APÊNDICES	181
	APÊNDICE A – Solicitação de autorização para pesquisa junto a SEEDF	182
	APÊNDICE B – Termo de consentimento livre para as escolas	184
	APÊNDICE C – Roteiro de apresentação de imagens	185

INTRODUÇÃO

“Os jovens de hoje não são como os jovens de antigamente.”
“Precisamos resgatar os valores nas crianças e jovens de hoje!”
(Ditados populares)

Atualmente, estas são as afirmativas mais reproduzidas por famílias e nas escolas, especialmente ditas por professores, normalmente em situações de indisciplina, conflitos, violência e práticas contrárias às regras e normas escolares envolvendo alunos. Na área educacional aponta-se uma “crise de valores” como aspecto central dos problemas da escola. Essa visão não é recente, perdura por anos.

Nas comunidades escolares, acredita-se que trabalhar com valores humanos é fundamental para repensar a Educação e a escola do futuro, para encontrar saídas e melhorar comportamentos e atitudes dos alunos, portanto, refletir e conhecer os valores humanos dos indivíduos em momentos de mudanças sociais, políticas, econômicas e ambientais sem precedentes na história do Brasil e da humanidade, é um caminho para compreender as práticas e comportamentos dos jovens e suas relações interpessoais, em um contexto de valores abalados por escândalos em nossa sociedade.

O atual contexto histórico e cultural brasileiro, em que se pode constatar um cenário de corrupção cada vez mais exposta e sistêmica, entranhada nas esferas de poder de nossa sociedade, alcançando as instituições e as pessoas que, por sua vez, vêm sendo responsabilizadas por suas ações, por um poder judiciário atuante e incisivo, como, por exemplo, o caso da operação “lava-jato”, apoiado pela população brasileira de modo geral, sugere que nosso país passa por um momento de transição, em que seus valores e modelos parecem estar sendo sacudidos.

Neste processo de mudanças e novas maneiras de repensar as relações, como as nossas crianças e os nossos jovens estariam formando os seus sistemas de valores? Quais seriam os valores mais importantes para eles? E como eles julgam o que é certo e o que é errado em suas ações cotidianas?

Ações, atitudes e comportamentos podem indicar os valores que determinados indivíduos possuem, pois os valores servem como critérios nas decisões que tomamos, nos impulsionando a obtermos objetivos desejáveis, sejam eles bons ou maus

(SCHWARTZ, 2005). Pato (2004) explica que a relação entre valores, atitudes e comportamento é bastante complexa e tem sido objeto de investigação e discussão na psicologia, e que dentre as pesquisas existentes, Schwartz (1992, 1994, 1995, 2001) demonstra interesse especial pela relação entre valores e comportamento (p. 5). Muitos pesquisadores têm afirmado que, atualmente, o estudo de valores de Schwartz (1992, 1994, 1999) é o mais extenso e eminente sobre valores (FELDMAN, 2003). Em reconhecimento à aplicabilidade aos estudos de Valores, o periódico *Journal of Cros-Cultural Psychology* publicou, em 2001, um número especial dedicado à teoria de Schwartz. Logo, a teoria parece ser a mais aceita dentro da comunidade acadêmica internacional.

Alguns estudiosos embasaram as pesquisas de Schwartz, como o antropólogo Kluckhohn (1951), que afirmou serem os valores uma concepção adotada por um indivíduo, ou por um grupo, sendo desejáveis a ambos, influenciando em suas escolhas, e; Rokeach (1973), que considerou os valores como crenças, sugerindo serem representações cognitivas e transformações das necessidades dos indivíduos, sendo essenciais na explicação dos comportamentos das pessoas, orientando suas escolhas quanto às atitudes humanas.

A teoria de valores de Schwartz (2005) descreve aspectos psicológicos humanos e universais, cujas características são: “valores são crenças; são um construto motivacional; transcendem situações e ações específicas; servem como padrões ou critérios; e são ordenados pela importância relativa aos demais” (p.22). Para o autor, o que distingue um valor do outro é o tipo de objetivo ou motivação que este valor expressa.

Schwartz (1992, 2005, 2012) compreende os valores associados à motivação humana, organizando e identificando tipos motivacionais distintos com uma dinâmica circular que capta conflitos e congruências entre eles. Segundo o autor, a teoria apresenta a natureza dos valores, as características que são comuns a todos eles e o que distingue um valor de outro. Este tema será abordado mais detalhadamente na próxima seção.

Valores humanos são conceitos do desejável que guiam a vida das pessoas, selecionam ações, avaliam indivíduos e eventos (Schwartz, 1999). Atualmente, os estudos e as pesquisas sobre valores humanos de Shalom Schwartz têm sido considerados por inúmeros estudiosos, nas diversas áreas das Ciências. Segundo Pato (2004), a teoria de valores humanos de Schwartz “tem sido apontada como a mais proeminente sobre valores, sendo uma das perspectivas mais promissoras da Psicologia Social e da Transcultural, avançando em relação às demais perspectivas” (p. 37), em diversos países.

No Brasil, autores como Tamayo (1993, 2007), Gouveia (2003, 2008), Torres *et al.*, (2015), Torres, Schwartz e Nascimento (2016), têm pesquisas na temática de valores humanos, incluindo a elaboração e validação de instrumentos de medida de valores para adultos (TAMAYO; PORTO, 2009; CAMPOS; PORTO, 2010; TORRES; SCHWARTZ; NASCIMENTO, 2016), compreendendo tanto os valores organizacionais quanto os individuais.

Os valores individuais propostos por Schwartz (1992, 2005) estão presentes nos mais diferentes sujeitos e suas culturas, incluindo os jovens. Recentemente, pesquisadores voltaram sua atenção para os estudos de valores em crianças e adolescentes, com o objetivo de compreender sua estrutura de valores e prioridades, examinando a consistência e coerência dos valores (BUBECK; BILSKY, 2004; BILSKY, 2005; DÖRING, 2010; DÖRING *et al.*, 2015; UZEFOVSKY; DÖRING; KNAFO, 2016; CIECIUCH, 2016;) em diversas culturas.

Pesquisadores brasileiros, também avançaram nos estudos com valores envolvendo crianças e adolescentes, objetivando compreender as estruturas de valores existentes em cada etapa do desenvolvimento humano, observando as diferenças nas prioridades de valores e compará-las a outras culturas e estudos similares. Cita-se: Lauer-Leite (2009) que, analisou as relações entre os valores individuais e o significado do dinheiro para crianças examinando a estrutura de valores destas; Gomes (2011) para acessar valores em crianças, buscou evidências de validade para um instrumento pictórico e, posteriormente, investigou o desenvolvimento de valores em crianças considerando-se o tipo de escola, a transmissão materna de valores e, a influência da religião sobre os valores (2015); Monteiro (2009) investigou as atitudes e os comportamentos de crianças diante de alimentos saudáveis e não saudáveis; Andrade (2006) analisou os valores de crianças até os adolescentes na perspectiva piagetiana para o desenvolvimento dos processos mentais e, particularmente, a diferenciação das estruturas cognitivas e a formação de estruturas afetivas; Nascimento (2009) investigou os valores de estudantes e professores e os valores transmitidos em sala de aula na percepção de ambos, considerando que os valores são centrais na cultura e no processo de formação de jovens; Lapa (2014) investigou os valores pessoais de estudantes do ensino fundamental II, promovendo intervenções pedagógicas por meio de oficinas, com uso de dinâmicas cooperativas.

A presente pesquisa com crianças e pré-adolescentes partiu, entre outros olhares, dos estudos de Tamayo e Schwartz (1993) e Tamayo (2007) que, ao investigarem os

valores pessoais dos brasileiros e a hierarquia motivacional desses valores, identificaram o valor “esperto”, dentre os quatro valores tipicamente brasileiros, sendo apontado como associado à autorrealização, e à busca do sucesso pessoal obtido por uma demonstração de competência que, geralmente, leva ao reconhecimento social. Citam os autores que os quatro valores tipicamente característicos da cultura brasileira, são: trabalho, sonhador, vaidade e esperto, ocupando posições na hierarquia axiológica significativamente mais importantes que a de vários estados de existência ou modelos de comportamento desejáveis, tradicionalmente aceitos como valores (TAMAYO, 2007, p. 12). Este resultado é relevante para a compreensão dos sistemas de valores com crianças e adolescentes que, conforme Bilsky *et al.* (2013) apresentam estruturas semelhantes às dos adultos e compatíveis com a teoria de valores humanos de Schwartz (1992).

Portanto, crianças e jovens possivelmente formam seus sistemas de valores e desenvolvem sua moral considerando, também, como referência a esperteza, seja nos aspectos positivo ou negativo. O uso dessa estratégia – a esperteza, ou de outras formas de resolver um problema, como soluções triviais na tentativa de flexibilizar regras e normas denomina-se, *jeitinho*. Muitos cenários característicos do *jeitinho* são detectados no cotidiano dos indivíduos como sonegação de impostos; carteirinha de estudante falsa; compra de carteira de habilitação; gasto por hora não trabalhada por funcionários; pirataria de equipamentos eletrônicos; desrespeito aos direitos do outro; a não devolução de um troco recebido a mais no comércio; pagar um “cafezinho” a um policial militar, delegado ou agente de trânsito (SANTOS, 2015).

Essas estratégias para a solução de problemas, são práticas também utilizadas em diferentes culturas e países com características próprias e peculiares de suas sociedades, como o *guanxi* na cultura chinesa, sendo identificado como práticas nas relações interpessoais entre indivíduos ou empresários, para adquirir favores, formando uma rede de relações pessoais fortemente cultivada (TORRES *et al.*, 2015); ou a *wasta*, que é uma prática usada pelos indivíduos em países árabes para atingir seus objetivos por meio de outros indivíduos influentes que ocupam altas posições sociais, ou seja, refere-se usar a influência ou conexões para fazer as coisas (SMITH *et al.*, 2012) como burlar a burocracia.

No Brasil estas estratégias para resolver um problema, o *jeitinho*, tem sido foco de interesse de pesquisadores cujas ações deliberadas pelas “formas diferentes de fazer

as coisas” podem demonstrar os valores existentes (ou previstos) nas sociedades e comunidades de determinada localidade, como observa-se a seguir.

Segundo Barbosa (2006), o *jeitinho brasileiro* é uma prática considerada histórica no contexto brasileiro, tida como cotidiana na cultura do Brasil e amplamente aceita no país. A palavra *jeito* é dotada de diversos significados como: modo, gesto, maneira, disposição, habilidade (FERREIRA, 2001). Diversos autores apresentam o *jeitinho* como um caminho nas mãos do brasileiro em direção a um certo ou errado, o qual, na prática pode funcionar como uma transgressão, quebra de leis e normas, conferindo um valor imoral e desonesto ao indivíduo. Por outro lado, o *jeitinho* é também apresentado como uma forma de resistência, ferramenta para a sobrevivência frente a um sistema que funciona a favor de alguns, colocando os sujeitos em posição de vítima (PRADO, 2016).

DaMatta (1986) observa que as práticas tipicamente antiéticas e clientelistas da cultura brasileira, sendo um problema dos atos do Estado e da sociedade, mostraram que o culto ao personalismo permitiu a perpetuação do patrimonialismo solidificando a prática do *jeitinho* promovendo, assim, abertura para a corrupção. Neste aspecto, o autor aponta o malandro como um profissional do *jeitinho*, no qual a forma de resolução dos problemas se entrança unindo a impessoalidade e a pessoalidade.

Para Barbosa (1992) existem várias óticas de perceber o *jeitinho* podendo ser uma forma de resolver algum problema de difícil solução, como uma solução criativa para a solução deste, mesmo trapaceando, ou como conciliação ou esperteza.

De acordo com Almeida (2007), o *jeitinho brasileiro* é socialmente aceito, conta com o apoio da população e é tolerável. Nossa identidade nacional, portanto, parece estar profundamente associada a esse *jeitinho*, facilmente compreendido por qualquer cidadão brasileiro. O autor considera que o *jeitinho* seria equivalente a uma “zona cinzenta moral” situada entre os extremos do certo e errado. A depender das circunstâncias, uma situação pode facilmente passar de um extremo ao outro, se convertendo de solução certa a errada, e vice-versa.

Pilati *et al.* (2011) destacam que o *jeitinho* é um mecanismo utilizado pelo brasileiro para enfrentar situações no cotidiano e desafiar a burocracia podendo, no ambiente de trabalho, influenciar comportamento, ações e tomadas de decisão dos colegas.

Duarte (2006) e Torres *et. al.* (2015) relatam que o *jeitinho* é fortemente caracterizado, num aspecto, por comportamentos na sociedade brasileira incluindo organizações empresariais, indicando criatividade na rápida obtenção de soluções dos problemas; e noutro, por incluir formas de contornar as regras burocráticas ou resistir às possíveis dificuldades impostas por um sistema hierárquico oportunizando o ato de corrupção.

É possível se observar diversas práticas do *jeitinho* nos mais variados espaços da sociedade, incluindo o ambiente escolar, como quando o estudante insere seu nome em um trabalho de grupo, mesmo sem ter colaborado para a realização do mesmo; quando “cola” do colega ao lado as respostas de uma prova; quando usa uma carteirinha escolar falsa para entrar no colégio; quando utiliza o celular na sala nos horários de aula, de modo disfarçado para se comunicar nas redes sociais, quando as normas da escola não permitem; quando falsifica a assinatura dos pais em uma prova e mostra ao professor; quando pede a um conhecido para entrar na frente da fila do lanche, porque ela está grande; quando pula o muro da escola e entra atrasado para a sala de aula; ou mesmo quando ao mentir que estava doente para o professor, não entrega a tarefa planejada. Nessas situações, muitos jovens costumam considerar que estão corretos e justificam seus comportamentos para evitar advertências, reprovações ou qualquer outro prejuízo para a sua vida escolar.

Visto essas situações e apesar dos poucos estudos sobre valores com jovens na faixa etária dos dez aos treze anos a pesquisa empírica sobre o tema no Brasil, particularmente quando está relacionada com o *jeitinho brasileiro*, é incipiente. Cabe esclarecer que o artigo 2º, da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a pessoa até os doze anos de idade incompletos é considerada criança e aquela os doze aos dezoito, adolescente. Entretanto, a Organização Mundial de Saúde (OMS), diferentemente do exposto no ECA, propõe que a adolescência abrange a pré-adolescência na faixa etária entre dez e quatorze anos e a adolescência propriamente dita, é dos quinze anos aos dezenove anos. O público estudado nesta presente pesquisa, embora descrito pela legislação como criança, será denominado de pré-adolescente, sendo este o termo usado popularmente no cotidiano escolar por pais e discentes, além de constar em boa parte dos estudos com os teóricos deste trabalho (SCHWARTZ *et al.*, 2001; SCHWARTZ; RUBEM, 2005; BILSKY *et al.*, 2013; BILSKY; ELIZUR, 2005; KNAFO, 2011; UZEFOVSKY; SPRING; KNAFO, 2016; BENISH-WEISMAN *et al.*, 2019) e em diversas dissertações e teses das Faculdades em Ciências Sociais.

A relevância deste estudo origina-se na capacidade investigativa de poder perceber os olhares dos pré-adolescentes para as diversas facetas do *jeitinho*, podendo disponibilizar aos profissionais da educação informações de interesse ao processo educativo, possibilitando a elaboração de projetos em valores; bem como as construções e validações de escalas de valores e do *jeitinho* no ambiente escolar.

A inexistência de instrumentos equivalentes para este público-alvo pretende, nesta pesquisa, preencher lacuna e contribuir com avanços dos estudos nesta área. Tendo em vista que as crianças e os jovens de hoje serão os adultos de amanhã, espera-se, portanto, que no futuro possam ser mediadores de crises, corroborando ou não o sistema social, político e escolar que se desponta, entre outros. Desse modo, esta pesquisa teve, como objetivo geral, mapear os valores pessoais e compreender o *jeitinho* brasileiro em estudantes do ensino fundamental do Distrito Federal e, como objetivos específicos, propôs:

- Construir uma escala de valores individuais para estudantes pré-adolescentes, por meio da adaptação da escala PVQ-R.
- Identificar os valores pessoais dos pré-adolescentes do ensino fundamental do Distrito Federal.
- Construir uma escala do *jeitinho* brasileiro para pré-adolescentes no ambiente escolar.
- Estabelecer as relações existentes entre os valores e o *jeitinho* brasileiro dos pré-adolescentes no ambiente escolar.

Este trabalho está ordenado em cinco partes. A primeira apresenta uma revisão da literatura, a delimitação do problema e relevância da pesquisa com os objetivos do trabalho, culminando com a organização da tese.

A segunda parte, apresenta os referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa. Esta etapa está subdividida em dois capítulos. No primeiro capítulo, são expostos os conceitos de valores humanos e, em particular, os da teoria de valores de Schwartz. Apresentam-se também estudos de valores com crianças e jovens fora e dentro do Brasil e os respectivos instrumentos de medida de valores. O segundo capítulo apresenta os conceitos na literatura sobre o *jeitinho* brasileiro com os diversos olhares para o fenômeno.

Na terceira parte, apresenta-se o método, sendo subdividido em três estudos interdependentes. O primeiro estudo trata da elaboração e validação da Escala de Valores para Pré-adolescentes, denominada de EPV, por meio da adaptação da escala PVQ-R. O segundo estudo trata da elaboração e validação da Escala de *Jeitinho* para Pré-adolescentes, denominada de EJP. O terceiro estudo trata de investigar as relações existentes nos dois estudos anteriores, ou seja, as relações entre valores e as práticas do *jeitinho* no ambiente escolar. Ao término de cada estudo, apresentam-se os resultados e as discussões parciais.

Na quarta parte, consta a discussão geral dos resultados obtidos nos três estudos, finalizando com as considerações finais da pesquisa desenvolvida.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Inicialmente, como suporte a esta pesquisa, serão apresentadas várias concepções e pensamentos sobre valores na Idade Contemporânea. Em seguida, serão expostos os vários conceitos sobre o *jeitinho* brasileiro e a relação dos pré-adolescentes em situações de *jeitinho* no contexto escolar.

2.1 VALORES

O ser humano é constantemente confrontado em situações diversas com uma pluralidade de valores que dão sentido à sua vida e ações no cotidiano, levando-o a tomar decisões. Decisões que são movidas por escolhas ensejam desejos com convicção de que valores sustentam sua necessidade de acreditar em alguém ou alguma coisa. Portanto, valores podem ser definidos a partir das várias dimensões da ação humana.

Os valores são critérios empregados pelo homem nas preferências das coisas e objetos; justificam ou motivam nossas ações, atitudes, condutas e comportamentos; às vezes não valorizamos as coisas da mesma forma; não atribuímos a todos os nossos valores a mesma importância; logo, há hierarquia nos valores que demonstramos.

Cada ser humano possui valores próprios e individuais, cuja consciência de certo ou errado e suas próprias convicções, ideais, opiniões sobre as pessoas e coisas, se manifestam nos relacionamentos sociais (VÁSQUEZ, 1984, *apud* ARAÚJO, 2011). Como os relacionamentos sociais são manifestos ao longo da história da humanidade, desde os tempos da antiguidade, os valores também se evidenciam nesses momentos, corroborando a compreensão da importância destes na vida do ser humano.

Dentre as diversas áreas do conhecimento, o valor como conceito teve seu estudo aprofundado em diferentes épocas, sendo nos períodos antigos da história uma investigação mais voltada à filosofia e em tempos atuais voltadas às ciências sociais. Além disso, dentro de um mesmo campo de estudo, o conceito de valor tem diferentes interpretações, sofrendo também mudanças evolutivas de percepção e/ou (re)caracterização, influenciadas muitas vezes pelo ambiente externo, cultural e pela instabilidade da sociedade do século.

Qualquer que seja o ambiente ou a cultura os valores podem ser implícitos, o que não fica visível, mas atua igualmente de forma direta sobre o mundo e a vida, ou explícitos, quando há clareza de sua influência sobre as decisões e ações, distinguindo os indivíduos entre si ou definindo grupos sociais. Isto implica afirmar que os valores estão em uma situação permanente de conflitos, externos e internos às perspectivas pessoais como construções no processo de desenvolvimento das relações humanas e, por isso, determinam nossas ações, pois interferem em atitudes e comportamentos cotidianos.

Esse tema – valores humanos – é suporte neste presente trabalho, portanto, seguem alguns pensamentos contemporâneos na temática, permitindo o aporte teórico pesquisado.

2.1.1. Debates contemporâneos sobre valores

A compreensão sobre valores tem sido amplamente explorada nas mais diversas áreas como Sociologia, Antropologia, Educação, Filosofia, Economia, Administração, Psicologia e outras, visto o quantitativo de artigos e trabalhos elaborados. Incluímos nestes os valores humanos que são constituídos com base na realidade concreta em processos de movimento, de desenvolvimento e renovação, desde o início da civilização ocidental.

A popularidade do tema promoveu o desenvolvimento de teorias com diversos autores explicando sua origem e fundamentação. A seguir, são expostas algumas das principais perspectivas teóricas a respeito de valores humanos.

Lotze (1817-1881) foi pioneiro nos estudos axiológicos concebendo a ideia de valor como algo livre da realidade, encerrando a antiga dualidade filosófica entre as noções de *ser* e *valor*, compreendendo este a partir do domínio espiritual e o *ser* por meio da inteligência (LUCAS e PASSOS, 2015). Franz Brentano (1838-1917), representando a moderna filosofia dos valores, reconhece a natureza do valor como um *phaenomenon sui generis*, em que os sentimentos teriam representatividade para os problemas dos valores, e estes se tornariam perceptíveis nos atos de amar e odiar ou gostar ou não gostar, por exemplo (HESSEN, 1980). Heinrich Rickert (1863-1936) ficou conhecido por sua discussão sobre o olhar qualitativo entre os fatos históricos e científicos, propondo que a filosofia dos valores pudesse ser o fundamento universal para os significados da história. Para Rickert o valor

torna-se o ideal transcendental, entre outros, pelo qual a realidade pode ser conhecida em seu significado histórico (WU, 2010) .

Scheler (1941) dedicou maior parte do seu pensamento à teoria dos valores, na qual desenvolveu a *Ética Material dos Valores*, relacionando o método intuitivo com a ética, cujo foco central recai no fato de o homem reconhecer e descobrir os valores através da intuição emocional. Apresenta uma organização hierárquica dos valores: sensoriais, da civilização, vitais, culturais ou espirituais, e religiosos; e sua teoria dos valores é considerada como uma compreensão fenomenológica da personalidade humana. Kluckhohn (1951, *apud* ADLER; SILVA, 2013) em seus estudos considera valor um produto da socialização, definindo-o como uma concepção, no sentido de ser uma estruturação lógica, que não representa somente uma escolha, mas uma preferência justificada moral, estética ou racionalmente sobre o desejável, permitindo ao humano uma vida em sociedade. Para ele, as dimensões cognitivas e afetivas da vida do indivíduo ganham coerência por meio das orientações de valor.

Allport (1995) indica que os valores humanos exercem grande importância e significado na vida das pessoas, orientando a atividade humana às suas realizações. Allport e colaboradores criaram o primeiro instrumento para medição dos valores, o *Allport-Vernon-Lindzey-Study of Values* (SOV), primeiramente, idealizado para estudantes e adultos, e muito utilizado em testes vocacionais e educacionais.

Rokeach, em 1972, também considera valores como pertencentes ao indivíduo, são produtos da socialização, sendo crenças duradouras, de que uma conduta ou finalidade de existência é pessoal ou socialmente preferível a um modo oposto ou inverso de conduta ou finalidade de existência (PATO, 2004). Rokeach defende a existência de uma hierarquia entre os valores formada pelas dimensões: valores terminais, que se relacionam com a necessidade da existência humana, e os valores instrumentais, que dizem respeito aos meios que permitirão alcançar os fins da existência humana, e que o comportamento é orientado por eles (CAMPOS; PORTO, 2010).

Além dos valores orientarem nossas ações – quaisquer atividades ou decisões pessoais – também representam as necessidades humanas para explicar o comportamento expresso diante de determinada situação da vida. Essa explicação tem base racional tanto para a própria pessoa como para os outros.

Para Frondizi (1977) os valores não são considerados elementos que existem em si mesmos, mas elementos qualificadores estruturais, com relações de dependência sendo considerados como entes parasitários. O filósofo argumenta que, assim como as qualidades não podem existir por si mesmas, os valores não têm substantividade própria. Hartmann (1986) procura compreender fenomenologicamente os valores e o seu *ser* intencional na consciência. Expõe que todo entendimento sobre valores se baseia no sentimento direto que temos deles, sendo, portanto, ações emocionais e não intelectuais, manifestando-se nas preferências ou tomadas de posição.

Pelo exposto, o debate contemporâneo sobre valores humanos tem adquirido diversos aspectos quando no trato deste constructo. Para Schwartz e Bilsky (1987), os valores são representações intelectuais de três tipos de necessidades humanas básicas: necessidades biológicas do organismo, necessidade de interação social para a regulação das relações interpessoais e as necessidades socioinstitucionais visando o bem-estar e a sobrevivência do grupo. Para os autores, valores guiam as atitudes e o comportamento humano, estando relacionados a momentos específicos da vida das pessoas, formando estruturas interrelacionadas. É este viés que norteia a presente pesquisa. Seguem-se relatos da teoria básica que sustenta as análises dos valores dos pré-adolescentes estudados.

2.1.2 O aporte teórico da pesquisa – a teoria de valores humanos de Schwartz

Os valores exercem grande influência na vida dos indivíduos, firmando-se como um elemento essencial para a explicação do comportamento humano, em quaisquer dos níveis: individual ou coletivo. Como os valores são princípios ou padrões de juízo que as pessoas utilizam para selecionar e justificar suas ações, ou seja, que orientam o seu comportamento (SCHWARTZ, 1992; ROHAN, 2000), podem ser considerados como um preditor deste (CAMPOS; PORTO, 2010).

Para Schwartz (1992, 1994), os valores são entendidos como um sistema dinâmico de base motivacional, representando metas pessoais conscientes e desejáveis, estando associados às emoções quando demonstram sentimentos positivos ou negativos quando são ativados (SCHWARTZ, 2004) e que podem ser caracterizados com menor ou maior destaque, conforme a importância que a pessoa ou a sociedade lhes dá (SCHWARTZ, 2007).

Conforme Pato (2004), Schwartz estudou sobre valores nos níveis individual e cultural. A autora compartilha que no nível individual a análise provém do resultado da cultura compartilhada e da experiência pessoal; e os valores no nível cultural “ajudam a sociedade a moldar as contingências sobre as quais as pessoas devem se adaptar nas instituições em que elas vivem” (p. 38). Pelo foco e objetivo deste presente estudo, esta pesquisa segue com o foco no nível individual.

Esta pesquisa adota o conceito de valor proposto por Schwartz (2005), qual seja, valores são crenças; são constructos motivacionais; transcendem as ações e situações específicas; servem como padrões ou critérios para a seleção ou avaliação de ações, políticas, pessoas e eventos; e são ordenados por ordem de importância uns em relação aos outros. Valores são determinados, em diferentes circunstâncias, como algo desejável, com relevâncias variadas, atuando como um princípio orientador na vida das pessoas (SCHWARTZ *et al.*, 2001), ou seja, são princípios ou padrões de juízo que o ser humano usa para selecionar, justificar ações e orientar o seu comportamento (SCHWARTZ, 1992; ROHAN, 2000).

Para chegar a este entendimento, Schwartz e Bilsky (1987) construíram a teoria dos valores humanos universais, propondo a noção de valores como representações cognitivas que as pessoas e a sociedade devem dar a três exigências (ou requisitos) universais: (i) as necessidades dos indivíduos como organismos biológicos; (ii) as exigências da interação social coordenada; e (iii) os requisitos para o bem-estar e a sobrevivência de um grupo social, que resultaram em definições conceituais e operacionais para oito tipos de valores: 1) prosocial; 2) conformidade restritiva; 3) prazer; 4) realização; 5) maturidade; 6) auto-direção; 7) segurança; 8) poder social, conforme Tabela 1.

Esta pesquisa foi realizada com amostras de sujeitos em Israel e Alemanha, utilizando os 36 valores de Rokeach (1979) como guias da vida humana. Os resultados apontaram uma relação dinâmica entre os valores e que os respondentes discriminavam seus valores de acordo com interesses, metas e motivações.

Tabela 1: Tipos de valores de Schwartz e Bilsky (1987)

Tipos de valores	Metas	Valores observados
Domínio pró-social	Proteção ativa ou preocupação com o bem-estar dos outros	Altruísmo, benevolência, bondade, amor, afiliação, pertencimento
Conformidade restritiva	restrição de ações e impulsos que prejudicam ou violam normas sociais	Obediência, expectativas sociais, educação, consciência

Prazer	Necessidades ligadas à gratificação emocional ou sensual	Prazer, felicidade, vida confortável e alegre
Maturidade	Aprender a entender a vida por meio das experiências, entendimento e aceitação de si, dos outros e de todo o mundo.	Sabedoria, tolerância, mundo de beleza, amor despretenhoso
Autodireção	Independência de pensamento e ação ligados à escolha, criatividade e atividade de explorar.	Autonomia, independência, auto-suficiência, ousadia, criatividade
Segurança	Sobrevivência física e evitação as ameaças à integridade humana. Preocupação com a segurança do grupo.	Harmonia interna, segurança da família, um mundo de paz e segurança nacional
Poder social	Realização, controle sobre recursos, necessidade de domínio, estima social	Status, influência, controle social
Realização	Desenvolver e usar habilidades para prosperar no ambiente físico e social, reconhecimento social e admiração	Realização, competência, sucesso, reconhecimento social, ambicioso, ser capaz

Fonte: formulado a partir do artigo de Schwartz e Bilsky (1987) e tradução do autor da pesquisa.

Anos depois, Schwartz e Bilsky (1990) publicam um artigo sugerindo extensões para o desenvolvimento de uma teoria universal dos valores, em termos de estrutura e conteúdo, após verificar a existência de valores adicionais para uma estrutura universal que permitisse a análise entre culturas. Foram adicionados outros valores à estrutura de valores proposta (Schwartz; Bilsky, 1990) para responder as mais variadas culturas. Os autores estabeleceram o princípio de uma estrutura circular para os valores e seus tipos motivacionais em termos de compatibilidades e conflitos. Este estudo contou com uma amostra de cinco sociedades caracterizadas por diferentes características em termos socioeconômicos, culturais, linguísticos e geográficos: Austrália, Estados Unidos, Espanha, Finlândia e Hong Kong (VILELA, 2017, p. 22).

Visto que esta proposta não se manteve empiricamente, Schwartz (1992) constrói um importante e fundamental referencial teórico aplicado aos valores na área da psicologia, identificando dez valores motivacionais básicos. Conforme o teórico e sua proposta conceitual, esses valores básicos podem ser estudados enquanto constructos motivados ordenados em razão de sua importância (ADLER; SILVA, 2013) e que as necessidades humanas básicas se estruturam em um sistema de compatibilidades e oposições, possibilitando a pessoa a sobreviver em seu meio social. Explica os valores como concepções do desejável, que guiam ações dos entes sociais, esclarecendo que são concebidos como um sistema dinâmico de base motivacional, representando metas pessoais e conscientes, estando associados a emoção. São objetivos abstratos, transcendem situações e ações específicas,

orientam na seleção ou avaliação de comportamento, pessoas e eventos, e são ordenados pela importância relativa de outros valores formando um sistema hierárquico de importância de valores (PATO, 2004).

Nesta nova proposta, foram efetuadas modificações conceituais e operacionais para os valores prazer, maturidade, domínio pró-social e segurança, renomeando-os na intenção de refletir seus diferentes significados, propondo, também, definições conceituais para cada tipo de valor (VILELA, 2017). Os tipos de valores são: autodireção, estimulação, hedonismo, realização, poder, segurança, conformidade, tradição, benevolência, universalismo e espiritualidade.

Sobre a reformulação dos tipos de valores de Schwartz (1992), Vilela (2017) destaca algumas questões: o hedonismo corresponde ao nomeado como prazer; benevolência equivale ao nomeado como pró-social; universalismo incluiu a maturidade (SCHWARTZ; BILSKY, 1990) e parte do valor pró-social; e a espiritualidade teve problemas por não servir como um princípio-guia de vida para todas as pessoas, sendo excluído como um valor universal.

O novo modelo de valores proposto por Schwartz (1992, 1994) tem uma organização circular de dez tipos de valores motivacionais comuns aos indivíduos nas mais variadas culturas, sendo eles: poder, realização, hedonismo, estimulação, autodireção, universalismo, benevolência, tradição, conformidade e segurança, descritos na Tabela 2 com suas respectivas metas, contendo exemplos representativos e seus interesses como individuais, coletivos ou mistos (individuais e coletivos).

Tabela 2 : Tipos motivacionais de valores de Schwartz (1992)

Tipos motivacionais de valor	Definição	Exemplo de valores	Interesse a que servem
Poder	<i>Status</i> social e prestígio, controle ou domínio sobre as pessoas ou recursos	Poder social, autoridade, riqueza	Individuais
Realização	Sucesso pessoal por meio de demonstração de competência de acordo com padrão social	Bem sucedido, capaz, ambicioso	Individuais
Hedonismo	Prazer e gratificação sensual para si mesmo	Prazer, aproveitar a vida	Individuais
Estimulação	Excitação, novidade, desafio na vida	Atrevimento, vida variada, vida excitante	Individuais
Autodireção	Pensamento e ação independentes: escolhendo, explorando, criando	Curiosidade, curioso, liberdade	Individuais

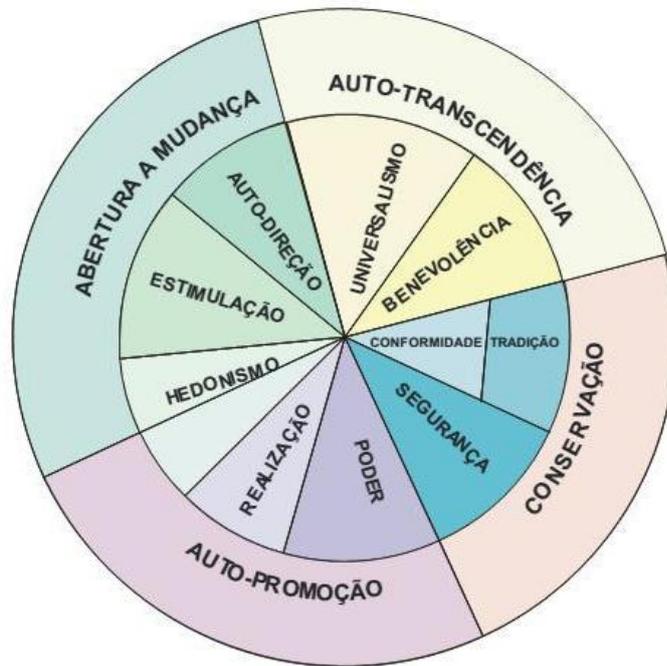
Universalismo	Compreensão, apreciação, tolerância e proteção para o bem estar de todas as pessoas e da natureza	Mente aberta, justiça social, igualdade, proteção ao ambiente	Mistos
Benevolência	Preservação e promoção do bem estar das pessoas com quem se tem frequente contato pessoal	Prestativo, honesto, clemente	Coletivos
Tradição	Respeito, compromisso e aceitação dos costumes e ideias que a cultura tradicional ou religião fornecem	Humilde, devoto, aceitação de minha porção na vida	Coletivos
Conformidade	Restrição de ações, inclinações e impulsos propensos a transtornar ou prejudicar outros e violar as expectativas ou normas sociais	Polidez, obediência, respeito aos pais e mais velhos	Coletivos
Segurança	Segurança, harmonia e estabilidade da sociedade, dos relacionamentos e do <i>self</i>	Segurança nacional, ordem social, limpeza	Mistos

Fonte: Tabela extraída de Pato (2004, p.39)

Este sistema de prioridade de valores do indivíduo surge pela importância atribuída a cada um deles, relacionando-se de forma dinâmica, sendo que as ações que procuram atingir determinado valor podem estar em concordância ou divergência na procura de outro valor.

A organização circular do modelo de valores facilita a visibilidade nas relações existentes entre proximidade/compatibilidade e oposição/conflito entre os valores, ou seja, os valores mais próximos entre si, em qualquer uma das direções ao redor do círculo, mais semelhantes são suas motivações subjacentes e compartilhadas; o contrário, quanto mais afastados na organização circular, mais antagônicas são suas motivações subjacentes e conflituosas (SCHWARTZ, 1992, 1994, 2005). A Figura 1 demonstra essa estrutura de valores e sua dinâmica de relações:

Figura 1: Estrutura universal dos valores pela teoria de Schwartz (1994, p.24).



Os dez tipos motivacionais de valores não foram considerados como categorias qualitativas independentes por Schwartz, devido ao seu dinamismo apresentado na estrutura, resultando as compatibilidades e incompatibilidades motivacionais entre eles (BILSKY, 2009). Cabe ilustrar que os tipos motivacionais de tradição e conformidade estão localizados num mesmo espaço físico porque compartilham o mesmo objetivo motivacional, estando tradição na parte mais externa significando que este valor é antagonicamente mais forte com um valor oposto. O hedonismo tem motivações adjacentes tanto da abertura à mudança quanto de autopromoção indicando compartilhar metas dessas duas dimensões.

Este modelo estrutural circular (SCHWARTZ, 1992) permite organizar os dez valores motivacionais em um sistema de compatibilidades e oposições, postos em um *continuum* de motivações, com estrutura bidimensional composta por quatro orientações importantes que se acomodam em duas grandes dimensões/eixos motivacionais antagônicas e bipolares: (i) abertura à mudança *em oposição a* conservação e (ii) autotranscendência *em oposição a* autopromoção. A dimensão “abertura à mudança” é composta pelos tipos motivacionais de autodireção, estimulação e hedonismo; a dimensão “conservação” é formada por tradição, conformismo e segurança; a de “autotranscendência” possui os valores de universalismo e benevolência; e “autopromoção” com os tipos motivacionais de poder e

realização. A Tabela 3 expõe os dois grandes eixos bipolares com as quatro dimensões básicas da estrutura de valores de Schwartz (1992, 1994, 2005):

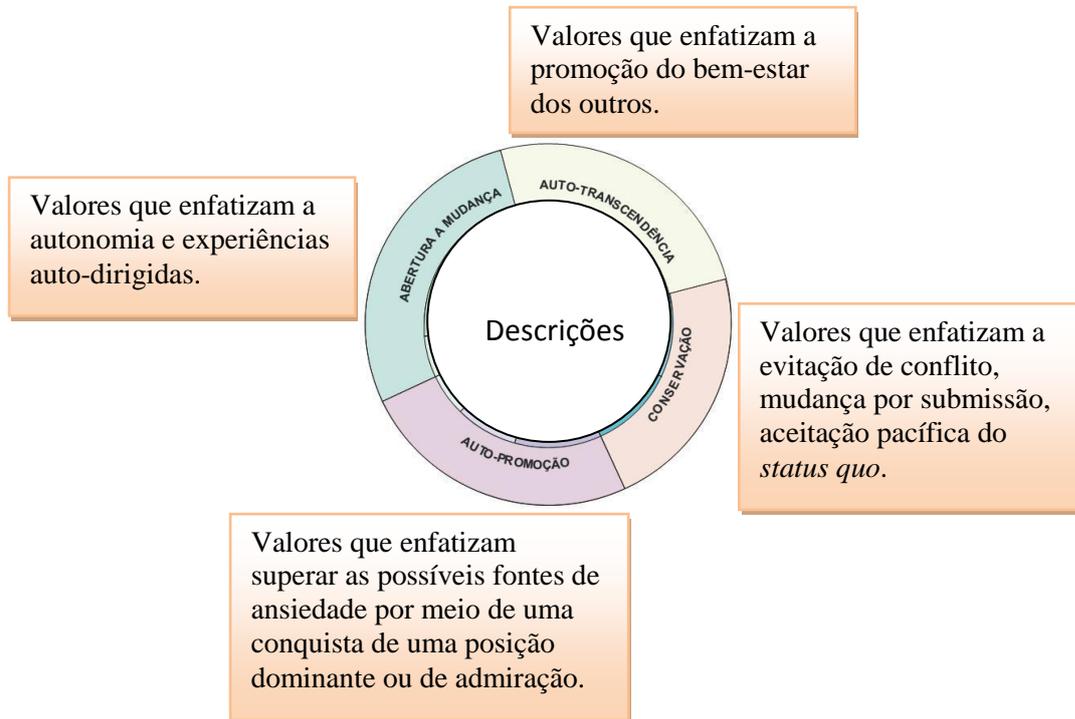
Tabela 3: Eixos bipolares, as quatro dimensões e os tipos motivacionais de Schwartz

	Dimensões de 2ª. ordem	Tipos motivacionais	Metas motivacionais
Eixo orientador 1	Abertura à mudança X Conservação	Estimulação, Autodireção X Segurança, Conformidade e Tradição	Independência do pensamento intelectual e afetivo, liberdade de ação e orientação para seguir caminhos incertos em oposição à tendência em preservar o <i>status quo</i> , a estabilidade, a segurança que gera no relacionamento com os outros e instituições, obediência, e a preservação das práticas tradicionais
Eixo orientador 2	Autopromoção X Autotranscendência	Poder e Realização X Benevolência e Universalismo	Sucesso individual e domínio sobre os outros, promovendo interesses próprios em oposição à aceitação dos outros como iguais e a preocupação com o seu bem-estar e dos outros, bem como da natureza

Fonte: Autor da presente pesquisa

Além destas relações, a estrutura circular da teoria de valores humanos de Schwartz (1992) reflete outras diferenças entre os valores: (i) as dimensões “autopromoção” e “conservação” são compostas por valores baseados na necessidade de evitar ou controlar a ansiedade e a ameaça e de proteger a si mesmo; em oposição (ii) às dimensões “abertura à mudança” e “autotranscendência” que possuem valores relativamente livres de ansiedade, que expressão crescimento e autoexpansão (SCHWARTZ, 2006). A Figura 2 mostra as descrições que orientam os valores de cada dimensão da teoria de valores humanos.

Figura 2: Descrições que orientam os valores de cada dimensão da teoria de valores humanos



Fonte: Diagrama construído pelo autor desta pesquisa, com informações extraídas da dissertação de Vilela (2017).

Posteriormente, Schwartz *et al.*(2012) propuseram o refinamento dos dez tipos motivacionais, superando a visão de que a divisão de espaço entre os tipos motivacionais é arbitrária. Como as diferenças motivacionais entre os valores devem ser entendidas como contínuas, a teoria revista propõe valores discretos com maior heurística universal, poder preditivo e uma nova divisão do contínuo entre eles (TORRES; SCHWARTZ; NASCIMENTO, 2016). Esta atual Teoria Refinada de Valores Humanos propõe 19 tipos motivacionais, contendo 57 itens, a seguir: Autodireção de pensamento, e de Ação; Estimulação; Hedonismo; Realização; Poder de Domínio, e sobre Recursos; Segurança Pessoal, e Social; Tradição; Conformidade com Regras, e Interpessoal; Benevolência Dependência, Cuidado, e Compromisso; Universalismo Natureza, e Tolerância; Face; e Humildade (SCHWARTZ *et al.*, 2012), que será abordada detalhadamente na próxima seção.

Para investigar valores e comportamentos muitos instrumentos foram e são elaborados baseados na teoria proposta por Schwartz que, em seus primeiros estudos para investigar estruturas de valores, Schwartz e Bilsky (1987) utilizaram a escala de valores de

Rokeach (1973), a *Rokeach Value Survey* – RVS e esta, revelou ser insuficiente pela grande diversidade de valores contidos no instrumento.

Os estudos de Rokeach (1968a, 1968b, 1973 *apud* GÜNTHER, 1981) sobre valores, atitudes e comportamentos, apresentam diferenças entre atitudes, como algo relacionado a uma determinada realidade; e valores, como algo transcendendo realidades específicas. Rokeach (1967 *apud* GÜNTHER, 1981) desenvolveu as Escalas de Valores Terminais e Instrumentais com 18 termos-valores, dispostos em ordem alfabética. Os respondentes tinham que dispor estes valores dentro de cada escala, de acordo com a importância que o indivíduo acredita ser. Estas duas escalas de Rokeach foram empregadas em várias pesquisas da época “tanto como instrumentos para determinar mudanças de valores, quanto como critério para estabelecer discriminações entre diversos grupos” (GÜNTHER, 1981, p. 59).

A partir das limitações encontradas na RVS, Schwartz (1992) criou um novo instrumento, a Escala de Valores de Schwartz, ou *Schwartz Value Survey* (SVS), contendo uma dinâmica diferente para avaliar os valores individuais. Este instrumento de pesquisa tem 56 valores na primeira versão e 57 na segunda, no qual cada valor é seguido por uma frase explicativa cujo objetivo é precisar o seu significado. As orientações no instrumento visam definir valores no contexto mais amplo, solicitando aos respondentes que avaliem quão importante é cada valor como “um princípio que guia a minha vida” (SCHWARTZ, 2005). A escala de avaliação possui 9 pontos, como a Tabela 4 ilustra:

Tabela 4: Escala de avaliação do SVS - 1992

Opostos aos meus valores	Não importante	Impor tante	Muito importante	Suprema importância				
-1	0	1	2	3	4	5	6	7

Fonte: Dados extraídos de Schwartz (2005)

Neste instrumento, Schwartz utilizou uma escala tipo Likert de 7 pontos (0 = não importante até 6 = muito importante), incluindo ‘-1’ para aqueles valores que são opostos aos dos respondentes, e ‘7’ para os de suprema importância. Estes dois últimos deveriam ser respondidos no início do preenchimento do instrumento, e posteriormente, atribuir valores de 0 a 6 conforme a importância em suas vidas.

No instrumento SVS, encontramos 44 valores com significados equivalentes em todas as culturas, alcançado em pesquisas feitas em 40 países diferentes, obtendo 88 amostras para as análises de dados. Para as análises de dados, foram utilizadas as análises de escalonamento multidimensional – EMD ou especificamente a técnica estatística *Similarity Structure Analysis* – SSA. (SCHWARTZ; SAGIV, 1995 *apud* PATO, 2004).

Esta escala – SVS – foi traduzida para diversos países, incluindo o Brasil com o incremento de valores característicos de nossa cultura como “sonhador”, “esperto”, “ vaidade” e “trabalho”. No Brasil este instrumento foi elaborado por Tamayo em 1994.

O fato de o SVS possuir um nível razoável de abstração por parte dos respondentes tornou o instrumento pouco eficaz em amostras intelectualmente muito heterogêneas, o que levou Schwartz a desenvolver uma outra medida para analisar os valores, o Perfil de Valores de Schwartz, ou *Portrait Values Questionnaire* (PVQ) (SCHWARTZ *et al.*, 2001).

O Perfil de Valores de Schwartz (PVQ) é uma escala alternativa ao SVS, sendo desenvolvido para ser utilizado em crianças a partir dos 11 anos, idosos e pessoas com baixo nível de escolaridade, sendo empregado nas análises estatísticas a mesma técnica estatística do instrumento anterior, a *Similarity Structure Analysis* – SSA.

O PVQ contém quarenta sentenças descritas de forma indireta, o que não acontecia no SVS, abrangendo os dez tipos motivacionais de Schwartz, indicando metas, aspirações ou desejos direcionados para a importância dos valores correspondentes (SCHWARTZ, 2005; SCHWARTZ *et al.*, 2001). Neste novo instrumento, as pessoas devem responder à pergunta “Quanto esta pessoa se parece comigo?”, numa escala tipo Likert de 6 pontos (1 = muito parecido comigo até 6 = não se parece nada comigo).

O instrumento PVQ teve várias versões, mesmo assim, em boa parte delas, ficou confirmada a existência da estrutura da teoria de valores aplicada (BILSKY, 2009). Bilsky (2009) comenta que, uma escala reduzida do PVQ com 21 itens foi incluída no *European Social Survey* em virtude de sua notoriedade e divulgação internacional. Dessa maneira, cresce a quantidade de estudos e informações que permitem responder a uma grande variedade de questionamentos sobre a estrutura e mudança de valores humanos (BILSKY, 2009).

Mesmo com o acréscimo no volume de pesquisas envolvendo a teoria de valores nas últimas duas décadas, apenas a pesquisa de Schwartz *et al* (2012) investigou a fundo “uma pressuposição central da teoria: como as diferenças motivacionais entre os valores devem ser entendidas como contínuas, a divisão de espaço entre os tipos motivacionais é na verdade arbitrária” (TORRES; SCHWARTZ; NASCIMENTO, 2016, p.342). Assim, em 2012, Schwartz *et al.* propuseram uma nova divisão do *continuum* motivacional de valores para, além de promover um maior poder explanatório e heurístico do que a teoria dos dez valores originais, mas, também em especial para melhorar o poder preditivo da teoria e a explicação das motivações intrínsecas a cada valor (TORRES; SCHWARTZ; NASCIMENTO, 2016).

Sustentando a ideia do *continuum* motivacional entre os valores, Schwartz *et al.* (2012) investigaram com maior precisão e amplitude essa realidade, sendo necessário refinar os tipos motivacionais de valores para verificar se o seu *continuum* poderia trazer mais contribuições em estudos nos fenômenos sociais e similares. Desta forma, foi construído um novo instrumento de medida de valores, o *Portrait Values Questionnaire – Revised* (PVQ-RR) (SKIMINA, 2018).

2.1.3 A Teoria Refinada de Valores Humanos de Schwartz

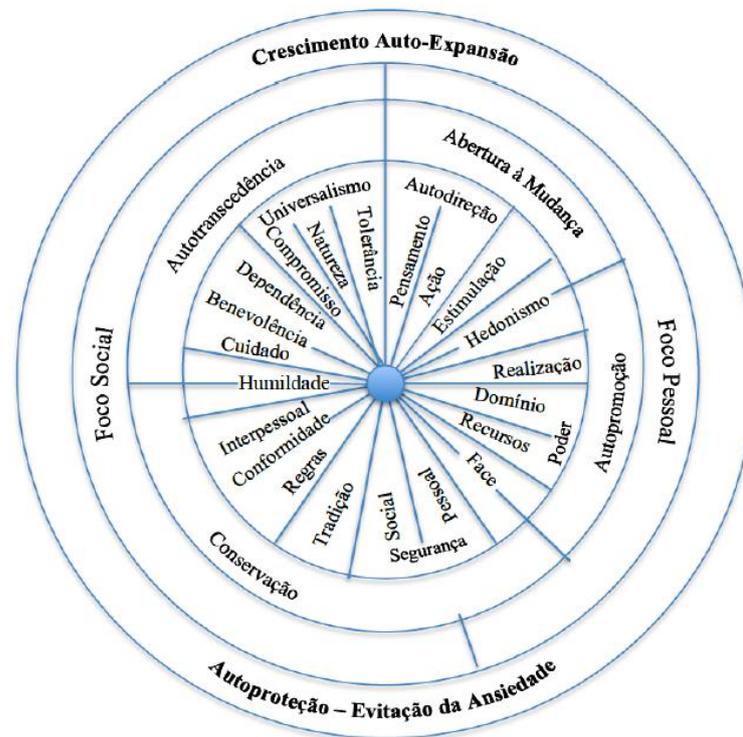
A teoria refinada dos valores pessoais de Schwartz *et al.* (2012) teve como objetivo promover um poder explanatório com maior heurística universal e poder preditivo dos valores com explicação das motivações intrínsecas a cada um deles, partindo da teoria com os 10 valores originais, intitulada de Teoria Refinada de Valores Humanos, expressando mais precisamente que os valores formam um *continuum* motivacional circular, com base nas motivações de compatibilidade e conflito, expressos no foco social e pessoal (SCHWARTZ *et al.*, 2012).

Dessa reformulação da teoria, (res)surge uma melhor reflexão sobre a ideia de *continuum* motivacional de valores procurando satisfazer um conjunto maior de valores significativos, com uma maior precisão de predição e explicação para um conjunto de atitudes e crenças. Em relação à teoria anterior, os 10 tipos motivacionais foram transformados em 19, no qual, apenas dois tipos motivacionais de valores foram criados (face e humildade) e sete deles foram desmembrados. Os 19 tipos motivacionais são: Autodireção de Pensamento e de

Ação; Estimulação; Hedonismo; Realização; Poder de Domínio e Poder sobre Recursos; Segurança Pessoal e Social; Tradição; Conformidade com Regras e Conformidade Interpessoal; Benevolência Dependência e Cuidado; Compromisso; Universalismo Natureza e Universalismo Tolerância; Face; e Humildade (SCHWARTZ *et al.*, 2012; TORRES; SCHWARTZ; NASCIMENTO, 2016).

A Figura 3 ilustra a nova estrutura circular da teoria refinada de valores.

Figura 3: Estrutura circular dos valores da Teoria Refinada de Valores



Fonte: TORRES;SCHWARTZ; NASCIMENTO, 2016, p. 343

Pela teoria refinada de valores humanos, os pesquisadores têm a opção de utilizar os 19 valores ou uma combinação deles e trabalhar os dez tipos motivacionais originais. A estrutura da teoria de valores refinada é composta por três círculos externos que identificam as bases conceituais da proposta. No primeiro círculo, os valores delimitados pela metade superior expressam autoexpansão, sendo mais propensos a motivar as pessoas quando elas estão livres de ansiedade; os delimitados pela metade inferior são voltados para a proteção do indivíduo contra ansiedade e ameaça. No segundo círculo, os valores à direita têm um enfoque de preocupação pessoal com resultados para si mesmo; os valores localizados à

esquerda têm enfoque de preocupação social com os resultados para os outros ou para instituições organizacionais. O terceiro círculo mais ao centro indica as quatro dimensões antagônicas e bipolares: autopromoção *versus* autotranscendência, e abertura à mudança *versus* conservação. Segue Tabela 5 com os 19 tipos motivacionais da teoria refinada de valores humanos e suas respectivas metas motivacionais:

Tabela 5: Os 19 tipos motivacionais da Teoria de Valores Refinada de Schwartz

Tipos motivacionais	Metas motivacionais
Autodireção - Pensamento	Liberdade para cultivar as próprias ideias e habilidades
Autodireção - Ação	Liberdade para determinar suas próprias ações
Estimulação	Excitação, novidade e mudança
Hedonismo	Prazer e gratificação sensual
Realização	Sucesso de acordo com as normas sociais
Poder - Domínio	Poder através do controle sobre as pessoas
Poder - Recursos	Poder através do controle de recursos materiais e sociais
Segurança Pessoal	Segurança no ambiente imediato
Segurança Social	Segurança e estabilidade na sociedade em geral
Tradição	Manter e preservar a família, ou tradições religiosas culturais
Conformidade - Regras	Conformidade com as regras, leis e obrigações formais
Conformidade - Interpessoal	Evitar perturbar ou prejudicar outras pessoas
Benevolência - Dependência	Ser um membro correto e de confiança do grupo
Benevolência - Cuidado	A devoção ao bem-estar dos membros do grupo
Universalismo - Compromisso	Compromisso com a igualdade, justiça e proteção de todas as pessoas
Universalismo - Natureza	Preservação do ambiente natural
Universalismo - Tolerância	Aceitação e compreensão daqueles que são diferentes de si mesmo
Face	Segurança e poder através da manutenção de sua imagem pública e evitando humilhação
Humildade	Reconhecendo sua insignificância no esquema maior das coisas

Fonte: SCHWARTZ *et al.*, 2012, p. 664

A teoria refinada de valores humanos passou a ter uma maior precisão de predição e explicação para um conjunto de atitudes e crenças, porém, à época da pesquisa, Schwartz *et al.* (2012) citam a necessidade de investigar sobre os poderes preditivos e explicativos dos valores em relação aos comportamentos. Esta investigação ocorreu-se em estudos de Schwartz e Butenko (2014) e Schwartz *et al.* (2017) que indicam que valores são bons preditores de comportamentos, apenas na ausência de normas fortes. Desta forma, é consenso entre os pesquisadores que o modelo teórico de Schwartz é bastante proveitoso, particularmente para a investigação da relação entre valores e comportamento ou como na presente pesquisa, para a investigação da relação entre valores e as práticas do *jeitinho brasileiro*.

No Brasil, o instrumento desenvolvido por Schwartz *et al.* (2012) foi adaptado e validado por Torres, Schwartz e Nascimento (2016), o *Portrait Values Questionnaire – Refined* (PVQ-R) cujas descrições, na versão em português, contém metas e aspirações relacionadas aos tipos de valores em questão. Os autores examinaram se os 19 valores propostos são discriminados por amostras brasileiras e se eles se localizam na ordem motivacional circular proposta pela teoria refinada.

As descrições no PVQ-R têm variações por sexo e representam uma revisão do questionário utilizado por Schwartz *et al.* (2012). O questionário validado é do tipo Likert em uma escala de seis pontos (1 = não se parece nada comigo até 6 = se parece muito comigo). De forma geral, os resultados confirmaram a ordenação dos valores no *continuum* motivacional previsto pela teoria.

Muitos pesquisadores têm afirmado que, atualmente, o estudo de valores de Schwartz (1992, 1994, 1999) é o mais extenso e eminente sobre valores (FELDMAN, 2003), sendo considerado “uma das perspectivas mais promissoras da Psicologia Social e da Transcultural, avançando em relação às demais perspectivas” (PATO, 2004, p. 27), e é reconhecida como a mais aplicável ao estudo dos Valores, cabendo um número especial sobre a teoria no *Journal of Cross-Cultural Psychology*, em 2011, exclusivamente dedicado ao tema. Portanto, a teoria parece ser a mais aceita dentro da comunidade acadêmica internacional.

Também, no Brasil, outros modelos teóricos, com pesquisadores brasileiros, têm contribuído para o estudo dos valores, baseados em explicações diferentes para os valores humanos. São eles: a teoria funcionalista dos valores e a abordagem societal dos valores. Ambas dialogam com outras teorias da Psicologia Social, como a tipologia motivacional dos valores de Schwartz (SCHWARTZ, 1992, 1994, 2005) e a teoria do materialismo e pós-materialismo de Inglehart (1977, 1989) (WACHELKE; RODRIGUES, 2015).

A teoria funcionalista dos valores foi desenvolvida por Valdiney Gouveia e sua equipe. Trata os valores humanos como critérios de orientação que seguem as ações humanas, e que expressam cognitivamente suas necessidades básicas. (GOUVEIA, 2003, 2013). A teoria parte do pressuposto de que os valores humanos são princípios-guia que representam cognitivamente as necessidades humanas e transcendem situações específicas (GOUVEIA, 2003). A teoria propõe que valores são metas superiores individuais, expressam conteúdos positivos, baseiam-se em motivações humanas e tratam de valores terminais, isto

é, estados desejáveis de existência. Surgiu para contribuir na temática de valores, oferecendo uma maneira sistemática e integradora dos valores humanos, representando uma tentativa de ser mais parcimoniosa e fundamentada (GOUVEIA *et al.*, 2011). O instrumento de medida da teoria funcionalista dos valores é o Questionário de Valores Básicos (QVB), com uma escala de 18 itens no formato tipo Likert de sete pontos (1 = totalmente não importante até 7 = totalmente importante), em que os respondentes indicam a importância de valores como princípios-guia em suas vidas.

A abordagem societal dos valores foi elaborada por uma equipe de pesquisadores brasileiros, no qual os valores são concebidos como construtos originados de conflitos entre grupos sociais (PEREIRA *et al.*, 2004). Para Pereira *et al.* (2004), os valores, bem como a Psicologia Social, precisam articular níveis de explicação diferentes, assim, os valores são conhecimentos socialmente estruturados, derivados de conteúdos ideológicos de cada sociedade, produzidas nas interações interpessoais. Os autores sustentam que os valores surgiriam a partir de conflitos ideológicos de grupos em busca do poder e sua origem se localizaria nas identidades dos grupos. Com este entendimento, de certo modo, pode-se dizer que a abordagem societal visa integrar a tipologia motivacional de Schwartz com a perspectiva sociológica de Inglehart (ESTRAMIANA *et al.*, 2013), assim como a teoria funcionalista dos valores, porém diverge desta ao situar as origens dos valores nos conflitos sociais, em vez situá-los nas necessidades humanas (WACHELKE; RODRIGUES, 2015). O instrumento de medida da abordagem societal dos valores é o Questionário de Valores Psicossociais (QVP-24), em que cada respondente deve avaliar o grau de importância de vinte e quatro valores para a suposta construção de uma sociedade ideal, no formato tipo Likert de cinco pontos (1 = sem importância até 5 = extremamente importante) (PEREIRA *et al.*, 2004).

Apesar das várias pesquisas sobre valores, a maioria atinge o público adulto. Há um aumento significativo no estudo de valores com crianças e jovens, pois já existem estruturas valorativas em idade pouco avançada (BILSKY, 2009). Bilsky (2009) aponta que em crianças e jovens é difícil diferenciar os seus interesses, motivos e valores, devido ao pouco desenvolvimento da percepção do tempo e espaço, à pouca percepção para antecipar as consequências das ações e à ausência de uma orientação segura para atingir objetivos futuros. Conclui o autor que, mesmo com algumas dificuldades, é necessário investigar mais esse público diferenciado.

2.1.4 Pesquisas sobre valores com crianças e jovens

A necessidade em investigar a estrutura de valores em crianças e jovens, baseia-se, entre outras, na possibilidade da elaboração de projetos e intervenções pedagógicas nas escolas, visando o bem-estar individual e coletivo dos indivíduos, bem como na formação de valores para a boa convivência em sociedade.

Schwartz *et al.* (2001) estudaram uma amostra de 840 meninas estudantes ugandenses de 13 a 14 anos de idade, da oitava série em oito escolas femininas em Kampala, durante o ano de 1996, por meio do PVQ. Os autores citam ser este o primeiro teste com jovens adolescentes, portanto, não era esperado que as crianças de 13 anos em Uganda estivessem com uma estrutura de relações de valores totalmente formada.

Neste estudo, a projeção bidimensional do SSA nos itens do PVQ revela uma boa estrutura de valores. Os valores que expressam interesses individuais ou coletivos (benevolência, conformidade, tradição, universalismo, segurança) se localizaram em um lado do espaço bidimensional, enquanto os outros que expressam os interesses do indivíduo (autodireção, estimulação, hedonismo, realização, poder) apresentaram-se do outro lado do espaço.

Os resultados apontaram que esses jovens ugandenses discriminam os valores entre os dois tipos de valores de ordem superior que englobam a autotranscendência e conservação, porém não discriminam os valores de primeira ordem em regiões distintas. Apesar de que nem todos os valores tenham sido discriminados, os autores comentam que foi possível testar o ajuste pelo SSA aos dez valores da estrutura circular da teoria de Schwartz. Foi demonstrado que a organização implícita dos valores encontrados na amostra de meninas ugandesas relaciona-se bem ao postulado da estrutura da teoria de valores, mesmo que alguns dos limites entre alguns valores sejam obscuros.

Atentos à carência de estudos sobre valores com jovens e crianças, Bilsky e Bubeck (2004) realizaram uma pesquisa com 1.555 pré-adolescentes alemães, na faixa etária de 10 a 17 anos. Aplicou-se a técnica de *Smallest Space Analysis* (SSA) que representa as semelhanças percebidas entre os itens no espaço multidimensional. Nesta abordagem, cada item é representado por um único ponto no espaço, com distâncias entre os pontos calculadas de forma a representar todo o padrão de intercorrelações de itens ao mesmo tempo. Desta

forma, quanto mais próximos dois pontos estiverem localizados no espaço, mais semelhantes serão os respectivos itens.

Em geral, os resultados confirmaram a validade da teoria de Schwartz *et al.* (2001) sobre a estrutura de valores, revelando os mesmos valores básicos e os de ordem superior. No entanto, foi demonstrado haver diferenças entre as idades e os gêneros dos participantes e a estrutura de valores.

A pesquisa mostrou a existência de uma estrutura superior de valores nos participantes, podendo ser justificada pelas experiências de socialização na família, no jardim de infância e na escola, como estágios iniciais de desenvolvimento da estrutura de valores em crianças e adolescentes. Bubeck e Bilsky (2004) encontraram diferenças estruturais nos diferentes gêneros, especificamente no valor de conservação. As meninas mostraram maiores índices nos valores de conformidade, tradição e segurança do que os meninos, podendo significar uma distinção na criação e educação de ambos. Os autores observam que, embora as evidências sejam fracas, analisar as diferenças pelo gênero pode melhorar a compreensão do desenvolvimento da estrutura de valores.

Döring *et al.* (2010) investigaram os valores humanos básicos (SCHWARTZ, 1992) de crianças de 7 a 11 anos, em seis países: Alemanha, Itália, Polônia, Bulgária, Estados Unidos e Nova Zelândia, utilizando um questionário de valores por imagens, o *Picture-Based Value Survey for Children (PBVS-C)*. Os resultados revelaram a semelhança em todas as seis culturas quanto às estruturas, hierarquias e diferenças nos gêneros em prioridades de valores. A pesquisa apontou, que a estrutura de valores segue o modelo teórico de Schwartz, revelando uma distinção entre as quatro dimensões de ordem superior: conservação, autotranscendência, autopromoção e abertura a mudanças. Em cinco países, as crianças consideraram os valores de autotranscendência mais importantes e os valores de autopromoção menos importantes. Em geral, segundo os autores, os valores das crianças são altamente consistentes entre os países e correspondem aos resultados dos estudos com adultos. Os resultados obtidos com o instrumento PBVS-C utilizado com crianças, converge com os resultados usados com o PVQ e o SVS de Schwartz em amostras com adultos, revelando que padrões de valores em adultos estão presentes em crianças, podendo significar que o desenvolvimento crítico em crianças esteja ocorrendo precocemente.

Uzefovsky *et al.* (2016) investigaram se as prioridades de valor podem ser observadas em crianças da primeira infância, com uma amostra de 340 crianças, 174 pares de

gêmeos israelenses monozigóticos (62 pares) e dizigóticos (112 pares), de sete anos de idade. Foi utilizado o instrumento *Picture-Based Value Survey for Children (PBVS-C)* (DÖRING *et al.*, 2010), no qual os títulos em alemão foram adaptados para o hebraico e pouco foi alterado nas imagens para adequá-las à vida das crianças em Israel. Os resultados mostraram, por meio da técnica de Escalonamento Multidimensional (MDS), que a estrutura de valores das crianças se aproxima do modelo de Schwartz (1992), com regiões distintas para as quatro dimensões de ordem superior. Conforme os autores, isto significa que a estrutura de valor, aos sete anos, reflete as compatibilidades e incompatibilidades encontradas em amostras de adultos e adolescentes, sugerindo que as crianças nessa idade compreendem e atribuem significado aos valores de uma maneira semelhante ao dos adultos. Foram observados os diferentes resultados entre os gêneros, as crianças de famílias religiosas e não religiosas. Segundo Uzefovsky *et al.* (2016), os resultados da pesquisa preencheram a lacuna que existia em relação à compreensão da estrutura de valores em crianças mais jovens.

Collins *et al.* (2017) realizaram uma pesquisa na Austrália, com 329 crianças com idades de cinco a doze anos, ou seja, algumas na primeira infância. Conforme os autores, há evidências de que crianças na primeira infância têm capacidade de compreenderem e expressarem valores. Este fato oferece suporte para a proposição de que o desenvolvimento de valor pode ocorrer na primeira infância (UZEFOVSKY *et al.*, 2016). A pesquisa utilizou um novo instrumento animado – o AVI (*Animated Values Instrument*), que é um instrumento multissensorial construído para melhorar a compreensão das crianças sobre cada valor, baseado na estrutura de valores circulares de Schwartz (1992). O AVI torna-se mais uma opção a ser usada para medir os valores das crianças. Os resultados mostraram que a alta consistência nas escolhas dos valores das crianças, fornece evidências de que as teorias de idade e estágio, como em Piaget e Inhelder, não respondem totalmente pelo desenvolvimento de valores, embora essas teorias tenham sido centrais para a pesquisa de valores até o momento. Há indícios de que o processo de socialização para o desenvolvimento de prioridades de valores está ganhando aceitação na literatura de valores das crianças (CIECIUCH *et al.*, 2016). Os resultados revelaram que os valores de tradição e conformidade se localizaram na região de autotranscendência, por haver similaridade com as motivações de benevolência para as crianças na primeira infância, sendo semelhantes a outros estudos de valores com crianças.

Recente estudo foi realizado por Benish-Weisman *et al.* (2019) sobre os valores e comportamentos pró-sociais de 586 crianças e pré-adolescentes australianas com

idade entre seis e doze anos, focando principalmente o papel moderador da idade nessas relações. Os valores foram medidos pelo Instrumento de Valores Animados revisado – AVI-r, de Lee *et al.* (2017 *apud* BENISH-WEISMAN *et al.*,2019) e o comportamento pró-social foi medido por meio de indicações de pares, no qual cada criança recebeu uma lista com todos os nomes de seus colegas de turma e tinham que circular os nomes de todos os colegas que se encaixavam em um determinado critério. Foi usada a técnica do escalonamento multidimensional ordinal (MDS) confirmatório em cada uma das faixas etárias estudadas (crianças mais jovens entre 6 e 7 anos; crianças na faixa intermediária com 8 e 9 anos; e crianças mais velhas entre 10 e 12 anos). Entre outros resultados, observou-se que o comportamento pró-social foi negativamente correlacionado com os valores de auto-promoção e positivamente correlacionado com os valores de autotranscendência e conservação.

No Brasil, foram realizadas pesquisas sobre os valores das crianças e adolescentes, com diversos focos.

Rodrigues-Andrade (2003) pesquisou a influência dos valores humanos de crianças em suas preferências por desenhos animados. Analisou-se as implicações desta preferência para o comportamento de justificar a agressão como conduta adequada para a resolução de problemas. Participaram 327 crianças, com idades entre 10 e 12 anos, distribuídas nas escolas públicas e privadas da cidade de João Pessoa. Os instrumentos utilizados foram: Questionário dos Valores Básicos Infantil (QVBI), Questionário da Preferência por Desenhos Animados (QPDA) e Escala de Avaliação das Interpretações Morais sobre a Violência Justificada e Injustificada. Comprovou-se que a estrutura fatorial do QVBI apresentou adequação ao construto teórico proposto por Gouveia (2003).

Andrade (2006) pesquisou a apropriação de valores em crianças e adolescentes, considerando que esses sujeitos aumentam sua capacidade de perceber a perspectiva do outro, alterando, ao mesmo tempo, suas escalas de valores. A autora adotou a explicação piagetiana para o desenvolvimento dos processos mentais e, particularmente, a diferenciação das estruturas cognitivas e a formação de estruturas afetivas. A amostra foi composta por 116 sujeitos com idades variando de 5 a 14 anos, na cidade de João Pessoa (PB), sendo utilizado um instrumento “O Teste de Valores Como Nomes”, no qual pede-se aos sujeitos para dizerem o que entendem sobre cada valor, de uma lista de 12 valores extraídos dentre os culturalmente mais definidos na tipologia proposta por Schwartz e Savig

(1995). Os resultados mostraram que as estruturas de valores dos jovens eram definidas em cada faixa etária nos quais os valores correspondem aos níveis de desenvolvimento.

Lauer-Leite (2009) analisou as relações entre os valores individuais e o significado do dinheiro para crianças e sua estrutura de valores. Participaram da pesquisa 1.445 indivíduos de 9 a 14 anos, distribuídos nas regiões do norte e nordeste do país. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Significado do Dinheiro para Crianças (ESDC), o Questionário de Valores Básicos Infantis (QVB-I) e o Questionário de Perfis de Valores (PQ21). Os resultados apontaram para uma estrutura de valores semelhantes a dos adultos com a distinção das quatro dimensões de 2ª. ordem da teoria de Schwartz (1992). Conforme o autor, os objetivos da pesquisa foram alcançados e os resultados poderão ser úteis aos pais, às escolas e instituições financeiras.

Monteiro (2009) investigou as atitudes e comportamentos de crianças diante de alimentos saudáveis e não saudáveis, evidenciando a interrelação entre as variáveis psicossociais e situacionais do estabelecimento das escolhas infantis. A pesquisa procurou descrever as características de 290 propagandas destinadas às crianças (estudo 1); perceber a correlação de 250 crianças com foco no autorrelato de consumo, validando escalas (estudo 2); e realizar um experimento para verificar a força das atitudes na exposição de 80 crianças à propaganda (estudo 3). O trabalho sugere que aspectos individuais, interpessoais, situacionais e condições sociais e culturais se relacionam no processo de escolha alimentar, desde a infância.

Gouveia *et al.* (2011) realizaram pesquisa baseada na teoria funcionalista dos valores humanos (GOUVEIA, 2003), com o objetivo de adaptar o questionário dos valores básicos (QVB), em uma versão infantil (QVB-I). O estudo foi realizado com 202 estudantes de escolas públicas e privadas de João Pessoa (PB), com média de 11,7 anos. Os resultados deram suporte para as seis subfunções dos valores da teoria estudada, organizadas em um espaço bidimensional com três tipos de orientação e dois tipos motivacionais, onde concluiu-se que o instrumento proposto é psicometricamente adequado, podendo ser usado em pesquisas futuras com crianças.

Gomes (2011) buscou evidências de validade para o instrumento pictórico, o *Picture-Based Value Survey for Children* (PBVS-C) de Döring *et al.* (2010), em crianças brasileiras, no qual algumas figuras foram alteradas em conjunto com a autora. A amostra foi composta por 94 crianças de escola pública, na faixa etária de seis a doze anos, residentes na

região metropolitana do Recife (PE). O autor considerou satisfatória a apropriação do instrumento para a amostra e que fatos relevantes da pesquisa confirmaram a teoria de Schwartz. Posteriormente, Gomes (2015) investigou o desenvolvimento de valores em crianças, utilizando a teoria de valores humanos de Schwartz (1992), considerando-se como variáveis importantes o tipo de escola, a transmissão materna de valores, a personalidade da criança e da mãe, e a influência da religião, sobre os valores. A amostra foi composta de 330 crianças na faixa etária de oito a doze anos. Os resultados apontam para a adequação do PBVS-C às crianças brasileiras.

Lapa (2014) investigou os valores pessoais de jovens estudantes em uma escola pública do Distrito Federal, promovendo intervenções pedagógicas na modalidade de oficinas, por meio de dinâmicas cooperativas. A amostra foi de 1.000 estudantes na faixa etária de 10 a 14 anos, sendo utilizado o instrumento Perfil de Valores Pessoais de Schwartz, PQ21. As análises de escalonamento multidimensional (MDS) revelaram estruturas semelhantes ao do modelo de Schwartz. Verificou-se que a estrutura de compatibilidade e de conflito nos valores dos estudantes tem base no modelo teórico pesquisado. Os resultados indicaram mudanças nas relações interpessoais dos sujeitos por meio de intervenções na modalidade oficina, contribuindo no processo de formação de valores. Foram vivenciados os valores de respeito, paciência, ser prestativo e ajudas mútuas.

Observa-se a importância de investigar os valores das crianças, precisamente entre a infância e a adolescência, a pré-adolescência. As mudanças ocorridas neste período são produtos de um processo sócio cultural, de novas condições de vida, ou seja, da atividade social (ELKONIN, 1960), cujos valores mudam de importância durante a fase da infância para a adolescência (CIECIUCH *et al.*, 2016; UZEFOVSKY *et al.*, 2016) e continuam a se desenvolver e mudar durante a adolescência, e possivelmente, além dela.

Com indícios de que o processo de socialização dos jovens acompanha o desenvolvimento de valores (COLLINS *et al.*, 2017), infere-se que a mídia, a família e a escola, também tenham influência no desenvolvimento de valores desses sujeitos (BUBECK E BILSKY, 2004). Os sujeitos na pré-adolescência, como todo ser humano, são de natureza essencialmente social, construindo significados diferentes para os fatos sociais que surgem nas relações com terceiros (LEONTIEV, 1978). Incluem-se, como fatos sociais, algumas regras e ações realizadas no cotidiano como práticas para solucionar problemas, portanto, observa-se a importância de investigar e compreender como os pré-adolescentes percebem

essas diversas práticas para resolver um determinado problema – um *jeitinho* –, e as possíveis relações com sua estrutura de valores.

2.1.5 Resumo e discussão

O tema valores tem sido amplamente explorado desde a antiguidade. Os antigos filósofos os demonstravam com sábios ensinamentos sobre ética, moral, respeito, tolerância, justiça, verdade, liberdade e outros.

Valores são critérios empregados pelo homem nas suas preferências, justificando ações, atitudes e comportamentos. Cada ser humano possui valores próprios e individuais, manifestando-se nas relações sociais.

A partir de 1980, a compreensão de valor tem sido investigada nas diferentes áreas, surgindo teorias que explicam e fundamentam o tema. Vários estudiosos são unânimes em afirmar que valores guiam atitudes e o comportamento humano. Nesse viés, Schwartz destaca-se e sua teoria é considerada um marco no estudo dos valores na Psicologia (TORRES *et al.*, 2016). Schwartz a desenvolveu propondo uma teoria unificadora para o campo da motivação humana. Inicialmente a teoria continha oito valores, mas, recentemente foi revisada e, com desdobramentos, contém dezenove valores representando um *continuum* de motivações de forma mais articulada.

A nova proposta busca valores discretos, com maior heurística universal e poder preditivo (SCHWARTZ *et al.*, 2012), visando obter resultados pessoais ou sociais, promover o crescimento e prevenção ou prevenção de anseios e autoproteção, expressando abertura para mudanças ou a conservação do *status quo*, e promovendo o interesse próprio ou a transcendência do interesse próprio a serviço de outros (SCHWARTZ *et al.*, 2012). É neste estudo, da Teoria Refinada de Valores Humanos de Schwartz *et al.* (2012), que este presente trabalho se apoia.

Apesar de a maioria das pesquisas sobre valores humanos alcançar o público adulto, crescem, em diversos países incluindo o Brasil, pesquisas com um público mais jovem na tentativa de compreender sua estrutura de valores. A Teoria Refinada de Valores Humanos de Schwartz *et al.* (2012) obteve a inclusão de novos valores e o desdobramento de outros, permitindo maior exatidão ao fato de os valores formarem um *continuum* motivacional

circular, baseando-se nas motivações de compatibilidade e conflito, expressos nos focos social e pessoal. Este novo olhar fundamentado na teoria de valores humanos ainda não foi testado para um público de menor idade – a pré-adolescência – especialmente no Brasil. A necessidade de desenvolver um novo instrumento para este público, vem preencher a lacuna na literatura pertinente, proposta nesta pesquisa.

2.2 O JEITINHO BRASILEIRO

“O jeitinho brasileiro é reconhecido internacionalmente como uma característica bem nossa, e a expressão se presta tanto a exaltar nossa versatilidade e capacidade criativa quanto para nos atribuir um tipo de esperteza que não é nada lisonjeira quando vista como traço de caráter.” (Luiz Roberto Bodstein)

O tema valores está presente no cotidiano do ser humano e pode ser expresso pelos sujeitos nos níveis individual e coletivo, além do organizacional, institucional e cultural, sendo foco de pesquisa nas diversas áreas do conhecimento, no qual há consenso na literatura em afirmar que os valores orientam e guiam a vida das pessoas (SCHWARTZ; BILSKY, 1987; TAMAYO; MENDES; PAZ, 2000; TAMAYO, 2005; FERNANDES; FERREIRA, 2009).

Neste entendimento, os valores orientam o comportamento humano (SCHWARTZ, 1992; ROHAN, 2000), portanto, os indivíduos devem ficar atentos quanto às suas ações, pois estas expressam as suas escolhas e têm consequências práticas e sociais (SCHWARTZ, 2005). Por vezes, ações praticadas no cotidiano refletem a forma de como lidamos com determinadas situações, necessitando fazer escolhas, em busca de respostas. Algumas soluções requerem ajustes ou jeitos diferentes para a obtenção dos resultados.

A forma de solucionar problemas utilizando ajustes ou jeitos como a melhor ou mais rápida solução, é uma prática na sociedade brasileira, reconhecida como uma identidade nacional, também conhecida como *jeitinho* (BARBOSA, 2006). Como o *jeitinho* está impregnado nas diversas sociedades, incluímos os ambientes familiar e escolar, portanto, próximos aos jovens, especificamente, aos pré-adolescentes, foco deste estudo. Esta pesquisa propõe compreender o uso do *jeitinho* com os pré-adolescentes no contexto escolar.

O *jeitinho* como forma de estratégia para a solução de problemas, não é uma prática utilizada apenas na sociedade brasileira. Pesquisas apontam que outros países também cultuam tal prática, porém, com características próprias em formas de influência informal ocorrentes em suas sociedades, como veremos a seguir.

2.2.1 CENÁRIOS E CONTEXTOS DO *JEITINHO*

2.2.1.1 Processos de influência informal em outras culturas

Foram realizados estudos transculturais para investigar práticas de influência informal enraizadas nas culturas de outros países, além do Brasil, portanto, são práticas construídas a partir da cultura local e relevantes para aquele local específico (TORRES *et al.*, 2015).

Na cultura chinesa, o *guanxi* é identificado como um aspecto importante nas relações interpessoais, tratando-se de uma relação entre indivíduos ou empresários, envolvendo trocas contínuas de favores, tendo como origem nos ideais e ensinamentos de Confúcio que se baseiam, entre outros aspectos, no respeito aos superiores, na influência da família e na manutenção da harmonia. O *guanxi* concentra-se em ligações para adquirir favores, formando uma rede de relações pessoais fortemente cultivada pelos chineses (TORRES *et al.*, 2015). Portanto, em linhas gerais, *guanxi* se refere a um tipo de relação ou conexão – pessoal, social ou organizacional – em interesses e benefícios mútuos, em que as relações entre parceiros acontecem por meio de obrigações recíprocas e trocas de favores, permeando práticas de corrupção (SMITH, 2014).

Para Luo (2001) o *guanxi* possui traços importantes como: (i) sua essência utilitarista, ou seja, liga dois indivíduos por meio da troca de favores e não de sentimentos, podendo não ser uma relação de amizade, no entanto, se existir essa amizade isso é preferido; (ii) o estabelecimento da relação de reciprocidade na troca de favores, mas, cabe ressaltar que o *guanxi* não é necessariamente igualmente recíproco; (iii) é transferível, quer dizer que, se o indivíduo A tem *guanxi* com outro indivíduo B e B é amigo de C, então B pode recomendar A para C ou vice-versa; (iv) tem caráter pessoal, ou seja, opera essencialmente entre indivíduos baseando-se na confiança, honestidade, reciprocidade, respeito e *status* social; (v) é de longo prazo, isto é, o *guanxi* é desenvolvido e reforçado por meio de contínuas associações e interações interpessoais de longa duração; e por último (vi) é intangível, significando que os indivíduos que compartilham *guanxi* estão comprometidos uns com os outros por um código informal e não escrito de confiança, tolerância, reciprocidade e equidade (SCHIAVINI; SCHERER; CORONEL, 2012).

Em países do Oriente Médio, encontramos a *wasta*, que é uma prática usada pelos indivíduos para atingir seus objetivos por meio de outros indivíduos influentes que ocupam altas posições sociais, ou seja, refere-se usar a influência ou conexões para fazer as coisas (SMITH *et al.*, 2012) como burlar a burocracia, fugir às regras ou ajudar com oportunidades de emprego. A palavra *wasta* significa “intermediário” e isto representa um indivíduo com boas relações que pode resolver as coisas por você. Provavelmente, as tradições da *wasta* são originárias das famílias tribais árabes que fazem tudo que estiver em seu poder para servir a família e amigos (BLUE ABAYA, 2015).

Wasta pode, em alguns casos, ser mais valioso do que dinheiro e é encontrado em todos os níveis da sociedade. Pela forte influência, o *wasta* é muito utilizado para favorecer candidatos não qualificados para um emprego, ocupando as vagas de possíveis trabalhadores competentes, e este ato pode ser visto como algo negativo. O *wasta* é uma prática comparada ao *guanxi* na China (SMITH *et al.*, 2012), podendo ter características positivas ou negativas. Nessas últimas há, por parte de alguns autores, a semelhança com corrupção, com antiético, injusto e falta de integridade (BLUE ABAYA, 2015).

A Federação Russa possui o *svyazi* que é uma prática informal de relações interpessoais, assemelhando-se à corrupção (SMITH *et al.*, 2012). Millar e Khvatova (2017) destacam *svyazi* como conexões sociais informais de pessoas e suas redes de comunicação. As autoras citam que algumas pesquisas contemporâneas afirmam que o sistema corrupto, conhecido como “*blat*” agora é chamado de *svyazi*, considerada como uma importante instituição informal desenvolvida por pessoas para superar a ineficiência das instituições formais. Em um contexto de negócios no cenário atual da Rússia, o termo *svyazi* é amplamente utilizado entre as pessoas de negócios como algo relevante para a execução das atividades, porém também possui conotações negativas para as pessoas que não conhecem as práticas de negócios russos, parecendo corrupção (MILLAR; KHVATOVA, 2017).

A expressão *pulling strings* é empregada no Reino Unido referindo-se à obtenção de favores, particularmente por meio de relações informais com indivíduos influentes, podendo permanecer por um período longo – conexões com familiares ou por amizade –, ou por um breve período oportunizando momentos (SMITH *et al.*, 2012).

A expressão *Pulling strings* tem como tradução “puxando cordas” e está relacionada figurativamente à ideia de controle da situação, possuindo dois significados: (i) equivale a “mexer os pauzinhos”, isto é, usar a influência sobre outros indivíduos para

conseguir o que se quer ou ajudar alguém, ou (ii) equivale a “puxar os cordelinhos” significando controlar uma organização, certos eventos ou a ação de outras pessoas, de forma intencional (VERGARA, 2018).

Diversos outros países possuem alguma forma de cultivar relações informais, manifestando diferentes interesses, porém a maioria prima pela aquisição de benefícios. Em particular, a corrupção que, além de proporcionar um possível prejuízo econômico a uma das partes envolvidas, dificulta mudanças de paradigmas e a inserção de novas práticas políticas e administrativas (SANTOS, 2018), bloqueando a formação de indivíduos conscientes. Além do Brasil, a prática de corrupção é conhecida em outros países, conforme indicação na Tabela 6:

Tabela 6: Países com seus respectivos nomes ligados à corrupção

País	Nome relacionado à corrupção
Itália	Bustarela
Alemanha	trinkgeld
França	Graisser lapatte
Egito	Baksheesh
EUA e Reino Unido	Payoff
Índia	Speed money
México	Mordida
Espanha	Debajo de la cuerda
Brasil	Jeitinho brasileiro, molhar a mão, leite da criança, por baixo dos panos

Fonte: Dados extraídos da tese de Evânio J. M.Santos, 2018, p. 28.

As diferentes relações informais em alguns países proporcionam objetivos semelhantes: ajudar o próximo e a si mesmo, solucionar situações imprevistas, ganhos de vantagens, controle sobre pessoas e ações, poder, e outras, sendo uma prática encontrada em diversas culturas. No Brasil ela também surge nas várias relações pessoais e sociais, com características e justificativas próprias, sendo reveladas por autores nos próximos tópicos.

2.2.1.2 Compreensões sobre *jeito* e *jeitinho* brasileiro

Considerada como uma prática histórica no contexto brasileiro, o *jeitinho* é amplamente aceito em nossa sociedade. O termo *jeito* possui diversos significados como: modo, maneira, aspecto, feição, feitio, caráter, índole, habilidade, arrumação, arranjo (FERREIRA, 2001) indicando diversas possibilidades de resolver problemas – um *jeito* brasileiro de fazer e solucionar problemas. Nos últimos anos, o tema tem tido grande repercussão nacional, promovendo pesquisas nas diversas áreas de interesses.

Esta parte do trabalho não tem o objetivo de aprofundar nas interpretações de cada autor sobre o *jeitinho brasileiro*, mas subsidiar a presente pesquisa na compreensão deste fenômeno, e buscar, como um projeto de reflexão, o suporte necessário para futuras mediações. A seguir, apresento breves relatos de estudiosos e pesquisadores no tema.

Guerreiro Ramos

Sociólogo e político brasileiro, em seu livro sobre administração pública, associa a prática do *jeitinho* como estratégia e fuga ao excesso de formalismo das instituições em relação às regras, códigos e leis. Para o autor, é o formalismo que acarreta a prática do “*jeito*”. O *jeito* é flexível, realista e pragmático (RAMOS, 1966).

Roberto DaMatta

Segundo o antropólogo, o *jeitinho* é um modo simpático, desesperado ou humano de relacionar problemas pessoais com os impessoais. Destaca ser uma forma de conciliar os interesses das partes envolvidas, criando uma relação aceitável entre ambos, tendo, ou não, algo em comum. O *jeitinho* é um mecanismo que transforma indivíduos (sujeitos das leis universais) em pessoas (sujeitos das relações sociais). Outra forma do *jeitinho* é o argumento de superioridade e poder com a hierarquização nas relações. É também, um estilo de navegação social que passa sempre nas entrelinhas da burocracia pública. O autor ressalta a imagem do malandro como um agente profissional do *jeitinho* e da arte de sobreviver em situações difíceis e fora da lei, usando estratégias ambíguas: às vezes desonesto e corrupto, mas também com aprovação social. Explica que a malandragem não é tarefa fácil de ser analisada, caso seja observada em seus vários aspectos, e pode ser interpretada como um ato de marginalização, com personagens fora dos padrões comportados visando apenas a sobrevivência, mas também não são ladrões, e desconhecem ordens ou

desordens, podendo ser vistos como espertos, mas que, se não se cuidarem, podem cair na marginalidade (DAMATTA, 1986, 2004).

Lívia Barbosa

Os indivíduos vivem e convivem com procedimentos burocráticos, levando-os à busca de soluções, desfazendo-se de questões como a impessoalidade, a racionalidade e o anonimato. Na luta do indivíduo por sobrevivência, o *jeitinho* torna-se um dos elementos que compõe a identidade nacional em determinados contextos da sociedade brasileira sem, contudo, expressar nosso comportamento típico ou nossa essência. Para a autora, “o *jeitinho* é sempre uma forma ‘especial’ de se resolver algum problema ou situação difícil ou proibida; ou uma solução criativa para alguma emergência, seja sob a forma de burla a alguma regra (...), seja sob a forma de conciliação, esperteza ou habilidade” (BARBOSA, 2006, p. 41). Possui aspectos positivos ou negativos. É visto como positivo nas respostas criativas às situações difíceis. Representa simpatia, alegria e esperteza, enfatizando as relações pessoais. É negativo quando se encontra no limite da ilegalidade podendo chegar à corrupção. É difícil distinguir o *jeito* do favor ou da corrupção, porém, a autora o representa entre os outros dois termos. Acrescenta que *jeitinho* demais leva à corrupção (BARBOSA, 2006).

Fernanda Borges

Apresenta o *jeitinho* como uma mistura entre as relações de favor e as relações individuais. O favor envolve pessoas conhecidas, com um certo grau de confiança (relações pessoais), enquanto o *jeitinho* depende das oportunidades e quase sempre transgredir normas. O favor tem a ideia de não transgredir normas. A autora defende que o *jeitinho* acontece com a aproximação das concepções modernas e igualitárias ao sistema de valores que privilegia as relações pessoais, e que ele pode desconsiderar normas para criar novas habilidades quanto envolver solidariedade (BORGES, 2006).

Fernanda Duarte

A autora explorou o *jeitinho* como uma estratégia informal de solução de problemas nas organizações brasileiras, e em outro estudo investigou a estratégia do charme e da simpatia, e suas relações com o *jeitinho*. A estratégia do *jeitinho* é utilizada para estabelecer ou ampliar as relações pessoais, estando interconectadas em três dimensões: o *jeitinho* (i) como uma característica brasileira; (ii) como um estilo brasileiro criativo de

solucionar problemas; e (iii) como uma prática de burlar regras para atingir um objetivo (DUARTE, 2011).

Carlos Alberto Almeida

Almeida realizou uma pesquisa buscando, da população investigada, o que ela acha do *jeitinho*: se é certo ou errado. Os resultados apontaram que metade acredita que o *jeitinho* é certo e a outra metade rejeita essa prática. O autor defende que o Brasil é um país dividido em mentalidade, caracterizado por classes baixa e alta, sendo a escolaridade um dos motivos dessa separação. Classes sociais com menores índices de escolaridade têm tendências a aceitar melhor o *jeitinho*, enquanto as classes de níveis altos possuem percepções desfavoráveis sobre o *jeitinho*. Sobre a utilização dessa prática, a pesquisa apontou que dois terços dos entrevistados disseram ter praticado o *jeitinho*, e observou que quanto menor a escolaridade dos indivíduos, menos eles sabem o que é “dar um *jeito*”. O autor cita que provavelmente, os indivíduos com menor escolaridade também se utilizam do mecanismo do *jeitinho*, mesmo não conhecendo o termo (ALMEIDA, 2007).

Valquíria S. Moisés

Desenvolveu uma extensa pesquisa sobre os diversos sentidos da expressão *jeitinho brasileiro* e seus parassinônimos pudessem apresentar. A autora buscou, utilizando vários textos de diversos gêneros, os diferentes efeitos de sentido passíveis de se identificarem para *jeitinho brasileiro*. Identificando o *jeitinho brasileiro* de diversas formas, a autora propõe uma gradação mais detalhada para a gama semântica do termo estudado em um ponto aproximado entre o “favor” e a “corrupção”. Sugere que o *jeitinho* não seja tão estigmatizado pelo seu aspecto negativo, pois quando associado a ele, é utilizado de maneira simplista, carecendo de uma análise mais acurada. Algumas das possibilidades para interpretar o *jeitinho brasileiro* são: solidariedade, sobrevivência, habilidade, criatividade, flexibilidade, improvisação, charme, simpatia, malandragem, prevaricação, hipocrisia, flexibilidade moral (MOISÉS, 2014).

Smith, Huang, Harb, Torres

O conceito de *jeitinho* refere-se à criatividade em solucionar problemas de forma rápida. Para solucionar problemas, há a possibilidade de burlar regras e normas, ou por pedidos de favores a amigos ou não. A prática do *jeitinho* está presente em todas as classes sociais sendo mais uma questão de magnitude do que de incidência, podendo ser visto como

algo positivo (relações pessoais) ou negativo (corrupção). A expressão *jeitinho brasileiro* refere-se ao ato criativo e pragmático em lidar com situações do cotidiano, fazendo parte da identidade brasileira, portanto, é visto como uma estratégia usada por todos (SMITH *et al.*, 2011).

Torres, Alfinito, Galvão, Tse

A prática do *jeitinho* não requer que os envolvidos sejam conhecidos, ocorrendo apenas pela necessidade de alguém solucionar alguma coisa, e o poder do outro em efetivá-la. A execução do *jeitinho* pode incluir formas de contornar regras burocráticas ou ter um ‘jogo de cintura’ para enfrentar as dificuldades com os superiores em um contexto hierárquico. Os autores citam as diferenças entre ‘dar um *jeitinho*’ e *jeitinho brasileiro* (BARBOSA, 2006; SMITH *et al.*, 2012), em que o primeiro termo refere-se a solucionar um problema por vias ilegais e não oficiais – próximo à corrupção; o segundo, com conotação positiva, é visto como o uso da criatividade e habitual no cotidiano dos indivíduos. É um fenômeno corriqueiro e legítimo na sociedade brasileira. Na prática do *jeitinho*, o sensato é a ruptura da hierarquia, e que a troca de favores tem uma base igualitária. Possui um apelo específico pelo emocional das pessoas, envolvendo táticas como um pedido de desculpas e justificativas pessoais (TORRES *et al.*, 2015).

Pilati, Milfont, Ferreira, Porto, Fischer

O *jeitinho brasileiro* é uma estratégia de influência social, e que é amplamente considerada como um componente da cultura brasileira. No âmbito das relações sociais, o *jeitinho brasileiro* aparece como um mecanismo benéfico diante das situações difíceis do cotidiano, permitindo uma humanização das regras burocráticas e promovendo a igualdade entre os indivíduos. Apesar do *jeitinho* ter características claras e definidas, possui um conceito difuso, no qual os brasileiros têm diferentes pontos de vista e compreensão do que realmente ele significa. Pelas investigações em curso, *jeitinho* representa uma estratégia de resolução de problemas, com influência social, ignorando regras e leis para alcançar um objetivo. Ainda que muitas das práticas do *jeitinho* se baseiem em atos que violam normas sociais, a maioria dos brasileiros aceita como válidas na solução de problemas, por isso é grande a frequência dessas práticas. Para amenizar possíveis conflitos em situações de violação das regras, usa-se a simpatia. Os autores contribuem para a sistematização do *jeitinho* e suas características culturais no Brasil, examinando os conceitos atribuídos a ele, e descrevendo comportamentos típicos que o caracterizam. Citam que este é o primeiro estudo

psicológico que tenta mapear empiricamente o domínio comportamental desta estratégia de influência social no Brasil (PILATI *et al.*, 2011).

2.2.1.3 Contextos do *jeitinho* brasileiro

Estudos sobre os processos informais de influência têm promovido diversas análises para a compreensão dos aspectos culturais nas diferentes sociedades. Essas influências perpassam pelo cotidiano dos indivíduos, podendo ser identificadas, por: *guanxi*, um dos muitos tipos de relações interpessoais na cultura chinesa; *wasta*, como prática na resolução de situações para o favorecimento das pessoas em muitas nações árabes; *pulling strings*, expressão que se refere à obtenção de favores através da influência de pessoas, vivenciada no Reino Unido; e *jeitinho*, prática criativa para solucionar problemas de curto prazo, na sociedade brasileira (SMITH *et al.*, 2011).

Os processos informais de influências são provocados para atingir resultados na solução de problemas. Por vezes, a solução de um problema ocorrerá por duas óticas: por vias legais, ou por vias não oficiais, promovendo a ação do *jeitinho*. Na perspectiva do indivíduo, o *jeitinho* pode ser classificado como ‘o que é certo’ e ‘o que é errado’, expondo a dificuldade em distingui-lo. Essa dúvida indica a dificuldade em conceituar esse ‘fenômeno’, mas é consenso a visão de que o *jeitinho* é uma característica da cultura brasileira, porque há um entendimento de que ele seja uma maneira de resolver problemas na sociedade brasileira (PILATI *et al.*, 2011). Também é visto como a imposição do conveniente sobre “o certo”, por vezes visto como desmoralizante, ilegal, burlador, ou por ser criativo, solidário, benevolente.

O lado negativo dessa prática está disseminada na sociedade brasileira como o que mais se evidencia nos meios de comunicação: a corrupção (FERREIRA, 2015), atualmente, recheada de Operação Lava-Jato, contas secretas no exterior, recebimento de propinas em nome de “laranjas”, apreensão de malas de dinheiro, desvios de obras públicas e diversos outros escândalos, verificando uma subversão do bem público pelo particular como sendo uma regra. Mesmo assim, o *jeitinho* surge na realidade de suas implicações sociológicas como uma instituição de pleno direito, como instrumento que ajuda a navegar nas ‘águas turbulentas do oceano brasileiro’ (DAMATTA, 1984), fugindo da norma padrão e das regras do estabelecido, com caráter provisório, procurando resolver problemas

específicos, não é generalizável, mas resolve algumas situações, temporariamente, ao modo de um paliativo (MOISÉS, 2014).

Considerado um componente da cultura brasileira o *jeitinho* é uma estratégia presente na sociedade como uma forma criativa para resolver problemas rápidos. Essa estratégia é usada por todos os brasileiros para alcançar seus objetivos, mas que não ameaçam as relações interpessoais (SMITH *et al.*, 2011), portanto, é uma técnica de influência social, ou seja, é socialmente justificável (FERREIRA *et al.*, 2012). Com imaginação e criatividade, os resultados podem advir do desvio de regras e normas burocráticas, evitando impasses com instâncias hierarquicamente superiores, com isso, constrói-se um lastro de troca de favores. A troca de favores pode ser um indicativo de atos positivos quando realizados com quem se tem relações próximas, ou, o contrário, vistos como negativos, podendo haver indícios de corrupção (SMITH *et al.*, 2011). A troca de favores pode ter eficácia pela ineficiência no funcionamento de algumas instituições, e dessa forma, alguém ter ganhos pessoais por meio do *jeitinho*. A ineficiência de algumas instituições permite que o *jeitinho* possa ser um caminho para contornar a burocracia dessas instituições, sendo executado de forma consciente, visando a quebra de regras sociais (FERREIRA *et al.*, 2012) na busca de objetivos pessoais, para tentar reduzir ou eliminar os possíveis atos ilícitos cometidos (NETO, 2009; FERREIRA, 2015). Estes relacionamentos informais e flexíveis podem vincular o *jeitinho* às novas formas de se construir valores morais (FERREIRA *et al.*, 2012).

Refletindo sob a ótica do ‘fazer o bem’, o *jeitinho* tem significações como: ajudar ao próximo; promover alternativas criativas; encontrar soluções práticas; ou criar mecanismos para a construção do que é útil e necessário à prestação de serviços. Este é o *jeitinho* que não promove sofrimentos, não prejudica outros, não leva vantagens, nem faz trocas de favores. É o aprovado por maioria de uma sociedade. Esse lado positivo do *jeitinho*, que também é conciliador, permite que se crie uma solução favorável para uma situação que, em princípio, seja impossível (REGA, 2012). Além desses aspectos positivos do *jeitinho*, este vocábulo tem outras interpretações e significações, como: (i) apresenta características que tornam um sujeito capaz de superar dificuldades, resolver situações, utilizando esperteza, solucionando problemas (*habilidade*); (ii) compreende a realização de algo que não está preparado de maneira adequada, e tem que solucionar um problema no momento em que ele ocorre (*improviso*); (iii) adaptar a situações adversas, procurar e encontrar saídas, ainda que não sejam as convencionais (*flexibilidade*); (iv) para resolver ou contornar problemas de

difícil solução, cuja novidade encontrada nem sempre é valorizada (*criatividade*); (v) faz uso de suas relações pessoais podendo obter vantagem sem cometer infração (*favor*); (vi) é visto como o que resulta em certa vantagem material indicando o lado negativo do *jeitinho* (*corrupção*); (vii) esclarece a possibilidade de um ato de “*jeito*” se transformar em corrupção (*flexibilidade moral*) (MOISÉS, 2014).

Essas significações são encontradas nas mais diversas situações e setores da sociedade brasileira, promovendo cenários férteis para estudos e análises do fenômeno, o *jeitinho brasileiro*. Estes cenários podem representar os valores dos indivíduos e indicar comportamentos. Estando o *jeitinho brasileiro* por toda a sociedade, por conseguinte, torna-se necessário pesquisar de que forma esse componente cultural se mostra numa instituição de ensino, que valores estão sendo representados e quais comportamentos são observados. Quais as percepções que os pré-adolescentes têm desse *jeitinho* de fazer as coisas? Qual o entendimento que eles têm nas situações de favorecimento ou quebra de regras no cotidiano escolar? E o que eles pensam, da atual crise em que estamos inseridos? Quais são os valores transmitidos pelo *jeitinho*?

Com vistas a compreender e corroborar o conceito do *jeitinho brasileiro*, alguns estudos empíricos foram realizados por Pilati *et al.*(2011) e Ferreira *et al.*(2012). Este último, contribuiu com a construção de um instrumento de medida para o fenômeno do *jeitinho brasileiro*.

2.2.1.4 Instrumentos de medida do *jeitinho* brasileiro

Pilati *et al.*(2011) realizaram uma pesquisa empírica com adultos e foram encontrados aspectos positivos e negativos do *jeitinho* no que tange ao entendimento e ao comportamento quando em determinadas situações. Para este estudo, foram realizadas entrevistas com 17 sujeitos em Brasília, no primeiro estudo; e 28 sujeitos no segundo, em locais públicos nas várias regiões do Rio de Janeiro. Após as entrevistas, foram identificadas algumas temáticas constituintes do *jeitinho*, englobando antecedentes, consequências e os processos sociais envolvidos.

Na pesquisa foram encontradas sete categorias, sendo: “*dano aos outros*”, que incluía estratégias que podem causar prejuízos aos outros; “*desrespeito pelas regras e normas*”, foi definido como o uso de estratégias que desprezam e desconsideram as regras de

conduta social em um dado contexto; “*processos inovadores*”, referem-se a estratégias criativas para resolver problemas; “*malandragem*” expressou estratégias que utilizam habilidades pessoais com atos enganosos para alcançar um objetivo; “*simpatia*” foi definido como o comportamento de interação social de forma amigável, agradável e afável, mostrando interesse, afinidade e atração por outras pessoas no uso do *jeitinho*; “*relação de poder*” abordou a presença de diferenças hierárquicas entre a pessoa que usa o *jeitinho* e a pessoa que o aceita; e “*compensação*”, que reside na ideia de que as estratégias de resolução existem para manter a igualdade dos envolvidos quando são percebidas possíveis desvantagens em uma das partes. Segue Tabela 7 com alguns cenários do estudo de Pilati *et al.*(2011).

Tabela 7: Cenários de *jeitinho* no estudo de Pilati *et al.* (2011)

Cenários
Jane está se sentindo doente e vai para um hospital. Chegando lá ela vê muitas pessoas esperando na fila. Ela então chama um parente que trabalha no hospital, que a ajuda para ver o médico primeiro.
Caroline vai ao banco pagar uma conta e nota uma fila longa. Ela encontra um amigo na fila por acaso e lhe entrega, o dinheiro e a conta, e assim não tem que esperar na fila.
Paula vai a uma loja para fazer uma compra financiada e lhe pediram um comprovante de residência. Como ela não tem esse documento, forja um e envia-o por fax, obtendo assim o financiamento necessário.

Fonte: Pilati *et al.* (2011) e texto traduzido pelo autor desta presente pesquisa

Outro estudo foi procedido por Miura (2012) com coleta realizada por meio de e-mail, com a finalidade de caracterizar as dimensões componentes do construto do *jeitinho* brasileiro, realizando duas pesquisas. Em um primeiro momento, o autor construiu uma escala contendo 35 comportamentos identificados no estudo de Pilati *et al.*(2011), cujos itens mencionavam comportamentos das pessoas em situações contextualizadas, e o respondente deveria indicar o quanto a pessoa representada no item se parecia com ele(a) (1 = não se parece nada comigo até 6 = se parece muito comigo). Os resultados indicaram a existência de duas dimensões, sendo: o “*jeitinho simpático*”, que aborda a tendência em buscar interações sociais positivas e a criatividade; e “*malandragem*”, objetivando desrespeitar ou contornar normas para atingir metas pessoais

Posteriormente, Miura (2012) desenvolveu outra medida do *jeitinho*, também validada em uma amostra de internet, apresentando comportamentos inspirados em

componentes teóricos do *jeitinho* não relacionados a situações ou papéis específicos. O respondente indicava o quanto os comportamentos eram ou não importantes, numa escala de 1 a 7. Os fatores identificados foram: “*simpatia*”, caracterizado por componentes que indicam pessoas amigáveis e sociáveis; “*malandragem*”, que utiliza o emprego de táticas enganosas e trapaceiras para atingir objetivos; “*criatividade*” implica na estratégia contendo soluções inovadoras para resolver problemas; “*desrespeito a regras*”, que mede a disposição individual para seguir, ou não, as regras sociais; e “*dano a outros*” avalia o quanto o sujeito está disposto a desconsiderar possíveis efeitos negativos de suas ações em outros sujeitos. Sobre a escala elaborada, o autor comenta que há vantagens em ser descontextualizada, pois possibilita a minimização de eventuais vieses situacionais na percepção do *jeitinho*. Seguem alguns itens da escala do *jeitinho* brasileiro no estudo de Miura (2012) (Tabela 8):

Tabela 8: Escala do *jeitinho* brasileiro no estudo de Miura (2012)

Ele(a) entra em uma festa sem pagar por conhecer o produtor desta.
Ele(a) passa no sinal vermelho quando a rua está vazia e sem pardal.
Ele(a) cumprimenta a desconhecidos quando caminha pela rua.
Ele(a) estaciona o carro em fila dupla, obstruindo a saída de outro veículo.
Ele(a) procura um conhecido que trabalha no cartório para adiantar seu processo.
Ele(a) inventa novas receitas quando tem poucas opções de comida em casa.
Ele(a) segura a porta quando outra pessoa se aproxima.
Ele(a) está cansada na segunda-feira e liga no trabalho falando que está doente.
Ele(a) sai da mesa do bar sem pagar a sua parte na conta quando esta deveria ser dividida igualmente por todos.

Fonte: Miura (2012, p. 42).

Ferreira *et al.* (2012) deram os primeiros passos na expansão em pesquisas da psicologia cultural, explorando o significado do *jeitinho brasileiro* como uma construção cultural própria, ou seja, buscaram os componentes psicológicos do *jeitinho*, de maneira a distingui-los empiricamente, e trataram das construções psicológicas, sociais e culturais.

Para a elaboração de um instrumento, investigaram 387 sujeitos das cidades de Brasília e Rio de Janeiro, entre 17 e 65 anos, no qual 53% eram mulheres, 57% eram solteiros, 59% tinham educação universitária e 67% tinham renda familiar mensal inferior a R\$ 3.500,00, no momento da pesquisa. Na construção do questionário, utilizaram cenários típicos de *jeitinho*, contendo inicialmente 53 situações, sendo administrados em dois grupos

de estudantes universitários. O primeiro grupo (25 estudantes) indicou se o comportamento descrito no cenário era típico do comportamento brasileiro, e o segundo (26 estudantes) indicou se cada cenário representava um exemplo de *jeitinho* brasileiro. Posteriormente, os dois grupos participaram de grupos focais para discutir os cenários, resultando na versão final com 21 situações. O questionário final contém uma escala de 0 (certamente não é um exemplo de *jeitinho*) para 10 (certamente um exemplo de *jeitinho*).

As análises mostraram a formação de uma estrutura composta por corrupção, criatividade e quebra de norma social. Como ilustração, segue Tabela 9 com exemplos dos cenários da pesquisa (FERREIRA *et al.*, 2012):

Tabela 9: Cenários do *jeitinho* no estudo de Ferreira *et al.* (2012)

Tipo de <i>jeitinho</i>	Cenários
corrupção	O carro de Pablo tem uma luz quebrada. Ao dirigir de noite na estrada, ele é parado pela polícia de trânsito. Para evitar receber uma multa, Pablo oferece ao policial um suborno para continuar sua jornada.
criatividade	É o aniversário de um amigo muito próximo de Joana e ela esqueceu de lhe comprar um presente. Ela também tem problemas financeiros e acredita que não encontrará nada acessível a curto prazo. Como Joana é muito inteligente, ela usa material escolar para criar um belo cartão e presentear a seu amigo.
quebra de norma social	Os ingressos para o último show em uma turnê do artista favorito de Edward estão terminando. Quando ele chega ao local, ele vê que há uma fila muito grande e será muito difícil para ele conseguir um ingresso. No início da fila, no entanto, ele vê um antigo colega da escola que ele não viu há algum tempo. Como Edward está realmente interessado em participar do <i>show</i> , ele cumprimenta seu amigo e pergunta se ele pode se juntar a ele na fila.

Fonte: Ferreira *et al.* (2012, p. 335) e texto traduzido pelo autor desta presente pesquisa.

Para os autores, o primeiro fator foi denominado como corrupção e contém cenários em que o *jeitinho* é usado pelos indivíduos para resolver um problema usando meios ilícitos. O segundo, chamado de criatividade, possui situações em que o indivíduo usa criatividade ou novas formas de resolver um problema sem violar as normas sociais ou legais. O terceiro fator foi rotulado como quebra de normas sociais, cujo uso do *jeitinho* é utilizado para ignorar alguma norma social para resolver um problema pessoal.

Os resultados apontam para práticas do *jeitinho* no cotidiano dos sujeitos adultos. A originalidade desta pesquisa encontra-se nas significações do fenômeno *jeitinho brasileiro* com pré-adolescentes em fase de formação no ambiente escolar, e na elaboração de um instrumento de medida para esse público, visando investigar a estrutura do *jeitinho brasileiro* nessa fase do desenvolvimento.

2.2.1.5 O *jeitinho* brasileiro no contexto escolar

O *jeitinho* possui várias significações, como a habilidade, improviso, flexibilidade, criatividade, favor e corrupção (MOISÉS, 2014). Estas qualidades parecem constar em muitas das práticas que os participantes demonstram nos ambientes escolares. Alguns contextos dessas significações podem se apresentar como: (i) pedir desculpas ao colega por uma brincadeira, supostamente, de mal gosto, para não levar “suspensão”, demonstra uma habilidade em solucionar o problema com esperteza; (ii) arrumar, decorar, preparar ambientes para que, de imediato, algum evento ocorra (festa, desfile, apresentações, premiações) sendo de interesse pessoal ou coletivo dos alunos, sendo indicativo de que são bons no improviso, para que tudo ocorra de acordo com suas vontades e desejos; (iii) solicitar atividades extras como jogar bola no horário de aula pelo atraso de um professor; ouvir música na sala de aula pela ausência do professor; ou pedir para que outro professor antecipe suas aulas pela ausência de outros docentes, demonstram a flexibilidade em encontrar soluções não convencionais ao regimento interno escolar; (iv) mentir, inventar histórias, fantasiar situações para se criar um clima de comoção coletiva, ou justificar erros pessoais, caracterizando intensa criatividade para contornar problemas de difícil aceitação; (v) emprestar cadernos com deveres já feitos para que outro colega apresente ao professor, mostrando o favorecimento pelas relações existentes entre seus pares; (vi) “colar” nas provas, achando que estão levando vantagem sobre outros colegas, sendo esta uma forma de corrupção reconhecida pelos jovens.

Na pré-adolescência, algumas práticas no ambiente escolar são caracterizadas como *jeitinho* podendo significar ações socialmente indesejáveis e que alguns estudantes podem encontrar justificativas para o ilícito, sem que suas consciências sejam censuradas (IGLESIAS, 2008). Determinados hábitos passam despercebidos devido a naturalidade que adquirem, como: “furar” a fila do lanche (ou da lanchonete); tentar conseguir vantagens ou informações de forma mais rápida por meio da amizade com professores ou da

equipe gestora; impor relações de poder com os colegas; a troca de favores envolvendo, ou não, uma recompensa; e expressar-se de forma cordial, humilde e simpática para conseguir as coisas, visando ganhos individuais ou coletivos. Por outro lado, outras práticas têm relações com ações criativas, de improviso, buscando colaborar com colegas e solucionar determinados problemas. Utilizam-se de esperteza para procurar e encontrar saídas, ainda que não sejam as convencionais, mas com aprovação social e fazem uso de suas relações pessoais usando a simpatia, o bom humor, a confiança para obter respostas imediatas, porém, sem prejuízos aos demais sujeitos.

Práticas de *jeitinho* são ações manifestadas nos ambientes e ações que expressam valores têm consequências práticas, fisiológicas e sociais, portanto, uma questão a observar é se há uma relação entre os valores dos pré-adolescentes e o *jeitinho* de eles resolverem determinadas situações.

Para elucidar a prática do *jeitinho* no ambiente escolar, compara-se o sistema burocrático das instituições com o modelo educacional arcaico de muitas escolas. Fora da escola, os indivíduos convivem com vários procedimentos burocráticos nas instituições, levando-os, muitas vezes, à busca de soluções rápidas, ou seja, a maneira pela qual se pode resolver as dificuldades sem contrariar as normas e leis. Dentro da escola, os estudantes convivem com mecanismos que demandam longos tempos de espera por resultados, um outro excesso de formalismo nas áreas acadêmica e administrativa; e com dificuldades em lidar com hierarquias (docentes, coordenação, supervisão, direção). Os estudantes também procuram soluções rápidas para muitas dessas situações, para isso: formam redes de relações interpessoais que promovam resultados imediatos; procuram burlar regras e normas como parte de um código correto de ações deliberadas; usam da criatividade para atingir resultados, e criam *jeitinhos* pela sobrevivência no cotidiano escolar que se tornam elementos corporativos à sua identidade estudantil.

Diante dos vários cenários e contextos envolvendo pré-adolescentes na escola, há de se refletir sobre até que ponto uma ação tida como *jeitinho* pode influenciar na formação desses sujeitos. Desse modo, torna-se importante investigar quais valores na pré-adolescência estariam associados aos aspectos negativos e positivos do *jeitinho brasileiro* e seus desdobramentos.

2.2.2 Resumo e discussão

Esta seção procurou abordar temas relacionados ao *jeitinho brasileiro*, um fenômeno que toma conta das sociedades, sendo por vezes criticado pelos resultados, ou aprovado com a justificativa na correção de possíveis injustiças ou demoras à espera de respostas.

Na atualidade, o Brasil vive momentos em que os valores éticos, de forma geral, são o centro de discussões nos meios de comunicação e na sociedade. São constantes os escândalos envolvendo personalidades públicas e o mundo da política, provocando reflexões sobre quais valores estão alicerçados na sociedade brasileira. Muitos desses escândalos são originários de trocas de favores, em um jogo perigoso de práticas espúrias para a solução de um impedimento.

Esses *jeitos* de resolver um problema tem outras facetas, outros *jeitinhos* de encontrar soluções. Para isto, pode-se fazer uso de habilidades como a esperteza, burlando regras e normas em busca de alguma finalidade (BARBOSA, 1992); ou estabelecer novas relações entre o impessoal com o pessoal como forma de viver e sobreviver na sociedade (DAMATTA, 1984); ou ainda, ser uma estratégia de resolução de problemas com a quebra de normas sociais (PILATI *et al.*, 2011); ou mesmo como uma estratégia individual envolvendo uma rede de relações para chegar a objetivos pessoais (FERREIRA *et al.*, 2012).

Qualquer que seja a faceta utilizada, o *jeitinho* de resolver as coisas é muito popular no Brasil, uma marca da identidade nacional brasileira, e presente em outras culturas (TORRES *et al.*, 2015). Essa prática direta de solucionar problemas é também encontrada no ambiente escolar, e na visão dos jovens pré-adolescentes, o *jeitinho* encontra-se como um divisor entre o certo ou errado, positivo ou negativo, ou: fazer a coisa certa ou fazer a coisa errada.

Para a compreensão deste evento, alguns poucos instrumentos de escala de medida de *jeitinho* têm sido ferramentas de aplicabilidade em pesquisas, priorizando o público adulto. Porém, há uma lacuna no estudo do *jeitinho* junto ao público jovem, e uma ausência de instrumento de medida adequada a esses sujeitos, motivo proposto neste trabalho de pesquisa.

Tão quanto o tema valores está presente no cotidiano do ser humano, havendo consenso na literatura que estes orientam e guiam a vida das pessoas (SCHWARTZ;

BILSKY, 1987; TAMAYO; MENDES; PAZ, 2000; TAMAYO, 2005; FERNANDES; FERREIRA, 2009), o *jeitinho* também se encontra permeando o universo humano, no qual as diferentes práticas de resolução de problemas com influências sociais têm sido foco de vários estudos. A presente pesquisa buscou compreender quais são as estruturas de valores que orientam e motivam os pré-adolescentes a escolherem o *jeitinho*.

3 PESQUISA EMPÍRICA

Essa pesquisa utilizou o método quantitativo por apresentar uma descrição numérica de tendências ou opiniões de uma população, estudando-se uma amostra dessa população (CRESWELL, 2010). Para Spratt, Walker e Robison (2004), a pesquisa quantitativa busca uma abordagem dedutiva, com base em uma teoria com um olhar sobre o fenômeno social como algo objetivo e mensurável, sendo possível realizar uma pesquisa de levantamento de atitudes com estudantes, ou um conjunto de crenças e valores.

Aos objetivos propostos de construir e validar duas escalas de medida sobre os valores pessoais de pré-adolescentes e a compreensão do *jeitinho* brasileiro e analisar a relação entre valores pessoais e o *jeitinho*, a pesquisa foi estruturada em três estudos quantitativos: (i) a elaboração e validação da escala de valores para pré-adolescentes (EVP); (ii) a elaboração e validação da escala de *jeitinho* para pré-adolescentes na escola (EJP); e (iii) as relações entre os valores e *jeitinho* dos participantes.

No presente trabalho, são utilizados métodos multivariados para análise de dados como: análise fatorial exploratória, médias, correlações, regressões múltiplas, escalonamento multidimensional e medidas de comparações de grupo como: análises de variância (ANOVA) e teste t. Cita-se que a construção da escala de medida de valores pessoais para pré-adolescentes é uma adaptação do PVQ-R (TORRES, SCHWARTZ, NASCIMENTO, 2016) baseada na Teoria de Valores Humanos Refinada de Schwartz *et al.* (2012).

A seguir serão apresentadas as etapas do trabalho, detalhando-se o processo metodológico e os respectivos resultados.

3.1 Estudo 1 - ELABORAÇÃO E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO INSTRUMENTO DE MEDIDA DE VALORES PARA PRÉ-ADOLESCENTES

O instrumento Perfil de Valores de Schwartz, ou *Portrait Values Questionnaire* – PVQ (SCHWARTZ *et al.*, 2001) foi desenvolvido para o público em geral, incluindo crianças a partir dos onze anos, idosos e pessoas com baixo nível de escolaridade, e sua estrutura lógica se ajustou razoavelmente em adolescentes ugandenses (SCHWARTZ, 2006). No PVQ, as pessoas devem responder a pergunta “Quanto esta pessoa se parece comigo?”, numa escala tipo Likert de 6 pontos (1 = muito parecido comigo até 6 = não se parece nada comigo), no qual o respondente se coloca no lugar de uma outra pessoa, e os valores são deduzidos a partir dos relatos de similaridades com as pessoas descritas implicitamente nas frases.

Em um estudo exploratório, o PVQ foi empregado em uma amostra de crianças e jovens (DÖRING, 2010) que, durante o processo de aplicação do instrumento foi observado que o mesmo “impunha altas demandas às habilidades de linguagem, capacidade cognitiva e capacidade de pensamento abstrato das crianças” (DÖRING, 2010, p. 564). Fato semelhante ocorreu em uma pesquisa realizada com os estudantes do ensino fundamental de uma escola no Distrito Federal (LAPA, 2014) em que, ao responderem o PVQ as crianças demonstraram deficiência cognitiva ao se colocarem no lugar de uma outra pessoa. Outra dificuldade demonstrada pelas crianças centrou na semântica em que, algumas frases foram mal interpretadas pelos estudantes, gerando perguntas e dúvidas no momento da aplicação dos questionários (LAPA, 2014).

Valendo-se do fato de que a teoria de valores humanos de Schwartz foi refinada, com acréscimo de novos valores e o desmembramento de outros, expressando melhor e mais precisamente que os valores formam um *continuum* motivacional circular, com base nas motivações de compatibilidade e conflito, expressos no foco social e pessoal (SCHWARTZ *et al.*, 2012), considera-se importante desenvolver um instrumento que possibilite investigar os valores dos pré-adolescentes com base neste modelo teórico reformulado.

Portanto, a proposta de um novo instrumento para pré-adolescentes tem alicerce na teoria *revisada* de valores humanos de Schwartz *et al.* (2012), e no *Portrait Values*

Questionnaire – Refined, ou, o PVQ-R adaptado para o Brasil (TORRES, SCHWARTZ; NASCIMENTO, 2016) com a finalidade de mapear a estrutura de valores dos participantes.

3.1.1 A adaptação do PVQ-R para a escala de valores para pré-adolescentes

3.1.1.1 Método

3.1.1.1.1 Amostra

A amostra consistiu de dois grupos de estudantes. O primeiro foi composto por 38 participantes que analisou a semântica dos 57 itens originais do PVQ-R e o segundo grupo com 89 estudantes distribuídos em três turmas dos 6º anos que analisou a concordância dos nomes com os símbolos que representam a escala Likert – imagens com carinhas *emojis* – para as marcações das respostas. A faixa etária foi de dez a treze anos do ensino fundamental II.

Além desses, participaram quatro especialistas em Língua Portuguesa que verificaram a semântica dos itens propostos pelos estudantes e aplicaram o instrumento-piloto nas salas de aula, e oito juízes que verificaram se os itens propostos pelos estudantes estão se referindo, ou não, a um traço latente em relação a seus atributos.

3.1.1.1.2 Estratégias

Foram realizadas **rodas de conversa** com os estudantes visando encontrar a melhor semântica nas frases adaptadas do PVQ-R e, posteriormente, construir um questionário para mapear seus valores pessoais, de modo a permitir sua validação como instrumento adaptativo. Posteriormente, as frases adaptadas foram analisadas pelos especialistas em Língua Portuguesa e pelos juízes na temática sobre valores.

3.1.1.1.3 Instrumento

Para esta amostra, foi aplicado o *Portrait Values Questionnaire – Refined*, ou PVQ-R adaptado para o Brasil (TORRES, SCHWARTZ; NASCIMENTO, 2016) para verificar o nível de interpretação dos itens pelos estudantes.

O PVQ-R consiste de 57 itens com afirmações que descrevem pessoas diferentes, cada uma com as metas, aspirações ou desejos implicitamente relacionados aos 19 valores da teoria refinada de Schwartz *et al.*(2012). Os participantes devem se comparar às pessoas descritas utilizando uma escala tipo Likert de seis pontos (1 = não se parece nada comigo até 6 = se parece muito comigo). “É importante para ele ouvir e compreender as pessoas que são diferentes dele” e “É importante para ele planejar suas atividades de forma independente” são exemplos de itens do PVQ-R, dos valores universalismo-tolerância e autodireção-ação, respectivamente.

3.1.1.1.4 Procedimentos

A aplicação do PVQ-R foi realizada em sala de aula. Foi observado a compreensibilidade de cada item pelos estudantes.

Este procedimento permitiu observar que (i) a quantidade de itens é longa para este público; (ii) a semântica dos itens apresentou determinada dificuldade; e (iii) houve dificuldade na interpretação quanto aos relatos de similaridade com as pessoas descritas, implicitamente, pelos itens. Ao término dessa atividade, realizou-se uma releitura do PVQ-R nessas turmas, com os itens agrupados a seus respectivos valores, na intenção de que os estudantes apontassem as frases com o menor poder interpretativo em relação ao conjunto disponibilizado. Nesta roda de conversa, cerca de 92% dos estudantes indicaram semelhantes dificuldades quanto às interpretações e aos sentidos nas frases.

Vistos estas dificuldades, dois grupos de especialistas em Língua Portuguesa analisaram as frases do PVQ-R: o primeiro, destacou a ausência ou não do significado semântico nos agrupamentos compostos por cada tipo motivacional, observadas na esfera da compreensão dos estudantes; e o segundo dialogou em sala de aula com seus alunos a respeito dessas frases, efetuando um exercício de interpretação, observando as sugestões e apontamentos nas dificuldades apresentadas, conforme as intervenções dos estudantes. Em ambos, o objetivo foi o olhar dos pré-adolescentes para as frases. Exemplo: pela teoria refinada de valores humanos de Schwartz *et al.*(2012), os três itens do tipo motivacional de segurança-pessoal, cuja motivação é a segurança no seu ambiente imediato, quando a pessoa se sente integrada, e sente que outros se importam com ela, foram observadas pelos pré-adolescentes conforme Tabela 10:

Tabela 10: Os três itens das motivações do valor segurança-pessoal do PVQ-R

Nº.	Itens motivacionais do valor segurança-pessoal
13	É importante para ele evitar doenças e proteger a sua saúde
26	É importante para ele estar seguro pessoalmente
53	É importante para ele evitar qualquer coisa perigosa

Ao lerem os itens, houve consenso entre os estudantes que a frase “É importante para ele estar seguro pessoalmente” indicava um menor grau de compreensibilidade na similaridade em relação às demais. Todos os tipos motivacionais foram observados por estas estratégias, e como critério, um dos três itens de cada tipo motivacional foi excluído da proposta de adaptação da escala para pré-adolescente. Com as intervenções dos estudantes nas frases do PVQ-R, as sugestões foram acolhidas preservando regras e critérios na (re)elaboração individual e coletiva dos itens, visando, segundo Pasquali (2010):

- expressar um comportamento, e não uma abstração;
- ter maior objetividade, expressando desejabilidade e preferências;
- obter frases curtas com expressões simples com um linguajar típico da população alvo e sem utilizar expressões extremadas;
- alcançar frases consistentes com as outras frases que cobrem o mesmo tipo motivacional;
- possuir uma posição definida no contínuo do atributo;
- evitar monotonia e cansaço com expressões repetitivas, nem extremadas;
- cobrir todo o traço latente;
- manter uma proporção adequada no contínuo;

Após a coleta de sugestões dos estudantes as frases obtiveram uma semântica condizente com a ótica desse público específico, fundamentado em que os pré-adolescentes conseguem refletir sobre suas ações no mundo (PIAGET, 1994), chegando a

confrontar seus valores com outros (KOHLBERG, 1981), ora por rebeldia, ora por impaciência, ora por firmarem suas próprias ideias (WALLON, 1995) atrelado ao fato de que os processos de pergunta-resposta mediados pelas redes sociais (GOMES; CANIATO, 2016) ocorrem de forma imediata, sem interlocutores. Essas constatações asseguram com que os estudantes respondam as frases do questionário de forma direta e objetiva, sem as comparações com outras pessoas, possibilitando, entre outras sensações, um sentido pessoal de vida (ELKONIN, 1987) e segurança ao se identificarem, ou não, com os valores subentendidos pelas frases.

Esta análise teórica parcial dos itens – a semântica – foi realizada pelos sujeitos da própria população para o qual se objetiva a construção da escala para pré-adolescentes tendo a preocupação em atingir os dois estratos (menor e maior idades) da população meta (PASQUALI, 2010, 2013), e por especialistas na área, tencionando reduzir a dificuldade na compreensão dos itens. Em uma outra análise teórica dos itens – análise de conteúdo –, participaram doze juízes, pesquisadores e estudiosos na teoria de valores de Schwartz, para verificar se os itens propostos estão se referindo, ou não, a um traço latente em relação a seus atributos.

Como instrumento de análise, utilizou-se uma escala Likert de 5 pontos (1 = nada importante e 5 = extremamente importante), sendo: (i) uma das mais utilizadas (PASQUALI, 2010, 2013); (ii) o quantitativo de pontos ser par ou ímpar é considerado irrelevante (PASQUALI, 2010; CURADO; TELES; MARÔCO, 2014) e (iii) adequado ao público estudado. Cabe destacar que alguns estudiosos (SWAIT; ADARNOWICZ, 2001; WEATHERS; SHARMA; NIEDRICH, 2005 *apud* DALMORO; VIEIRA, 2013) argumentam que quando o número de opções é muito grande, o indivíduo pode apresentar uma pré-disposição a manter a mesma resposta ao longo do instrumento (efeito status quo). Apesar disto, Dalmoro e Vieira (2013) detectaram que o aumento do número de categorias utilizadas no questionário aumenta a consistência interna do instrumento, e um questionário com pequeno número de categoriais resulta em uma baixa variabilidade e confiabilidade.

3.1.1.1.5 Análise de dados

As informações obtidas nas rodas de conversa foram investigadas por grupos de especialistas e juízes para posterior construção do instrumento piloto, corroborando

a Teoria Refinada de Valores de Schwartz *et al.*(2012) e os conceitos pertinentes. Cada frase foi analisada segundo a pertinência de cada tipo motivacional da teoria suporte. Todas as observações foram registradas.

3.1.1.2 Resultados

Evidências de validade da análise semântica dos itens

Um grupo de 38 estudantes do 7º ano, analisou a semântica dos 57 itens originais do PVQ-R e outros 89 estudantes distribuídos em três turmas dos 6º anos, analisaram a concordância dos nomes com os símbolos que representam a escala Likert – imagens com carinhas *emojis* – para as marcações das respostas.

Inicialmente, em substituição gráfica à escala Likert, foram expostos diversos símbolos dos *emojis*, por serem úteis para transmitir mensagens de modo rápido, sem a necessidade de escrever textos explicativos e muito utilizados nas redes sociais, incluindo, pré-adolescentes. A Figura 4 demonstra algumas das imagens disponibilizadas para as três turmas dos 6º anos:



Figura 4 : Exemplos de carinhas *emojis* analisadas por juízes estudantes

Às várias imagens disponibilizadas, solicitou-se que fossem indicadas as que representassem as denominações da escala Likert: “Nada importante”, “Pouco importante”, “Importante”, “Muito importante” e “Extremamente importante”. A exposição de imagens disponibilizada aos pré-adolescentes permitiu a seleção das seguintes imagens e seus respectivos significados na escala Likert, conforme Figura 5:

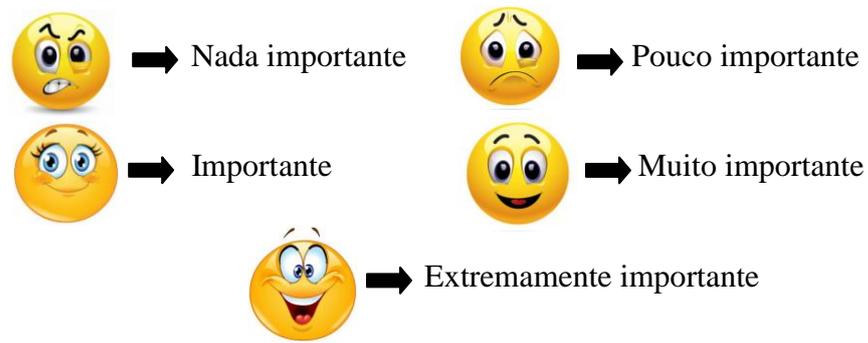


Figura 5 : Carinhas *emojis* selecionadas pelos juízes estudantes

O resultado estatístico da roda de conversa com as três turmas dos 6º anos sobre as imagens selecionadas para a escala Likert, é apresentada na Tabela 11:

Tabela 11: Resultado estatístico das carinhas *emojis* selecionadas para a escala

	Qtde de estudantes que optaram pela imagem selecionada	Porcentagem (%) de estudantes que optaram pela imagem selecionada
Nada importante	77	86,51
Pouco importante	66	74,15
Importante	63	70,78
Muito importante	52	58,42
Extremamente importante	73	82,02
Total de estudantes	89	100%

A análise semântica dos itens foi realizada em quatro etapas. A primeira, com a aplicação do PVQ-R a 38 estudantes do 7º ano. A segunda, pela releitura deste instrumento com agrupamentos dos três itens de cada tipo motivacional do instrumento original, no qual, nesta roda de conversa, cerca de 92% dos estudantes indicaram dificuldades semelhantes quanto às interpretações e aos sentidos nas frases. Como consequência, um item de cada tipo motivacional foi excluído por apresentar o maior índice percentual de dificuldade, permanecendo 38 itens, dois itens para cada tipo de valor, que foram adaptados pelo olhar dos estudantes, como juízes da própria população (PASQUALI, 2013). Resultado semelhante apresenta-se na versão reduzida do Questionário de Perfis de Valores Pessoais (Schwartz, 2005), o PVQ-21, no qual foram selecionados dois itens do questionário original

para representar cada um dos dez tipos motivacionais da teoria, exceto para o valor universalismo com três itens (CAMPOS; PORTO, 2010).

A terceira e quarta etapas foram realizadas por juízes e especialistas na análise de conteúdo do instrumento piloto. A terceira etapa, composta por oito juízes pesquisadores e estudiosos no modelo teórico de Schwartz, analisou cada frase (re)formulada pelos pré-adolescentes e sua pertinência às dimensões motivacionais da teoria suporte, seguindo as orientações para análise dos juízes segundo Pasquali (2013). O resultado indicou 34 itens retidos na escala, com mais de 80% de concordância. As maiores discordâncias ocorreram em quatro itens: um de segurança-pessoal, de benevolência-dependência, e nos dois de conformidade-interpessoal. A diferença de opiniões foi solucionada com as sugestões dos juízes para mudanças nas frases. A Figura 6 expõe o quantitativo de juízes, dentre os oito convidados, que tiveram concordância nos itens (re)elaborados da escala para pré-adolescentes e sua similaridade com os tipos motivacionais da teoria de valores refinada de Schwartz.

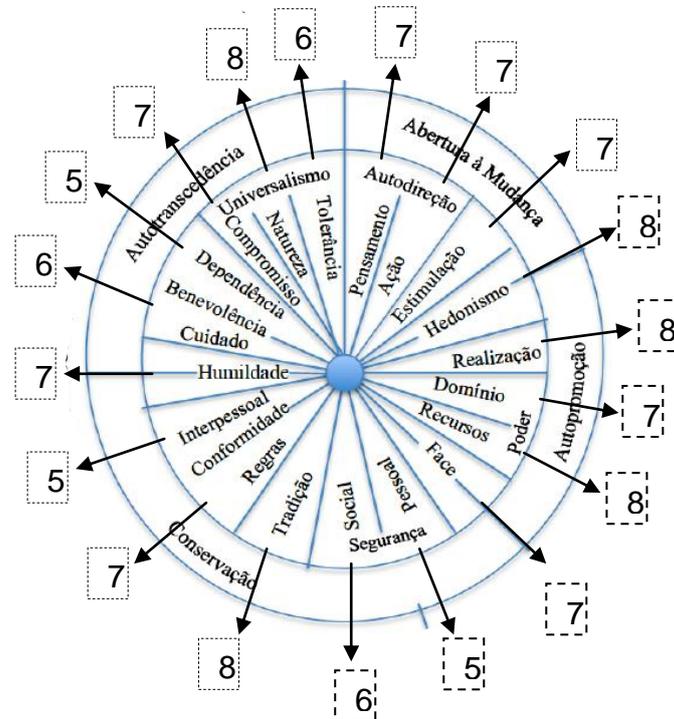


Figura 6: Quantidade de juízes que concordaram com a semântica dos itens

A quarta etapa foi composta por especialistas em Língua Portuguesa que realizou um exercício de interpretação dessas frases com seus alunos em sala de aula.

Desta forma, definiu-se o instrumento piloto de medida de valores denominado Escala de Valores para Pré-adolescentes – EVP, adaptado à realidade dos participantes e submetidos à validação semântica, à análise por juízes, e à validação estatística. É formada por uma escala tipo Likert de 5 pontos (1 = nada importante e 5 = extremamente importante).

3.1.2 Evidências de validade estatística da escala EVP

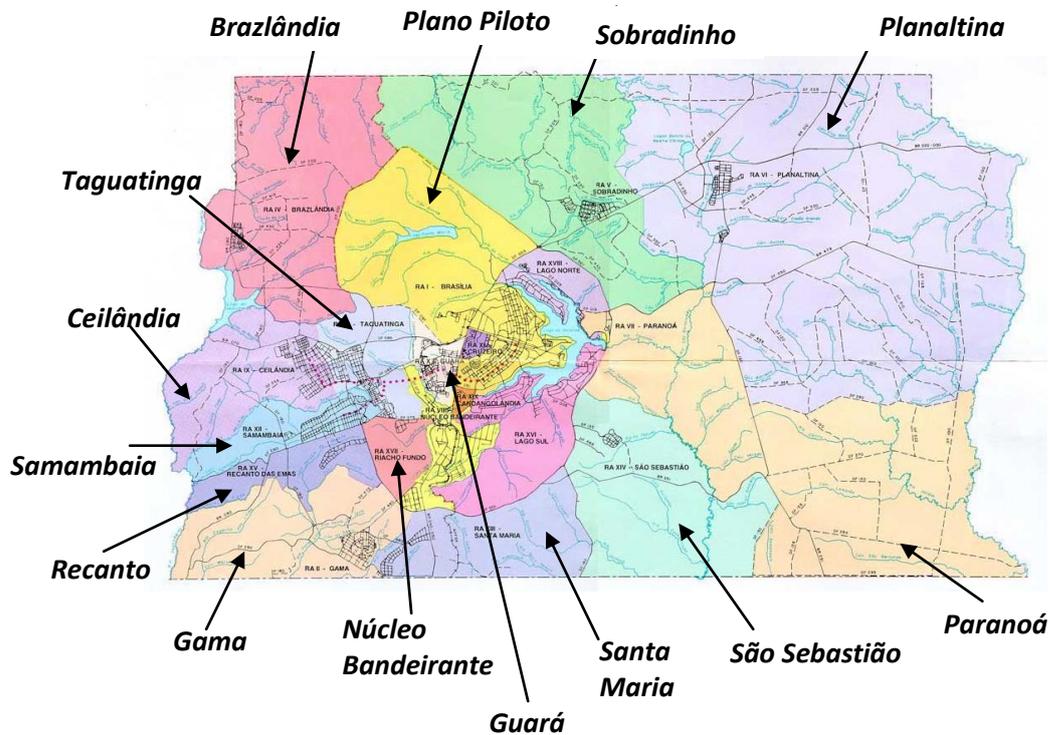
3.1.2.1 Método

Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada nas instituições públicas de ensino da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Na SEEDF, as instituições de ensino (escolas) são vinculadas às Coordenadorias Regionais de Ensino (CRE), que são unidades orgânicas de coordenação e supervisão, diretamente subordinadas ao Secretário de Estado de Educação, cujas atribuições são coordenar, orientar, articular e supervisionar, no âmbito de sua área de atuação e junto às escolas, as políticas educacionais, administrativas e de aperfeiçoamento dos profissionais da educação (SEEDF, 2019). Atualmente, são quatorze as CREs e estão distribuídas nas 31 Regiões Administrativas (RA), antigas cidades satélites, do Distrito Federal.

Segue Figura 7 com o mapa do Distrito Federal e a localização geográfica das quatorze CREs visitadas:

Figura 7: Distribuição geográfica das CREs no Distrito Federal



Fonte: Autor desta presente pesquisa.

3.1.2.1.1 Amostra

A amostra constituiu-se de 3271 estudantes, denominados de *participantes ou pré-adolescentes* para fins de clareza pelo público da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Destes, 1742 do gênero feminino (53,3%) e 1529 do masculino (46,7%), distribuídos entre as faixas etárias de 10 anos (N=14), 11 (N=1267), 12 (N=1564) e 13 anos (N=426), com média de idade de 11,73 anos e desvio padrão de 0,681. Os participantes estão matriculados nos 6º e 7º anos do ensino fundamental II, em escolas da zona urbana das quatorze Coordenadas Regionais de Ensino (CRE) do Distrito Federal (DF), perfazendo um total de 39% do total das instituições de ensino do DF com o perfil dos participantes.

3.1.2.1.2 Estratégias

Foi aplicado um *survey* em todas as escolas que participaram da pesquisa para investigar os valores pessoais dos pré-adolescentes, por meio de um questionário, de modo a permitir um diagnóstico dos valores desses participantes.

3.1.2.1.3 Instrumento

Foi utilizado o instrumento de medida de valores denominado Escala de Valores para Pré-adolescentes – EVP. O EVP contém 38 itens, com afirmações que representam os valores, aos quais os participantes devem se comparar usando uma escala Likert de cinco pontos, onde 1 = nada importante até 5 = extremamente importante. “Fazer coisas perigosas que fazem a minha vida ficar emocionante” e “Ser um amigo fiel e que todos confiem em mim” são exemplos de itens do EVP.

3.1.2.1.4 Procedimentos

No âmbito da SEEDF, a autorização foi concedida para que a pesquisa percorresse todas as CREs (APÊNDICE A) sendo, na escola, autorizada pela direção e professores (APÊNDICE B).

Nas salas de aula, os questionários foram aplicados pelo pesquisador. No início da aplicação, foi explicado o objetivo da pesquisa; a garantia do sigilo e anonimato; a inexistência de respostas certas ou erradas; e que as opiniões eram individuais.

3.1.2.1.5 Análise de dados

As análises estatísticas foram iniciadas com as estatísticas descritivas univariadas das variáveis pesquisadas, utilizando o *software Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS, versão 23, em seguida realizou-se uma inspeção dos dados verificando os pressupostos estatísticos necessários para se atingir um dos objetivos da pesquisa – validar um instrumento de medida. Nesta etapa, verificou-se a normalidade, a linearidade e homocedasticidade dos dados.

Verificados os pressupostos, executou-se a análise fatorial na tentativa de obter parcimônia nos relacionamentos – a interdependência – entre as variáveis do questionário para encontrar um modo de condensá-las em um conjunto menor de novas variáveis estatísticas (fatores) (HAIR *et al.*, 2009). Foi realizada uma análise fatorial exploratória envolvendo (i) a verificação da adequabilidade do padrão de correlação entre as variáveis; (ii) definição do tipo de técnica utilizada para extrair os fatores e do número de fatores a serem extraídos; (iii) definição do procedimento de rotação a ser utilizado para direcionar os fatores; (iv) interpretação dos resultados gerados.

A avaliação da adequabilidade da matriz de dados foi feita a partir da verificação dos valores presentes na diagonal da matriz anti-imagem e a partir dos testes de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e de Bartlett. Optou-se pelo método de componentes principais, por ser o mais utilizado quando o seu objetivo é basicamente encontrar a quantidades de fatores a serem extraídos da matriz variáveis. A quantidade de fatores foi determinada pelos critérios dos autovalores iguais ou superiores a um; pelo gráfico do *scree plot* ; o percentual de variância explicada por cada fator; a variância total explicada e o significado teórico entre o agrupamento das variáveis de um mesmo fator (HAIR *et al.*, 2009; MAROCO, 2007).

Para a extração de fatores, foi utilizado o método de fatoração dos eixos principais (*Principal Axis Factoring* – PAF), com rotação Promax para extração dos fatores, que pressupõe a existência de correlações entre as variáveis coletadas. Foram verificados os índices de consistência interna pelo Alfa de Cronbach (α) (HAIR *et al.*, 2009; MAROCO, 2007). Após a definição dos fatores, fez-se a análise teórica confirmando o conteúdo semântico dos itens em cada fator. Para a investigação estatística das relações entre as variáveis coletadas e os fatores extraídos, foram utilizadas as técnicas de análise de variância – ANOVA, médias, correlações, regressões lineares múltiplas hierárquicas, testes-t independentes e a técnica de escalonamento multidimensional (MDS).

3.1.2.2 Resultados

Análise descritiva dos participantes

Desta amostra, encontramos nos dados demográficos informações que permitiram análises mais detalhadas da população estudada.

A Tabela 12 informa o turno de estudo dos participantes:

Tabela 12: Dados estatísticos da amostra por PERÍODO

	Período		
	Frequência	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Matutino	1533	46,9	46,9
Vespertino	1738	53,1	100,0
Total	3271	100,0	

A Tabela 13 é precisa no quantitativo de estudantes por faixas etárias, possibilitando análises comparativas nos desejos e aspirações desse público:

Tabela 13: Dados estatísticos da amostra por IDADE

	Idade (em anos)		
	Frequência	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
10	14	0,4	0,4
11	1267	38,7	39,2
12	1564	47,8	87,0
13	426	13,0	100,0
Total	3271	100,0	

A escolaridade dos sujeitos viabilizou compreender os diversos comportamentos dos participantes, cujos dados constam na Tabela 14:

Tabela 14: Dados estatísticos da amostra por ESCOLARIDADE

	Escolaridade		
	Frequência	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
6º.ano	2832	86,6	86,6
7º.ano	439	13,4	100,0
Total	3271	100,0	

Segue Tabela 15 com a exposição do quantitativo de escolas visitadas por CRE:

Tabela 15: Quantidade de escolas e turmas visitadas por CRE

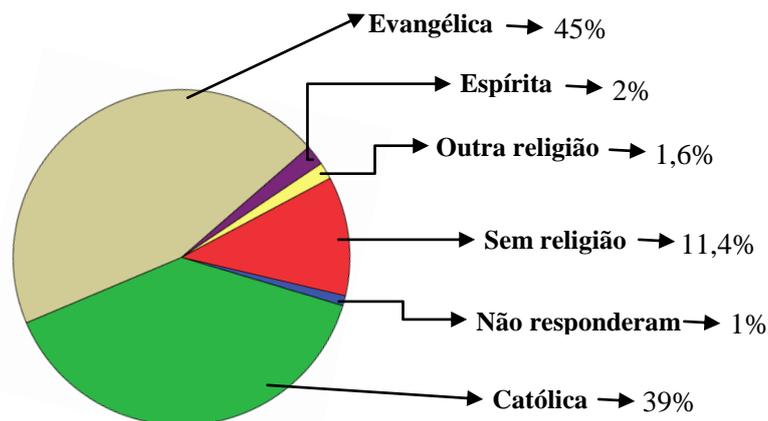
CRE	Qtde de escolas visitadas	Qtde de turmas	Qtde de alunos
Brazlândia	3	9	237
Ceilândia	5	14	287
Gama	4	13	192
Guará	3	8	133
Núcleo Bandeirante	3	10	234

Paranoá	3	9	202
Planaltina	4	10	219
Plano Piloto	5	14	267
Recanto	4	12	247
Samambaia	4	12	290
Santa Maria	4	11	276
São Sebastião	3	9	241
Sobradinho	4	10	206
Taguatinga	5	14	240
Total	54	115	3.271

A coleta inicial continha 3.621 questionários aplicados, sendo encontrados 65 sujeitos fora da faixa etária e 16 eliminados por responderem sem a leitura devida, fato detectado pelo pesquisador por verificar a falta de interesse nesses sujeitos.

A Figura 8 mostra a religião informada pelos participantes:

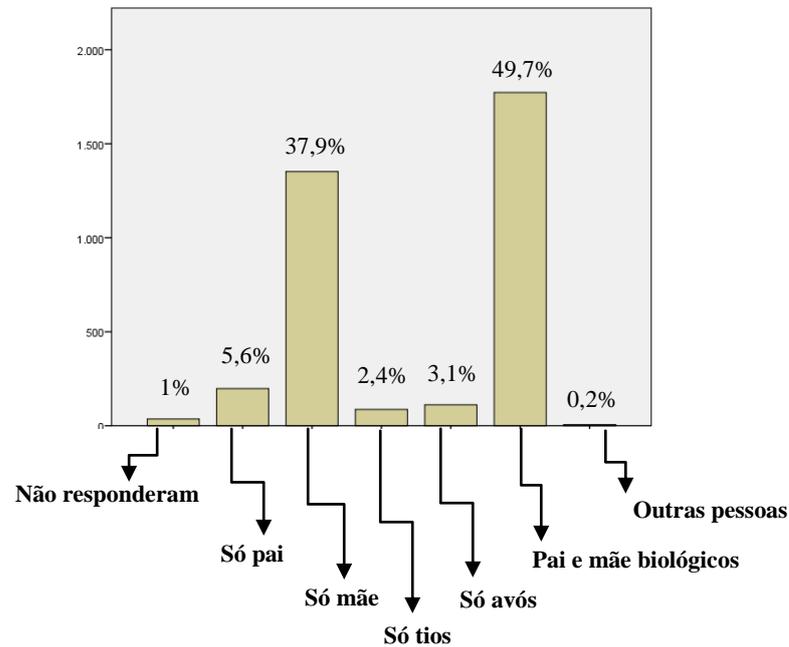
Figura 8 : Religião informada pelos participantes



Aponta-se que 58 sujeitos responderam ter “outra religião”, porém, percebeu-se a desinformação quanto a designação dos nomes de suas igrejas que, mesmo estando sob a égide da religião evangélica, exemplo: a igreja Assembléia de Deus, foi citada como sendo “outra religião”.

Em outro quesito, os sujeitos responderam a respeito dos membros familiares que moram consigo. A figura 9 expõe os resultados:

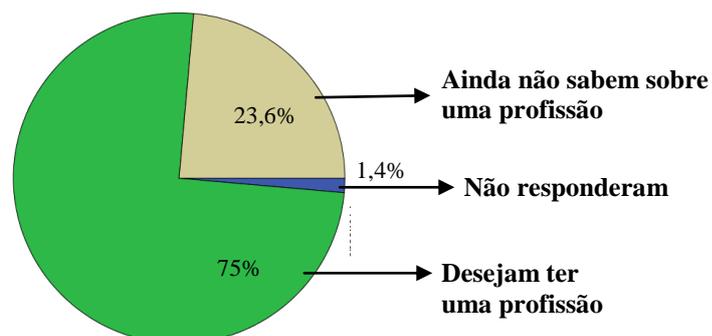
Figura 9: Os entes familiares que moram com os participantes



Observam-se que as designações “só pai”, “só mãe”, “só tios”, “só avós”, representam a ausência do outro ente familiar biológico, sendo informada a presença de padrastos, madrastas ou irmãos. Em muitos casos, a categoria “pai e mãe biológicos” (49,7%) é composta por irmãos, primos, tios e avós. Na categoria “outras pessoas”, encontramos citações de moradia com irmãos, primos, padrinhos e madrinhas.

Os participantes responderam sobre o desejo de ter uma profissão no futuro, podendo citá-la ou optar por não saber o que querem ser, conforme indicação na Figura 10. Neste quesito, destacam-se as profissões de jogador de futebol, médico(a), veterinário (a), advogado(a) e policial.

Figura 10: O desejo dos participantes em ter uma profissão no futuro



3.1.2.2.1 Análise de dados - pressupostos iniciais

A fase inicial preparatória para as análises estatísticas tratou de investigar se um conjunto de pressupostos estatísticos está presente nos dados coletados, seguindo as orientações de Hair *et al.* (2009); Field (2009); Neiva, Abbad e Trócolli (2007); e Pilati e Porto (2008). Foram verificados:

Dados ausentes:

Foram detectados alguns casos faltantes, porém, recorreu-se aos instrumentos constatando erros de digitação, sendo efetivada sua correção.

Casos extremos :

Na presença de *outliers* foi utilizado o critério da distância de Mahalanobis, para um intervalo de 95% e probabilidade de $p < 0,0001$, com um ponto de corte no valor de 73,402, pela análise dos valores críticos da distribuição qui-quadrado para $gl=40$.

Normalidade :

O pressuposto da normalidade foi avaliado de três formas: (i) pelos testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk, que revelaram a ausência de distribuição normal; (ii) pelos índices de skewness e kurtosis, cujos valores iniciais foram bem próximos de zero, sendo necessário verificar a significância deles por meio do *Score Z*, a um nível de significância de 0,05, porém, a maioria das variáveis evidenciava um *Score Z* maior que $\pm 1,96$, indicando ausência de normalidade. A terceira forma (iii) foi pelos gráficos da distribuição – histogramas – nos quais é possível verificar que as variáveis seguem uma distribuição normal, como a Figura 11 demonstra:

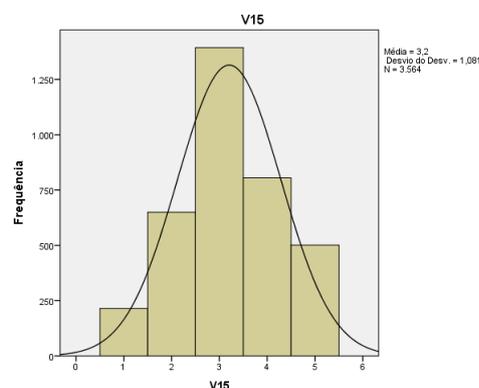


Figura 11: Histograma da variável V15 – As pessoas reconhecerem o que eu faço

Linearidade :

Foi verificada visualmente com gráficos de dispersão – gráfico PP normal – indicando um padrão linear das variáveis e a análise dos resíduos.

Multicolinearidade :

Para se avaliar a multicolinearidade nos dados da amostra, aplicamos as medidas de tolerância e sua inversa, o fator de inflação de variância (VIF), dessa forma, as variáveis forneceram índices de tolerância acima de 0,2 e os valores de $VIF < 10$, indicando a ausência de multicolinearidade.

Homoscedasticidade :

Utilizou-se o teste de Levene para testar a homoscedasticidade nas variáveis dependentes entre os grupos definidos pelas variáveis independentes, e encontramos maioria das variáveis testadas com um índice não significativo ($p > 0,05$) mantendo a suposição de variância homogêneas, bem como nos gráficos de dispersão ZPRED vs ZRESID.

3.1.2.2.2 Análise fatorial exploratória da escala EVP

A análise fatorial (AF) é uma técnica exploratória de dados que objetiva descobrir e analisar a estrutura de um conjunto de variáveis interrelacionadas de modo a construir uma escala de medida para fatores que de alguma forma controlam as variáveis originais (MAROCO, 2007). A AF usa as correlações observadas entre as variáveis originais para estimar os fatores comuns e as relações estruturais que ligam os fatores latentes às variáveis.

A análise fatorial exploratória (AFE) é um dos meios mais utilizados para verificar a unidimensionalidade de itens, através das verificações de relações de interdependências (correlações) entre um grupo de variáveis e um conjunto de dimensões latentes, chamados fatores (HAIR, *et al.*, 2009).

Inicialmente, a escala de medida de valores para pré-adolescentes foi submetida à análise de componentes principais (ACP) para estimar os componentes a serem gerados na AF, a fatorabilidade da matriz e a possibilidade de se prosseguir com a análise fatorial. A escala apresentou uma matriz de correlações com índices próximos ou superiores a

0,3; um índice de adequação amostral Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) igual a 0,878, indicando possuir um grau admirável, ou muito bom de ajuste à análise fatorial (FIELD, 2009); e o teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(703) = 22529,906$, $p < 0,001$], que testa a hipótese nula de que a matriz de correlação original é uma matriz de identidade, foi altamente significativo, indicando uma baixa probabilidade de que a matriz pesquisada seja uma matriz identidade (NEIVA; TRÓCCOLI; ABBAD, 2007; HAIR, 2009), de acordo com a Figura 12. Do exposto, há indícios de relações entre as variáveis estudadas, logo, é recomendável o uso da análise fatorial.

Teste de KMO e Bartlett		
Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.		,878
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	22529,906
	gl	703
	Sig.	,000

Figura 12: Teste de KMO e Bartlett da matriz de correlações da escala EVP

Analisando a matriz anti-imagem das covariâncias e correlações, que contém medidas de adequação da amostra – KMO – para cada variável ao longo da diagonal, foram encontrados valores acima de 0,5 em todas as variáveis. A média dos índices de KMO na diagonal é de 0,863, demonstrando haver altos valores em cada variável, e os elementos fora dessa diagonal possuem valores próximos a zero, com média geral igual a -0,021, indicando a possibilidade de se obter uma boa análise dos fatores (FIELD, 2009).

As comunalidades, que representam a quantidade das variâncias (correlações) comuns presentes em cada variável, indicaram não haver problemas, pois, não apresentaram valores extremos (muito próximos de 0 ou 1).

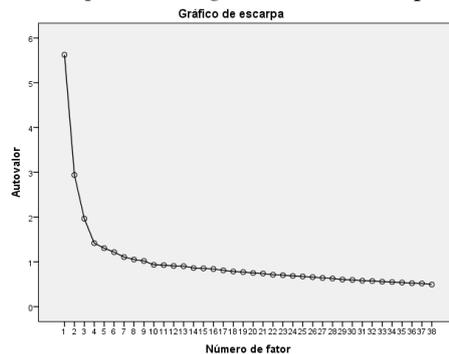
Para estabelecer a quantidade de fatores da escala para pré-adolescentes, utilizamos das informações geradas pela ACP, informando os autovalores (*eigenvalues*) e os respectivos percentuais da variância explicada e acumulada, demonstrados na Tabela 16, além do gráfico de *scree plot*.

Tabela 16: Análise dos componentes principais da escala proposta

Variância total explicada						
Componente	Autovalores iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa
1	5,626	14,804	14,804	5,626	14,804	14,804
2	2,941	7,740	22,544	2,941	7,740	22,544
3	1,965	5,170	27,714	1,965	5,170	27,714
4	1,418	3,732	31,446	1,418	3,732	31,446
5	1,306	3,437	34,883	1,306	3,437	34,883
6	1,218	3,204	38,087	1,218	3,204	38,087
7	1,108	2,915	41,002	1,108	2,915	41,002
8	1,054	2,773	43,775	1,054	2,773	43,775
9	1,021	2,686	46,461	1,021	2,686	46,461
10	,934	2,458	48,919			
11	,929	2,444	51,363			
12	,910	2,394	53,756			
13	,904	2,378	56,134			
14	,863	2,271	58,405			
15	,856	2,251	60,657			
16	,841	2,214	62,870			
17	,810	2,133	65,003			
18	,787	2,071	67,074			
19	,772	2,031	69,104			
20	,751	1,977	71,081			
21	,741	1,949	73,030			
22	,713	1,877	74,907			
23	,703	1,849	76,756			
24	,686	1,805	78,561			
25	,675	1,776	80,338			
26	,660	1,736	82,074			
27	,642	1,689	83,763			
28	,629	1,654	85,417			
29	,606	1,596	87,013			
30	,598	1,574	88,586			
31	,580	1,526	90,112			
32	,573	1,508	91,620			
33	,558	1,470	93,089			
34	,551	1,449	94,539			
35	,538	1,417	95,956			
36	,524	1,380	97,336			
37	,518	1,364	98,700			
38	,494	1,300	100,000			

Método de Extração: Análise de Componente Principal.

Observando o gráfico de escarpa – *scree plot*, verificamos indícios da existência de quatro a nove fatores, conforme mostra a Figura 13, o que foi explorado para verificar a melhor opção.

Figura 13: *Scree plots* dos *eigenvalues* na ACP para a EVP

Pelo índice da variância explicada total, onde cada componente tem no mínimo 3% da variância explicada, encontramos a possibilidade de extrair seis fatores, porém, os últimos fatores acrescentam pouco a esta variância, além de surgirem fatores com baixos índices de correlação e outros com apenas 2 itens em sua composição. O critério dos autovalores (*eigenvalues* > 1) indica a extração de nove fatores, mas, além de não se adequarem à questão teórica, estes apresentaram itens com baixa correlação; fatores com Alfa de Cronbach muito baixo ($\alpha = 0,481$) e fatores com apenas 2 itens em sua composição, indicando ser inaceitável prosseguir com a análise fatorial. Pela plotagem dos *eigenvalues*, o gráfico de *scree plot* indica a extração de quatro componentes com uma variância total explicada de 31,44%, sendo inferior aos 38,09% com seis fatores, logo, desfavorável à extração para essa quantidade de componentes; além de conter diferentes fatores com itens de um mesmo tipo motivacional dificultando a interpretação teórica dos agrupamentos. Fato semelhante ocorreu após extrações com 3 fatores.

A inexistência de um critério consensual para definir quantos fatores devem ser extraídos, permite que a literatura aponte alguns métodos que podem auxiliar o pesquisador a tomar uma decisão, como os utilizados: a regra do *eigenvalue* > 1 (critério de Kaiser-Guttman); o teste do *scree plot* (teste de Castell); o critério da variância acumulada; e mais: o critério baseado no teste de qui-quadrado de Bartlett; o método das análises paralelas de John L. Horn; o critério da média mínima de correlações parciais de Wayne F. Velicer (FIGUEIREDO; SILVA, 2010); e um novo método de retenção fatorial intitulado método Hull, desenvolvido por Ceulemans e Kiers em 2006 e adaptado para o uso na AFE por Lorenzo-Seva *et al.* em 2001 (DAMÁSIO, 2012).

Na definição da extração de fatores, além dos critérios estatísticos, é importante basear-se em razões teóricas, unindo, em termos conceituais, as relações entre as

variáveis observadas e os fatores. Diante do exposto, efetuamos uma extração com dois fatores, observando a existência de significado teórico e a semelhança semântica entre as variáveis associadas em um mesmo fator, havendo coerência nos agrupamentos dos itens nas dimensões superiores da Teoria de Valores Refinada de Schwartz *et al.*(2012), destacando os itens nos focos social e pessoal, e este foi o fator norteador da exploração.

Em seguida, foi realizada uma análise fatorial exploratória com o método *Principal Factor Extraction* (PAF) ou fatoração pelo eixo principal, utilizando o método *oblíquo* com rotação *Promax* em todas as 38 variáveis originais, permanecendo 30 variáveis que contribuíram para a mensuração dos fatores. Estes resultados estão disponíveis na Tabela 17:

Tabela 17: Extração da análise fatorial exploratória da escala EVP

Variância total explicada							
Fator	Autovalores iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado			Somas de rotação de carregamentos ao quadrado
	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa	Total
1	5,083	16,945	16,945	4,316	14,388	14,388	4,304
2	2,627	8,758	25,703	1,820	6,067	20,455	1,903
3	1,630	5,433	31,135				
4	1,221	4,069	35,204				
5	1,164	3,880	39,084				
6	1,107	3,691	42,776				
7	0,983	3,277	46,053				
8	0,932	3,108	49,160				
9	0,915	3,051	52,211				
10	0,884	2,947	55,158				
11	0,849	2,832	57,989				
12	0,829	2,765	60,754				
13	0,820	2,732	63,486				
14	0,797	2,656	66,142				
15	0,784	2,612	68,753				
16	0,750	2,500	71,254				
17	0,736	2,452	73,706				
18	0,720	2,400	76,106				
19	0,695	2,315	78,421				
20	0,679	2,262	80,683				
21	0,660	2,201	82,884				
22	0,647	2,156	85,040				
23	0,628	2,094	87,134				
24	0,616	2,052	89,187				
25	0,584	1,948	91,135				
26	0,566	1,886	93,021				
27	0,543	1,810	94,831				
28	0,534	1,780	96,611				
29	0,518	1,727	98,337				
30	0,499	1,663	100,000				

Método de Extração: Fatoração pelo Eixo Principal.

Com base nos resultados das matrizes padrão geradas, oito itens com cargas fatoriais abaixo de 0,30 (ponto de corte) foram excluídos em três procedimentos que, segundo Pasquali (2013), as cargas fatoriais acima de 0,30 são consideradas significativas em análises exploratórias viabilizando com que a variável seja representante de um fator. Segue a Tabela 18 com a matriz padrão resultante da AFE e os dois fatores extraídos:

Tabela 18: Matriz padrão da AFE para EVP

Matriz de padrão^a		
	Fator	
	1	2
V36	0,576	
V29	0,564	
V18	0,520	
V22	0,514	
V21	0,511	
V33	0,495	
V38	0,494	
V8	0,461	
V30	0,445	
V37	0,444	
V9	0,437	
V34	0,427	
V12	0,425	
V28	0,412	
V14	0,405	
V24	0,388	
V16	0,370	
V5	0,370	
V23	0,335	
V35	0,310	
V31		0,502
V32		0,448
V17		0,407
V13		0,399
V26		0,398
V2		0,395
V4		0,375
V25		0,308
V15		0,300
V27		0,300

Método de Extração: Fatoração pelo Eixo Principal.
 Método de Rotação: Promax com Normalização de Kaiser.^a
 a. Rotação convergida em 3 iterações.

Pelos dois fatores extraídos, observamos explicar mais de 25% da variância das 30 variáveis constantes da matriz fatorial, um índice percentual razoável, porém, verificamos existir consistência nos fatores. Dentre vários critérios de cálculos do índice de consistência interna de uma matriz de dados, a opção foi pelo Alfa de Cronbach (α), sendo o

método mais utilizado em estudos transversais. Este índice avalia o grau em que os itens de uma matriz de dados estão correlacionados entre si (Pasquali, 2010).

A obtenção dos dois fatores permitiu a conveniência e afinidade de itens das dimensões superiores da Teoria de Valores Refinada de Schwartz *et al.*(2012), cujo foco trata dos aspectos social e pessoal dos sujeitos. Pela verificação dos índices de confiabilidade de cada fator, apontou-se o **Fator 1** com Alfa de Cronbach (α) = 0,826 ; e o **Fator 2**, ficou com um Alfa de Cronbach (α) = 0,632.

Para ilustrar os tipos motivacionais da teoria de valores refinada de Schwartz *et al.* (2012) contemplados nos fatores 1 e 2, apresenta-se a estrutura circular da teoria com as indicações (●) dos itens agrupados em suas respectivas dimensões superiores, Figura 14 e Figura 15, como forma de esclarecer a coesão e coerência dos significados teóricos e justificativas aos agrupamentos formados.

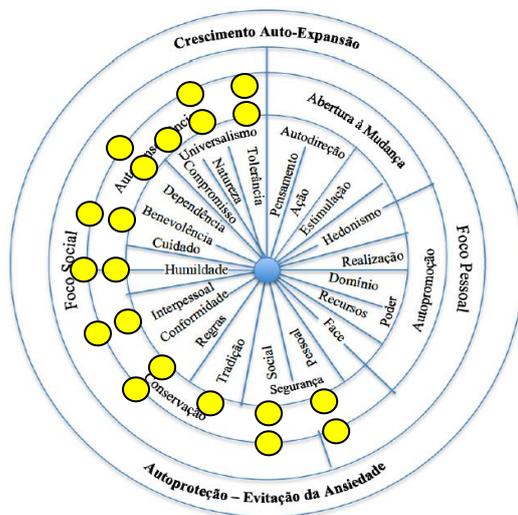


Figura 14: Ilustração dos tipos motivacionais no Fator 1 da escala de valores

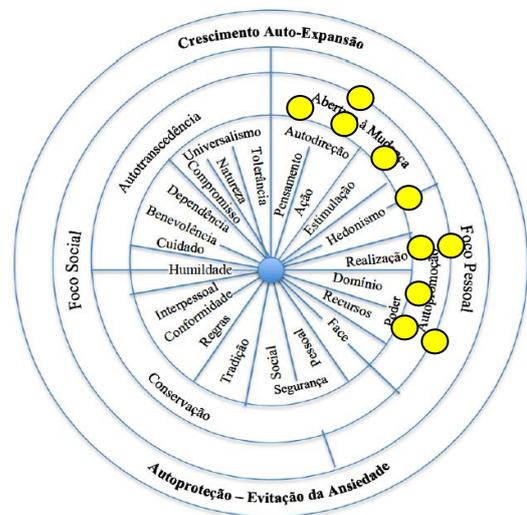


Figura 15: Ilustração dos tipos motivacionais no Fator 2 da escala de valores

Como já informado, o questionário usado nesta pesquisa é uma adaptação do PVQ-R e indaga diretamente aos pré-adolescentes a suas preferências e princípios de conduta pessoais, não por tratar-se de indivíduos com um previsível nível elevado de consciência cognitiva em relação a si próprios e com uma capacidade autorreflexiva

consolidada características da fase adulta, mas pela simplicidade na semântica empregada e pela forma objetiva de abordar as asserções propostas.

A Tabela 19 apresenta os itens adaptados do PVQ-R e agrupados a seus respectivos tipos motivacionais:

Tabela 19: Itens do questionário da EVP e seus respectivos tipos motivacionais

No.	Itens do questionário	Tipo motivacional
9	Aceitar as pessoas como elas são, mesmo quando eu não concordo com elas.	<i>Universalismo tolerância</i>
38	Ouvir e compreender as pessoas que são diferentes de mim	
22	Cuidar da natureza	<i>Universalismo natureza</i>
33	Proteger a natureza da destruição ou poluição	
35	Que todas as pessoas sejam tratadas com justiça, mesmo aquelas que eu não conheço.	<i>Universalismo compromisso</i>
21	Ser um amigo fiel e que todos confiem em mim.	<i>Benevolência dependência</i>
37	Que as pessoas conhecidas tenham total confiança em mim	
30	Cuidar das pessoas que estão mais próximas de mim	<i>Benevolência cuidado</i>
14	Ajudar as pessoas que são queridas para mim	
12	Ser humilde com as pessoas	<i>Humildade</i>
24	Estar satisfeito com o que tenho e não querer mais	
29	Nunca deixar as outras pessoas com raiva	<i>Conformidade interpessoal</i>
18	Evitar chatear as pessoas	
36	Seguir as regras mesmo se ninguém estiver me olhando	<i>Conformidade regras</i>
8	Nunca desobedecer as regras ou regulamentos	
23	Seguir os costumes da minha religião	<i>Tradição</i>
34	Que o meu país seja protegido de todas as ameaças	<i>Segurança social</i>
28	Ter um país forte que possa defender todas as pessoas	
16	Evitar doenças e proteger a minha saúde	<i>Segurança pessoal</i>
5	Evitar qualquer coisa perigosa	
32	Ter coisas caras que mostram a minha riqueza	<i>Poder recursos</i>
2	Ser rico	
27	Que as pessoas façam o que eu digo que deveriam fazer	<i>Poder domínio</i>
4	Ter muito sucesso na minha vida	<i>Realização</i>
15	As pessoas reconhecerem o que eu faço	
25	Aproveitar qualquer oportunidade de me divertir	<i>Hedonismo</i>
17	Fazer coisas perigosas que fazem a minha vida ficar emocionante	<i>Estimulação</i>

31	Ser livre para escolher o que eu quero fazer	Autodireção ação
13	Tomar as próprias decisões a respeito da minha vida	
26	Desenvolver as minhas próprias opiniões	Autodireção pensamento

Pelos procedimentos para extração de fatores, foram obtidos dois fatores com um ponto de corte de 0,30, em que das 38 variáveis originais foram retidas 30 com cargas fatoriais em ambos. Pela quase totalidade dos tipos motivacionais agruparem-se nas duas dimensões superiores da teoria de valores refinada de Schwartz, mantendo a coerência teórica, os dois fatores obtidos, seguramente, foram denominados com os termos da teoria suporte – “*Foco Social*” e “*Foco Pessoal*”. A Tabela 20 informa as médias e os desvios padrão (DP) dos fatores, apontando baixos coeficientes de variação, com indicações de homogeneidade nos dados dos fatores.

Tabela 20: Médias e desvios padrão (DP) dos fatores extraídos pela AFE da EVP

Fatores da escala de valores para pré-adolescentes	Média	Desvio padrão (DP)
<i>FOCO SOCIAL</i>	4,11	0,47
<i>FOCO PESSOAL</i>	2,90	0,52

Análise teórica dos itens em cada fator proposto

O Fator 1: os itens que compõem este fator sinalizam a capacidade dos indivíduos de serem emocionalmente favoráveis e compreensíveis ao bem-estar de todos; têm a propriedade de receber e perceber informações sobre as mudanças do meio externo e interno de suas relações, e de a elas reagir através de sensações, sentimentos e tolerância. Indicam alguma forma de preocupação com o individual e com o coletivo, podendo sinonimizar *respeito*, *confiança* e *proteção* (para si e para outros) levando o sujeito a um estado de aceitação das coisas, demonstrando uma conscientização ou necessidade de ajudar e obedecer. Apontam valores como obediência, respeito, harmonia, compaixão, humildade, delicadeza, tolerância, apreciação.

Pela Teoria de Valores Refinada de Schwartz, estes itens se referem aos valores voltados para o bem-estar de outras pessoas – *Foco Social* – englobando as dimensões

de Conservação e Autotranscendência com 100,0% de representatividade de seus tipos motivacionais. Com essas características este fator foi denominado “*Foco social*”. Segue Tabela 21 com as variáveis, carga fatoriais e comunalidades no Fator 1:

Tabela 21: Fator 1 da escala EVP com suas variáveis, cargas fatoriais e comunalidades

Itens	FOCO SOCIAL	Carga fatorial	h ²
V36	Seguir as regras mesmo se ninguém estiver me olhando.	0,576	0,333
V29	Nunca deixar as outras pessoas com raiva.	0,564	0,315
V18	Evitar chatear as pessoas.	0,520	0,268
V22	Cuidar da natureza.	0,514	0,264
V21	Ser um amigo fiel e que todos confiem em mim.	0,511	0,290
V33	Proteger a natureza da destruição ou poluição.	0,495	0,242
V38	Ouvir e compreender as pessoas que são diferentes de mim.	0,494	0,241
V8	Nunca desobedecer as regras ou regulamentos.	0,461	0,242
V30	Cuidar das pessoas que estão mais próxima de mim.	0,445	0,226
V37	Que as pessoas conhecidas tenham total confiança em mim.	0,444	0,269
V9	Aceitar as pessoas como elas são, mesmo quando eu não concordo com elas.	0,437	0,200
V34	Que o meu país seja protegido de todas as ameaças.	0,427	0,234
V12	Ser humilde com as pessoas.	0,425	0,180
V28	Ter um país forte que possa defender todas as pessoas.	0,412	0,217
V14	Ajudar as pessoas que são queridas para mim.	0,405	0,206
V24	Estar satisfeito com o que tenho e não querer mais.	0,388	0,150
V16	Evitar as doenças e proteger a minha saúde.	0,370	0,176
V5	Evitar qualquer coisa perigosa.	0,370	0,179
V23	Seguir os costumes da minha religião.	0,335	0,132
V35	Que todas as pessoas sejam tratadas com justiça, mesmo aquelas que eu não conheço.	0,310	0,167
Itens retidos = 20		Alfa de Cronbach = 0,826	

O Fator 2: caracteriza itens que abordam o direito de agir do sujeito segundo o seu livre arbítrio; de acordo com a própria vontade; com a sensação de estar livre e não depender de ninguém; um sentimento de liberdade; demonstram o direito de deliberar, agir, mandar e exercer autoridade e influência, ostentando o domínio como forma de controle sobre pessoas e recursos, simbolizando prestígio e obtenção de posições sociais diante de relações estáveis entre os indivíduos de convivência; contemplam o desejo do indivíduo em não ser rebaixado socialmente, e de se sentir superior aos outros; preservar a imagem pública, almejando atingir um sucesso pessoal, evitando ou superando humilhações; intuição de superioridade e estima social; ser criativo e desejos de independência. Seus valores são representados por liberdade, curiosidade, criatividade, autonomia, espontaneidade. Pela Teoria de Valores de Schwartz, estes itens se referem aos valores voltados para a própria

pessoa – *Foco Pessoal* – abrangendo as dimensões de Abertura à Mudança e Autopromoção com 77,8% de representatividade de seus tipos motivacionais, sendo denominado “*Foco pessoal*”. Segue Tabela 22 com as variáveis, carga fatoriais e comunalidades no Fator 2:

Tabela 22: Fator 2 da escala EVP com suas variáveis, cargas fatoriais e comunalidades

Itens	FOCO PESSOAL	Carga fatorial	h ²
V31	Ser livre para escolher o que eu quero fazer.	0,502	0,275
V32	Ter coisas caras que mostram a minha riqueza.	0,448	0,223
V17	Fazer coisas perigosas que fazem a minha vida ficar emocionante	0,407	0,181
V13	Tomar as próprias decisões a respeito da minha vida.	0,399	0,225
V26	Desenvolver as minhas próprias opiniões.	0,398	0,248
V2	Ser rico.	0,395	0,230
V4	Ter muito sucesso na minha vida.	0,375	0,143
V25	Aproveitar qualquer oportunidade de me divertir.	0,308	0,137
V15	As pessoas reconhecerem o que eu faço.	0,300	0,155
V27	Que as pessoas façam o que eu digo que deveriam fazer.	0,300	0,124
Itens retidos = 10		Alfa de Cronbach = 0,632	

As definições citadas acima para os fatores propostos foram extraídas da teoria de Schwartz e estudos correlatos, visando atender todas as pessoas. As mesmas aspirações, motivações e comportamentos se adequam aos pré-adolescentes, porém, com as devidas compreensões nos contextos sócio-culturais que vivem.

Análise teórica dos fatores na esfera da pré-adolescência

Especificamente na pré-adolescência, as relações sociais começam a se construir, dando sentido à vida (ANJOS, 2013), nas convivências com outros jovens e adultos, reforçando o entendimento de que os indivíduos são de natureza e sua compreensão de mundo provém da apropriação da cultura apreendida (MACEDO; SPERB, 2017).

No Fator 1, foco social da teoria de Schwartz, o pré-adolescente é integrado no contexto histórico sócio-cultural pelas suas relações com o corpo, família e pessoas do seu círculo (TÔRRES, 2007) de conhecimento. Nesta etapa do desenvolvimento é reconhecida a influência dos amigos e companheiros sobre a maneira de ser e de compreender as experiências do jovem, mas, a família ainda exerce uma influência predominante neste espaço

de conversação, regulando emoções, caso ele compartilhe suas experiências (MACEDO; SPERB, 2013).

Esses novos contextos sociais e a possível relação conturbada com os entes parentais, permitem aos pré-adolescentes encontrarem na internet um espaço propício para obter reconhecimento de seus pares; um espaço no qual podem criar um mundo, viver seus sonhos, negar os limites, e satisfazer suas relações com a máquina do que com outras pessoas (PRIOSTE, 2013). Neste panorama das redes sociais, os pré-adolescentes contemporâneos estão imersos em um contexto social com internet, criando uma nova forma de organização social, deslocando as comunidades para a rede, funcionando como um novo lugar de sociabilidade, originando novas formas de relações sociais, com códigos e estruturas específicas.

No Fator 2, foco pessoal da teoria de Schwartz, o pré-adolescente, como já citado, é integrado no contexto histórico sócio-cultural pelas suas relações e seus aprendizados. Nesta etapa do desenvolvimento, mostra-se por vezes arrogante e ao mesmo tempo em que possui uma atitude de incômodo, de vergonha e dúvida de si, expressa desejos de aparecer e se mostrar ao público presente. Essas condutas não são de todos os pré-adolescentes, existindo uma dependência com a realidade social e cultural vividas por cada jovem (TÔRRES, 2007).

A pré-adolescência, chamada de fase da puberdade por Wallon (1995), é o estágio em que os sentimentos se alteram procurando buscar a consciência de si na figura do outro, levando-o ao egocentrismo. Tornam-se intransigentes em relação às regras e ao controle exercido pelos pais quando não há um compartilhamento de experiências. Como indivíduos, muitos pré-adolescentes são agitados na escola procurando holofotes e em constante confronto com os adultos. Por vezes, o pré-adolescente entra em conflito com sua própria identidade quando indagado por suas próprias ideias.

Apenas como esclarecimento, cita-se que a definição das nomenclaturas dos fatores obteve outras designações. Inicialmente foi sugerido chamá-los por “Foco no social” e “Foco no pessoal”, respectivamente ao fator 1 e fator 2, pela alta quantidade de itens retidos estarem relacionados à teoria. Em um segundo momento de “Respeito e aconchego societário” para o fator 1 e “Sensação de liberdade e liderança” para o fator 2, pelas características dos itens, e também foi pensado simplesmente “Respeito e obediência” no fator 1 e “Liberdade e liderança” no fator 2.

Nos procedimentos realizados para a construção do instrumento de medida para pré-adolescentes, foram seguidas as metodologias para a adaptação dos itens do PVQ-R mantendo o significado teórico da teoria de valores refinada de Schwartz. A análise semântica teve a participação dos sujeitos da pesquisa, bem como de especialistas nas áreas específicas. O instrumento piloto foi aplicado na população alvo, com visitas a 54 escolas da rede pública do Distrito Federal.

Para estabelecer a validade de construto do instrumento piloto, foi verificada sua estrutura interna por meio de uma análise fatorial, iniciando por uma ACP, sendo utilizado na AFE a PAF, com rotação Promax (Hair *et al.*, 2009). Em uma análise preliminar, verificou-se a matriz de correlações dos itens; o índice de adequação da amostra pelo critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO=0,878) foi considerado muito bom, indicando a possibilidade da matriz de dados ser fatorável; foram realizadas algumas extrações de fatores, seguindo os critérios do *eigenvalue* > 1 (critério de Kaiser-Guttman), o teste do *scree plot* (teste de Castell) e o da variância acumulada (Pasquali, 2010), sendo finalmente retidos dois fatores independentes permitindo uma solução fatorial com uma maior qualidade psicométrica e interpretável, tornando-se a solução mais adequada.

Verificando a fidelidade dos fatores, utilizou-se o Alfa de Cronbach na análise da consistência interna dos fatores (Pasquali, 2010; Hair *et al.*, 2009), encontrando o Fator 1 com $\alpha = 0,826$ (20 itens) e o Fator 2 com $\alpha = 0,632$ (10 itens). Seguindo um procedimento realizado por Fukuda e Pasquali (2002) na elaboração de um instrumento de medida para identificar as características do professor que tornam sua prática eficaz, o Fator 1 foi submetido, separadamente, a uma nova análise por conter um número alto de itens, com o “objetivo de verificar a existência de agrupamentos fatoriais de itens que fossem consistentes e facilitassem a interpretação dos fatores” (p. 6). Os autores citam que tal procedimento foi utilizado por Comrey em 1970 na construção das Escalas de Personalidade Comrey. Nesta pesquisa verificou-se a existência de fatores com itens agrupados diferentemente da coerência teórica estudada, mantendo, assim, a mesma estrutura anterior a este procedimento.

Pelo conjunto de informações geradas e analisadas, a escala pode ser considerada válida.

3.1.2.2.3 Análise exploratória com a escala EVP

Foram realizadas análises com as médias dos valores de 1ª ordem e das dimensões de 2ª ordem, bem como das relações existentes entre as variáveis demográficas e os fatores extraídos para a escala, investigando as relações de predição com as variáveis sexo, idade, série, turno de estudo, escolas e CREs, como variáveis independentes (VIs) e as dimensões dos valores “*Foco social*” (fator 1) representando valores com o foco nos aspectos sociais e “*Foco pessoal*” (fator 2) com o foco nos aspectos pessoais, da teoria refinada de valores humanos de Schwartz *et al.* (2012).

Seguem os resultados das médias e ANOVAs.

3.1.2.2.4 Médias dos valores de 1ª ordem e das dimensões de 2ª ordem

A média aritmética representa o “centro de gravidade” da distribuição, isto é, o ponto de qualquer distribuição em torno do qual se equilibram as discrepâncias positivas e negativas. Situa-se entre o valor máximo e o valor mínimo da distribuição. É um valor que pretende ser o resumo de todos os valores da distribuição. Dessa forma, pode vir a ser um valor não presente na distribuição. Permite fazer interpretações quando é utilizada na comparação de dois ou mais grupos, constatando qual é o grupo com resultados mais ou menos elevados.

Segue a Tabela 23 com as médias dos valores de 1ª ordem da teoria refinada de valores humanos de Schwartz *et al.*(2012) indicados pelos participantes.

Tabela 23: Médias dos valores de 1ª ordem e das dimensões de 2ª ordem

Dimensões de 2ª ordem	Valores de 1ª ordem	Médias
Autotranscendência (Média=4,30)	Universalismo-tolerância	4,20
	Universalismo-natureza	4,50
	Universalismo-compromisso	3,95
	Benevolência-dependência	4,28
	Benevolência-cuidado	4,31
	Humildade	3,93

Conservação (Média=3,94)	Conformidade-interpessoal	3,70
	Conformidade-regras	4,03
	Tradição	3,24
	Segurança-social	4,21
	Segurança-pessoal	4,28
Autopromoção (Média=2,45)	Poder-recursos	1,89
	Poder-domínio	1,70
	Realização	3,42
Abertura à mudança (Média=3,35)	Hedonismo	4,07
	Estimulação	2,77
	Autodireção-ação	3,56
	Autodireção-pensamento	3,67

Verificou-se as maiores médias nos valores de autotranscendência e conservação, corroborando estudos com pré-adolescentes no que se referem ao reconhecimento que eles têm em relação aos seus pares, à igualdade e à preocupação com o bem-estar de outros e; á submissão aos pais e a preservação de práticas tradicionais ligadas à família.

Percebe-se que os valores de universalismo e benevolência possuem os maiores escores indicando comportamentos pró-sociais, em oposição aos valores de poder-recurso e poder-dominínio.

3.1.2.2.5 Análises de variâncias: variáveis demográficas vs escala EVP

A utilização, preliminarmente, da técnica de análise de variância (ANOVA) informa como as VIs interagem umas com as outras e que efeitos essas interações apresentam sobre as VDs exploradas (FIELD, 2009) sem, contudo, relacionar quais grupos foram afetados. É apenas um norte inicial para as investigações mais detalhadas. Foram realizados testes de normalidade e homogeneidade entre as variáveis analisadas.

Para a variável de gênero, não foram encontradas diferenças entre as médias dos indivíduos do fator “*Foco social*”, ou seja, meninos e meninas pré-adolescentes indicam ter a mesma motivação para ajudar as pessoas, porém, há diferenças entre as médias no grupo

“*Foco pessoal*”, indicando que meninos ou meninas têm vontades diferentes ao pensar em se divertir e ter liberdade para agir por conta própria, como o descrito na Tabela 24 a seguir:

Tabela 24: ANOVA entre a variável sexo e as duas dimensões de valores da escala EVP

ANOVA						
		Soma dos quadrados	gl	Quadrado médio	F	Sig.
Foco social	Entre grupos	0,226	1	0,226	1,012	0,315
	Nos grupos	730,477	3269	0,223		
	Total	730,703	3270			
Foco pessoal	Entre grupos	4,115	1	4,115	15,153	0,000
	Nos grupos	887,621	3269	0,272		
	Total	891,736	3270			

Para identificar as diferenças entre as médias dos gêneros no grupo *Foco pessoal*, verificou-se em cada grupo etário, o grau de relacionamento entre os diferentes gêneros e os valores da dimensão de 2ª. ordem (*AP* = autopromoção e *AM* = abertura à mudança) componentes do fator *Foco pessoal* (Tabela 25). Demonstra-se que as meninas apresentam reduções graduais nas correlações entre os grupos etários, com $r=0,283$ aos 10 e 11 anos; $r=0,272$ aos 12 anos e $r=0,252$ aos 13 anos, indicando que com o desenvolvimento delas, diminuem as ações que tratam apenas dos interesses pessoais, que carregam consigo os sentimentos do egoísmo característico da idade infantil (TÓFOLI, 2018). Os resultados também foram comprovados pelo teste t [$t(3269)=-5,833$; $p<0,01$] em que as meninas apresentam os menores valores no fator *Foco pessoal* do que os meninos.

Tabela 25: Correlação entre gêneros nos grupos etários e valores do fator *Foco pessoal*

	<i>AP/AM</i>	<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>
Grupos etário	10 e 11	0,283**	0,327**
	12	0,272**	0,259**
(anos)	13	0,252**	0,307**

** A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

Quanto às idades, há indicações de que os participantes têm motivações diferentes nas várias faixas etárias, tanto para o primeiro fator com o foco no social [$F(3, 3267) = 13,893$; $p < 0,001$]; quanto para o fator no foco pessoal [$F(3, 3267) = 7,541$; $p < 0,001$].

O teste t demonstrou que participantes na faixa etária entre 10 e 11 anos apresentam maiores médias nos valores pró-sociais [$t(2722,87) = 2,312$; $p < 0,05$; $M = 4,155$; $DP = 0,464$] do que os participantes com 12 anos; e estes últimos também apresentam maiores médias nos valores pró-sociais [$t(654,22) = 4,793$; $p < 0,001$; $M = 4,114$; $DP = 0,470$] do que os participantes com 13 anos. Da mesma forma os participantes mais novos (10 e 11 anos) apresentam menores médias nos valores com ênfase nos aspectos pessoais [$t(2720,93) = -2,753$; $p < 0,05$; $M = 2,856$; $DP = 0,516$] do que os com 12 anos; e estes também apresentam menores médias nos mesmos valores [$t(662,30) = -2,684$; $p < 0,05$; $M = 2,910$; $DP = 0,522$] do que os participantes mais velhos (13 anos).

Conclui-se que os participantes mais novos têm tendências em promover ações que beneficiem o outro, com o objetivo de ajudar e compartilhar do que os mais velhos. No entanto os participantes mais velhos têm maior disposição para descumprir regras, podendo surgir problemas de comportamento antissocial, do que os mais novos.

A ANOVA também mostrou não existir efeito nos turnos que os estudantes frequentam em nenhum dos fatores extraídos, porém, há diferenças nas médias das escolas e das CREs dos estudantes nos dois fatores, indicando que as comunidades escolares possuem estudantes com comportamentos específicos. Tal informação pode auxiliar os gestores e as famílias a elaborarem projetos pedagógicos diferenciados.

3.1.2.2.6 Regressões múltiplas

A análise de regressão múltipla é uma técnica estatística que pode ser usada para analisar a relação entre uma única VD (ou variável critério) e várias VI's (ou variáveis preditoras) (HAIR *et al.* 2009). Tem como objetivos: comparar qual o melhor conjunto de VIs que predizem a VD; analisar o grau de importância das VIs; determinar a magnitude do relacionamento da VD com cada VI (NEIVA; ABBAD; TRÓCCOLI, 2007). A regressão múltipla busca prever um resultado a partir de diversas variáveis previsoras (FIELD, 2009, p. 157).

Esta pesquisa utilizou a regressão múltipla hierárquica, na qual os previsores são escolhidos com base em pesquisas anteriores e o pesquisador decide a ordem de entrada em um modelo. Field (2009) lembra que, nas pesquisas em ciências sociais, raramente encontramos previsores não-correlacionados, portanto, é importante a escolha do método de seleção dos previsores.

A predição das variáveis demográficas

Pelas regressões realizadas, seguem gráficos indicativos de normalidade (Figura 16 e Figura 17) e homocedasticidades (Figura 18) entre o fator *Foco social* e as VIs.

Figura 16: Histograma para os resíduos: *Foco social* vs variáveis

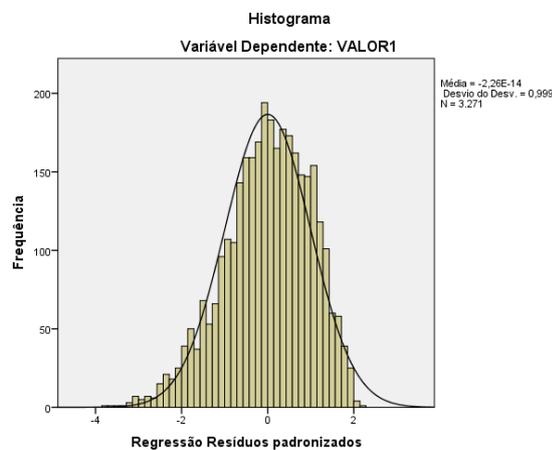


Figura 17: Gráfico P-P Plot: *Foco social* vs variáveis demográficas

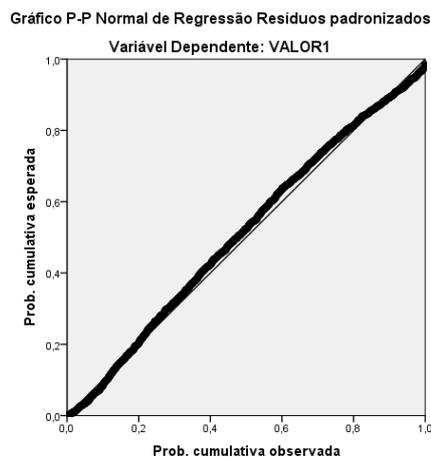
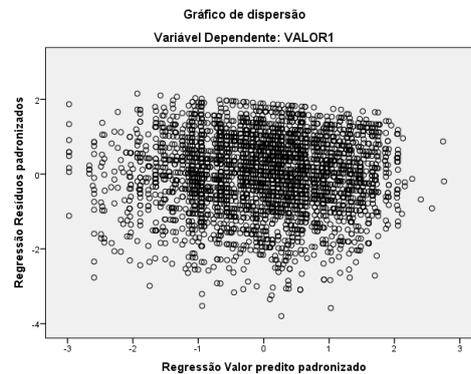


Figura 18: Gráfico de dispersão: *Foco social* vs variáveis

Os resultados da regressão com o fator *Foco social* indicaram que os modelos gerados têm ajustes diferentes do modelo sem preditor, ou seja, incluir as variáveis demográficas melhorou a qualidade desse modelo, indicado na Tabela 26:

Tabela 26: Resultado da ANOVA na RM: *Foco social* sobre as variáveis demográficas

Mod		Soma dos quadrados	gl	Quadrado médio	F	Sig.
1	Regressão	7,893	1	7,893	35,699	0,000 ^a
2	Regressão	8,384	2	4,192	18,967	0,000 ^b
3	Regressão	8,600	3	2,867	12,970	0,000 ^c
4	Regressão	8,834	4	2,2087	9,992	0,000 ^d
5	Regressão	13,456	5	2,691	12,251	0,000 ^e
6	Regressão	13,457	6	2,243	10,207	0,000 ^f

a.Preditores: (Constante), id

b.Preditores: (Constante), id, sexo

c.Preditores: (Constante), id, sexo, serie

d.Preditores: (Constante), id, sexo, serie, turno

e.Preditores: (Constante), id, sexo, serie, turno, escola

f.Preditores: (Constante), id, sexo, serie, turno, escola, CRE

Observou-se que a última variável incluída (CRE) não contribuiu para a melhoria do modelo final, portanto, optou-se pelo modelo 5 que explica melhor os dados e que incluindo a variável escola como preditora, melhorou a capacidade de prever o fator *Foco social*, explicando 1,8% da variância do fator (Tabela 27). Selecionou-se, então, o modelo 5 como resultante da RM.

Tabela 27: Resultado da RM hierárquica entre *Foco social* e as variáveis demográficas

Mod	R	R ²	R ² Ajustado	F	Sig.
1	0,104	0,011	0,010	35,699	0,000 ^a
2	0,107	0,011	0,011	2,221	0,136 ^b
3	0,108	0,012	0,011	0,978	0,323 ^c
4	0,110	0,012	0,011	1,055	0,304 ^d
5	0,136	0,018	0,017	21,042	0,000 ^e
6	0,136	0,018	0,017	0,005	0,946 ^f

a.Preditores: (Constante), id

b.Preditores: (Constante), id, sexo

c.Preditores: (Constante), id, sexo, serie

d.Preditores: (Constante), id, sexo, serie, turno

e.Preditores: (Constante), id, sexo, serie, turno, escola

f.Preditores: (Constante), id, sexo, serie, turno, escola, CRE

As variáveis relacionadas significativamente com o fator *Foco social* foram a idade como preditora negativa e escola como preditora positiva, como descritos na Tabela 28. A idade mostrou que há diferenças entre as médias dos participantes maiores, diferentemente dos mais novos.

Tabela 28: Resultado da RM hierárquica para predição do fator *Foco social*

	B	Erro padrão	β	t	Sig.
Constante	4,973	0,177		28,068	0,000
Idade	-0,070	0,013	-0,101	-5,353	0,000
Escola	0,001	0,000	0,080	4,587	0,000

Para investigar as relações de predição entre as variáveis demográficas idade, sexo, série, turno de estudo, escola e CRE, com o fator com base no foco pessoal *Foco pessoal*, foram testados os pressupostos estatísticos de normalidade (Figura 19 e Figura 20) e homocedasticidades (Figura 21) entre as variáveis e o fator.

Figura 19: Histograma para os resíduos: *Foco pessoal* vs variáveis demográficas

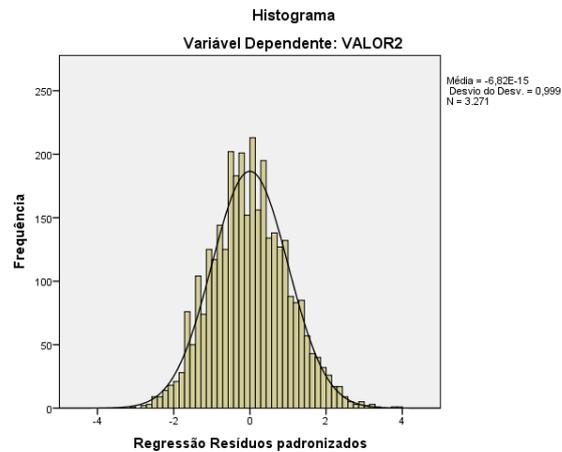


Figura 20: Gráfico P-P Plot: *Foco pessoal* vs variáveis demográficas

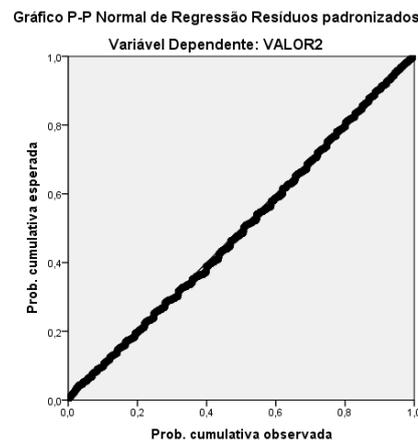
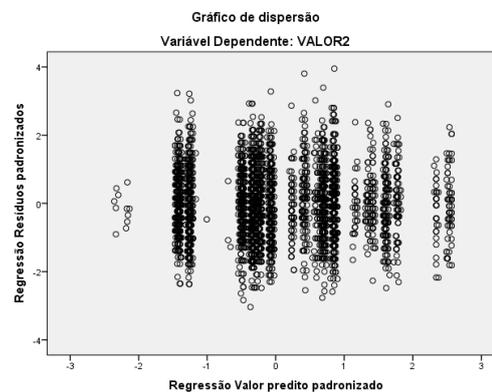


Figura 21: Diagrama de dispersão: *Foco pessoal* vs variáveis demográficas



Os resultados da regressão com o fator *Foco pessoal* indicaram que os modelos gerados têm ajustes diferentes do modelo sem preditor, ou seja, incluir as variáveis demográficas melhorou a qualidade desse modelo, indicado na Tabela 29:

Tabela 29: Resultado da ANOVA na RM: *Foco pessoal* sobre as variáveis demográficas

Mod		Soma dos quadrados	gl	Quadrado médio	F	Sig.
1	Regressão	6,026	1	6,026	22,239	0,000 ^a
2	Regressão	9,409	2	4,705	17,425	0,000 ^b
3	Regressão	9,966	3	3,322	12,309	0,000 ^c
4	Regressão	10,033	4	2,508	9,291	0,000 ^d
5	Regressão	10,035	5	2,007	7,432	0,000 ^e
6	Regressão	10,038	6	1,673	6,193	0,000 ^f

a.Preditores: (Constante), id

b.Preditores: (Constante), id, sexo

c.Preditores: (Constante), id, sexo, serie

d.Preditores: (Constante), id, sexo, serie, turno

e.Preditores: (Constante), id, sexo, serie, turno, escola

f.Preditores: (Constante), id, sexo, serie, turno, escola, CRE

As duas primeiras variáveis incluídas – idade e sexo – contribuíram para a melhoria do modelo, portanto, optamos pelo modelo 2 que explica melhor os dados. A idade explica 0,7% da variância do fator *Foco pessoal*, e a inclusão da variável sexo explica 1,1% dessa variância (Tabela 30). Apesar de índices baixos, são significativos para o modelo final.

Tabela 30: Resultado da RM hierárquica entre *Foco pessoal* e as variáveis demográficas

Mod	R	R ²	R ² Ajustado	F	Sig.
1	0,082	0,007	0,006	22,239	0,000 ^a
2	0,103	0,011	0,010	12,533	0,000 ^b
3	0,106	0,011	0,010	2,064	0,151 ^c
4	0,106	0,011	0,010	0,245	0,621 ^d
5	0,106	0,011	0,010	0,010	0,920 ^e
6	0,106	0,011	0,009	0,009	0,925 ^f

a.Preditores: (Constante), id

b.Preditores: (Constante), id, sexo

c.Preditores: (Constante), id, sexo, serie

d.Preditores: (Constante), id, sexo, serie, turno

e.Preditores: (Constante), id, sexo, serie, turno, escola

f.Preditores: (Constante), id, sexo, serie, turno, escola, CRE

As variáveis idade e sexo foram predictoras positivas do fator *Foco pessoal* (Tabela 31) e que, diferentemente do primeiro fator, o fator *Foco pessoal* apresentou diferenças quanto às médias da variável sexo, indicando que meninos apresentam maior disposição em se divertir e desejam mais liberdade do que as meninas.

Tabela 31: Resultado da RM hierárquica para predição do fator *Foco pessoal*

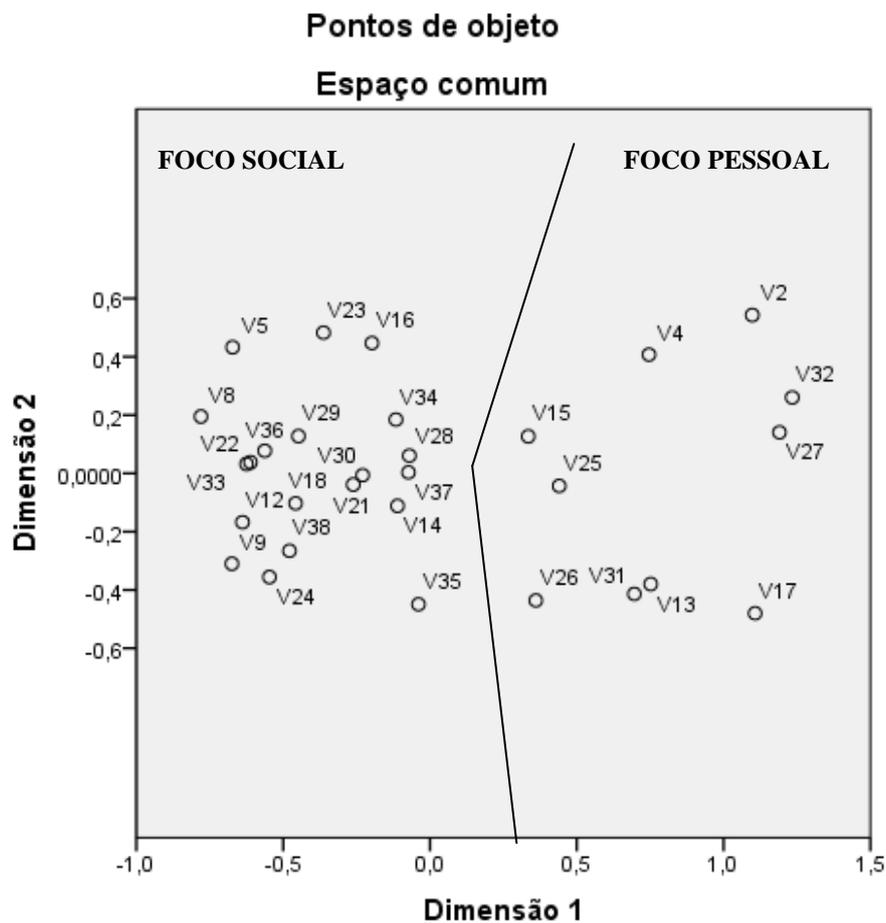
	B	Erro padrão	β	t	Sig.
Constante	2,109	0,157		13,397	0,000
Idade	0,059	0,013	0,077	4,428	0,000
Sexo	0,065	0,018	0,062	3,540	0,000

3.1.2.2.7 Análises de escalonamento multidimensional (MDS)

O MDS é uma técnica de interdependência que permite mapear distâncias entre pontos em uma representação gráfica espacial, sendo considerado como uma análise exploratória de dados. A técnica de MDS foi aplicada para verificar as relações entre os itens dos 19 valores da teoria de valores de Schwartz *et al.* (2012). Para efetivar a MDS, foram incluídos os itens extraídos após as análises fatoriais exploratórias.

A primeira MDS foi realizada com base no conjunto da amostra de 3271 participantes e resultou em um *stress* = 0,0289, DAF = 0,983, e coeficiente de Tucker = 0,991, indicando um excelente ajuste na análise de escalonamento multidimensional. A projeção bidimensional mostra todas as variáveis extraídas da AFE e utilizadas no Estudo 1, com a divisão espacial dos itens nos focos social e pessoal da teoria refinada de Schwartz *et al.* (2012) (Figura 22).

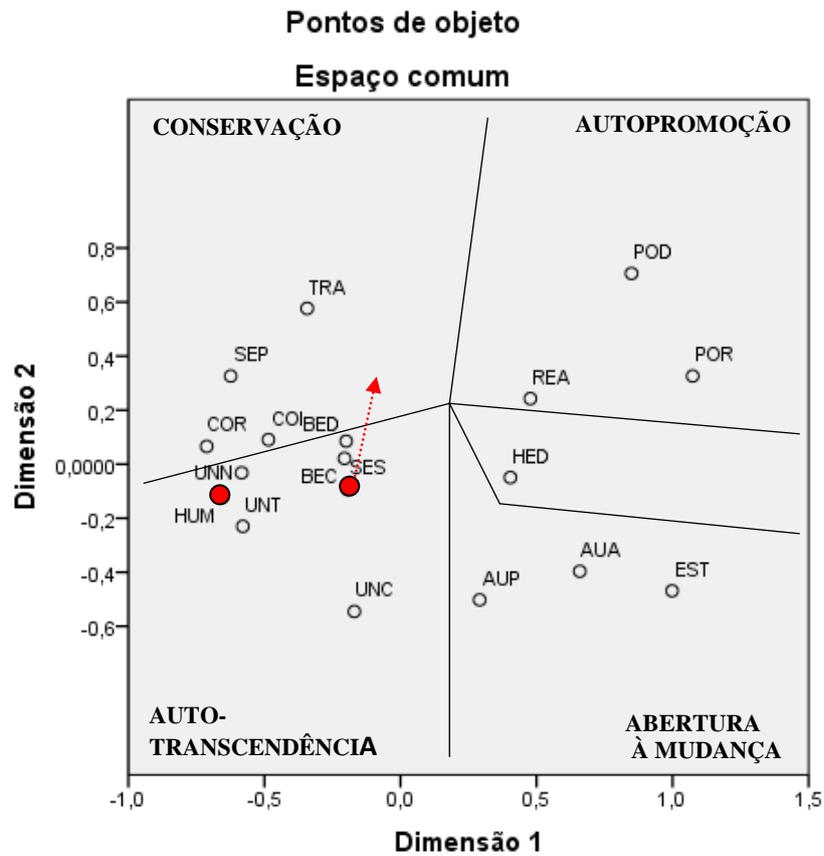
Figura 22: MDS com todas as variáveis da EVP do Estudo 1



Outra MDS foi feita com a mesma base da amostra de participantes, resultando em um $stress = 0,010$, $DAF = 0,989$ e coeficiente de Tucker = $0,994$, indicando um excelente ajuste na análise de escalonamento multidimensional. A projeção bidimensional apresenta os valores correspondentes a cada tipo motivacional previsto para as quatro dimensões de ordem superior da teoria de valores estudada.

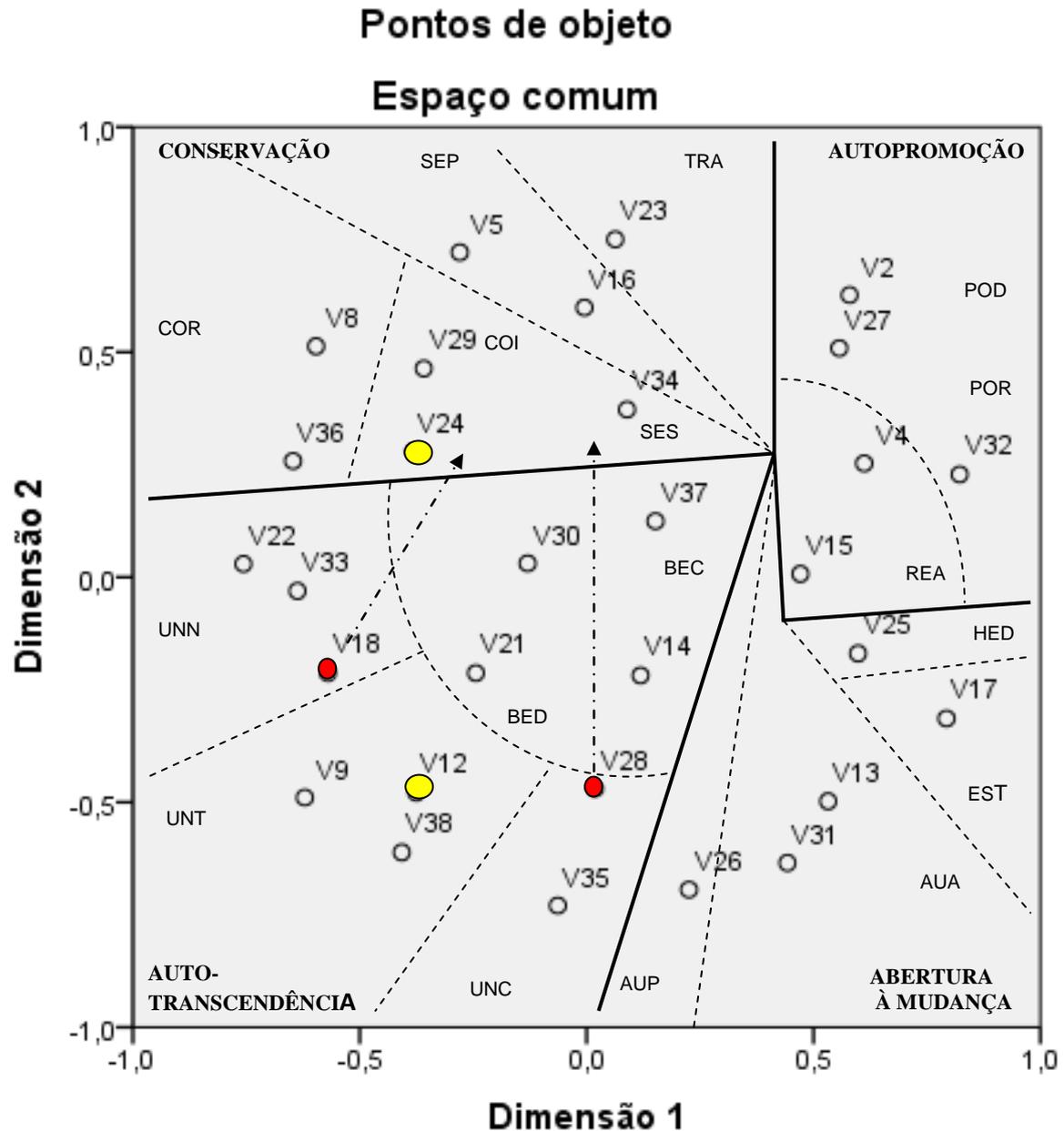
Pela projeção bidimensional verificou-se que os quatro tipos motivacionais de ordem superior, autotranscendência, conservação, autopromoção e abertura à mudança, podem ser distinguidos uns dos outros. Observa-se que apenas um dos itens do valor de segurança social (SES) ficou fora da sua região, mas na região do tipo motivacional adjacente de autotranscendência, que também incorporou valor humildade (HUM) (Figura 23).

Figura 23: MDS dos tipos motivacionais de 2ª ordem



Para melhores análises quanto à estrutura empírica de valores dos participantes, segue a MDS na qual foi usada transformação razão de proximidade com a opção Torgerson, sendo utilizada a distância euclidiana e a transformação de dados em escores-z (Figura 24).

Figura 24: MDS dos tipos motivacionais de 1ª ordem.



AUP=autodireção de pensamento, AUA=autodireção de ação, EST=estimulação, HED=hedonismo, REA=realização, TRA=tradição, SEP=segurança pessoal, COR=conformidade de regras, UNN=universalismo-natureza, UNT=universalismo-tolerância, UNC=Universalismo-compromisso, BED= benevolência-dependência, BEC=benevolência-cuidado, POR=poder de recurso, POD=poder de domínio, COI=conformidade interpessoal, SES=segurança social.

Pelos resultados, observam-se que os valores foram distribuídos em quatorze regiões diferentes com os valores, das dezenove regiões originárias da teoria, dos quais nove contêm os tipos motivacionais originais. Verifica-se que apenas dois itens (setas em destaque) migraram para regiões subjacentes (V18 e V28). Alguns itens estão na sua

região correta, porém aparecem na parte mais interna ou mais externa do círculo, conforme tem-se observado em outros estudos (SCHWARTZ; BUTENKO, 2014), enquanto outros itens dividem tipos motivacionais diferentes, mas que pertencem à mesma região.

O valor hedonismo ficou separado e manteve-se entre as dimensões de abertura à mudança e autopromoção, porém, cada um dos valores de humildade foi migrado para autotranscendência e conservação, o que não é um fato relevante, visto terem as motivações semelhantes as das dimensões em que estão.

Outras descobertas e análises sobre estes resultados serão discutidos na seção de discussão geral, como os que demonstram diferenças entre as idades e os gêneros dos participantes. Resultados semelhantes foram obtidos em outros estudos de valores em crianças e jovens (BILSKY; BUBECK, 2004; DÖRING *et al.*, 2010; UZEFOVSKY *et al.*, 2016).

3.1.3 Resumo e discussão

A Teoria de Valores Humanos de Schwartz (2005) foi refinada com o acréscimo de novos valores e o desmembramento de outros, expressando melhor e mais precisamente que os valores formam um *continuum* motivacional circular, com base nas motivações de compatibilidade e conflito, expressos nos focos social e pessoal dos indivíduos.

Com base na reformulação da teoria de valores, construiu-se um novo instrumento de medida, o PVQ-R. A importância da elaboração de um instrumento para pré-adolescentes com base na teoria revisada, tem como alicerces os fatos de que: (i) apesar de crescente, são poucas as pesquisas de valores com o público infantil quando comparadas ao adulto; e (ii) pela recente apresentação da reformulação da teoria de valores de Schwartz, há ausência de um instrumento de medida com suporte na teoria refinada para o público na pré-adolescência.

A adaptação do PVQ-R seguiu as orientações de Pasquali (2013), sendo realizadas as etapas das análises semântica e de conteúdo dos itens, com apreciação de juízes da população, especialistas e profissionais com estudo na temática de valores. A análise quantitativa dos dados foi realizada pelo programa estatístico do SPSS, versão 23.

Inicialmente, a estrutura fatorial da EVP mostrou quatro fatores com valores representativos nas quatro dimensões de 2ª ordem da teoria, porém nem todos os valores se encontravam em seus respectivos tipos motivacionais, além da presença de baixas cargas fatoriais em algumas variáveis. A escala apresentou um ótimo índice de adequação amostral ($KMO=0,890$) e bons índices de confiabilidade em cada fator, (*Foco social* com $\alpha = 0,826$ e *Foco pessoal* com $\alpha = 0,632$) demonstrando que a EVP possui uma boa consistência interna.

Os resultados apontam a EVP com uma estrutura fatorial de dois fatores revelando as mesmas dimensões específicas do Foco Social e Foco pessoal da Teoria Refinada de Valores Humanos de Schwartz *et al.* (2012). Todos os valores das dimensões de 2ª ordem foram contemplados, com exceção do valor face.

Os resultados apresentados pelo espaço MDS demonstraram uma estrutura de valores com os quatro tipos motivacionais de ordem superior e uma quinta região de hedonismo, localizada entre os tipos motivacionais de autopromoção e abertura à mudança. Resultado semelhante ocorreu nos estudos de Döring (2010) que, pelo MDS revelou dez regiões claramente separadas e que, em cada região contém itens representantes do mesmo tipo de valor. Esta última observação é o diferencial nos resultado da presente pesquisa, ou seja, nem todos os valores contidos nas quatro regiões dos tipos motivacionais de 2ª ordem estavam separados por regiões específicas.

Pelos resultados obtidos no MDS, tanto os dados da presente pesquisa quanto os em Döring (2010), revelam uma estrutura de valores nos jovens próximas às encontradas em adultos, validando a teoria de Schwartz para os valores dos mais jovens.

Conclusões similares ocorreram nos estudos de Collins *et al.* (2017), cuja amostra foi composta por crianças de cinco a doze anos utilizando um instrumento animado, o *Animated Values Instrument* (AVI) em que, os quatro valores de ordem superior e os dez valores básicos da teoria de Schwartz (1992, 2005) foram claramente distinguidos. Diferentemente do atual estudo, Collins *et al.* (2017) citam que os valores de tradição e conformidade estavam localizados na região de autotranscendência, enquanto na estrutura dos participantes desta pesquisa, estes valores encontraram-se em seus respectivos tipos motivacionais.

Na presente pesquisa, a projeção bidimensional do MDS demonstrou que na estrutura de valores dos participantes os valores de autotranscendência e conservação estão

localizados em um lado do espaço bidimensional e, os valores de autopromoção e abertura à mudança estão localizados do outro lado do espaço. Na região da dimensão de autotranscendência, os valores de benevolência e universalismo não foram distinguidos em regiões específicas, ocorrendo o mesmo para os valores específicos da dimensão de conservação. Os mesmos resultados foram demonstrados em um estudo realizado por Schwartz *et al.* (2001) com jovens ugandenses de 13 a 14 anos de idade. Observa-se nas duas pesquisas que, embora nem todos os valores tenham sido discriminados, foi possível verificar a distinção dos dois tipos de valores de ordem superior com os focos nos valores sociais e pessoais da teoria.

A estrutura de valores dos participantes mostrou, em geral, adequar-se à teoria suporte desta pesquisa, entretanto, outros resultados serão analisados nas discussões gerais. A EVP respondeu razoavelmente às expectativas do estudo com a proposta de elaboração de um instrumento de medida de valores, inexistente para um público específico – pré-adolescência. A próxima seção trata da elaboração da escala de medida de jeitinho para esta mesma população.

3.2 Estudo 2 – ELABORAÇÃO E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA ESCALA DE COMPREENSÃO DO *JEITINHO* BRASILEIRO PARA PRÉ-ADOLESCENTES

A crescente procura, nos diversos setores da sociedade brasileira, por pesquisas no tema do *jeitinho* brasileiro, traz contribuições para identificar quais valores estão presentes nos indivíduos das várias organizações, seus comportamentos, e suas possíveis estratégias informais para solucionar problemas. Porém, é reduzida a quantidade de trabalhos com o foco em instrumentos de medida do *jeitinho* brasileiro. Um dos objetivos desta pesquisa é construir uma escala de medida do *jeitinho* para pré-adolescentes e compreender este fenômeno nesta fase do desenvolvimento, visando compartilhar com as escolas e as famílias, informações que promovam estratégias pedagógicas para a formação de melhores cidadãos para o futuro.

3.2.1 Motivação para elaboração de uma escala de compreensão do *jeitinho* brasileiro para pré-adolescentes

O pré-adolescente, como todo ser humano, é de natureza essencialmente social e tudo provém da sua vida em sociedade (LEONTIEV, 1978). Por meio da apropriação da cultura, o pré-adolescente sofre influências do *habitat* que vive. Tanto na família, com amigos, na igreja, na escola, ou na internet, fatos sociais são construídos e suas repercussões se prolongam no seu desenvolvimento cognitivo, até a vida adulta.

As mudanças ocorridas na pré-adolescência são produtos de um processo sociocultural, de novas condições de aprendizagem, da atividade social, visando o aprofundamento das relações com os outros (ELKONIN, 1987), proporcionando um relativo aumento das informações tratadas nos diversos locais de convivência. Tanto família, amigos, igreja, escola ou internet (PRIOSTE, 2013), fomentam temas de interesse pessoal e coletivo. Dentre os vários temas discutidos nesses ambientes ou nas rodas de conversa, de maneira formal ou informal, a política tem tido destaque em todos os níveis de escolaridade e idade.

Atualmente, política e políticos têm sido alvos de severas críticas pelas mídias, promovendo reações e movimentos de protestos na sociedade brasileira. Essas reações se devem, na sua maioria, pela discordância dos atos e práticas desempenhados por estes entes

públicos. As reações podem influenciar, positiva ou negativamente, os comportamentos e atitudes de pais e professores que estão em constante diálogo com pré-adolescentes. Como a maioria dos pré-adolescentes valorizam as qualidades das pessoas mais próximas a partir de comportamentos ou ações isoladas dessas pessoas, pois não conseguem relacioná-las ao conjunto de suas características (ELKONIN, 1960), eles podem, também, sofrer influência e mudanças em suas ações e práticas no cotidiano. Essas mudanças podem influenciar na maneira com que pré-adolescentes tentam encontrar soluções imediatas para determinados problemas – um *jeitinho* diferente e rápido de resolver as coisas.

Para entender como esses sujeitos percebem o *jeitinho* diferente e rápido de resolver as coisas, torna-se necessário dispor de uma escala de medida de compreensão do *jeitinho brasileiro* para este público.

A seguir serão apresentadas as etapas, detalhando-se o processo metodológico para a construção do instrumento proposto e os respectivos resultados.

3.2.2 O processo de construção das imagens da escala

3.2.2.1 Método

3.2.2.1.1 Amostra

A amostra consistiu de dois grupos de estudantes. O primeiro grupo participou da construção dos cenários para a elaboração do instrumento de medida do *jeitinho* brasileiro no ambiente escolar, sendo composto por 65 estudantes distribuídos em duas turmas do 6º ano.

O segundo grupo analisou a concordância dos nomes com os símbolos que representam a escala Likert – imagens com carinhas *emojis* – para as marcações das respostas. Este grupo foi o mesmo do Estudo 1 para esta atividade, ou seja, 89 estudantes distribuídos em três turmas dos 6º anos. A faixa etária foi de dez a treze anos do ensino fundamental II.

Além desses, participaram: quatro especialistas em Língua Portuguesa, uma psicóloga educacional e dezessete juízes estudiosos no constructo do *jeitinho* brasileiro.

3.2.2.1.2 Estratégias

Foram realizadas **rodas de conversa** com os estudantes visando a construção de cenários sobre formas de resolver problemas no ambiente escolar – o *jeitinho* brasileiro – e garantir a interpretabilidade das carinhas *emojis* na escala Likert. Posteriormente, a semântica das frases e os comportamentos indicados nos cenários foram analisados por especialistas em Língua Portuguesa, uma psicóloga educacional e peritos na temática do *jeitinho* brasileiro.

3.2.2.1.3 Instrumento

A discussão nas rodas de conversa foi orientada por um roteiro de apresentação de imagens com cenas de pessoas demonstrando resolver diversos problemas no cotidiano (APÊNDICE C). As reflexões e discussões foram sobre o que as imagens representam, quais outras possíveis soluções para o problema apresentado e quais situações ocorrem no cotidiano.

3.2.2.1.4 Procedimentos

Cenários para a compreensão do significado de “resolver problemas”

No primeiro contato com os estudantes, por meio de *DataShow*, foram expostas imagens de diversas situações do cotidiano e outras inusitadas, que simbolizavam formas de se resolver um problema.

Foi comentado sobre a importância do significado das imagens e da opinião de cada um dos participantes. Em nenhum momento foi exposto que as imagens indicavam situações “certas” ou “erradas” ou que representassem um *jeitinho* brasileiro de solucionar problemas. O objetivo foi manter a espontaneidade dos participantes, sem influenciar nas respostas.

A cada imagem, surgiam reações de risos e diversos comentários soavam na sala. As discussões foram intensas e por vezes as interpretações eram unânimes. Cada imagem foi sucedida por reflexões a respeito dos possíveis motivos que levaram as pessoas a agirem

conforme os cenários. Seguem algumas figuras que foram expostas e um breve resumo das respectivas interpretações dos participantes:



Participantes: todos foram unânimes em comentar que este motorista deveria procurar um outro lugar para estacionar, pois estava atrapalhando as pessoas.

Figura 25: Cenário 1:carro em cima da calçada.



Participantes: alguns disseram que o motorista não sabia estacionar corretamente; outros justificaram não ter espaço na rua; e poucos observaram a placa e falaram que era um local proibido.

Figura 26: Cenário 2:carro estacionado em lugar proibido.



Participantes: disseram que a pessoa foi esperta.

Figura 27: Cenário 3: CD substituindo a tampa de combustível.



Participantes: de início não identificaram os objetos, depois passaram a achar graça e comentar que a pessoa foi criativa. Outros foram enfáticos afirmando que essa pessoa não tinha dinheiro para comprar uma batedeira.

Figura 28: Cenário 4: Furadeira sendo usada como batedeira de bolo.



Participantes: simplesmente apontaram para alguns colegas de sala como sendo praticantes dessa cena.

Figura 29: Cenário 5: Aluno “colando” a resposta do outro colega.



Participantes: poucos disseram que um amigo estava pagando outro, mas maioria insinuou ser algo suspeito, como corrupção.

Figura 30: Cenário 6: Troca de dinheiro, indícios de propina e corrupção.

Em nenhum momento, foi comentado sobre a periculosidade demonstrada por algumas imagens para não interferir nas observações dos participantes, porém muitos interpretaram e comentaram sobre “fazer a coisa de maneira correta” ou “isto não é certo”, por exemplo:

- a) na imagem do carro parado na calçada, comentaram: “*ele poderia ter colocado o carro em outro lugar, pois a cidade é grande, mas não ali !*”.
- b) na imagem do CD substituindo a tampa de combustível, surgiram as falas: “*era perigoso, pois poderia sair gasolina e causar uma explosão*”.
- c) na imagem da bateadeira improvisada, disseram: “*a pessoa poderia pegar um dinheiro no banco e comprar uma bateadeira de verdade, senão pode causar um acidente*”.
- d) na imagem do aluno olhando para a resposta do colega, um participante comentou: “*esse aluno deveria estudar mais e não “colar” na prova*”. Este participante foi apontado pelos demais colegas como usuário desta prática, motivo de risadas na sala.

Determinação dos cenários para o instrumento piloto

Após a apresentação das imagens foi solicitado aos estudantes que pensassem em outras situações que eles já haviam presenciado ou vivenciado, indicando

ocorrer uma forma para resolver um problema. Os resultados dos comentários e exemplificações estão presentes na Tabela 32:

Tabela 32: Coletânea de cenários sobre *jeitinhos* no olhar dos participantes

Exemplos de como resolver um problema
usar outro livro do mesmo ano, quando o seu livro foi perdido
pagar lanche a um colega quando este não trouxe dinheiro
“colar” na prova
Pedido de um colega para entrar na sua frente quando a fila do lanche está grande, porque ele não ficar esperando
usar uma sacola de supermercado quando sua mochila rasgou, e transportar o material escolar
pedir para colocar nome em trabalhos da escola quando esse aluno não o fez
usar o celular quando faltar luz na escola
emprestar o caderno de exercícios para outro colega apresentá-lo ao professor como se fosse o seu
pedir ao professor mais chances, como trabalhos e provas, para não ser reprovado
pedir ao Diretor ou Coordenador que não lhe dê suspensão
fazer balanços ou brinquedos de pneus e caixas para terem o que fazer durante o recreio
já viram pessoas “mentirem” para o professor, e evitar ficar na fila da entrega de boletins
pular o muro da escola e entrar fora do horário, sem justificativa
apresentar a carteira de estudante de outro colega para entrar na escola
dizer à coordenação da escola que não está passando bem, somente para não assistir aula
pedir ao professor que corrija seu teste antes dos demais colegas da sala
falsificar a assinatura da mãe em documento da escola
colocar um papelão no skate para aumentar de tamanho
tirar a roda da mochila e colocar no skate para andar na escola
colocar outra roupa embaixo do uniforme e tirá-lo durante as aulas
pegar para si material escolar perdido e não tentar encontrar seu dono

A coletânea de comentários e exemplos dos colaboradores subsidiou a identificação das categorias do construto para o instrumento piloto e, conseqüentemente, a construção dos respectivos cenários. Observa-se que as situações construídas correspondem apenas ao ambiente escolar. Nem todos os registros foram contemplados no instrumento piloto, por entender que alguns tinham significações similares, ou não se incluíam nas manifestações das práticas do “*jeitinho*”, conforme suporte teórico.

3.2.2.1.5 Análise de dados

As informações obtidas nas rodas de conversa nortearam os cenários do *jeitinho* brasileiro, indicados pelos estudantes e, posteriormente, foram analisadas por grupos

de especialistas e juízes para construção do instrumento piloto, corroborando os conceitos na literatura. Todas as observações foram registradas.

3.2.2.2 Resultados

Nesta seção serão apresentados os resultados do processo de seleção das imagens para a escala Likert, da construção dos itens do instrumento, da análise semântica, da análise de conteúdo, e das análises estatísticas da escala com vistas às evidências de validade desse instrumento de medida.

3.2.2.2.1 A escolha das carinhas *emojis* para a escala Likert

A escala Likert foi substituída pelos mesmos símbolos *emojis*, utilizado no Estudo 1, objetivando reduzir as falhas nas interpretações e promover uma maior segurança e lembrança visual dos sujeitos, modificando apenas as denominações para a escala Likert, devido às especificações e motivações relacionadas ao constructo do *jeitinho*, diferenciando-se das de valores, apresentadas na Figura 31:

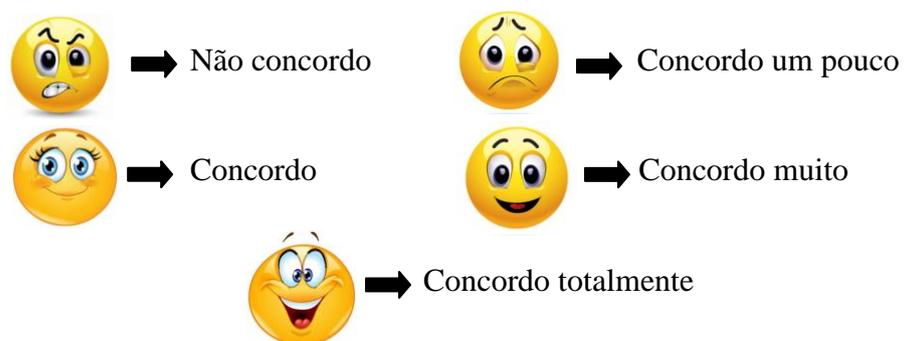
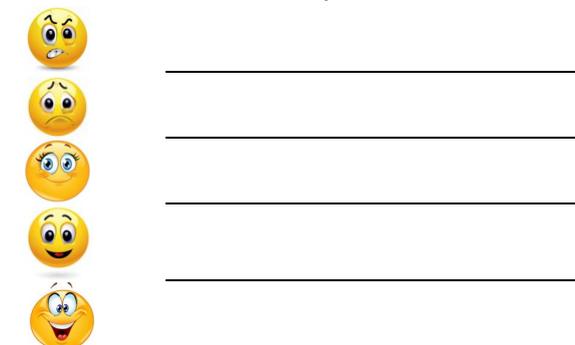


Figura 31: Carinhas *emojis* selecionadas para o estudo do *jeitinho*.

A seleção pelas caracterizações das carinhas *emojis* e suas denominações foi realizada por meio de questionários individuais, divididos em duas partes. Inicialmente foi orientado que os sujeitos observassem e pensassem no significado das carinhas e que sentimentos estariam representando. A primeira parte consistiu em escrever o sentimento ou pensamento que cada carinha estaria indicando, conforme Figura 32:

Figura 32: Atividade 1 para indicar o significado das carinhas *emojis*



A segunda parte consistiu em que os participantes ligassem as carinhas às frases que mais representassem o sentimento expresso pelas imagens (Figura 33):

Figura 33: Atividade 2 para indicar o significado das carinhas *emojis*

	Concordo um pouco
	Concordo totalmente
	Concordo muito
	Concordo
	Não concordo

Os resultados estatísticos desses dois procedimentos estão expostos na Tabela 33, cujo parâmetro foi a quantidade de concordâncias nas respostas (sentimentos ou pensamentos) que representavam os significados das imagens, pelas interpretações dos participantes:

Tabela 33: Percentuais de concordância e similaridade dos significados das carinhas *emojis*.

	Significado	1ª. Parte	2ª. Parte
	Não concordo	80,89%	96,62%
	Concordo um pouco	86,51%	83,14%
	Concordo	48,31%	59,55%
	Concordo muito	47,19%	55,05%
	Concordo totalmente	62,92%	68,54%

Total = 89 sujeitos
% de acertos

A coletânea de exemplos de “como resolver um problema”, citados pelos participantes, permitiu a identificação das categorias do construto para o instrumento piloto. Foram detectados exemplos com foco nas seguintes categorias: malandragem, quebra de regras e normas, uso da criatividade, cooperação com o próximo, esperteza, ajuda aos outros.

Observa-se que as situações construídas correspondem apenas ao ambiente escolar. Nem todos os registros foram contemplados no instrumento piloto, por entender que alguns tinham significações similares, ou não se incluíam nas manifestações do “*jeitinho*”, conforme suporte teórico.

3.2.2.2.2 A análise semântica dos itens

Os juízes da população pesquisada

Estudantes de duas turmas do 6º ano, totalizando 65 sujeitos, foram juízes e analisaram os cenários do instrumento piloto nos aspectos positivo ou negativo das ações apresentadas. Em seguida, explicaram “o porquê” das suas respostas.

O resultado desta análise incidiu na quantidade das respostas condizentes com o contexto das ações. Neste foco, 97% dos juízes mantiveram a concordância nas respostas, indicando a inteligibilidade dos itens. Um outro grupo de 20 sujeitos do 8º ano examinaram o instrumento piloto para garantir a chamada “validade aparente” do teste (PASQUALI, 2013).

Os especialistas em Língua Portuguesa

A análise semântica dos itens também foi realizada por quatro juízes, especialistas em língua portuguesa que, por meio de um questionário, verificaram em cada frase: a clareza (compreensibilidade), a ortografia e o foco interpretativo no contexto. Dois especialistas apontaram três itens incompreensíveis, sendo reescritos por eles. Foram encontrados erros de ortografia e concordância que, também sofreram as devidas correções. A maioria dos itens teve o foco interpretativo nos aspectos positivo e negativo das práticas do *jeitinho* demonstradas nos cenários, semelhante ao olhar dos juízes no construto.

A psicóloga educacional

Para atestar quais dos cenários de *jeitinho* eram recorrentes em outros ambientes escolares, uma psicóloga educacional analisou e interpretou os itens do instrumento piloto. A análise apresentou que, doze itens foram identificados como ocorridos com frequência nas escolas; um item ocorre com pouca frequência por ser interpretado como “falta de respeito com os outros”; outro foi considerado como um ato solidário e um item precisou de mais detalhes para ser avaliado. Todas as observações coincidiram com as dos especialistas e juízes no construto, sendo corrigidas para a melhoria do instrumento.

Os juízes no construto do *jeitinho*

Por e-mail foram contatados 36 estudiosos na temática do *jeitinho* brasileiro, sendo informados da construção de uma escala de medida de *jeitinho*, voltada para estudantes na faixa etária de 10 a 13 anos, cujos itens (frases) foram descritos por eles, com olhar para situações de “*jeitinho*” para solucionar problemas, no ambiente escolar.

Destes, 19 retornaram o contato e, posteriormente, receberam as instruções para efetuar as análises e ajuizar se os itens estão se referindo ou não ao traço em questão, ou seja, dizer se o item constitui uma representação adequada de tal ou tal fator (traço latente) (PASQUALI, 2013, p.107). As instruções seguiram as orientações e o modelo proposto por Pasquali (2013), visando verificar se há concordância entre os juízes.

Nesta etapa participaram dezessete peritos no tema *jeitinho* brasileiro, que verificaram a compreensão e pertinência dos itens ao construto (PASQUALI, 2010) e identificaram a categoria correspondente a cada item, de acordo com as dimensões propostas. Com as informações apresentadas, providenciou-se as correções necessárias, evidenciando

pequenas recomposições nos itens, que foram atendidas. Os juízes são escritores renomados e autores de artigos e livros sobre o construto (Tabela 34).

Tabela 34: Quantidade de juízes do construto de *jeitinho* e suas áreas de domínio.

Áreas	Mestres	Doutores
Psicologia		8
Sociologia	1	2
Antropologia		2
Administração		2
Ciências sociais		1
Letras		1
Total	17	

As categorias propostas para os itens foram identificadas por 89% dos juízes, com algumas observações e sugestões que serviram de suporte para o desenvolvimento da escala, sendo: simpatia/cooperação; criatividade; burlar regras e malandragem. As duas primeiras compuseram a dimensão “Ajuda ao próximo” e as demais a dimensão intitulada “Esperteza”. Seguem algumas das observações e sugestões apresentadas pelos juízes:

- a) clarear aos participantes, na orientação dos itens, quanto a qual comportamento está sendo observado (juiz 9);
- b) refinar mais a distinção entre as categorias para este público (juiz 9);
- c) troca de nomes dos personagens para que não haja dubiedade entre os itens (juiz 7);
- d) deixar claro as razões que podem explicar os pedidos ou ações declaradas (juiz 5);
- e) dificuldade em diferenciar burlar regras e malandragem (juiz 10);
- f) os itens estão bons e adequados ao público (juiz 9);
- g) Em linhas gerais está muito bem elaborado, completo, e creio que trará bons resultados para a pesquisa proposta (juiz 7);
- h) Achei bem bacana os itens (juiz 10);

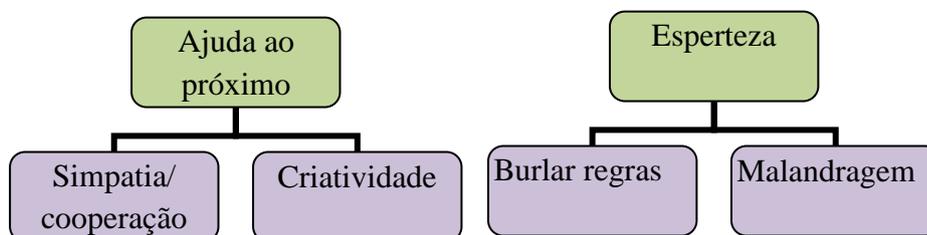
i) no geral acho as questões bem construídas (juiz 14);

Após esta etapa, alguns itens foram modificados para melhorar a interpretação do comportamento observado sem, contudo, alterar a essência na categoria proposta; e foram acrescentados três itens ao instrumento-piloto.

Sobre os cenários das categorias indicadas, a criatividade atendeu com dois itens, e os juízes também os consideraram, portanto, é um atributo conferido aos sujeitos. A simpatia é apontada em seis cenários, porém os juízes consideraram apenas três, redirecionando os outros à categoria inicial. Os juízes identificaram seis itens de burlar regras, ficando um deles similar à malandragem. Cenários com indicativo de práticas de levar vantagens sobre os outros – malandragem –, foram mantidos pelos juízes. Um item da categoria burlar regras foi substituído por outro da malandragem, que ficou com cinco itens.

Segue a Figura 34 com o modelo teórico proposto e extraído das análises realizadas com os juízes nesta etapa inicial:

Figura 34: Modelo teórico do *jeitinho* proposto na etapa inicial



Desta forma, definiu-se o instrumento piloto de medida do *jeitinho* denominado Escala de Jeitinho para Pré-adolescentes – EJP, contendo 18 itens, coletados empiricamente com estudantes de mesma escolaridade dos participantes e submetidos à validação semântica, à análise por juízes e à validação estatística. A escala de *jeitinho* brasileiro para pré-adolescentes possui uma escala Likert de 5 pontos (1 = não concordo e 5 = concordo totalmente).

3.2.3 Evidências de validade estatística da escala EJP

3.2.3.1 Método

Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada nas instituições públicas de ensino da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Na SEEDF, as instituições de ensino (escolas) são vinculadas às Coordenadorias Regionais de Ensino (CRE), que são unidades orgânicas de coordenação e supervisão, diretamente subordinadas ao Secretário de Estado de Educação, cujas atribuições são coordenar, orientar, articular e supervisionar, no âmbito de sua área de atuação e junto às escolas, as políticas educacionais, administrativas e de aperfeiçoamento dos profissionais da educação (SEEDF, 2019). Atualmente, são quatorze as CREs e estão distribuídas nas 31 Regiões Administrativas (RA), antigas cidades satélites, do Distrito Federal, conforme Figura 7.

3.2.3.1.1 Amostra

A amostra constituiu-se de 3271 estudantes, denominados de *participantes ou pré-adolescentes*, sendo 1742 do gênero feminino (53,3%) e 1529 do masculino (46,7%), distribuídos entre as faixas etárias de 10 anos (N=14), 11 (N=1267), 12 (N=1564) e 13 anos (N=426), com média de idade de 11,73 anos e desvio padrão de 0,681. Os participantes estão matriculados nos 6º e 7º anos do ensino fundamental II, em escolas da zona urbana das quatorze Coordenações Regionais de Ensino (CRE) do Distrito Federal (DF), perfazendo um total de 39% do total das instituições de ensino do DF com o perfil dos participantes. Essa amostra é mesma citada no Estudo 1.

3.2.3.1.2 Estratégias

Foi aplicado um segundo *survey* em todas as escolas que participaram da pesquisa. O *survey* foi realizado para compreender o *jeitinho* brasileiro dos pré-adolescentes no ambiente escolar, por meio de um questionário, de modo simultâneo ao do Estudo 1.

3.2.3.1.3 Instrumento

Foi utilizado o instrumento de medida do *jeitinho* denominado Escala de *Jeitinho* para Pré-adolescentes – EJP. O EJP contém 18 itens apresentando cenários com descrições de situações de resolução de problemas. Utiliza uma escala de medida Likert com cinco pontos (1 = não concordo a 5 = concordo totalmente) que mede o grau de concordância em relação às situações descritas. São exemplos de itens do EJP: “É hora do intervalo e a fila para pegar o lanche está muito grande. Todo mundo está esperando chegar a sua vez. Aparece uma aluna que, sem explicar nada a ninguém, pede para entrar na frente de uma amiga que está no 2º. lugar da fila” e “Uma aluna esqueceu a carteirinha de estudante em casa e ficou fora da escola. Ela pediu a uma colega que tinha entrado e era muito parecida, que emprestasse sua carteirinha de estudante. Ela mostrou a carteirinha falsa e entrou sem ninguém desconfiar”.

3.2.3.1.4 Procedimentos

No âmbito da SEEDF, a autorização foi concedida para que a pesquisa percorresse todas as CREs (APÊNDICE A) sendo, na escola, autorizada pela direção e professores (APÊNDICE B).

Nas salas de aula, os questionários foram aplicados pelo pesquisador. Em cada sala de aula, foi explicado o objetivo da pesquisa; a garantia do sigilo e anonimato; a inexistência de respostas certas ou erradas; e que as opiniões eram individuais.

3.2.3.1.5 Análise de dados

A fase inicial preparatória para as análises estatísticas deste Estudo 2 seguiu os procedimentos do Estudo 1, sendo investigado se um conjunto de pressupostos estatísticos está presente nos dados coletados, seguindo as orientações de Hair *et al.* (2009); Field (2009); Maroco (2007); Neiva, Abbad e Tróccoli (2007); e Pilati e Porto (2008). As análises estatísticas foram iniciadas com as estatísticas descritivas univariadas das variáveis pesquisadas, utilizando o *software Statistical Package for the Social Sciences – SPSS*, versão 23, em seguida realizou-se uma inspeção dos dados verificando os pressupostos estatísticos necessários para se atingir um dos objetivos da pesquisa – validar um instrumento de medida.

Foram detectados alguns poucos dados ausentes que foram corrigidos pela revisão dos questionários. Na presença de *outliers* foi utilizado o critério da distância de Mahalanobis, para um intervalo de 95% e probabilidade de $p < 0,0001$, com um ponto de corte no valor de 43,312, pela análise dos valores críticos da distribuição qui-quadrado para $gl=18$.

O pressuposto da normalidade foi avaliado de três formas: (i) pelos testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk, os quais revelaram a ausência de distribuição normal; (ii) pelos índices de skewness e kurtosis, cujos valores iniciais foram bem próximos de zero, sendo necessário verificar a significância deles por meio do *Score Z*, a um nível de significância de 0,05, porém, a maioria das variáveis evidenciava um *Score Z* maior que $\pm 1,96$, indicando ausência de normalidade. A terceira forma (iii) foi pelos gráficos da distribuição – histogramas.

A linearidade das variáveis foi testada verificando visualmente os gráficos de dispersão – gráfico PP normal – indicando um razoável padrão linear das variáveis e a análise dos resíduos. Para se avaliar a multicolinearidade nos dados da amostra, aplicamos as medidas de tolerância e sua inversa, e as variáveis forneceram índices de tolerância acima de 0,2 e os valores de VIF < 10 , indicando a ausência de multicolinearidade. Utilizou-se o teste de Levene para testar a homoscedasticidade nas variáveis dependentes entre os grupos definidos pelas variáveis independentes, e encontramos maioria das variáveis testadas com um índice não significativo ($p > 0,05$) mantendo a suposição de variância homogêneas, bem como nos gráficos de dispersão ZPRED vs ZRESID.

Verificados os pressupostos, executou-se a análise fatorial na tentativa de obter parcimônia nos relacionamentos – a interdependência – entre as variáveis do questionário para encontrar um modo de condensá-las em um conjunto menor de novas variáveis estatísticas (fatores) (HAIR *et al.*, 2009). Foi realizada uma análise fatorial exploratória envolvendo (i) a verificação da adequabilidade do padrão de correlação entre as variáveis; (ii) definição do tipo de técnica utilizada para extrair os fatores e do número de fatores a serem extraídos; (iii) definição do procedimento de rotação a ser utilizado para direcionar os fatores; (iv) interpretação dos resultados gerados.

A avaliação da adequabilidade da matriz de dados foi feita a partir da verificação dos valores presentes na diagonal da matriz anti-imagem e a partir dos testes de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e de Bartlett. Optou-se pelo método de componentes principais,

por ser o mais utilizado quando o seu objetivo é basicamente encontrar a quantidades de fatores a serem extraídos da matriz variáveis. A quantidade de fatores foi determinada pelos critérios dos autovalores iguais ou superiores a um; pelo gráfico do *scree plot* ; o percentual de variância explicada por cada fator; a variância total explicada e o significado teórico entre o agrupamento das variáveis de um mesmo fator (HAIR *et al.*, 2009; MAROCO, 2007).

Para a extração de fatores, foi utilizado o método de fatoração dos eixos principais (*Principal Axis Factoring* – PAF), com rotação Promax para extração dos fatores, que pressupõe a existência de correlações entre as variáveis coletadas. Foram verificados os índices de consistência interna pelo Alfa de Cronbach (α) (HAIR *et al.*, 2009; MAROCO, 2007). Após a definição dos fatores, fez-se a análise teórica confirmando o conteúdo semântico dos itens em cada fator. Para a investigação estatística das relações entre as variáveis coletadas e os fatores extraídos, foram utilizadas as técnicas de análise de variância – ANOVA, médias, correlações, regressões lineares múltiplas hierárquicas e a técnica de escalonamento multidimensional (MDS).

3.2.3.2 Resultados

3.2.3.2.1 Análise fatorial exploratória da escala de medida do *jeitinho*

A AF e a AFE do Estudo 2 seguiram com procedimentos semelhantes aos do Estudo 1. A escala apresentou uma matriz de correlações com índices próximos ou superiores a 0,3; um índice de adequação amostral Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) igual a 0,890, indicando possuir um grau muito bom de ajuste à análise fatorial (FIELD, 2009); e o teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(153) = 10014,978$, $\rho < 0,001$] foi altamente significativo, indicando uma baixa probabilidade de que a matriz pesquisada seja uma matriz identidade (NEIVA; TRÓCCOLI; ABBAD, 2007; PILATI; PORTO, 2008; HAIR, 2009), de acordo com a Figura 35. Do exposto, recomenda-se o uso da análise fatorial.

Teste de KMO e Bartlett		
Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.		,890
Teste de esfericidade de	Aprox. Qui-quadrado	10014,978
Bartlett	gl	153
	Sig.	,000

Figura 35: Teste de KMO e Bartlett da matriz de correlações da escala do *jeitinho*

A matriz anti-imagem das covariâncias e correlações apresentou valores acima de 0,6 em todas as variáveis da diagonal e os restantes, próximos a zero indicando a possibilidade de se obter uma boa análise dos fatores (FIELD, 2009).

As comunalidades, que representam a quantidade das variâncias (correlações) comuns presentes em cada variável, indicaram não haver problemas, pois, não apresentaram valores extremos (muito próximos de 0 ou 1).

Para estabelecer a quantidade de fatores da escala EJP, utilizou-se das informações geradas pela ACP, informando os autovalores (*eigenvalues*) e os respectivos percentuais da variância explicada e acumulada, demonstrados na Tabela 35, além do gráfico de *scree plot*.

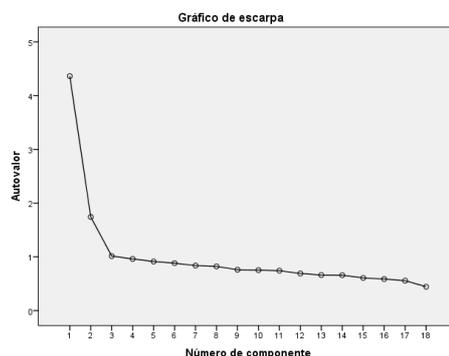
Tabela 35: Análise dos componentes principais da escala EJP

Variância total explicada						
Componente	Autovalores iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa
1	4,363	24,241	24,241	4,363	24,241	24,241
2	1,743	9,681	33,923	1,743	9,681	33,923
3	1,015	5,636	39,559	1,015	5,636	39,559
4	,962	5,343	44,902			
5	,913	5,074	49,977			
6	,882	4,902	54,879			
7	,838	4,654	59,533			
8	,822	4,567	64,100			
9	,760	4,222	68,321			
10	,753	4,183	72,504			
11	,742	4,123	76,627			
12	,691	3,837	80,464			
13	,661	3,673	84,137			
14	,659	3,660	87,797			
15	,608	3,378	91,175			
16	,588	3,264	94,440			
17	,557	3,095	97,534			
18	,444	2,466	100,000			

Método de Extração: Análise de Componente Principal.

Observando o gráfico de escarpa – *scree plot*, foi verificada a existência de três fatores, conforme mostra a Figura 36, o que foi explorado para verificar a melhor opção.

Figura 36: *Scree plots* dos *eigenvalues* na ACP da escala do *jeitinho*



O índice da variância explicada total, onde cada componente tem no mínimo 3% da variância explicada, apontou a possibilidade de extrair 17 fatores, porém este procedimento inviabilizaria o prosseguimento da AF, além de baixos índices de correlação. O critério dos autovalores (*eigenvalues* > 1) e o gráfico de *scree plot* indicarão a extração de três componentes, e apesar de um componente apresentar apenas dois itens em sua composição, estes possuem um bom índice de confiabilidade e correlação, viabilizando a continuidade da análise fatorial.

Portanto, foi efetuada uma extração com três fatores, observando a existência de significado teórico explorado e a semelhança semântica entre as variáveis associadas em um mesmo fator, havendo coerência nos agrupamentos dos itens nas categorias propostas.

Em seguida, foi realizada uma análise fatorial exploratória com o método *Principal Factor Extraction* (PAF) ou fatoraçoão pelo eixo principal, utilizando o método *oblíquo* com rotação *Promax*, obtendo 24,241% de variância acumulada no primeiro fator, sendo acrescida de 9,682% ao segundo fator, 5,636% ao terceiro, totalizando 39,559% de variância acumulada total.

Com base no resultado da matriz padrão gerada e um ponto de corte de 0,30, nenhum item foi excluído, obtendo cargas fatoriais com limite inferior de 0,308 e o superior de 0,724. Segundo Pasquali (2013), as cargas fatoriais acima de 0,30 são consideradas significativas em análises exploratórias viabilizando com que a variável seja representante de um fator. Segue a Tabela 36 com a matriz padrão resultante da AFE e os três fatores extraídos:

Tabela 36: Matriz padrão da AFE na escala EJP

Matriz de padrão ^a			
	Fatores		
	1	2	3
J5	0,637		
J6	0,614		
J2	0,609		
J13	0,522		
J15	0,483		
J9	0,481		
J1	0,461		
J12	0,430		
J10	0,424		
J11	0,420		
J4	0,348		
J18		0,724	
J17		0,707	
J16			0,509
J8			0,496
J3			0,436
J14			0,330
J7			0,308

Método de Extração: Fatoração pelo Eixo Principal.

Método de Rotação: Promax com Normalização de Kaiser.^a

a. Rotação convergida em 4 iterações.

Os três fatores extraídos explicam mais de 39% da variância das 18 variáveis constantes da matriz fatorial, sendo considerado como um bom índice percentual. Para verificar a consistência interna nos fatores, dentre os vários critérios de cálculos do índice de consistência interna de uma matriz de dados, a opção foi pelo Alfa de Cronbach (α), sendo o método mais utilizado em estudos transversais. Este índice avalia o grau em que os itens de uma matriz de dados estão correlacionados entre si (PASQUALI, 2010).

A obtenção dos três fatores permitiu a conveniência e afinidade dos itens nas categorias, cujos focos tratam de aspectos contraditórios do *jeitinho* brasileiro. Um aspecto referiu-se aos comportamentos de quebra de regras contrariando normas estabelecidas na escola; o outro, a um conjunto de artimanhas para se obter vantagens em determinadas situações, as quais podem ser lícitas ou ilícitas, em uma tentativa de levar vantagens sobre os outros, ou seja, a malandragem. O terceiro aspecto referiu-se aos sentimentos construídos com os indivíduos para conseguir as coisas, demonstrando compreensão, disposição em ajudar, confiança, resolver um problema inesperado sem violar regras ou normas, envolvendo simpatia. Os cenários de malandragem se associaram no fator 1 com Alfa de Cronbach(α)=0,770; os relacionados a burlar regras ficaram no fator 2 com Alfa de

Cronbach(α)=0,691; e os cenários envolvendo simpatia, cooperação e criatividade com Alfa de Cronbach(α)=0,510.

A Tabela 37 informa as médias e os desvios padrão (DP) dos fatores, apontando baixos coeficientes de variação, com indicações de homogeneidade nos dados dos fatores.

Tabela 37: Médias e DP dos fatores extraídos no Estudo 2.

Fatores da escala de jeitinho para pré-adolescentes	Média estatística	Desvio padrão (DP)
<i>Malandragem</i>	1,350	0,415
<i>Burlar regras</i>	1,577	0,813
<i>Simpatia</i>	3,342	0,026

Análise teórica dos itens em cada fator proposto

O Fator 1: os itens que compõem este fator possuem cenários com ações que indicam que os indivíduos buscam levar vantagens sobre os outros para obter um resultado, e que, não necessariamente, tenham que prejudicar alguém, indicando o uso da esperteza no aspecto negativo. Com essas características, este fator foi denominado “*MALANDRAGEM*”. Segue Tabela 38 com as variáveis, carga fatorial e comunalidades no Fator 1:

Tabela 38: Fator 1 da escala EJP com suas variáveis, cargas fatoriais e comunalidades.

Itens	MALANDRAGEM	Carga fatorial	h^2
J5	O professor de Matemática passou um trabalho de grupo para ser feito com 4 alunos. Três colegas fizeram todo o trabalho e Zezinho não fez nada nem disse nada. No dia da entrega, Zezinho pediu ao grupo que colocasse seu nome no trabalho para ganhar nota.	0,637	0,351
J6	Numa prova de Português, quase todo mundo da turma se esforçou e estudou muito, menos uma aluna. Ela disse que “colou” a prova toda de um colega e “se deu bem” !	0,614	0,369
J2	Um professor pede que todos os alunos entreguem o trabalho hoje, pois já tinha sido combinado 5 dias atrás. Um aluno, que não entendeu a matéria, nem fez o trabalho, pediu ao professor que lhe desse mais 2 dias para fazê-lo. Nesse tempo o aluno pagou um colega para fazer o trabalho para ele.	0,609	0,321
J13	É sexta-feira e já estão quase acabando as aulas para que todos possam ir para casa. Sem falar nada, um aluno, que quer sair mais cedo, corre para o portão de saída e pede ao porteiro para ir embora antes dos outros dizendo que o professor o liberou por ter feito o dever.	0,522	0,333

J15	Um aluno levou uma advertência por ter brincado e atrapalhado na aula de Matemática. O professor pediu que o seu responsável assinasse o documento. O aluno falsificou a assinatura da sua mãe e entregou o documento para o professor.	0,483	0,329
J9	No fim de semana passado, teve reunião de pais e entrega de boletins na escola. A fila de pais estava grande para conversar com os professores. Chega uma mãe, passa na frente de todos e para ser atendida mais rápido, diz que precisa voltar correndo pra casa para fazer o almoço.	0,481	0,220
J1	É hora do intervalo e a fila para pegar o lanche está muito grande. Todo mundo está esperando chegar a sua vez. Aparece uma aluna que, sem explicar nada a ninguém, pede para entrar na frente de uma amiga que está no 2º. lugar da fila.	0,461	0,210
J12	A escola tem um professor que passa muitos exercícios durante a semana. Chegou o dia de mostrar o caderno de exercícios para ele dar visto e a Ana não fez nenhuma tarefa. Uma colega emprestou o seu caderno com todos os exercícios já feitos para a Ana mostrar ao professor como se fosse o dela.	0,430	0,353
J10	João bateu em um colega, chegando a machucá-lo. O professor mandou os dois para a direção. João, vendo que iria levar uma “suspensão”, pediu desculpas ao colega e disse que era só uma brincadeirinha.	0,424	0,168
J11	Faz muito calor e é dia de entregar os boletins na escola, onde há uma grande fila. Chega uma mulher e fica no último lugar, atrás de um rapaz. Ela pede ao rapaz que “segure” o seu lugar na fila enquanto vai conversar com uma amiga que está no portão da escola e que, quando chegar a sua vez de ser atendida, ela retornará ao lugar.	0,420	0,220
J4	Ontem na escola a direção vendeu picolé a R\$ 1,00 cada. Uma aluna tinha dinheiro, e pagou picolé para outras amigas, depois que combinaram que elas fariam o seu dever de casa.	0,348	0,120
Itens retidos = 11		Alfa de Cronbach = 0,770	

A arte de sobreviver nas situações mais difíceis, utilizando-se de ‘histórias’ para tirar vantagens sobre os outros é destacada por DaMatta (1986) como malandragem. O autor enfatiza a imagem do malandro como um personagem nacional que vive do momento em que acha que a lei pode ser esquecida ou burlada com classe ou *jeitinho*. Cita, o autor, que a malandragem é uma singularidade inconsequente dos brasileiros de viver em sociedade. O uso da malandragem pode ser por meio da esperteza com o uso de ações enganosas para tirar vantagem de uma situação (PILATI *et al.*, 2011).

O Fator 2 contém cenários com peculiaridades negativas dos participantes, envolvendo uma ação ou ato consciente de burlar as regras preestabelecidas na escola, como solução imediata para resolver um problema, podendo, ou não, ter ajuda de outros para a efetivação dessa ação ou ato. O Fator 2 que associou os itens que indicam essa forma de contornar uma proibição mesmo sabendo que não se deve praticá-la, foi denominado de “**BURLAR REGRAS**”, apresentado pela Tabela 39:

Tabela 39: Fator 2 da escala EJP com suas variáveis, cargas fatoriais e comunalidades

Itens	BURLAR REGRAS	Carga fatorial	h ²
J18	Uma aluna esqueceu a carteirinha de estudante em casa e ficou fora da escola. Ela pediu a uma colega que tinha entrado e era muito parecida, que emprestasse sua carteirinha de estudante. Ela mostrou a carteirinha falsa e entrou sem ninguém desconfiar.	0,724	0,570
J17	Um aluno não entrou na escola porque estava sem a blusa do uniforme. Um amigo que está dentro da escola tira a blusa do uniforme e joga pelo muro para ele. Ele veste, entra na escola, devolve a camisa para o amigo e assiste as aulas tranquilamente com a camisa dele.	0,707	0,512
Itens retidos = 2		Alfa de Cronbach = 0,691	

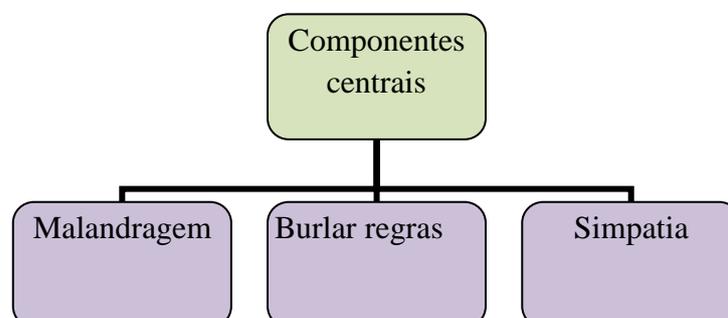
O Fator 3 contém cenários com atributos positivos dos participantes que caracterizam a tentativa de estabelecer uma afinidade imediata com quem se quer pedir uma ajuda na solução de um problema, utilizando a criatividade, a humildade, buscando apoio nos interlocutores. Sendo assim, este fator foi denominado “*SIMPATIA*”. Segue Tabela 40 com as variáveis, carga fatoriais e comunalidades no Fator 3:

Tabela 40: Fator 3 da escala EJP com suas variáveis, cargas fatoriais e comunalidades

Itens	SIMPATIA	Carga fatorial	h ²
J16	No intervalo das aulas, Lucas resolveu tocar violão. Na falta de um pequeno palco para a apresentação, imediatamente os alunos juntaram várias mesas, amarraram as pernas delas para ficar firme e colocaram um tapete em cima para não escorregar. Assim, Lucas cantou músicas para todos os alunos da escola.	0,509	0,264
J8	O pátio de uma escola tem poucos bancos pra sentar. Os alunos conseguiram pneus de carro, amarraram linhas grossas como assentos, pintaram e fizeram mais bancos para sentar.	0,496	0,257
J3	Um aluno tinha notas muito baixas e poderia ficar de recuperação. Três colegas da sua sala de aula se reuniram e deram aulas particulares para ele que conseguiu melhorar as notas e escapou da recuperação.	0,436	0,188
J14	Um aluno falta muito às aulas e está com notas baixas, correndo o risco de não passar de ano. Ele justificou para o professor que estava “muito doente”, e lhe pediu que lhe desse mais um trabalho para fazer para não ser reprovado.	0,330	0,171
J7	Hoje teve uma prova de Ciências e o professor disse que iria corrigi-la só na semana que vem. Um pai que precisava viajar urgente foi na escola e pediu ao professor que corrigisse a prova da sua filha, antes dos outros.	0,308	0,153
Itens retidos = 5		Alfa de Cronbach = 0,510	

Após a extração dos fatores correspondentes aos cenários identificados, segue Figura 37 com o modelo teórico do *jeitinho* proposto nesta pesquisa:

Figura 37: Proposta do Modelo teórico do *jeitinho*



3.2.3.2.2 Análise exploratória com a escala EJP

Foi realizada a análise exploratória dos três fatores extraídos e suas relações com as demais variáveis demográficas, na intenção de compreender as práticas do *jeitinho brasileiro* dos participantes, no contexto escolar. Para tanto, foram realizadas correlações para verificar o grau de associações entre as variáveis da pesquisa; as análises de variâncias (ANOVA) visando verificar se existem diferenças significativas entre as médias dessas variáveis analisadas; o teste t para a comparação de grupos, especificamente a existência de diferenças de gênero, série e período; a regressão múltipla que busca prever um resultado a partir de diversas variáveis predictoras; e a técnica de escalonamento multidimensional (MDS) que verifica as distâncias espaciais entre as variáveis analisadas com os fatores do *jeitinho*.

Correlações entre as variáveis demográficas e a escala EJP

Para verificar os relacionamentos ou associações entre as variáveis demográficas e os fatores da escala EJP, foi feita uma análise de correlação, cujos resultados das relações significativas são apresentados na Tabela 41:

Tabela 41: Correlações significativas entre as variáveis demográficas e a escala EJP

	Malandragem	Burlar regras	Simpatia
Sexo	0,108	0,045	0,056
Idade	0,091	0,097	-
Série	-	0,038	-
Período	0,055	0,060	0,053
Escola	-0,057	-0,074	0,046

$p < 0,01$ (bilateral).

Os resultados para a variável CRE foram idênticos aos da variável escola, pelo motivo das escolas fazerem parte das respectivas CREs.

3.2.3.2.3 ANOVA – variáveis demográficas e a escala EJP

A utilização, preliminarmente, da técnica de análise de variância (ANOVA) informa como as VIs interagem umas com as outras e que efeitos essas interações apresentam sobre as VDs exploradas (FIELD, 2009). A ANOVA é relativamente robusta a violações dos pressupostos estatísticos e é um teste paramétrico equivalente ao teste t, com a diferença de realizar a comparação de médias de três ou mais grupos, e a ocorrência de diferenças entre as médias significa algum grau de variação entre as condições, devido a efeito de tratamento/experimentos, diferenças individuais e/ou por erro experimental (NEIVA, ABBUD, TRÓCCOLI, 2007).

Nesta etapa de pesquisa, foi verificado se há diferença no efeito das variáveis demográficas idade, sexo, série, turno de estudo, escola e CRE como VIs, sobre os fatores da escala EJP como VDs. As variações entre grupos ocorreram de diferenças individuais dos participantes, fazendo com que os escores sejam diferentes, ou devido ao erro amostral. Foi aplicada ANOVA univariada com um fator para cada variável demográfica, iniciando com a variável gênero.

ANOVA entre os fatores da escala EJP e a variável sexo

Analisando a Tabela 42, a análise mostra que $F(1,3269)=38,541$; $p < 0,001$, $\eta^2=0,012$, indicando que 1,2% da variação do gênero tem efeito no comportamento geral do *jeitinho* (CGJ). Seguem os resultados dos demais fatores do *jeitinho*:

- (i) **Malandragem** apresentou $F(1,3269) = 38,851$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,012$, indicando um baixo efeito do gênero sobre o comportamento relacionado à *malandragem*.
- (ii) **Burlar regras** mostrou $F(1,3269) = 6,638$; $p < 0,05$; $\eta^2 = 0,002$, ou seja, há um efeito significativo do gênero, porém, muito baixo.
- (iii) **Simpatia** com $F(1,3269) = 10,304$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,003$, também mostrou uma baixa variabilidade do gênero, apesar de existir um efeito estatisticamente significativo (0,3% variabilidade).

A variável gênero possui uma diferença significativa com todos os fatores do *jeitinho*, porém com baixos índices de variabilidade.

Tabela 42: ANOVA entre a variável sexo e as dimensões da escala EJP

		ANOVA					
		Soma dos quadrados	gl	Quadrado médio	F	Sig.	η^2
Malandragem	Entre grupos	6,617	1	6,617	38,851	0,000	0,012
	Nos grupos	556,797	3269	0,170			
	Total	563,414	3270				
Burlar regras	Entre grupos	4,378	1	4,378	6,638	0,010	0,002
	Nos grupos	2155,708	3269	0,659			
	Total	2160,086	3270				
Simpatia	Entre grupos	4,588	1	4,588	10,304	0,001	0,003
	Nos grupos	1455,479	3269	0,445			
	Total	1460,067	3270				

Os resultados com o teste t apontam que há diferença entre as médias de gênero nos fatores que indicam a prática de *Malandragem* ($p < 0,001$), de *Burlar regras* ($p < 0,05$) e de *Simpatia* ($p < 0,05$). As médias das meninas participantes foram mais baixas em todos os fatores em relação aos meninos. Os resultados apontam que os meninos ($M = 1,397$, $EP = 0,012$) buscam levar mais vantagens sobre os outros do que as meninas ($M = 1,307$, $EP = 0,009$), sendo esta diferença significativa com $t(3269) = -6,233$, $p < 0,001$, porém há indicações de que eles ($M = 3,382$, $EP = 0,017$) estão mais predispostos a estabelecerem relações pessoais para solicitar uma ajuda, ou para resolver um problema, do que elas

($M=3,307$, $EP=0,016$) com uma média estatisticamente significativa [$t(3269)=-3,210$, $p<0,05$].

ANOVA entre os fatores da escala EJP e a variável idade

A Tabela 43 informa que apenas 0,9% da variabilidade da variável idade tem efeito sobre o comportamento geral do jeitinho (CGJ), seguido de 1,1% da variabilidade sobre os fatores *malandragem* e *burlar regras*. O fator simpatia, com $F(3, 3267)=0,487$; $p>0,05$ (0,692); $\eta^2=0,000$, não é estatisticamente significativo.

Tabela 43: ANOVA entre a variável idade e as dimensões da escala EJP

		ANOVA					
		Soma dos quadrados	gl	Quadrado médio	F	Sig.	η^2
Malandragem	Entre grupos	6,462	3	2,154	12,636	0,000	0,011
	Nos grupos	556,952	3267	0,170			
	Total	563,414	3270				
Burlar regras	Entre grupos	24,456	3	8,152	12,471	0,000	0,011
	Nos grupos	2135,629	3267	0,654			
	Total	2160,086	3270				
Simpatia	Entre grupos	0,652	3	0,217	0,487	0,692	0,000
	Nos grupos	1459,415	3267	0,447			
	Total	1460,067	3270				

ANOVA entre os fatores da escala EJP e a variável série

Nesta análise, foi observado que o fator *burlar regras* [$F(1, 3269)=4,796$; $p>0,05$; $\eta^2=0,001$] é o único grupo que é estatisticamente significativo com a variável série, mas possui um baixo efeito estatístico sobre este fator (0,1% de variabilidade). A variável demográfica série não apresenta efeito significativo sobre os demais fatores deste grupo (Tabela 44).

Tabela 44: ANOVA entre a variável série e as dimensões da escala EJP

ANOVA							
		Soma dos quadrados	gl	Quadrado médio	F	Sig.	η^2
Malandragem	Entre grupos	0,292	1	0,292	1,693	0,193	0,001
	Nos grupos	563,122	3269	0,172			
	Total	563,414	3270				
Burlar regras	Entre grupos	3,164	1	3,164	4,796	0,029	0,001
	Nos grupos	2156,922	3269	0,660			
	Total	2160,086	3270				
Simpatia	Entre grupos	0,314	1	0,314	0,703	0,402	0,000
	Nos grupos	1459,753	3269	0,447			
	Total	1460,067	3270				

O teste de Levene (Tabela 45) mostra que as variâncias para os fatores do *jeitinho* não são significativamente diferentes, o que explica a existência de homogeneidade das variâncias para os fatores de *malandragem*, *burlar regras* e *simpatia*.

Tabela 45: Teste de Levene entre os fatores da escala EJP e a variável série

	F	gl1	gl2	Sig.
Malandragem	2,970	1	3269	0,085
Burlar regras	2,391	1	3269	0,122
Simpatia	0,773	1	3269	0,379

Os resultados com o teste t indicam existir um efeito estatisticamente significativo da variável série, apenas quanto ao fator *Burlar regras* ($p < 0,05$). Há indícios de que os alunos do 7º ano ($M=1,656$, $EP=0,040$) têm mais possibilidades de não seguirem regras ou normas da escola, do que os alunos do 6º ano ($M=1,565$, $EP=0,015$) com $t(3269) = -2,190$, $p < 0,05$.

ANOVA entre os fatores da escala EJP e a variável período

Observando a Tabela 46, a análise mostra que todos os demais fatores são estatisticamente significativos, possuindo em *malandragem* $F(1,3269)=10,068$, $p<0,05$; *Burlar regras* $F(1,3269)=11,667$, $p<0,05$; e *Simpatia* $F(1,3269)=9,224$, $p<0,05$.

Tabela 46: ANOVA entre a variável período e as dimensões da escala EJP

ANOVA							
		Soma dos quadrados	gl	Quadrado médio	F	Sig.	η^2
Malandragem	Entre grupos	1,730	1	1,730	10,068	0,002	0,003
	Nos grupos	561,684	3269	0,172			
	Total	563,414	3270				
Burlar regras	Entre grupos	7,682	1	7,682	11,667	0,001	0,004
	Nos grupos	2152,404	3269	0,658			
	Total	2160,086	2170				
Simpatia	Entre grupos	4,108	1	4,108	9,224	0,002	0,003
	Nos grupos	1455,959	3269	0,445			
	Total	1460,067	3270				

Os resultados demonstram que há diferenças entre as médias da variável período, sendo significativas para todos os fatores da escala EJP. Verificou-se que o turno matutino possui menores médias do que o vespertino, em todos os fatores da escala, sendo assim, há evidências que o turno matutino ($M=1,525$, $EP=0,019$) é o momento que ocorre uma menor porcentagem de alunos quebrando regras na escola do que o turno vespertino ($M=1,623$, $EP=0,021$) [$t(3268,9)=-3,442$, $p<0,05$].

O teste t [$t(3268,6)=-3,196$, $p<0,05$] mostrou que no turno vespertino ($M=1,371$, $EP=0,105$) há mais alunos com práticas de levar vantagens sobre os outros para solucionar problemas do que o matutino ($M=325$, $EP=0,010$), bem como, no vespertino, há evidências de que as soluções para os problemas sejam resolvidos de forma mais criativa [$t(3246,3)=-3,045$, $p<0,05$].

A ANOVA mostrou que há diferenças significativas nas médias da variável escola sobre todos os fatores do *jeitinho*. Na variável CRE [$F(13,3257)=1,935$, $p<0,05$], há

diferença estatisticamente significativa da CRE em relação ao fator específico de *burlar regras*.

3.2.3.2.4 Regressões múltiplas

A análise de regressão múltipla é uma técnica estatística que pode ser usada para analisar a relação entre uma única VD (ou variável critério ou resposta) e várias VIs (ou variáveis preditoras, previsoras ou explicativas) (HAIR *et al.*, 2009). Tem como objetivos: comparar qual o melhor conjunto de VIs que predizem a VD; analisar o grau de importância das VIs; determinar a magnitude do relacionamento da VD com cada VI (NEIVA; ABBAD; TRÓCCOLI, 2007). A regressão múltipla busca prever um resultado a partir de diversas variáveis previsoras (FIELD, 2009, p. 157).

Esta etapa da pesquisa utilizou a regressão múltipla hierárquica, na qual os previsores são escolhidos com base em pesquisas anteriores e o pesquisador decide a ordem de entrada das VIs em um modelo (FIELD, 2009). Por este método, os previsores devem ser colocados no modelo pela sua ordem de importância em poder prever a variável de saída. Field (2009) lembra que, nas pesquisas em ciências sociais, raramente encontramos previsores não-correlacionados, portanto é importante a escolha do método de seleção dos previsores. Neste estudo 2, para as análises de regressões múltiplas foram utilizadas as variáveis demográficas sexo, idade, série, período, escola e CRE como VIs. No próximo capítulo, estudo 3, os fatores da escala EVP serão analisados com VIs em relação aos fatores da escala EJP como VDs.

Após definição do modelo de regressão, analisou-se o ajuste e a significância estatística dos parâmetros estimados, sendo utilizados o coeficiente de determinação (R^2) e o coeficiente de determinação ajustado (R^2 ajustado), que ajusta o modelo de acordo com a quantidade de parâmetros ou VIs, favorecendo um modelo mais parcimonioso.

Foram realizados testes de multicolinearidade e normalidade de resíduos para as regressões efetuadas. As variáveis preditoras (sexo, idade, série, período, escola e CRE) não apresentaram uma correlação alta, evidenciando a ausência de multicolinearidade, porém foram observados os testes de FIV (fator de inflação de variância) e Tolerância, por meio do programa SPSS versão 23. O FIV indica se um preditor tem um relacionamento

linear forte com outro(s) previsor(es). Um valor inferior a 10 é sugerido como um bom valor para confirmar a ausência de multicolinearidade (MEYERS, 1990 *apud* FIELD, 2009). A Tolerância, que é o inverso do FIV, também pode identificar problemas com a multicolinearidade quando apresentar valores abaixo de 0,1.

Seguem algumas análises iniciais dos pressupostos estatísticos de normalidade e homocedasticidade entre VIs e um fator do *jeitinho*, e posteriormente, são realizadas as análises de regressão múltipla.

Pressupostos estatísticos para as regressões múltiplas

Para as análises iniciais, foram testados os pressupostos estatísticos de normalidade (Figura 38 e Figura 39) e homocedasticidade (Figura 40) entre as variáveis demográficas, como exemplos ilustrativos.

Figura 38: Histograma Fator *Simpatia* vs variáveis demográficas

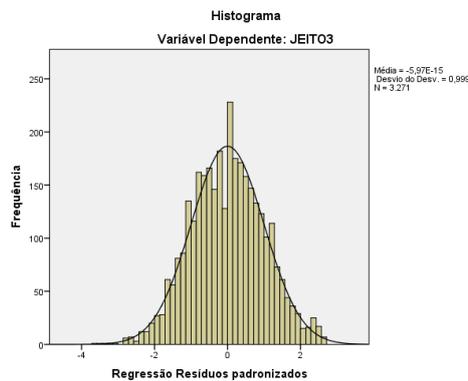


Figura 39: Gráfico P-P Plot: Fator *Simpatia* vs variáveis demográficas

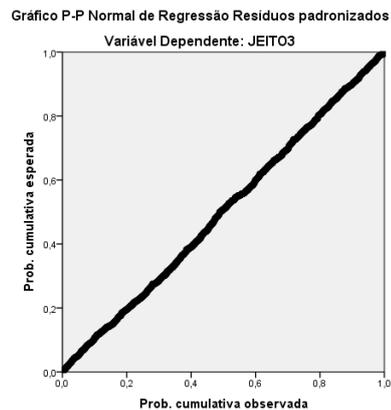
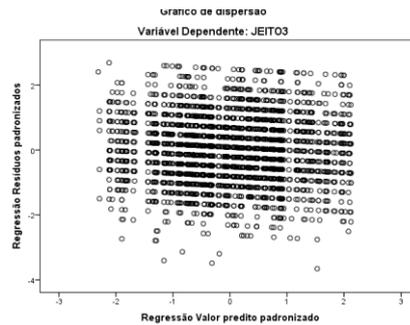


Figura 40: Diagrama de dispersão: Fator *Simpatia* vs variáveis demográficas

Foram feitas as mesmas análises iniciais entre as variáveis demográficas e os fatores *Malandragem* e *Burlar regras*. Seguem as regressões múltiplas para investigar as variáveis demográficas idade, sexo, série, turno de estudo, escola e CRE, usadas como VIs, para verificar quais poderiam ser preditoras de cada fator da escala EJP – *Malandragem*, *Burlar regras* e *Simpatia*.

Regressões múltiplas entre fatores do *jeitinho* e variáveis demográficas

A primeira regressão foi realizada com o fator *Malandragem* e as VIs sexo, idade, série, período, escola e CRE. Foram inseridos os preditores conforme o método hierárquico para verificar os ajustes iniciais, sendo observado que a variável *escola* não acrescentou em nada a capacidade de prever a prática do fator *Malandragem*.

A Tabela 47 mostra as contribuições dos parâmetros do modelo com fator *Malandragem* e as VIs incluídas. Observa-se que a variável idade ($\beta = 0,106$, $p < 0,001$) foi responsável pela maior contribuição na predição do fator *Malandragem* [$F(5,3265) = 18,818$, $p < 0,001$], com 10,6% da variação explicada, seguida por gênero ($\beta = 0,100$, $p < 0,001$) e série ($\beta = -0,065$, $p < 0,05$). As duas últimas preditoras, CRE ($\beta = -0,057$, $p < 0,05$) e período ($\beta = 0,051$, $p < 0,05$), tiveram baixas associações com a VD *malandragem*.

O fator de inflação de variância (FIV) apresenta valores menores que 2, o que indica ausência de multicolinearidade, sendo encontrada baixas correlações entre as VIs.

Tabela 47: Resultados da RM entre o fator *Malandragem* e as variáveis demográficas

	B	β	t	Sig.	FIV
(Constante)	0,939		6,063	0,000	
Sexo	0,083	0,100	5,789	0,000	1,008
Idade	0,064	0,106	5,650	0,000	1,175
CRE	-0,006	-0,057	-3,282	0,001	1,005
Periodo	0,042	0,051	2,924	0,003	1,006
Série	-0,079	-0,065	-3,479	0,001	1,167

$R^2 = 0,028$
 R^2 ajustado = 0,027
 $R = 0,167$

Para o fator *Burlar regras*, a mesma variável idade ($\beta = 0,093$, $p < 0,001$) foi responsável pela maior predição para a VD, seguida por CRE ($\beta = -0,072$, $p < 0,001$) e período ($\beta = 0,052$, $p < 0,05$), sendo a variável gênero ($\beta = 0,038$, $p < 0,05$) como a preditora com a mais baixa associação com a VD (Tabela 48).

Ao modelo vão sendo somadas as VIs no sentido de melhorar sua predição, chegando à composição com quatro VIs ao nível de significância de $p < 0,01$ (idade, CRE, período, sexo). Ao final, o modelo passou de 0,009 para 0,019, ou seja, dobrou a variância com 1,9% de predição adicionando estas quatro variáveis ao modelo. O fator de inflação de variância (FIV) apresenta valores menores que 2, o que indica ausência de multicolinearidade, sendo encontrada baixas correlações entre as VIs.

Neste grupo, foi observado que CRE e o período também foram preditoras do fator *Burlar regras* e que CRE possui um relacionamento negativo com o fator representativo da prática de *Burlar regras*, fato interessante que servirá para discussões e reflexões posteriores. Verificou-se que a variável sexo obteve baixos índices de ajustes e que pouco contribuiu na capacidade de prever a prática de *Burlar regras*, mantendo indicações de valores estatisticamente significativos, porém foi mantida no modelo para possíveis comparações e interpretações futuras. Nesta regressão, as variáveis *escola* e *serie* não são estatisticamente significativas ($p > 0,05$) para o modelo.

Tabela 48: Resultados da RM entre o fator *Burlar regras* e as variáveis demográficas

	B	β	t	Sig.	FIV
(Constante)	0,172		0,695	0,487	
Idade	0,111	0,093	5,345	0,000	1,008
CRE	-0,015	-0,072	-4,153	0,000	1,004
Periodo	0,085	0,052	2,999	0,003	1,006
Sexo	0,062	0,038	2,177	0,030	1,007

$R^2 = 0,019$
 R^2 ajustado = 0,018
 $R = 0,139$

Ao realizar as análises de RM, como pode ser observado na Tabela 49, para o fator *Simpatia* as variáveis sexo ($\beta = 0,057$, $p < 0,05$) e período ($\beta = 0,057$, $p < 0,05$) se apresentam como as melhores preditoras na VD, cujo R^2 (0,008) é significativo ($p < 0,01$), apesar de ser uma relação muito fraca. Foi adicionada a variável escola ($\beta = 0,050$, $p < 0,05$) ao modelo, porém o máximo de predição é de 0,8% .

Este fator foi o que obteve os menores índices de ajustes e as mais baixas associações entre as VIs, mesmo o fator de inflação de variância (FIV) apresentar valores menores que 2, indicando ausência de multicolinearidade.

Tabela 49: Resultados da RM entre o fator *Simpatia* e as variáveis demográficas

	B	β	t	Sig.	FIV
(Constante)	3,045		52,912	0,000	
Sexo	0,077	0,057	3,288	0,001	1,000
Periodo	0,076	0,057	3,257	0,001	1,004
Escola	0,001	0,050	2,839	0,005	1,004

$R^2 = 0,008$
 R^2 ajustado = 0,008
 $R = 0,092$

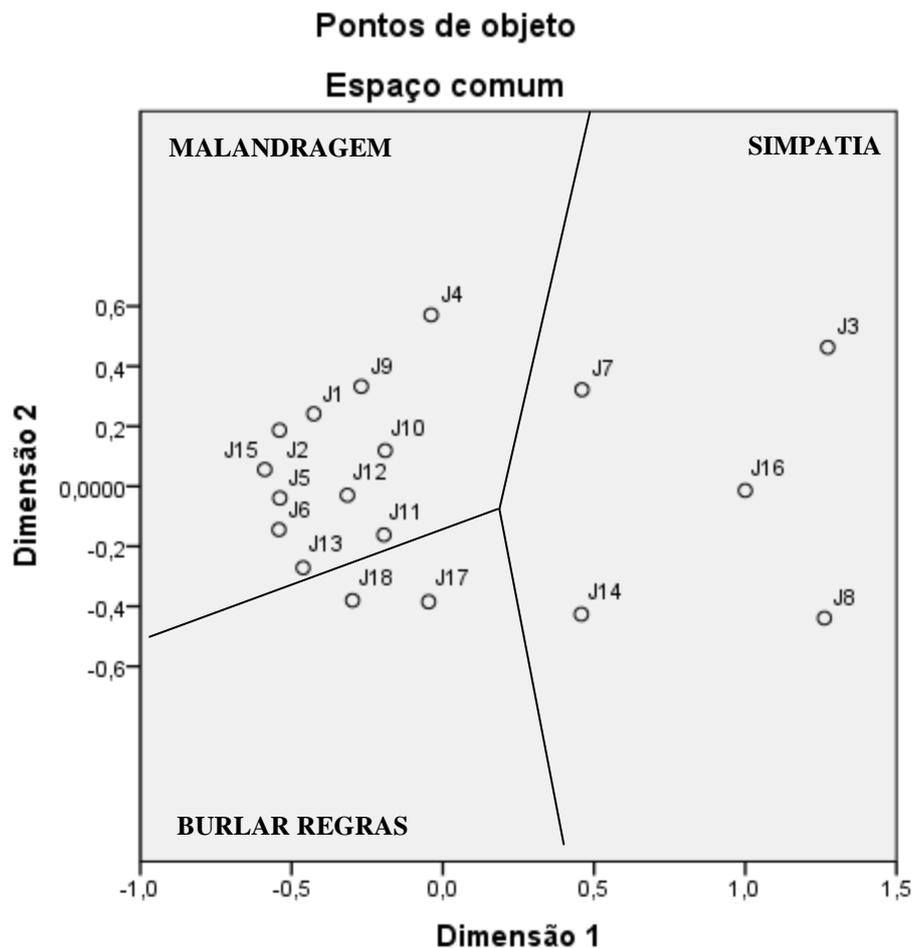
3.2.3.2.5 Análises de escalonamento multidimensional (MDS)

O MDS é uma técnica de interdependência que permite mapear distâncias entre pontos em uma representação gráfica espacial, sendo considerada como uma análise

exploratória de dados. A técnica de MDS foi aplicada para verificar as relações entre os 18 itens da escala EJP. Foram incluídos os itens extraídos após as análises fatoriais exploratórias.

O MDS foi realizado com base no conjunto da amostra de 3271 participantes e resultou em um $stress = 0,030$, $DAF = 0,969$ e coeficiente de Tucker = $0,985$ indicando um excelente ajuste na análise de escalonamento multidimensional. O resultado indicou que a projeção bidimensional dos itens corresponde às previsões derivadas das literaturas específicas (Figura 41).

Figura 41: MDS das variáveis do *jeitinho*



O resultado da MDS indica que os itens estão bem distribuídos conforme a análise fatorial exploratória. Os itens de burlar regras estão próximos aos de malandragem, pela semelhança nas práticas realizadas, enquanto os itens de simpatia mantiveram distância dos outros itens. Outros resultados serão abordados na seção de discussão geral.

3.2.4 Resumo e discussão

Os resultados destacam as três dimensões da EJP na pré-adolescência no ambiente escolar, sugerindo que a caracterização das práticas dos participantes é semelhante à dos adultos encontradas nos estudos de DaMatta (1986) que comenta ser a malandragem um instrumento social que o brasileiro recorre para viver e sobreviver na sociedade, buscando levar vantagem sobre os outros; em Pilati *et al.*(2011) que definem o tema “simpatia” como o comportamento de interação social, agradável e afável, demonstrando carinho e afinidade por outras pessoas quando se quer resolver uma situação e; em Duarte (2006), ao descrever o jeitinho como um mecanismo social característico da cultura brasileira, cita o ato de burlar regras, leis ou padrões, como uma forma de encontrar soluções imediatas para um problema, podendo ou não, prejudicar os outros indivíduos.

Nesta presente pesquisa, o primeiro fator é composto por cenários que indicam que os participantes buscam levar vantagens sobre os outros para obter um resultado e que, não necessariamente, tenham que prejudicar alguém, indicando o uso da esperteza no aspecto negativo. Com essas características este fator foi denominado *malandragem*.

Em sua tese, Souza (2008) bem descreve, entre outras características, a figura do malandro:

Este indivíduo que já age ao largo das instituições, acostuma-se logo a enxergar no ‘jeitinho’ um atalho para se livrar da burocracia e da indiferença, no processo de amalandramento inventado pela modernidade. Na ‘esperteza’, encontra a agilidade exigida pelos seus iguais para conquistar espaço e conseguir o que almeja; o ‘xaveco’ lhe permite ultrapassar as barreiras do lícito; a ‘lábria’ e o ‘aliciamento’ lhe trazem prestígio social ao lhe reconhecer com o poder de persuadir e convencer; a ‘intimação’, seu último expediente, lhe garante a aprovação de todos os recursos anteriores via o constrangimento e, não raro, prenuncia que algum efeito lesivo pode ocorrer contra aqueles que às suas práticas se opõem. (SOUZA, 2008, p. 92)

Tais características são detectadas no público pesquisado, no qual a esperteza é usada para conseguir o que deseja, e na conquista poder desfrutar de prestígio e sentir-se vitorioso perante seus pares.

O segundo fator está relacionado com o ato consciente de quebra de regras e normas estabelecidas na escola, como solução imediata para resolver um problema, com a possibilidade de receber ajuda de outros na concretização do ato. Este fator chama-se *Burlar regras*.

No contexto popular, burlar regras representa um jeitinho particular de atingir objetivos sem percorrer as normas pré-estabelecidas. É um comportamento frequente na sociedade brasileira (BARBOSA, 2006; DUARTE, 2006) objetivando alcançar um propósito. Comportamentos de quebra de regras são recorrentes nos participantes e socialmente aceitos por seus grupos. Têm explicação nas mudanças experimentais do processo sociocultural, com influência na intensa atividade escolar, pela crescente independência exigida pela sociedade e de seus desejos no enfrentamento dos adultos (ELKONIN, 1960). O meio social e a cultura passam a ser de grande importância para os pré-adolescentes por tornarem-se intolerantes em relação às regras e ao controle exercido pelos pais (WALLON, 1995), além de se manifestarem em fortes conflitos e tensões.

O terceiro reúne cenários com atributos positivos dos participantes, na tentativa de estabelecer uma relação de afinidade imediata com quem se quer pedir ajuda na solução de um problema. Usa-se a criatividade, a humildade e a forma de falar. Este fator denominou-se *Simpatia*.

Apesar dos estudos sobre o *jeitinho brasileiro* se referirem às resoluções de problemas com foco na pessoa, os participantes expressam seus sentimentos diferentemente dos adultos, podendo indicar que os problemas resolvidos no ambiente escolar atinjam também o coletivo. Sendo assim, este fator foi denominado *simpatia*. Este componente reflete os atributos positivos dos participantes que tentam estabelecer uma afinidade imediata com quem se quer solicitar o *jeitinho*, podendo, inclusive, significar uma ajuda ou apoio aos outros. No universo dos participantes, muitas vezes as relações de simpatia podem corresponder à cooperação entre colegas e professores (MIURA, 2012), pois lhes fornecem a sensação de serem úteis a alguém ou a alguma coisa.

Para os pré-adolescentes, o uso da *simpatia* no *jeitinho* pode se referir ao coletivo ou ao próximo, e não apenas ao nível individual e egoísta, tendo em vista de eles terem respostas imediatas a uma situação de imprevisto, ativando ações criativas na tentativa de resolver o problema de maneira prática e rápida, podendo alcançar resultados para outros e promover as interrelações positivas. Esse *jeitinho* de resolver problemas, também pode ser altruísta (DUARTE, 2006), ou seja, o *jeitinho adolescente* de responder às dificuldades, via *simpatia*, pode ser desinteressado, bondoso, carinhoso, generoso, voluntário, desprendido, humanitário (DUARTE, 2011).

Pela análise fatorial, a EJP teve um ótimo índice de adequação amostral ($KMO = 0,890$) e bons índices de consistência interna, apresentando um Alfa de Cronbach de $0,770$ para o fator *Malandragem*, $\alpha = 0,691$ para *Burlar regras*, e $\alpha = 0,508$ para *Simpatia*. Independentemente de os resultados apresentarem-se razoáveis, índices semelhantes de confiabilidade se mostraram no estudo de Miura (2012), com os cenários análogos, quais sejam: o fator “simpatia” obteve $\alpha = 0,77$, o fator “trapaça” com $\alpha = 0,69$ e o fator “desrespeito às regras” com $\alpha = 0,60$.

Com relação às predições das variáveis demográficas sobre os fatores de *jeitinho*, os resultados apontam que o sexo apareceu como preditor em todos os fatores, ou seja, há fortes indícios de que meninos e meninas promovem práticas diferentes para resolver um problema. O fator *Burlar regras* teve a variável idade como preditora mais forte. Há indicações de que os participantes mais velhos são inclinados a querer levar vantagens sobre os outros e querer encontrar soluções para os problemas, como também estão propensos a burlar regras escolares do que os mais jovens. Este resultado pode ter justificativa no fato de o Brasil caracterizar-se como um país hierárquico (DAMATTA, 1983), cuja sociedade se mostra desigual e muitos indivíduos buscam ser exceção a uma regra geral (FLACH, 2012), como demonstra-se com os participantes mais velhos em relação aos mais novos.

Os resultados revelaram que os participantes do 7º ano se mostraram ser mais tendenciosos a descumprirem as regras na escola do que os do 6º ano. Foram encontradas diferenças nas médias relacionadas aos turnos de estudo. Há indícios de que o turno matutino é o momento que, provavelmente, tem menos participantes resistentes às normas da escola, bem como os que querem levar vantagens sobre os outros. No turno vespertino encontramos mais participantes dispostos a formar relações de afinidade com as pessoas para solucionar seus problemas, do que os participantes no turno matutino.

A estrutura das práticas do *jeitinho* dos participantes se mostrou adequar-se à literatura existente, entretanto outros resultados serão analisados nas discussões gerais. A EJP respondeu razoavelmente às expectativas do estudo 2 com a proposta de elaboração de um instrumento de medida do *jeitinho*, inexistente para um público específico – pré-adolescência. A próxima seção investiga as relações entre as escalas EVP e EJP, relacionando valores às práticas de *jeitinho* no ambiente escolar.

3.3 Estudo 3 - RELAÇÕES ENTRE VALORES E JEITINHO

Foram investigadas as relações diretas entre os dois fatores de valores, como variáveis independentes, e os três de *jeitinho*, como variáveis dependentes, utilizando as técnicas de correlação, médias, ANOVA, regressão múltipla e análise de escalonamento multidimensional (MDS) entre as variáveis indicadas.

3.3.1 Método

3.3.1.1 Amostra

A amostra foi a mesma dos estudos anteriores e constituiu-se de 3271 estudantes, sendo 1742 do gênero feminino (53,3%) e 1529 do masculino (46,7%), distribuídos entre as faixas etárias de 10 anos (N=14), 11 (N=1267), 12 (N=1564) e 13 anos (N=426), com média de idade de 11,73 anos e desvio padrão de 0,681. Os participantes estão matriculados nos 6º e 7º anos do ensino fundamental II, em escolas da zona urbana das quatorze Coordenações Regionais de Ensino (CRE) do Distrito Federal (DF), perfazendo um total de 39% do total das instituições de ensino do DF com o perfil dos participantes. Essa amostra é mesma citada nos Estudos 1 e 2.

3.3.1.2 Estratégias

Foi aplicado um *survey* em todas as escolas que participaram da pesquisa. O *survey* foi realizado com a aplicação de dois questionários com os objetivos de mapear os valores pessoais e compreender o *jeitinho* brasileiro dos pré-adolescentes no ambiente escolar, de modo simultâneo nos Estudos 1 e 2.

3.3.1.3 Instrumentos

Escala de valores para pré-adolescentes - EVP

EVP foi construída no Estudo 1. Possui trinta variáveis sobre valores humanos, com descrições sobre metas, desejos e aspirações pessoais, que indicam os tipos motivacionais da Teoria de Valores Humanos Refinada de Schwartz, distribuídos em dois

fatores específicos: *Foco social*, com o foco no aspecto social, e *Foco pessoal*, com o foco no aspecto pessoal. Nesta escala, os participantes devem avaliar o grau de identificação com os descritos nas frases, e usando uma escala tipo Likert de 5 pontos (1 = nada importante a 5 = extremamente importante), e escolher a opção que melhor lhe convier.

Escala do jeitinho brasileiro para pré-adolescentes - EJP

EJP foi construída no Estudo 2. Possui dezoito variáveis que representam estratégias de resolução de problemas no ambiente escolar, distribuídas em três fatores específicos: *Malandragem*, *Burlar regras* e *Simpatia*.

Utiliza uma escala de medida tipo Likert com cinco pontos (1 = não concordo a 5 = concordo totalmente), que mede o grau de concordância em relação às situações apresentadas.

3.3.2 Resultados

3.3.2.1 Correlações entre os fatores da EVP e EJP

Para a análise de correlação, foram investigados os fatores das duas dimensões da EVP – Foco no social e Foco no pessoal –, e os três fatores da EJP – *Malandragem*, *Burlar regras* e *Simpatia*. Na Tabela 50, observa-se que a medida do tamanho do efeito das variáveis encontra-se, em média, variando de 9,4% a 52,5%. Há um maior relacionamento entre *Malandragem* e *Burlar regras*, por apresentarem uma forma semelhante de se resolver algum problema ou situação difícil ou proibida.

São baixas as associações entre as dimensões no Foco social e no Foco pessoal para os fatores da EVP, pois se encontram em dimensões opostas, na Teoria Refinada de Valores Humanos de Schwartz *ET al.*(2012).

Os fatores que representam as práticas de *Malandragem* ($R = -0,212$) e *Burlar regras* ($R = -0,202$) são negativamente relacionadas às ações motivacionais de *Foco social*, que são voltadas ao bem-estar de todos.

O *Fator pessoal* tem associação positiva com *Simpatia* ($R=0,133$, $p<0,05$), que podem parecer contraditórios, porém, possuem o princípio de não prejudicar o próximo.

Tabela 50: Correlações entre os fatores de valores e *jeitinho*

	Foco social	Foco pessoal	Malandragem	Burlar regras	Simpatia
Foco social	1	0,094**	-0,212**	-0,202**	0,255**
Foco pessoal		1	0,195**	0,186**	0,133**
Malandragem			1	0,525**	0,141**
Burlar regras				1	0,202**
Simpatia					1

** A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

Para melhor análise entre valores e *jeitinho*, seguem as correlações entre os valores da teoria refinada de valores humanos e os fatores da escala EJP, conforme Tabelas 51, 52, 53, 54 e 55:

Correlações entre os valores das dimensões de 2ª ordem e a escala EJP

Tabela 51: Correlações significativas entre os valores de 2ª ordem e a escala EJP

		Malandragem	Burlar regras	Simpatia
Autotranscendência	Correlação de Pearson	-0,20**	-0,17**	0,26**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,000
Conservação	Correlação de Pearson	-0,21**	-0,24**	0,21**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,000
Autopromoção	Correlação de Pearson	0,20**	0,14**	0,06**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,000
Abertura à mudança	Correlação de Pearson	0,12**	0,16**	0,14**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,000

** $p < 0,01$ (bilateral). N = 3271

Correlações entre os valores de autotranscendência e a escala EJP

Tabela 52: Correlações significativas entre os valores de autotranscendência e a escala EJP

		Malandragem	Burlar regras	Simpatia
Universalismo-compromisso	Correlação de Pearson	-0,09**	-0,02	0,16**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,487	0,000
Universalismo-tolerância	Correlação de Pearson	-0,18**	-0,13**	0,17**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,000
Universalismo-natureza	Correlação de Pearson	-0,17**	-0,15**	0,14**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,000
Benevolência-dependência	Correlação de Pearson	-0,06**	-0,07**	0,20**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,000
Benevolência-cuidado	Correlação de Pearson	-0,06**	-0,07**	0,14**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,000

** p< 0,01 (bilateral). N = 3271

Correlações entre os valores de conservação e a escala EJP

Tabela 53: Correlações significativas entre os valores de conservação e a escala EJP

		Malandragem	Burlar regras	Simpatia
Conformidade de regras	Correlação de Pearson	-0,24**	-0,26**	0,11**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,000
Conformidade-interpessoal	Correlação de Pearson	-0,13**	-0,15**	0,14**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,000
Segurança-pessoal	Correlação de Pearson	-0,13**	-0,15**	0,09**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,000
Segurança-social	Correlação de Pearson	-0,07**	-0,05**	0,23**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,007	0,000
Tradição	Correlação de Pearson	-0,05*	-0,07**	0,10**
	Sig. (2 extremidades)	0,010	0,000	0,000
Humildade	Correlação de Pearson	-0,14**	-0,11**	0,16**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,000

* p< 0,05 (bilateral) ; ** p< 0,01 (bilateral) . N = 3271

Correlações entre os valores de autopromoção e a escala EJP

Tabela 54: Correlações significativas entre os valores de autopromoção e a escala EJP

		Malandragem	Burlar regras	Simpatia
Poder de recursos	Correlação de Pearson	0,24**	0,16**	0,01
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,669
Poder de domínio	Correlação de Pearson	0,17**	0,08**	-0,03
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,000	0,124
Realização	Correlação de Pearson	0,05*	0,05**	0,12**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,010	0,000
Hedonismo	Correlação de Pearson	0,06**	0,04*	0,15**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,038	0,000

* p< 0,05 (bilateral) ; ** p< 0,01 (bilateral). N = 3271

Correlações entre os valores de abertura à mudança e a escala EJP

Tabela 55: Correlações significativas entre os valores de abertura à mudança e a escala EJP

		Malandragem	Burlar regras	Simpatia
Autodireção de pensamento	Correlação de Pearson	-0,01	0,042*	0,11**
	Sig. (2 extremidades)	0,656	0,017	0,000
Autodireção de ação	Correlação de Pearson	0,04*	0,10**	0,08**
	Sig. (2 extremidades)	0,013	0,000	0,000
Estimulação	Correlação de Pearson	0,22**	0,23**	0,06**
	Sig. (2 extremidades)	0,000	0,010	0,002

* $p < 0,05$ (bilateral) ; ** $p < 0,01$ (bilateral). N = 3271

As correlações entre os valores dos participantes e os fatores da EJP confirmam os resultados esperados. Os valores dos comportamentos pró-sociais foram negativamente correlacionados com cenários de Malandragem e Burlar regras, assim como, os cenários de Simpatia foram positivamente correlacionados com os valores de autotranscendência e conservação. Estes resultados corroboram estudos de Benish-Weisman (2019) com crianças e pré-adolescentes australianos.

3.3.2.2 ANOVA entre os fatores da EVP e EJP

A ANOVA mostrou que há diferenças significativas nas médias das variáveis dos fatores das escalas EVP e EJP (Tabela 56 e Tabela 57). Em seguida foram realizadas as regressões múltiplas para investigar o melhor modelo estatístico que se adegue às variáveis pesquisadas.

Tabela 56: ANOVA entre o fator *Foco social* e os fatores da escala EJP

		ANOVA				
		Soma dos quadrados	gl	Quadrado médio	F	Sig.
Malandragem	Entre grupos	39,206	52	0,754	4,628	0,000
	Nos grupos	524,209	3218	0,163		
	Total	563,414	3270			
Burlar regras	Entre grupos	129,891	52	2,498	3,959	0,000
	Nos grupos	2030,195	3218	0,631		
	Total	2160,086	3270			
Simpatia	Entre grupos	120,211	52	2,312	5,552	0,000
	Nos grupos	1339,856	3218	0,416		
	Total	1460,067	3270			

Tabela 57: ANOVA entre o fator *Foco pessoal* e os fatores da escala EJP

ANOVA						
		Soma dos quadrados	gl	Quadrado médio	F	Sig.
Malandragem	Entre grupos	34,358	36	0,954	5,834	0,000
	Nos grupos	529,056	3234	0,164		
	Total	563,414	3270			
Burlar regras	Entre grupos	97,773	36	2,716	4,259	0,000
	Nos grupos	2062,312	3234	0,638		
	Total	2160,086	3270			
Simpatia	Entre grupos	40,755	36	1,132	2,580	0,000
	Nos grupos	1419,312	3234	,439		
	Total	1460,067	3270			

3.3.2.3 Regressão linear entre os fatores da EVP e EJP

Para investigar as relações diretas entre as escalas EVP e EJP, foram realizadas regressões múltiplas hierárquicas entre os fatores de valores como VIs e os fatores de *jeitinho* como VDs.

A primeira regressão, tendo o fator *Malandragem* como variável dependente, revelou que *Foco social* e *Foco pessoal* foram preditoras negativa e positiva, respectivamente, para esse tipo de prática do *jeitinho* (Tabela 58). Esse resultado aponta que os participantes que buscam o bem-estar na coletividade possuindo valores como o respeito e obediência, não agem com esperteza, no seu aspecto negativo, para solucionar seus problemas, enquanto os que se comportam como *Foco pessoal* buscam essa prática.

Tabela 58: Resultados da RM entre o fator *Malandragem* e os fatores da escala EVP

	Malandragem(VD)	Foco social	Foco pessoal	B	β
Malandragem(VD)	1				
Foco social	-0,212	1		-0,205	-0,233
Foco pessoal	0,195	0,094	1	0,172	0,217

$R^2 = 0,092$
 R^2 ajustado = 0,091
 $R = 0,303$

Outra regressão, tendo como fator *Burlar regras* como variável dependente, indicou resultados semelhantes aos anteriores quanto às variáveis independentes, ou seja, que *Foco social* e *Foco pessoal* foram preditoras negativa e positiva, respectivamente, para esse tipo de prática do *jeitinho* (Tabela 59).

Os resultados indicam que pré-adolescentes, que agem segundo o seu livre arbítrio e seguindo a própria vontade, podem ter práticas contrárias às regras e normas estabelecidas na escola, sendo diferentes daqueles que estão em um estado de aceitação das coisas, demonstrando ter consciência nos seus atos ou necessidade de ajudar os colegas.

Tabela 59: Resultados da regressão múltipla entre o fator *Burlar regras* e os fatores da escala EVP

	Burlar regras(VD)	Foco social	Foco pessoal	B	β
Burlar regras(VD)	1				
Foco social	-0,202	1		-0,380	-0,221
Foco pessoal	0,186	0,094	1	0,321	0,206

$R^2 = 0,083$
 R^2 ajustado = 0,082
 $R = 0,288$

A terceira regressão demonstrou que a prática de *Simpatia* foi explicada pelas ações de *Foco social* e de *Foco pessoal*. Essas duas variáveis foram preditoras positivas (Tabela 60), revelando que os pré-adolescentes, que tentam estabelecer uma relação amigável com outras pessoas para resolver um problema particular, têm ações positivas voltadas para o bem coletivo e procuram ajudar os colegas, bem como podem levar a vida escolar com uma sensação de liberdade e ações de liderança e independência sobre os outros.

Tabela 60: Resultados da regressão múltipla entre o fator *Simpatia* e os fatores da escala EVP

	Simpatia(VD)	Foco social	Foco pessoal	B	β
Simpatia (VD)	1				
Foco social	0,255	1		0,346	0,245
Foco pessoal	0,133	0,094	1	0,140	0,110

$R^2 = 0,077$
 R^2 ajustado = 0,076
 $R = 0,277$

3.3.2.4 O poder preditivo dos valores de 2ª ordem sobre os fatores do *jeitinho*

Para investigar as relações diretas entre os valores de 2ª ordem e os fatores do *jeitinho*, foram realizadas regressões múltiplas hierárquicas tendo os valores como variáveis independentes e os fatores da EJP como variáveis dependentes.

A primeira regressão tendo o fator *Malandragem* como variável dependente, revelou que os valores de autopromoção e abertura à mudança são preditores positivos e os valores de autotranscendência e conservação são preditores negativos para esse tipo de prática para resolver problemas com pré-adolescentes (Tabela 61). Esse resultado aponta que os pré-adolescentes que buscam novidades, excitação e liberdade para determinar suas próprias ações no ambiente escolar demonstram levar vantagens sobre as pessoas no colégio para atingir seus objetivos, enquanto as que têm comportamentos pró-sociais, preocupação com o bem-estar dos outros e aceitam as regras e normas da escola manifestam menos esse tipo de prática.

Tabela 61: Resultados da RM entre o fator *Malandragem* e os valores de 2ª ordem

	Malandragem(VD)	AT	CO	AP	AM	B	β
Malandragem (VD)	1						
AT	-0,20	1				-0,12	-0,14
CO	-0,21	0,646	1			-0,08	-0,11
AP	0,20	0,007	0,030	1		0,12	0,18
AM	0,12	0,195	0,041	0,282	1	0,06	0,10

$R^2 = 0,096$
 R^2 ajustado = 0,095
 $R = 0,310$

$p < 0,001$

AT = Autotranscendência, CO = Conservação,
 AP = Autopromoção, AM = Abertura à mudança

Outra regressão, tendo o fator *Burlar regras* como variável dependente, indicou que apenas o valor de conservação foi preditor negativo dessa prática. Os valores de autopromoção e abertura à mudança foram preditores positivos (Tabela 62).

Esses resultados demonstram que os pré-adolescentes que não respeitam as regras e normas da escola tendem a não seguir as tradições da família, nem percebem a escola como um ambiente seguro e os que buscam controlar os colegas, mudança na vida e liberdade para cultivar as próprias idéias tendem a se envolver mais nas práticas do fator *Burlar regras*.

Tabela 62: Resultados da RM entre o fator *Burlar regras* e os valores de 2ª ordem

	Burlar regras (VD)	CO	AP	AM	B	β
Burlar regras (VD)	1					
CO	-0,24	1			-0,29	-0,20
AP	0,14	0,030	1		0,14	0,10
AM	0,16	0,041	0,282	1	0,17	0,15

$$R^2 = 0,087$$

$$R^2 \text{ ajustado} = 0,086$$

$$R = 0,295$$

$$p < 0,001$$

AT = Autotranscendência, CO = Conservação,

AP = Autopromoção, AM = Abertura à mudança

A terceira regressão demonstrou que a estratégia para resolver problemas denominada *Simpatia* foi explicada pelos valores de autotranscendência, conservação e abertura à mudança. Esses valores foram preditores positivos (Tabela 63), revelando que os pré-adolescentes que transcendem interesses egoístas, visando o bem-estar dos colegas na escola e os que desejam liberdade para expor suas idéias procuram solucionar seus problemas por meio do diálogo com seus interlocutores.

Tabela 63: Resultados da RM entre o fator *Simpatia* e os valores de 2ª ordem

	Simpatia (VD)	AT	CO	AM	B	β
Simpatia (VD)	1					
AT	0,26	1			0,25	0,18
CO	0,21	0,646	1		0,11	0,09
AM	0,14	0,195	0,041	1	0,09	0,10

$$R^2 = 0,080$$

$$R^2 \text{ ajustado} = 0,079$$

R = 0,284

p < 0,001

AT = Autotranscendência, CO = Conservação,

AP = Autopromoção, AM = Abertura à mudança

3.3.2.5 Relações entre os valores e *jeitinho* com a variável CRE

Foram observadas as relações entre os fatores do *jeitinho* em cada CRE. Para verificar a existência de diferenças significativas entre as médias das variáveis analisadas: idade, série, sexo e período, foram utilizadas ANOVAs e testes t para comparar as diferenças nos grupos. Os resultados com índices significativos nos grupos são demonstrados na Tabela 64.

Tabela 64: Relações entre valores e *jeitinho* dos participantes em cada CRE

CRE	Relações entre valores e <i>jeitinho</i>	
CRE A	Idade	- Os alunos com 10/11 anos indicam ter ações voltadas aos valores pró-sociais do que os de 12 anos.
	Série	- Os alunos do 6º.ano procuram levar vantagens sobre os outros do que os alunos do 7º.ano.
	Período	- Os alunos do turno matutino demonstram menos práticas negativas para resolver um problema, do que os do turno vespertino.
CRE B	Série	- Os alunos do 6º.ano apontam realizar mais práticas de <i>malandragem</i> para resolver problemas do que os alunos do 7º.ano.
CRE C	Sexo	- Os meninos procuram levar vantagens sobre os outros colegas, mais do que as meninas.
CRE D	Idade	- Os alunos mais velhos (13 anos) demonstram práticas de <i>burlar regras</i> para resolver problemas.
CRE E	Sexo	- As meninas demonstram apresentar poucas práticas em <i>burlar regras</i> e levar vantagens sobre os outros do que os meninos. - Os meninos procuram práticas criativas na resolução de problemas, do que as meninas.
	Idade	- Os alunos mais velhos demonstram querer levar vantagens sobre os outros, do que os mais novos.
	Período	- Alunos do turno matutino possuem as menores médias nos valores do fator <i>Foco social</i> e as maiores no <i>Foco pessoal</i> , do que os alunos do vespertino. - Os alunos do turno vespertino são menos individualistas do que os do matutino.
CRE F	Sexo	- As meninas possuem as menores médias nos valores do fator <i>Foco social</i> , do que os meninos.
	Idade	- Os alunos mais novos (10/11 anos) manifestam não querer levar vantagens sobre os outros, do que os alunos de 12 anos.
CRE G	Idade	- Os alunos mais velhos (13 anos) apontam usar práticas de <i>burlar regras</i> e da <i>malandragem</i> , do que os mais novos. - Os alunos de 12 anos demonstram práticas positivas de <i>simpatia</i> na resolução de problemas, do que os mais novos.

	Período	- Os alunos do turno matutino demonstram menores médias nas práticas de <i>burlar regras</i> na escola, do que os alunos do vespertino.
<i>CRE H</i>	Sexo	- As meninas apontam usar as práticas de <i>malandragem</i> , em menor quantidade do que os meninos.
	Série	- Os alunos do 6º.ano indicam pouco utilizar as práticas de <i>burlar regras</i> do que os do 7º.ano.
	Idade	- Os alunos mais novos têm às menores médias nas práticas de, <i>malandragem</i> e <i>burlar regras</i> do que os mais velhos.
	Período	- Os alunos do turno vespertino demonstram utilizar mais as práticas de <i>simpatia</i> para resolver um problema, do que os do matutino.
<i>CRE I</i>	Sexo	- Os meninos procuram levar vantagens sobre os outros, mais do que as meninas.
	Idade	- Os alunos mais novos são menos brincalhões, indicam ter ações pró-sociais e evitam práticas negativas para se resolver uma situação, do que os mais velhos.
<i>CRE J</i>	Sexo	- As meninas não demonstram utilizar as práticas de levar vantagens sobre os outros.
	Idade	- Os alunos mais velhos (13 anos) tem as menores médias em comportamentos pró-sociais e demonstram querer levar vantagens sobre os outros, do que os alunos mais novos.
	Série	- Os alunos do 6º.ano indicam valores dos fatores de <i>Foco social</i> , do que os do 7º.ano, e estes, são mais brincalhões e demonstram praticar a <i>malandragem</i> para resolver problemas.
	Período	- Os alunos do turno matutino estão mais dispostos a praticar ações pró-sociais e ajudar o próximo, do que os alunos do vespertino.
<i>CRE K</i>	Sexo	- As meninas demonstram menos práticas em burlar regras e levar vantagens sobre os outros do que os meninos. - Os meninos procuram práticas criativas na resolução de problemas, do que as meninas.
	Série	- Os alunos do 6º.ano indicam comportamentos individualistas e são mais brincalhões do que os do 7º.ano. - Os alunos do 7º.ano procuram levar vantagens sobre os outros.
	Sexo	- As meninas procuram ajudar mais os colegas e usam a criatividade para resolver situações, do que os meninos.
<i>CRE L</i>	Idade	- Os alunos mais novos procuram usar mais práticas positivas para resolver uma situação. - Os alunos mais velhos são mais brincalhões, individualistas do que os mais novos.
	Sexo	- As meninas não procuram o uso da <i>malandragem</i> para resolver um problema.
<i>CRE M</i>	Período	- Os alunos do turno matutino buscam solucionar problemas com práticas de <i>simpatia</i> , enquanto os alunos do vespertino buscam as práticas da <i>malandragem</i> e <i>burlar regras</i> .
<i>CRE N</i>	Idade	- Os alunos mais novos (10/11 anos) indicam valorizar mais as ações pró-sociais e ajudar o próximo do que os mais velhos.

Realizou-se uma ANOVA univariada para cada um dos 18 tipos motivacionais extraídos na AFE. Diferenças entre as CREs foram estatisticamente diferentes (significativas) para universalismo-tolerância [F(13,3257)=3,16; p=0,001], universalismo-natureza [F(13,3257)=3,46; p=0,001], universalismo-cuidado [F(13,3257)=3,85; p=0,001], benevolência-cuidado [F(13,3257)=1,74; p=0,047], conservação de regras [F(13,3257)=4,19; p=0,001], segurança-social [F(13,3257)=2,12; p=0,011], realização [F(23,3257)=1,71;

$p=0,050$], autodireção-pensamento [$F(13,3257)=4,55$; $p=0,001$], autodireção-ação [$F(13,3257)=2,51$; $p=0,002$], poder-domínio [$F(13,3257)=2,07$; $p=0,013$] e hedonismo [$F(13,3257)=2,12$; $p=0,001$].

Outra ANOVA univariada foi realizada com os três fatores da EJP. Obteve-se diferença significativa no fator Burlar regras [$F(13,3257)=1,94$; $p=0,022$].

Observou-se as médias dos fatores do jeitinho e dos valores de 2ª ordem em cada CRE (Tabela 65). Os resultados sugerem que, apesar de todas as CREs apresentarem altas pontuações para valores de autotranscendência e conservação, houve diferenças entre os valores que os participantes de cada CRE transmitem mais. Relata-se, a seguir, os maiores escores nos valores dos participantes e suas respectivas CREs: universalismo-tolerância surgiu na CRE-Ceilândia ($r=4,32$, $DP=0,65$); universalismo-natureza ($r=4,60$, $DP=0,61$) e conformidade-interpessoal ($r=3,81$, $DP=0,89$) foram demonstrados na CRE-Núcleo Bandeirante; benevolência-cuidado ($r=4,42$, $DP=0,58$) e hedonismo ($r=4,25$, $DP=0,80$) foram constatados na CRE-Paranoá; benevolência-dependência ($r=4,41$, $DP=0,69$) e estimulação ($r=2,86$, $DP=0,90$) mostrados na CRE-Guará; conformidade de regras ($r=4,17$, $DP=0,82$), realização ($r=3,57$, $DP=0,89$) e humildade ($r=4,04$, $DP=0,81$) indicados na CRE-Taguatinga; segurança-pessoal ($r=4,38$, $DP=0,68$), poder-recursos ($r=2,04$, $DP=0,95$) e poder-domínio ($r=1,92$, $DP=0,96$) mostrados na CRE-Santa Maria; universalismo-compromisso ($r=4,17$, $DP=0,84$), segurança-social ($r=4,32$, $DP=0,73$), autodireção-pensamento ($r=3,98$, $DP=1,04$) e autodireção-ação ($r=3,73$, $DP=0,90$) na CRE-Plano Piloto; tradição ($r=3,36$, $DP=0,92$) na CRE-Planaltina.

Em relação aos demais valores, o universalismo-natureza apresentou as maiores médias nas CREs do Gama ($r=4,26$, $DP=0,83$), Recanto das Emas ($r=4,45$, $DP=0,76$), São Sebastião ($r=4,43$, $DP=0,72$), Sobradinho ($r=4,52$, $DP=0,65$), Samambaia ($r=4,54$, $DP=0,67$) e Brazlândia ($r=4,43$, $DP=0,74$).

Em relação às médias dos fatores do jeitinho nas CREs, observa-se que em todas as Coordenadorias os maiores escores estão no fator Simpatia, indicando que os participantes procuram resolver situações no ambiente escolar de forma harmônica e com diálogo, procurando ajudar a si e aos outros.

Tabela 65: Médias dos fatores do *jeitinho* e dos valores de 2ª ordem nas CREs

CRE	Malandragem	Burlar regras	Simpatia	Auto-transcendência	Conservação	Auto-promoção	Abertura à mudança
Gama	1,417	1,708	3,345	4,192	3,868	2,468	3,385
Guará	1,401	1,609	3,284	4,259	3,964	2,429	3,481
Recanto das Emas	1,354	1,603	3,309	4,304	3,958	2,496	3,270
São Sebastião	1,364	1,610	3,308	4,197	3,895	2,369	3,199
Paranoá	1,418	1,688	3,315	4,285	3,944	2,518	3,413
Brazlândia	1,334	1,646	3,265	4,225	3,915	2,398	3,359
Núcleo Bandeirante	1,325	1,650	3,338	4,358	4,086	2,426	3,365
Santa Maria	1,349	1,569	3,316	4,289	4,042	2,541	3,337
Planaltina	1,343	1,530	3,402	4,346	3,974	2,446	3,372
Ceilândia	1,344	1,549	3,314	4,325	4,016	2,377	3,360
Sobradinho	1,349	1,493	3,377	4,278	4,013	2,417	3,308
Plano Piloto	1,309	1,545	3,404	4,356	4,042	2,468	3,525
Taguatinga	1,312	1,462	3,419	4,320	4,069	2,495	3,363
Samambaia	1,328	1,490	3,369	4,297	4,024	2,428	3,236

3.3.3 Resumo e Discussão

Os resultados destacam que as motivações apresentadas pelos fatores *Foco social* e *Foco pessoal* têm ações comportamentais contraditórias, mostrando uma associação positiva muito fraca, mas confirmando as dimensões opostas da Teoria Refinada de Valores Humanos de Schwartz *et al.* (2012).

Ocorreu semelhante resultado com os fatores de *jeitinho*, revelando associações baixas quando comparados os aspectos positivos e negativos das práticas de *jeitinho*. Práticas de *Malandragem* e *Burlar regras* tiveram baixos índices quando associados à *Simpatia*. Como esperado, as práticas de *Malandragem* e *Burlar regras* obtiveram os maiores resultados com uma relação positiva.

Também foi positiva a associação entre ações representadas por *Foco social* e o recurso da *Simpatia*, demonstrando que utilizar expressões simpáticas e amigáveis para se conseguir alguma coisa pode representar ações de cooperação e humildade entre estudantes. Este aspecto positivo do *jeitinho adolescente* sinaliza a capacidade dos indivíduos de serem emocionalmente favoráveis e compreensíveis ao bem-estar de todos; têm a propriedade de

receber e perceber informações sobre as mudanças do meio externo e interno de suas relações, e de a elas reagir através de sensações, sentimentos e tolerância. Indicam alguma forma de preocupação com o individual e com o coletivo, podendo sinonimizar *respeito*, *confiança* e *proteção* (para si e para outros) levando o sujeito a um estado de aceitação das coisas, demonstrando uma conscientização ou necessidade de ajudar e obedecer. O fator *Foco social* aponta valores como a obediência, o respeito, harmonia, compaixão, humildade, delicadeza e tolerância.

Como um mecanismo social característico da cultura brasileira, o *jeitinho* envolve a quebra de regras, leis ou padrões (DUARTE, 2006; PILATI *et al.*, 2011) para tratar de problemas no momento em que ocorrem. Esta prática também foi encontrada nos participantes e denominada de *burlar regras*, tendo correlação positiva com o fator *Foco pessoal*, e correlação negativa com o fator *Foco social*, por indicarem práticas com motivações opostas, seguindo o modelo teórico proposto.

Foi indicado pelos pré-adolescentes que as ações representadas por valores colaborativos e prestativos têm relações contraditórias aos aspectos negativos do *jeitinho*. As ações representadas por valores mais individuais e egoístas dos pré-adolescentes têm associações positivas com as práticas nos aspectos negativo e positivo do *jeitinho*, porém mais baixas na segunda.

Como esperado, todos os valores de autotranscendência tem correlação positiva com o fator Simpatia, encontrando-se coeficientes de $r=0,14$ a $r=0,20$; e correlação negativa com os demais fatores: Malandragem ($r=-0,06$ a $r=-0,18$) e Burlar regras ($r=-0,02$ a $r=-0,015$), com $p<0,01$.

Resultado semelhante obteve-se com todos os valores da dimensão conservação, com os seguintes coeficientes de Perason: $r=0,09$ a $r=0,22$ com a fator Simpatia e, $r=-0,05$ a $r=-0,26$ para os fatores Malandragem e Burlar regras.

A seguir apresenta-se uma discussão geral integrando os três estudos realizados para aprofundamento da compreensão dos resultados.

4 DISCUSSÃO GERAL

Esta pesquisa visou alcançar os objetivos de mapear os valores dos pré-adolescentes, compreender as práticas do *jeitinho brasileiro* no ambiente escolar e verificar as relações entre valores e *jeitinho* para esses participantes. Para isso, foram elaboradas e buscaram-se evidências de validade para duas escalas de medida: a primeira é uma versão adaptada da escala PVQ-R, proposta originalmente por Schwartz *et al.*(2012), para pré-adolescentes (EVP); e a outra é uma escala de medida do *jeitinho brasileiro* no contexto escolar (EJP). A seguir, apresenta-se uma discussão geral com a integração dos três estudos realizados. Por fim, são apontadas as limitações e as contribuições desses estudos.

Estudo 1 – Valores

No atual contexto educacional, estudar valores humanos é visto como uma possibilidade de construção de estratégias consistentes na tentativa de solucionar problemas quanto as atitudes e comportamentos dos estudantes e suas relações interpessoais na comunidade escolar (SALES; SALES, 2015). A ausência de uma discussão conceitual e pedagógica nas escolas sobre valores humanos, gera conflitos pela imposição de um conjunto de valores considerados “bons”, contra valores “ruins”, determinados por professores que tem suas histórias de vida como referência e pretendem reproduzi-los no contexto dos seus alunos.

Entre os valores e as histórias de vida de muitos profissionais da educação, há um espaço de décadas diferentes, com culturas em transição, a presença de estímulos midiáticos e tecnológicos, com vivências de dois mundos muito diferentes e uma diversidade na percepção dos valores. Torna-se inquestionável a necessidade de reconhecer e reconstruir valores universais para compreender a relação eu-outro, possibilitando o respeito ao ser humano, à natureza, às diferenças, diante de tantas formas de violências.

Portanto, ao discutir questões relativas aos valores humanos, especificamente os relacionados aos estudantes, precisa-se conhecer a estrutura de valores deles, ao qual se destinou esta pesquisa. Entender a estrutura de valores e os tipos motivacionais relacionados às atitudes e comportamentos dos pré-adolescentes permite o avanço no conhecimento científico e também em questões práticas como servir de incentivo para a criação de políticas públicas educacionais ou projetos interventivos nas escolas.

No Brasil, há poucos estudos relacionados aos valores especificamente na faixa etária pesquisada (RODRIGUES-ANDRADE, 2003; GOUVEIA *et al.*, 2011; LAPA,

2014). Ao optar por uma amostra composta por 3.271 estudantes em 54 escolas de todo Distrito Federal, buscou-se possíveis respostas às perguntas: “Como estariam formando os sistemas de valores de nossos jovens?” e “Quais seriam os valores mais importantes para eles?”.

Análise fatorial exploratória da escala de valores para pré-adolescentes

Os resultados da análise fatorial exploratória decorrentes de uma escala adaptada do PVQ-R (TORRES; SCHWARTZ; NASCIMENTO, 2016), demonstraram uma estrutura fatorial adequada para medir os valores de pré-adolescentes, consistindo em dois fatores com valores nos Focos social e pessoal, segundo a teoria refinada de valores humanos de Schwartz *et al.* (2012). A escala denominada de Escala de Valores para Pré-adolescentes (EVP) possui um índice de adequação amostral Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) igual a 0,878 e consistência interna da escala total de 0,780, aferida pelo *Alfa de Cronbach* (α) e os dois fatores obtiveram $\alpha = 0,826$ (Foco social) e $\alpha = 0,632$ (Foco pessoal).

Estes resultados apontam que a escala EPV apresenta evidências de validade e confiabilidade para utilização com pré-adolescentes e conseqüentemente, sua aplicação para analisar a estrutura de valores.

Para mapear os valores dos participantes, utilizou-se a técnica do escalonamento multidimensional (MDS), sendo revelado que a estrutura de valores manifestou ser clara e de acordo com a estrutura teórica estudada. Os quatro valores motivacionais de ordem superior foram destacados, apesar de dois valores da dimensão conservação terem migrado para a região de autotranscendência. Por meio desta técnica, pode-se comparar a estrutura de valores dos participantes com as estruturas de outros jovens em diferentes culturas e verificar diferenças e semelhanças entre elas (BILSKY *et al.*, 2013a, 2013b; BUBECK; BILSKY, 2004; UZEFOVSKY.; DÖRING; KNAFO, 2016).

Pode-se concluir que a estrutura de valores encontrada possui um certo grau de similaridade em relação à original. Quanto às distinções dos valores nas dimensões de segunda ordem, apenas os valores relativos à abertura à mudança seguiram o modelo *continuum* proposto por Schwartz (1992), mas, os demais valores encontram-se em regiões invertidas dentro da respectiva dimensão superior.

Esses resultados podem contribuir para a compreensão das motivações dos pré-adolescentes e apontar caminhos para a formação de valores, pois, cresce o interesse no estudo de valores em crianças e jovens. Segue a investigação da estrutura de valores dos participantes na pesquisa.

A estrutura empírica dos valores dos participantes

Em estudos sobre a estrutura de valores com adultos, Teixeira *et al.* (2014) afirmam que uma das questões levantadas por Schwartz (1994) “refere-se à presença dos 10 tipos motivacionais em todas as culturas, mencionando que a questão não estava definitivamente fechada, uma vez que esse número nem sempre tem sido encontrado empiricamente em todas as culturas” (p. 141). Os autores comentam que alguns valores adjacentes têm se reunido em uma única região espacial, mas pelo menos oito valores aparecem em regiões distintas em várias amostras pesquisadas.

Neste trabalho, utilizou-se a teoria refinada de valores humanos com 19 tipos motivacionais (SCHWARTZ *et al.*, 2012; TORRES; SCHWARTZ; NASCIMENTO, 2016), sendo encontradas quatorze regiões espaciais, em que seis regiões são distintas com seus respectivos valores. Vários estudos apontam quantitativos diferentes para as regiões distintas com os valores da teoria, ao longo do círculo, como: Davidov, Schmidt e Schwartz (*apud* Teixeira *et al.*, 2014) encontraram apenas sete tipos de valores; Ceieciuh e Schwartz (2012) identificaram 15 valores com uma amostra de poloneses; Tamayo e Porto (2009) encontraram sete regiões espaciais; Campos e Porto (2010) revelaram nove tipos de valores localizados em regiões espaciais distintas, analisando uma amostra de trabalhadores brasileiros. Identificam-se a seguir, as discussões dos valores nas dimensões de ordem superior.

As dimensões de autotranscendência e conservação compartilharam o mesmo espaço bidimensional, porém não exatamente na mesma área proximal, mas situando-se os valores de universalismo na parte externa do círculo e os de benevolência na parte interna, na mesma fatia espacial. Na parte externa, os valores de universalismo apareceram em regiões trocadas. Os mesmos resultados relacionados aos valores de universalismo e benevolência foram encontrados nos estudos de Tamayo e Porto (2009); Bilsky, Janik e Schwartz (2011); Sambiasi *et al.* (2010 *apud* Teixeira *et al.*, 2014) e Bilsky *et al.* (2011). Teixeira *et al.* (2014) explicam que em algumas estruturas investigadas é comum encontrar os

valores de universalismo e benevolência tenderem a ocupar a mesma região ou situarem-se em espaços internos e externos de uma mesma região do círculo.

Sobre estes resultados podem significar que os participantes não estão preocupados em preservar a natureza, nem possuem a maturidade ou responsabilidade para pensar na igualdade e no respeito que devemos ter a tudo e a todos. Para os participantes, é mais importante ter amigos(as) em quem confiem e manter a amizade e harmonia com seus pares, podendo ser esta a explicação para que os valores de benevolência estejam à frente do universalismo e na parte interna do círculo.

Resultado análogo foi observado nos estudos de Bilsk, Janik e Schwartz (2011) em que, os valores de universalismo e benevolência também foram encontrados compartilhando espaço em várias amostras, porém, não exatamente na mesma região, mas situando-se um na parte externa do círculo e o outro na parte interna, na mesma região espacial (BILSKY *et al.*, 2005). Em uma outra análise empírica de valores realizada por Sambiase *et al.* (2010), os valores de universalismo e benevolência ocuparam a mesma região, porém, benevolência ocupou uma região interna a universalismo. A presença do valor universalismo na área externa do círculo em relação à benevolência, também pode ser explicado, em parte, por aspectos da cultura brasileira em que, a preservação da natureza, valor do tipo motivacional universalismo, “ainda não é traduzido em práticas na vida cotidiana da maioria dos brasileiros” (TEIXEIRA *et al.*, 2014, p. 149). Análise equivalente pode ser compartilhada com os participantes da atual pesquisa, visto a carência de projetos e práticas sobre a preservação da natureza em diversas escolas pesquisadas.

O mesmo fato ocorreu na dimensão conservação, em que os valores de conformidade de regras se localizaram juntos na parte externa do círculo, enquanto outros da mesma dimensão ficaram na parte interna, juntamente com um dos valores de humildade. Este resultado é consistente com o modelo teórico, pois o valor de humildade compartilha motivações nas duas dimensões adjacentes, autotranscendência e conservação evidenciando compatibilidade entre elas. Os valores de segurança pessoal e tradição se encontraram em regiões diferentes, sugerindo discriminação entre eles.

Para as motivações na dimensão de conservação, há indicativos de que os participantes, em geral, não ficam preocupados em seguir as regras e normas da escola. Porém, pela importância dada às amizades, procuram evitar prejudicar os colegas. Desta forma, os valores de conformidade de regras se localizaram na parte externa do círculo,

enquanto um valor de conformidade interpessoal ficou na parte interna. Em uma mesma região espacial encontram-se os valores de segurança-pessoal, porém, pelas suas localizações os participantes sinalizam estarem mais atentos à sua saúde do que evitarem fazer coisas perigosas no ambiente escolar. Isto é explicado pelos interesses em novidades e descobertas e que as coisas perigosas na escola perpassam pela quebra de regras e normas. Os participantes indicam que o respeito às práticas e experiências da sua cultura (valor tradição) não é uma meta motivacional forte. Isso é compreensível, uma vez que esses participantes são muito jovens, geralmente curiosos e voltados para desafios e novidades. Porém, em particular, este resultado é diferente dos encontrados nos estudos com adultos. O respeito às tradições e a aceitação dos costumes, como hábitos alimentares, tipos de comida, celebração mediante compartilhamento de momentos de alimentação, celebrações religiosas africanas e ocidentais, são preservados e valorizados pela cultura brasileira (DAMATTA, 1984). Assim como a valorização das tradições está presente na vida dos brasileiros, a conformidade também se reflete em ditados populares como, “Manda quem pode, obedece quem tem juízo” (DAMATTA, 1984).

A dimensão de abertura à mudança mostrou-se com os valores mais regulares em relação à teoria postulada. Todos os valores foram contemplados em regiões distintas e seguiram o mesmo *continuum* motivacional. A regularidade encontrada nesta dimensão pode ser justificada pelo fato de os participantes encontrarem-se em momentos de conhecer o outro, de paixões platônicas e secretas com desejos de afetos juvenis (hedonismo e estimulação). Nesta fase do desenvolvimento, os participantes têm interesses em novidades e descobertas (estimulação e autodireção de ação). Outra motivação desta dimensão, refere-se à sensação de liberdade em fazer as coisas de forma independente e pelas as próprias ideias, porém, pela pouca idade, os participantes ainda não as concretizam, motivo de surgir o valor autodireção de pensamento, distante do centro do círculo. De acordo com Levy (1985 *apud* Schwartz *et al.*, 2012) as variáveis que se situam na área externa do círculo possuem conteúdo mais abstrato do que as próximas ao centro.

Resultados semelhantes foram relatados por Gomes (2015) ao investigar o desenvolvimento de valores em crianças. Os valores de estimulação e autodireção mostraram-se próximos ao analisar a transmissão materna de valores às crianças.

Com relação à dimensão de autopromoção os valores encontraram-se dispersos. Apenas os valores de realização compartilharam a mesma região espacial na parte

interna do círculo. Como a teoria demonstra, o valor realização está em uma posição adjacente ao valor hedonismo, que compartilha motivações com o valor estimulação, seguindo a teoria original.

Em autopromoção, os valores mais distantes do centro do círculo são os de poder de recursos e de domínio, demonstrando que a riqueza material e o controle sobre os colegas são motivações mais abstratas, enquanto ter sucesso na vida (realização) é uma motivação mais concreta, justificado pelas experiências familiares e o desejo em ter uma profissão no futuro. Neste momento da pré-adolescência, os participantes têm satisfação centrada em si próprios (realização e hedonismo), motivados pelas paixões secretas, pelas novidades e descobertas, e pela possibilidade de independência. Por esta análise, fecha-se o *continuum* motivacional da teoria de Schwartz *et al.* (2012).

Médias gerais para valores individuais dos participantes

Considerando as médias e intervalos de confiança de 95%, os resultados para valores individuais de segunda ordem apontam que os pré-adolescentes possuem preferência por valores de autotranscendência (M=4,30) e conservação (M=3,94), o que, de acordo com Schwartz (1992, 2005), aponta que os pré-adolescentes buscam a igualdade, tolerância às diferenças, costumes, segurança na escola e na família, conformidade com regras e o bem-estar de outras pessoas, dando menos preferência ao reconhecimento e sucesso pessoal, o domínio sobre as pessoas ou bens materiais e proteção da imagem pública, valores que compõem a dimensão de autopromoção, o qual obteve a menor média da amostra (M=2,45).

Este resultado parece se adequar ao fato de que a questão da amizade como forma de sociabilidade entre pré-adolescentes é tema central nesse momento de vida (OLIOSI, 2012), assim como o interesse em participar de encontros com seus pares (BRITO *et al.*, 2008) e gostarem da escola enquanto local privilegiado como fonte de informação, pois, nela, é o espaço que traz maior aprendizagem com as múltiplas diferenças (FERMIANO, 2010).

Para os resultados nos valores individuais de primeira ordem apontam as maiores médias para universalismo-natureza (M=4,50), benevolência-cuidado (M=4,31), benevolência-dependência (M=4,28), e segurança-pessoal (M=4,28), indicando, de acordo com Schwartz *et al.*(2012) que, no geral, os pré-adolescentes se preocupam com a

preservação do ambiente, o bem-estar de seus pares e familiares, ter a confiança de seus colegas, se sentirem seguros no espaço de convivência. As menores médias são para poder-domínio ($M=1,70$), poder-recursos ($M=1,89$) e estimulação ($M=2,77$), indicando que os pré-adolescentes, em geral, se preocupam menos com o comportamento de controlar as pessoas e os bens materiais, as novidades e mudanças.

Os valores dos participantes nas diferentes Coordenadorias de Ensino

Esta pesquisa foi realizada em todas as quatorze CREs do Distrito Federal. Percebeu-se diferentes valores nos participantes em cada CRE, porém, os de autotranscendência possuem maiores escores, com indícios de que os pré-adolescentes estão dispostos a terem atitudes mais coletivistas com ações que possam beneficiar o grupo, em detrimento do individualismo, têm mais preocupações com o bem-estar das pessoas em oposição aos valores de autopromoção. Há indicações que os participantes com os maiores valores em autotranscendência estão nas CREs do Núcleo Bandeirante e do Plano Piloto. Os participantes da CRE de Planaltina possuem os maiores índices em tradição, provavelmente, por ser a cidade mais antiga do Distrito Federal, cujos registros datam a sua criação em agosto de 1859 (ADF, 2019). A comunidade de Planaltina é conhecida por celebrar eventos tradicionais que influenciam o turismo religioso.

Os participantes que apresentam os maiores índices nos valores que enfatizam novas idéias, mudanças, novidades e liberdade para determinar suas próprias ações, pertencem às CREs do Guará e Plano Piloto, seguramente, por serem comunidades com intensas atividades culturais, opções de lazer e oportunidades funcionais relacionadas aos serviços públicos.

Observou-se, também, os participantes que apontam os maiores índices para os valores motivados aos interesses individuais e o desejo de exercer domínio sobre as pessoas e coisas, estão nas CREs de Santa Maria e Paranoá.

Todas as CREs possuem seus resultados e quaisquer que sejam os valores encontrados poderão contribuir para a elaboração de projetos de formação de valores, podendo, desta forma, direcionar as atividades aos valores que mais sobressaíram pelas indicações dos estudantes pré-adolescentes em cada CRE. Oportunamente, cada CRE receberá relatório contendo os resultados de cada escola pesquisada, conforme compromisso acordado pelo pesquisador e a equipe gestora das escolas, no início da pesquisa.

Estudo 2 – *Jeitinho* brasileiro

Considerado como uma identidade nacional o *jeitinho* brasileiro é amplamente discutido na literatura pertinente e acontece todos os dias nos mais diferentes domínios, públicos ou privados. DaMatta (1986) reflete sobre as situações do ‘pode’ ou ‘não pode’ nas práticas do *jeitinho*. Surge nos estudos de Barbosa (2006) que o *jeitinho* além de ser um mecanismo de ajuste à realidade institucional brasileira, também é um elemento de identidade social positiva e negativa, além de não ser conotado apenas negativamente, mas num *continuum* entre o favor e a corrupção, favor este que não envolve a transgressão de qualquer norma ou regra. Em diversos estudos a análise do *jeitinho* encontra-se na perspectiva do “bom” e do “mau” (ALMEIDA, 2007; REGA, 2000; MIURA, 2012; PILATI *et al.*, 2011), indicada também, nesta pesquisa pelos pré-adolescentes.

A temática tem promovido diversos estudos sobre esta prática de resolução de problemas ou estratégias informais de resolução de problemas com o público adulto. Esta pesquisa procura inovar estudos na temática com o público juvenil, particularmente, no contexto escolar.

Análise fatorial exploratória e de conteúdo da escala de jeitinho para pré-adolescentes

Os resultados apontam evidências de validade e confiabilidade para a Escala do Jeitinho para Pré-adolescente (EJP), possuindo um índice de adequação amostral Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) igual a 0,890 e consistência interna da escala total de 0,743, aferida pelo *Alfa de Cronbach* (α), sendo extraídos três fatores pela AFE, respectivamente, $\alpha = 0,770$ para o fator 1 (*Malandragem*), $\alpha = 0,691$ para o fator 2 (*Burlar regras*) e $\alpha = 0,510$ para o fator 3 (*Simpatia*). Os fatores extraídos detiveram itens com conceitos na literatura. Conforme o entendimento dos participantes, as práticas do *jeitinho* são interpretadas pelo paradoxo do ‘certo’ ou ‘errado’ (DAMATTA, 1986; BARBOSA, 2006; REGA, 2000; ALMEIDA, 2007; PILATI *et al.*, 2011; MIURA, 2012;), do ‘positivo’ ou ‘negativo’ (SMITH *et al.*, 2011).

Para os participantes, as práticas do *jeitinho* para a resolução de problemas são similares às encontradas na literatura envolvendo adultos. Tornam-se afins no sentido do significado da prática, não da magnitude da ação, pois as noções do certo e errado têm distanciamento entre os dois públicos. Para avaliar a dimensionalidade do *jeitinho brasileiro* foram usados cenários, sendo encontradas as categorias: malandragem, burlar regras e simpatia. Alguns itens destas categorias tiveram diferentes interpretações quanto aos olhares

dos juízes e dos participantes, e que serão discutidos a seguir, como elucidação ao instrumento construído.

Na análise dos juízes, o seguinte item foi indicado para a categoria burlar regras: “*Hoje teve uma prova de Ciências e o professor disse que iria corrigi-la só na semana que vem. Um pai que precisava viajar urgente foi na escola e pediu ao professor que corrigisse a prova da sua filha, antes dos outros.*” (item 7), porém, pelo olhar dos participantes este item foi incluído na categoria simpatia. Cita-se outro item sugerido pelos juízes como componente da categoria malandragem: “*Um aluno falta muito às aulas e está com notas baixas, correndo o risco de não passar de ano. Ele justificou para o professor que estava ‘muito doente’, e lhe pediu que lhe desse mais um trabalho para fazer para não ser reprovado.*” (item 14), sendo interpretado pelos participantes como integrante de simpatia.

Estas diferenciações nas interpretações quanto às incorporações dos itens às categorias, deve-se justificar por dois aspectos: (i) as formas de analisar o “certo” ou “errado” dos participantes difere das dos adultos no que se refere às práticas do *jeitinho* para solucionar problemas e, (ii) para os participantes, a categoria simpatia é vista como uma ação de interação social de forma amigável e agradável com seus pares, na intenção de ajudar a si e a outros, na solução de problemas.

Esta reflexão, qual seja, que a prática do *jeitinho* para a resolução de problemas inclui a intenção de ajudar a si e a outros, demonstra a assertiva do aspecto positivo do *jeitinho* brasileiro. Esta discussão foi originária da observação feita por um dos juízes que comentou o fato de esses jovens vêm no *jeitinho*, uma prática de resolução de problemas para si e para o coletivo. Ele descreveu:

Isto é uma novidade conceitual do que temos feito nos nossos trabalhos. E meta de resolução de problemas, no nosso entendimento, é para o indivíduo e não focado em outro. A ideia de comportamento pró-social de cooperação, indica o benefício de um outro que não o indivíduo. Isto tem implicações relevantes do ponto de vista da revisão conceitual.

(Juiz convidado para a análise do construto).

Outro item analisado com interpretações diferentes, entre os juízes e os participantes, foi: “*Faz muito calor e é dia de entregar os boletins na escola, onde há uma grande fila. Chega uma mulher e fica no último lugar, atrás de um rapaz. Ela pede ao rapaz que ‘segure’ o seu lugar na fila enquanto vai conversar com uma amiga que está no portão da escola e que, quando chegar a sua vez de ser atendida, ela retornará ao seu lugar.*” (item

11). Os juízes indicaram este item como da categoria simpatia, porém os participantes o interpretaram como um componente da categoria malandragem. Diferentemente dos itens citados anteriormente, infere-se neste item, a noção primária de justiça, muito afluída nos participantes (KOHLBERG, 1981 *apud* SIMÕES, 2002). Interpretação similar foi obtida pelos participantes em relação ao item 9, como sendo da categoria malandragem, envolvendo o sentimento de justiça: “*No fim de semana passado, teve reunião de pais e entrega de boletins na escola. A fila de pais estava grande para conversar com os professores. Chega uma mãe, passa na frente de todos e para ser atendida mais rápido, diz que precisa voltar correndo pra casa para fazer o almoço.*”. Neste quesito os juízes interpretaram o item como parte da categoria burlar regras.

Observou-se no item 4 outra divergência nas interpretações entre os juízes e os participantes, como o descrito: “*Ontem na escola a direção vendeu picolé a R\$ 1,00 cada. Uma aluna tinha dinheiro, e pagou picolé para outras amigas, depois que combinaram que elas fariam o seu dever de casa.*” Os juízes interpretaram o item como componente de simpatia, mas os participantes o consideraram como da categoria malandragem. Os participantes compreenderam que nesta ação não ocorreu uma ajuda, mas, um *jeitinho* de resolver uma situação baseando-se na troca de favores, implicando em reciprocidade, descaracterizando o sentido de “simpatia” formada por eles. Na literatura, alguns autores consideram que o favor não envolve a transgressão de alguma norma ou regra preestabelecida. Para os participantes, a troca de favores representa uma forma do *jeitinho* malandro de encontrar soluções para casos individuais ou coletivos.

Mesmo com algumas diferenças conceituais das análises acadêmicas do *jeitinho*, para os participantes há posicionamentos comuns: o *jeitinho* envolve burlar regras implicando a realização de atos ilegais; e as práticas do *jeitinho* malandro quando, no sentido do comportamento, significar astuto, enganador, esperto, oportunista, partindo do pressuposto em levar vantagem. Nas relações interpessoais que envolve boa vontade, cooperação, ajuda e simpatia, no sentido do discurso positivo, o *jeitinho* tem conotação diferente dos estudos acadêmicos. Considerando esses aspectos, adota-se a seguinte definição do *jeitinho* para os participantes, no ambiente escolar: **são práticas de ações positivas ou negativas, de pequeno porte, a partir da necessidade em obter uma solução para um problema individual ou coletivo.**

Esta definição não minimiza o fato apontado nesta pesquisa, qual seja, que as práticas do *jeitinho* nos participantes são similares às dos adultos. A originalidade desta pesquisa encontra-se nas significações do fenômeno *jeitinho* brasileiro com pré-adolescentes em fase de formação no ambiente escolar, e na elaboração de um instrumento de medida para esse público, visando investigar a estrutura do *jeitinho* brasileiro nessa fase do desenvolvimento.

Médias e correlações para os cenários do jeitinho no ambiente escolar

Considerando as médias e intervalos de confiança de 95%, os resultados para os cenários do *jeitinho* com pré-adolescentes indicam maiores práticas no fator *Simpatia* (M=3,34) em detrimento às práticas do fator *Malandragem* (M=1,35) e *Burlar regras* (M=1,57). Consequentemente, há indícios de que pré-adolescentes no ambiente escolar preferem resolver seus problemas utilizando criatividade e humildade na busca de apoio com quem se quer pedir uma ajuda na solução de um problema, em oposição aos cenários com ações que indicam que os indivíduos buscam levar vantagens sobre os outros para obter um resultado ou em atos conscientes de burlar as regras preestabelecidas na escola.

Como esperado, os resultados das associações entre os cenários do *jeitinho* apontam para uma relação positiva entre as ações de *Malandragem* e *Burlar regras* ($r=0,525$, $p<0,01$) e, positiva e fraca entre *Malandragem* e *Simpatia* ($r=0,141$, $p<0,01$) e, *Burlar regras* e *Simpatia* ($r=0,202$, $p<0,01$) demonstrando que o fator *Simpatia* diferencia apenas no significado positivo da prática, fato este que não envolve a transgressão de qualquer norma ou regra, aproximando-se de um favor nos estudos de Barbosa (2006).

Os cenários do jeitinho nas diferentes Coordenadorias de Ensino

A aplicação do survey foi feita simultaneamente para os estudos de valores e do *jeitinho* nos participantes da amostra, portanto, nas quatorze CREs do Distrito Federal. Percebeu-se diferentes cenários e práticas nos participantes em cada CRE, conforme observações abaixo:

- Percebe-se que a prática da *Simpatia* para a resolução de problemas é a preferida dos participantes, com os maiores índices em todas as CREs do Distrito Federal. Os fatores *Malandragem* e *Burlar regras* apresentaram baixos índices, evidenciando que, em geral, os pré-adolescentes aprovam as estratégias do bom relacionamento com todos na escola para a solução de problemas.

- Os participantes da CRE do Gama obtiveram maiores índices para os fatores *Malandragem* (M=1,42) e *Burlar regras* (M=1,71), indicando que as práticas de uma dessas estratégias promovem a ocorrência da outra.

- Resultados similares ocorreram nos participantes da CRE do Paranoá, ou seja, os fatores *Malandragem* (M=1,42) e *Burlar regras* (M=1,69), indicam as mesmas práticas na resolução de problemas.

- As CREs do Plano Piloto (M=3,40) e Taguatinga (M=3,42) apresentam os maiores índices no fator *Simpatia*, demonstrando que as práticas positivas do *jeitinho* é o melhor caminho para se resolver os problemas.

- Em todas as CREs, as análises registraram que os índices do fator *Malandragem* foram menores que os de *Burlar regras*, indicando que esta estratégia é mais utilizada pelos participantes que a prática de levar vantagens sobre os outros.

Os resultados revelam, de forma geral, que os pré-adolescentes estão dispostos a agirem com diálogo e consenso na busca de soluções para seus problemas escolares e que poucos buscam resolver problemas pelas ações nos fatores *Malandragem* e *Burlar regras*.

Estudo 3 – Relações de valores e jeitinho brasileiro

Os resultados encontrados nos dois estudos revelam haver uma relação direta entre os valores e as práticas do *jeitinho*. Apesar das poucas experiências de vida, os participantes possuem valores próprios e impõem opiniões sobre as pessoas e coisas, sendo manifestados nos relacionamentos sociais (VÁSQUEZ, 1984, *apud* ARAÚJO, 2011), adquiridos no processo sociocultural histórico, incluindo a escola (LEONTIEV, 1978; ELKONIN, 1987; WALLON, 1995).

Pelas AFEs encontramos os valores dos participantes agrupados nos dois blocos com foco nos valores pessoais (voltados para si) e sociais (voltados para si e outros), da teoria de valores de Schwartz *et al.* (2012). Este fato corrobora os estudos realizados por Schwartz *et al.* (2011), realizado com meninas de 13 a 14 anos de idade em Uganda, em que não foi possível dividir o espaço bidimensional em regiões distintas, mas, como neste trabalho, encontraram as divisões dos valores nos focos social e pessoal. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Roazzi *et al.* (2011), com uma amostra de 185

crianças brasileiras, com faixa etária entre seis e doze anos, em duas escolas públicas da cidade de Recife. Sobre pesquisas com estrutura de valores, Teixeira *et al.* (2014) informa que nas duas últimas décadas, diversos estudos têm analisado a teoria de valores de Schwartz baseando-se nas motivações voltadas para o foco pessoal *versus* o foco social.

Para investigar as relações entre as variáveis dos valores das quatro dimensões de segunda ordem e as variáveis das práticas do *jeitinho*, foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman. Observou-se que os valores de autotranscendência se relacionaram positivamente com as práticas indicadas no fator *Simpatia* ($\rho=0,26$), justificadas pelas ações em ajudar a si e ao próximo; bem como se relacionaram negativamente com os fatores *Malandragem* ($\rho=-0,21$) e *Burlar regras* ($\rho=-0,17$). Os valores de conservação também estão relacionados positivamente com *Simpatia* ($\rho=0,21$), fato contrário ocorreu com *Burlar regras* ($\rho=-0,24$) e *Malandragem* ($\rho=-0,20$).

Os valores de autopromoção se correlacionaram positivamente com todos os fatores do *jeitinho*, porém com menor intensidade em relação a *Simpatia* ($\rho=0,06$) e maior intensidade com *Malandragem* ($\rho=0,18$) e *Burlar regras* ($\rho=0,12$). Da mesma forma, as três categorias do *jeitinho* obtiveram relações positivas com a dimensão de abertura à mudança.

Pelos resultados da técnica do MDS, foram observadas as relações, pelas distâncias espaciais, dos valores das dimensões de primeira ordem e as práticas do *jeitinho* no ambiente escolar, cujos resultados foram corroborados nas análises dos coeficientes de correlação de Pearson. Os cenários das práticas de malandragem tiveram os maiores relacionamentos positivos com os valores de poder de recurso ($r=0,24$), poder de domínio ($r=0,17$), estimulação ($r=0,22$) e foram encontradas relações negativas com todos os valores do fator *Foco social*. A justificativa se encontra no fato de que existem participantes que desejam obter vitórias e vencer na vida buscando levar vantagens sobre os outros.

O fator *Burlar regras* obteve maiores correlações positivas com os valores poder de recursos ($r=0,16$) e estimulação ($r=0,23$). Também foram encontradas relações negativas com todos os valores do fator *Foco social*. Estes resultados sugerem que estes participantes têm inclinações a desafiar os regulamentos escolares e o não reconhecimento de autoridades, na tentativa de serem o centro dos olhares na escola.

Foi encontrada apenas uma relação negativa entre a categoria *simpatia* e os valores, sendo este o poder de domínio ($r=-0,02$). Todos os demais valores correlacionaram-se

positivamente com esta prática do *jeitinho*, diferenciando apenas, no grau das forças nos relacionamentos. A maior relação foi com o valor de segurança-social ($r=0,23$) e o mais baixo com o poder de recurso ($r=0,01$). Esses resultados apontam que os participantes desejam uma estabilidade e afinidade com os outros sujeitos na escola sem se preocupar com ganhos ou troca de favores.

Como esperado, as categorias *Malandragem* e *Burlar regras* se correlacionaram negativamente com todos os valores do Foco social da teoria de valores de Schwartz (2012) e explicam as práticas individualistas dos participantes, que utilizam o *jeitinho* nos seus aspectos negativos.

A escala adaptada do PVQ-R (TORRES; SCHWARTZ; NASCIMENTO, 2016) para pré-adolescentes, mostrou-se adequado para a pesquisa investigada. Confirmando estudos anteriores recentes (BENISH-WEISMAN, 2019) e entre outros, os valores dos participantes foram positivamente correlacionados com os valores de autotranscendência e conservação. Desta forma, os resultados apontam que os objetivos desta pesquisa foram alcançados. As escalas propostas têm evidências de validade para pré-adolescentes. Possíveis ajustes futuros permitirão que elas sejam aplicadas ao estudo dos valores humanos em outras amostras distintas, em outras regiões brasileiras e instituições de ensino privado.

Os resultados da pesquisa demonstraram que, na estrutura de valores dos pré-adolescentes identificam-se o compromisso com a igualdade, o sentimento de justiça, a aceitação pelas diferenças, a preocupação com o bem-estar dos colegas e não prejudicá-los, a conformidade com regras da escola e a humildade. Portanto, identificar, descrever e analisar os comportamentos dos pré-adolescentes favorece a reflexão sobre o tema valores e elaboração de estratégias e propostas educacionais para que se estabeleçam relações necessárias entre os diferentes contextos sociais e culturais, visando o benefício incondicional desses sujeitos. De forma semelhante, parte significativa dos pré-adolescentes indica que os problemas a serem resolvidos na escola perpassam pelo diálogo e mantendo afinidade com quem se quer pedir um *jeitinho*.

É na convivência familiar e escolar que se encontram todos os elementos capazes de favorecer a educação de valores, trilhando na transmissão dos valores universais, como, convivência, respeito, tolerância, simpatia e solidariedade. Assim, compreender os comportamentos dos pré-adolescentes e suas estratégias para resolver problemas no ambiente

escolar, possivelmente permitirá que os freqüentes conflitos ou indisciplinas na escola sejam minimizados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cresce o quantitativo de pesquisas sobre a estrutura de valores em crianças e jovens (UZEFVSKY; DÖRING; KNAFO, 2016; BENISH-WEISMAN, *et al*, 2019), mas são raros os estudos especificamente, na faixa etária dos participantes. Esta pesquisa traz elementos importantes e relevantes para a compreensão de atitudes e comportamentos de pré-adolescentes no ambiente escolar

Este trabalho apresenta caráter inovador por ter analisado a estrutura empírica de valores básicos de uma amostra representativa de pré-adolescentes e pela construção de uma escala de medida para esse público especial.

Os resultados obtidos revelam que a estrutura de valores dos participantes reflete a teoria refinada de valores humanos de Schwartz *et al.* (2012). Pelo MDS percebeu-se que as regiões espaciais alocaram as quatro dimensões superiores de segunda ordem, apesar de não conter, na totalidade, o *continuum* motivacional da teoria. Foram detectadas, com clareza, as localizações distintas dos valores nas dimensões com os focos social e pessoal.

A pesquisa abre possibilidades para traçar perfis de pré-adolescentes com relação às prioridades de valores, abrindo caminho para essa linha de investigação e fomentar estudos futuros sobre a temática. Com os resultados da pesquisa, é possível elaborar projetos de intervenção pedagógica e orientação educacional para estudantes, pais/responsáveis e gestores das instituições de ensino. Conhecendo a estrutura de valores dos estudantes é possível implementar estratégias de prevenção contra a violência, incluindo reflexões e motivações sobre as práticas indisciplinadas nas escolas, e da compreensão dos papéis sociais e culturais que cabem a cada integrante na comunidade escolar.

As informações coletadas resultam no avanço da pesquisa com este público jovem no qual o sistema de valores está sendo consolidado, envolvendo a relação com outros construtos, incluindo o comportamento e as práticas de resolução de problemas no ambiente escolar, visto ser este um dos espaços de vivência pessoais, demonstrando o *jeitinho* brasileiro dos pré-adolescentes. Outro avanço encontra-se na elaboração de uma escala de medida sobre o *jeitinho* brasileiro desses sujeitos. Este trabalho original inicia pesquisa sobre o fenômeno do *jeitinho* com os jovens e sua relação com valores humanos.

Apesar dos resultados encorajadores, é preciso reconhecer as limitações que ocorreram neste estudo. Embora o tamanho da amostra seja expressivo, esta pesquisa foi

realizada apenas com sujeitos da rede pública de ensino do Distrito Federal. Desse modo, sugere-se que estudos futuros possam ampliar e diversificar a amostra, investigando os valores e o *jeitinho* com estudantes de outras cidades e regiões brasileiras, tanto de escolas públicas quanto particulares. Desse modo, espera-se proporcionar uma análise mais detalhada do perfil dos estudantes quanto à influência do nível de ensino entre as instituições, do envolvimento da família na formação dos sujeitos e a ampliação na compreensão do *jeitinho*.

Outro aspecto a ser observado é a construção de cenários do *jeitinho* brasileiro voltados para o ambiente escolar. Verifica-se a necessidade em investigar a compreensão do *jeitinho* brasileiro na sociedade em geral, pois estes sujeitos sofrem influência de diversos fatos sociais, norteados, principalmente, pelas mídias. Para a escala de valores EVP, sugere-se reexaminar os itens para que futuros estudos investiguem outras relações, além das testadas no estudo 1, uma vez que só foram verificados seis valores dos 19 da teoria refinada de Schwartz *et al.* (2012), além da ausência de um novo valor incluído na referida teoria, o face. Para tanto, cumpre-se rever as referidas escalas no sentido de aperfeiçoá-las ao público-alvo.

Portanto, sugere-se que as escalas de medidas devem ser replicadas para que se possam confirmar suas estruturas fatoriais e obter medidas apropriadas para investigar valores e estratégias de resolução de problemas com pré-adolescentes nas diversas culturas do país.

Na literatura, não há consenso quanto às diversas facetas do *jeitinho* brasileiro, porém observou-se que, para os pré-adolescentes, práticas do *jeitinho* podem ter conotações variadas das dos adultos, no entanto não significa que o fenômeno se descaracterize dos conceitos estudados. Explica-se ser uma visão diferenciada na interpretação do fenômeno.

Na totalidade, este estudo pode ser considerado como pioneiro na compreensão do *jeitinho* por pré-adolescentes no contexto escolar, indicando comportamentos para consolidar futuras investigações, bem como uma proposta de escala de medida de valores para este público. A escala de valores elaborada procurou explicar a estrutura de valores dos participantes, pois, no geral, os padrões de descobertas para os valores dos jovens, são próximos aos resultados encontrados em estudos com adultos (DÖRING *et al.*, 2015) o que permite a implementação estratégias de intervenções sociais com todos os entes da comunidade escolar.

A presença de estruturas e prioridades de valores semelhantes aos dos adultos, implica que estes valores possam surgir na etapa do desenvolvimento anterior à pré-adolescência (BILSKY *et al.*, 2005; DÖRING *et al.*, 2015; CIECIUCH *et al.*, 2016). Essas prioridades de valores associados às metas motivacionais, permitirão observar os comportamentos e atitudes dos jovens nos mais variados ambientes da sociedade. Os valores, comportamentos e atitudes dos jovens podem influenciar na maneira que procuram solucionar determinados problemas – um *jeitinho* diferente e rápido de resolver as coisas.

Observou-se nesta pesquisa que, os valores dos participantes estão diretamente relacionados com as práticas de resolução de problemas, indicando as prioridades de valores transmitidos no cotidiano escolar. Estas informações permitirão a construção de projetos educacionais na busca por melhorias no ambiente escolar e nas relações interpessoais desses sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ADF. Anuário do DF. **Planaltina**. Disponível em <<http://www.anuariododf.com.br/regioes-administrativas/ra-vi-planaltina/>>. Acesso em: 24 de abr. de 2019.
- ADLER, Cláudia S.; SILVA, André L. A interface entre valores humanos e mudança organizacional: evidências de uma operação de aquisição. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, SP, v. 14, n. 2, p. 16-41, mar./abr., 2013.
- ALMEIDA, Antonio C. **A cabeça do brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 4ª. edição, 2007.
- ALLPORT, Gordon H. **Becoming basic considerations for a psychology of personality**. New Haven: Yale University Press, 1955.
- ALVES, Vital F. C. Montesquieu: republicanismo e corrupção política. **Revista de Filosofia: Princípios**, Natal, v. 24, no. 44, mai./ago., p. 185-216, 2017.
- ANDRADE, Maria W. C. L. **Estudo sobre o desenvolvimento dos valores humanos da infância à adolescência**. 2006. 300 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- ANJOS, Ricardo E. **O desenvolvimento psíquico na idade de transição e a formação da individualidade para-si**: aportes teóricos para a educação escolar de adolescentes. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2013.
- ANJOS, Ricardo E. **O desenvolvimento da personalidade na adolescência e a educação escolar**: aportes teóricos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. 2017. 197 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2017.
- AQUINO, João E. F. Blaise Pascal: os limites do método geométrico e a noção de “coração”. Universidade Estadual Paulista. **Revista Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 31, no. 2, p. 39-59, 2008.
- ARAÚJO, Maria G. D. **Ética e os valores do indivíduo**. Disponível em <<http://www.administradores.com.br/artigos/cotidiano/a-etica-e-os-valores-doindividuo/54296/>>. Acesso em 26 de dez. de 2018.
- BARBOSA, Lívia. **O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros**. Prefácio de Roberto DaMatta. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- BATAGLIA, Patricia U. R.; MORAIS, Alessandra; LEPRE, Rita M. A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. **Estudos de Psicologia**, v. 15, nº. 1, jan./abr., p. 25-32, 2010.

BATISTA, Gustavo A. Montaigne: a fundamentação da educação nos moldes cétricos e estoicos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** (online), Brasília, v. 95, no. 241, p. 497-507, set./dez.,2014.

BENISH-WEISMAN, Maya *et al.* The relations between values and prosocial behavior among children: The moderating role of age. **Personality and Individual Differences**, 141, 2019. 241–247.

BERNI, Vanessa L.; ROSO, Adriane. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 26, no. 1, p. 126-136, 2014.

BILSKY, Wolfgang. A estrutura de valores: sua estabilidade para além de instrumentos, teorias, idade e culturas. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 10, nº 3. São Paulo, maio/junho, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ram/v10n3/a03v10n3>> Acesso: 20 de junho de 2018.

BILSKY, Wolfgang *et al.* **Value Structure at an Early Age: Cross-Cultural Replications**. In: BILSKY W.; ELIZUR, D. (orgs.) *Facet Theory: Design, Analysis and Applications*. Roma, 2005.

BILSKY, W.; JANIK, M.; SCHWARTZ, S.H. The structural organization of human values: evidence from three rounds of the European Social Survey (ESS). **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 42, no. 5, p. 759-776, 2011.

BILSKY, W. *et al.* Children's value structures - Imposing theory-based regional restrictions onto an ordinal MDS solution. In: ROAZZI, A.; CAMPELLO, B.; BILSKY, W. (orgs.). *Proceedings of the 14th Facet Theory Conference. Searching for Structure in Complex Social, Cultural & Psychological Phenomena*. Recife, p.25-40, 2013a.

BILSKY, W. *et al.* Investigating Children's Value Structures and Value Preferences - Testing and Expanding the Limits. **Swiss Journal of Psychology**, January, 2013b. DOI: 10.1024/1421-0185/a000106.

BLUE ABAYA. Discovering Arabia through Nordic Eyes. **What is a wasta ?**. 2015 Disponível em <<https://www.blueabaya.com/2015/04/wasta-in-saudi.html>>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

BLUM, Robert W. *et al.* A conceptual framework for early adolescence: a platform for research. **International Adolescence Medical Health**, v. 26, nº 3, p. 321-331, 2014. Disponível em <<https://doi.org/10.1515/ijamh-2013-0327>>. Acesso em 08 de jan. de 2019.

BORGES, Fernanda C. **A filosofia do jeito: um modo brasileiro de pensar com o corpo**. São Paulo: Summus, 2006.

BRAGA JÚNIOR, Luiz C. F. **A importância da formação do cidadão na perspectiva de Jean-Jacques Rousseau**. 2015. 148 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Filosofia. Goiânia, 2015.

BRITO, Maria E.M. *et al.* Educação em Saúde com Pré-Adolescentes de uma Escola Pública no Município de Fortaleza – CE. DST - **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v.20, n° 3, p. 190-195, 2008.

BUBECK, Maïke.; BILSKY, Wolfgang. Value structure at na early age. **Swiss Journal of Psychology**, v. 63, n. 1, , 2004. 31-41.

CAMPOS, Camila. B.; PORTO, Juliana B. Escala de valores pessoais: validação da versão reduzida em amostra de trabalhadores brasileiros. **Revista Psycó**, v. 41, n. 2, p. 208-213, abr./jun., 2010.

CERQUEIRA, Hugo E. A. G. Sobre a filosofia moral de Adam Smith. **Revista de Filosofia Síntese**, Belo Horizonte, v. 35, no. 111, 2008.

CHAUÍ, Marilena S. **Espinoza**: pensamentos metafísicos; tratado da correção do intelecto; ética; tratado político. Textos selecionados por Marilena S. Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 3ª. edição, 1983. (Coleção Os Pensadores).

CHAUÍ, Marilena S. **Convite à filosofia**. 8ª. edição, São Paulo: Ática, 1997.

CIECIUCH, Jan et al. The stability and change of value structure and priorities in childhood: a longitudinal study. **Social Development**, v. 25, no. 3, p. 503-527, 2016. DOI: 10.1111/sode.12147.

COLLINS, Patricia R. *et al.* Examining the consistency and coherence of values in young children using a new Animated Values Instrument. **Personality and individual differences**, n. 104, p. 279-285, 2017.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e misto. Tradução: Magda Lopes. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CURADO, Maria A.S.; TELES, Julia; MARÔCO, João. Análise de variáveis não diretamente observáveis: influência na tomada de decisão durante o processo de investigação. **Revista Escola Superior Enfermagem**, USP, v. 48, n. 1, p. 149-156, 2014.

DALMORO, Marlon; VIEIRA, Kelmara M. Dilemas na construção de escalas Tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados? **Revista Gestão Organizacional**, v. 6, Edição especial, 2013.

DAMÁSIO, Bruno F. Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. **Revista Avaliação Psicológica**, v. 11, no. 2, p. 213-228, 2012.

DAMATTA, Roberto. **Carnaval, malandros e heróis**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAMATTA, Roberto. **O que é o Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DÖRING, Anna K. Assessing Children's Values: An Exploratory Study. **Journal of Psychoeducational Assessment**, v. 28, no. 6, p. 564–577, 2010.

DÖRING, Anna K. *et al.* Cross-cultural evidence of value structures and priorities in childhood. **The British Psychological Society**. British of psychology, no. 106, p. 675-699, 2015.

DUARTE, Fernanda. **Exploring the interpersonal transaction of the Brazilian jeitinho in bureaucratic contexts**. Organization, v. 13(4), p. 509-527, 2006.

DUARTE, Fernanda. The strategic role of charm, simpatia and jeitinho in Brazilian society: a qualitative study. **Asian journal os Latin American Studies**, v. 24, n° 3, p. 29-48, 2011.

ELKONIN, D. B. **Desarrollo psíquico de los niños**. In: SMIRNOV, A. A. *et al.* **Psicologia**. México: Grijalbo, p. 493-559, 1960.

ELKONIN, D. B. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infância. In: DAVIDOV, V.; SHUARE, M. (org.). **La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS** (antología). Moscou: Progreso, p. 125-142, 1987.

ESTRAMIANA, José L. A. *et al.* **Valores sociais**. In: CAMINO, L.; TORRES, A.R.R.; LIMA, M.E.O.; PEREIRA, M.E. **Psicologia social: temas e teorias**. Brasília: Technopolitik, 2ª.ed., p. 309-353, 2013.

FEATHER, Norman T. Values, valences and choice: The influence of values on the perceived attractiveness and choice of alternatives. **Journal of Personality and Social Psychology**, n°. 68, p. 1135-1151, 1995.

FELDMAN, Stanley. Values, ideology and structure of political attitudes. In: Sears ,D.O.; Huddy L.; Jervis R.. (Eds.). **Oxford handbook of political psychology**. New York: Oxford University Press, 2003. 477-508.

FERMIANO, Maria A . Educação para La cidadaná: Comportamento de Pré-adolescentes (“tweens”) no contexto atual. **Congreso Iberoamericano de Educación**. Buenos Aires, Argentina, 13 a 15 sept., 2010.

FERNANDES, Claudio **Idade Antigia**. Brasil Escola. 2018. Disponível em < <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/civilizacoes.htm>>. Acesso em 31 de dez. de 2018.

FERNANDES, Helenita A.; FERREIRA, Maria C.; O impacto dos valores pessoais e organizacionais no comprometimento com a organização. **Revista Psico**, v. 14, no. 3, p. 341-534, set./dez., 2009.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Miniaurélio século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. 5ª. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Maria C.. *et al.* Unravelling the Mystery of Brazilian Jeitinho: a cultural exploration of social norms. **Society for Personallity and Social Psychology**. Personality and Psychology Bulletin, v. 38, n°. 3, 2012.

FERREIRA, Edimar G. **Voltaire e a tolerância**. 2011. 98 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. 2011.

FERREIRA, Odair S. A negatividade fenomenológica do “jeitinho brasileiro” contida no ser corrupto dentro da administração pública. **Revista Clareira**. Revista de Filosofia da Região Amazônica, v. 2, n.º 2, ago–dez, 2015.

FIGUEIREDO, Dalson B. F.; SILVA, José A. J. Visão além do alcance: uma introdução à análise fatorial. **Revista Opinião Pública**, Campinas, v. 16, no. 1, p. 160-185, junho, 2010.

FINI, Lucila D. T. **Análise do desenvolvimento moral em Kohlberg**. 1979. 98 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas, 1979.

FINI, Lucila D. T. Desenvolvimento moral: de Piaget a Kohlberg. **Revista Perspectiva**. Florianópolis, v. 9, n.º 16, p. 59-78, jan./dez., 1991.

FIELD, Andy. **Descobrimo a estatística usando SPSS**. Trad.: Lorí Viali. 2ª.ed., Porto Alegre: Artmed, 688 p., 2009.

FLACH, Leonardo. O Jeitinho Brasileiro: analisando suas características e influências nas práticas organizacionais. **Revista Gestão e Planejamento**, Salvador, v. 12, no. 3, p. 499-514, set/dez., 2012.

FREITAS, Manuel B. C. **São Tomás de Aquino**. Universidade da Beira Interior – Corvilhã. Lisboa: Editorial Verbo. Coleção: Artigos LusoSofia, 2008.

FRONDIZI, R. **¿Qué son los valores?** México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

FUKUDA, Claudia C.; PASQUALI, Luiz. **Professor eficaz: um instrumento de aferição**. Avaliação Pedagógica, v. 1, p. 1-16, 2002.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livros, 2005.

GIANNOTT, José A. **Comte: curso de filosofia positiva; discurso sobre o espírito positivo; discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; catecismo positivista**. Seleção de textos de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª.ed., 4ª. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

GODOY, Priscilla B.; OLIVEIRA-MONTEIRO, Nancy R. Estudo sobre valores em adolescentes. **Psico**. Porto Alegre, v. 46, no. 3, p. 400-408, jul/set, 2015. [Http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2015.3.19426](http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2015.3.19426).

GOMES, Yves A. **Valores de crianças: a valorização de um instrumento pictórico no Brasil**. 2011. 67 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

GOMES, Yves A. **Desenvolvimento de valores em crianças: estrutura, transmissão, personalidade e religiosidade**. 2015. 144 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

GOMES, Vinicius R.R.; CANIATO, Ângela. **Adolescentes na contemporaneidade: desdobramentos subjetivos do (des)investimento no virtual**. Contextos Clínicos, v. 9, no. 1, p. 133-146, jan./jun., 2016. Disponível em <<http://www.doi:10.4013/ctc.2016.91.12>>. Acesso em 09 de janeiro de 2019.

GOUVEIA, Valdiney V. **A natureza motivacional dos valores humanos: evidências acerca de uma nova tipologia**. Estudos de Psicologia. Natal, v. 8, no. 3, p. 431-443, 2003. DOI: 10.1590/S1413-294X200300010.

GOUVEIA, Valdiney V. *et al.* Teoria funcionalista dos valores humanos. In: TEIXEIRA, M. L. M. **Valores humanos e Gestão: Novas Perspectivas**. São Paulo: Senac, p. 47-80, 2008.

GOUVEIA, Valdiney V. *et al.* Valores humanos: contribuições e perspectivas teóricas. In: TORRES, Claudio V.; NEIVA, Elaine R. (orgs.). **Psicologia Social: principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, p. 296-313, 2011.

GRANJO, Manuel; PEIXOTO, Francisco. **Contributo para o estudo da escala de valores humanos de Schwartz em professores**. Laboratório de Psicologia, v. 11, no. 1, p. 3-17, 2013.

GÜNTHER, Hartmut. Uma tentativa de traduzir e adaptar a Escala de Valores de Rokeach para uso no Brasil. **Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 33, no. 3, p. 58-72, jul./set., 1981.

HARTMANN, Nicolai. **Ontologia I, II, III, IV, V**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

HAIR, Joseph, *et al.* **Análise multivariada de dados**. 6a. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HEINRICHS JR, Claudio. **A presença da antigüidade clássica em Auguste Comte**. 2001. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2001.

HESSEN, J. **Filosofia dos valores**. Coimbra: Armênio Amado, 1980.

HUGON, Padre Édouard O. P. **Os princípios da filosofia de São Tomás de Aquino: as vinte e quatro teses fundamentais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, n.º. 77, 318 p. (Coleção Filosofia), 1998.

IGLESIAS, Fábio. Desengajamento moral. In: BANDURA, A.; AZZI, Roberta; POLYDORO, S. (orgs.) **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**, p. 165-176. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

INHELDER, Barbel; PIAGET, Jean. **Da lógica da criança à lógica do adolescente**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976.

JAEGER, Werner. **Paidéia**: La formation de l'homme grec. Paris: Gallimard, p. 335, 1960.

KOHLBERG, Lawrence. **The philosophy of moral development**: moral stages and idea of justice. Cambridge: Harper & Row, 1981.

KLUCKHOHN, Clyde K. M.. Values and value orientation in the theory of action. In: PARSON, T; SHILS, E. (orgs.). **Toward a general theory of action**. Cambridge: Harvard University Press, p. 388-433, 1951.

LAPA, Luiz G. Jr. **Identificação e formação de valores pessoais no ambiente escolar de ensino fundamental II**: o sujeito ecológico em construção. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

LAUER-LEITE, Iani D. **Correlatos valorativos dos significados do dinheiro para crianças**. 2009. 202 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal do Pará. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2009.

LEITE, Nei A.S.; SALLES, Virgínia O. **Valores humanos em educação**: a complexidade do óbvio na escola do século XXI. EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 26 a 29 out, 2015.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LÓPES QUINTÁS, Afonso. **El conocimiento de los valores**. Pamplona: Verbo Divino, 1989.

LUO, Y. Guanxi and business. Singapore: **World Scientific Publishing**, 2001.

MACEDO, Lídia S.R.; SPERB, Tânia M. Regulação de emoções na pré-adolescência e influência da conversação familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, n.º. 2, p. 133-140, abr./jun., 2013.

MACEDO, Lídia S.R.; SPERB, Tânia M. **O desenvolvimento do modo narrativo de pensamento em pré-adolescentes**. Arquivos brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro, v. 69, n.º. 1, p. 151-165, 2017.

MAROCO, João. **Análise Estatística** – com utilização do SPSS. 3^a.ed., Lisboa: Edições Sílabo, 2007.

MELO, Márcia C. H. **Construção social do conceito de adolescência e suas implicações no contexto escolar**. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Setor de Ciências Humanas, Letras e Arte, Ponta Grossa, 2013.

MELO, Marcia C.H.; CRUZ, Gilmar C. Rodas de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

MENDONÇA, André L. O.; CAMARGO, Kenneth R. Os acertos de Descartes: implicações para a ciência, biomedicina e saúde coletiva. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, mai., 2016.

MENEZES, Jonathan. **Da tolerância à caridade**: sobre religião, laicidade e pluralismo na atualidade. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 28, no. 190, p. 189-209, jan./jun., 2015.

MILLAR, Carla; KHVATOVA, Tatiana. **Svyazi's personal private networks in the Russia of yesterday and today**. Conference paper. December, 2017. Disponível em <<https://www.researchgate.net/publication/321769023>>. Acesso em 29 de janeiro de 2019.

MIURA, Marco A. **Entre a simpatia e a corrupção**: análise das dimensões constituintes do jeitinho brasileiro. 2012. 52 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2012.

MOISÉS, Valquíria S. **Do jeitinho brasileiro ao Brazilian little way**: uma leitura semiótica. 2014. 192 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Humanas, São Paulo, 2014.

MONTEIRO, Renata A. **Influência de aspectos psicossociais e situacionais sobre a escolha alimentar infantil**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia, Brasília, 2009.

MORO, Juliana F. **Sêneca e o conceito de Virtus no Império Romano**. Universidade Estadual de Maringá. Congresso Internacional de História, 21 a 23 set., 2011.

NARBONNE, Jean-Marc. **A metafísica de Plotino**. Tradução de Maurício Pagotto Marsola. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Disdakalia).

NASCIMENTO, Joelma U. **Transmissão e prioridades de valores entre estudantes e professores de escolas públicas do Paranoá (DF)**. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília. Faculdade de Educação, Brasília, 2009.

NEIVA, Elaine R.; ABBAD, Gardênia; TRÓCCOLI, Bartholomeu T. **Roteiro para análise fatorial de dados**. Manuscrito não publicado. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. 2007.

NETO, Ingrid L. **Justificativas de motoristas para infrações de trânsito**: esboçando um modelo. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia, Brasília, 2009.

OLIOSI, Joelma T. **Relações de amizade: uma investigação das interações dos adolescentes no contexto escolar**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação: Processos Sócio-Educativos e Práticas Escolares – Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del Rei, 2012.

PASQUALI, Luiz. **Instrumentação psicológica**: fundamentos e práticas. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PASQUALI, Luiz. **Psicometria**: teoria dos testes na psicologia e na educação. 5ª.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

PATO, Claudia. **Comportamento ecológico: relações com valores pessoais e crenças ambientais**. 2004. 164 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia, Brasília, 2004.

PIAGET, Jean. **O Juízo moral na criança**. 4^a.ed. São Paulo: Summus, 1994.

PILATI, Ronaldo *et al.* Brazilian jeitinho: Understanding and explaining an indigenous psychological construct. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 45, n^o. 1, p. 29–38, 2011.

PILATI, Ronaldo; PORTO, Juliana. **Apostila para tratamento de dados via spss**. Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia. Disponível em <https://social.stoa.usp.br/articles/0016/4637/apostila_SPSS_Porto_pdf>. Acesso em 15 de janeiro, 2008.

PRADO, Alyssa M. **O jeitinho brasileiro: uma revisão bibliográfica**. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Psicologia. Horizonte Científico, v. 10, no. 1, ago, 2016.

PRIOSTE, C. D. **O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**. 2013. 361 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RAMOS, A. Guerreiro. **Administração e estratégia do desenvolvimento: elementos de uma sociologia especial da administração**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1966.

REALE, Giovanni. **Aristóteles: história da filosofia Grega e Romana**, vol. IV. Tradução: Henrique Claudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. Nova edição corrigida. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

REGA, Lourenço S. **Como dar um jeito no jeitinho brasileiro?** (Artigo). Revista Ética nos negócios. Ano IV, n^o.8 , p. 26, julho a dezembro, 2012.

ROAZZI, Antonio, *et al.* The emergence of a value structure at an early age: cross-cultural evidence. In: FISCHER, Y; FRIEDMAN. **New Horizons for facet theory: searching for structure in content spaces and measurement**. Israel: FTA publications, p. 99-110, 2011.

RODRIGUES-ANDRADE, Palloma. **Correlatos valorativos da preferência por desenhos animados: compreendendo a justificação da agressão**. 2003. 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

ROHAN, M. J. A rose by any name? The values construct. **Personality and Social Psychology Review**, v. 4, p. 255-277, 2000.

ROCHA, Narcisa F. L. **O agir ético segundo Aristóteles**. 2009. 98 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

ROKEACH, M. Introduction. In: ROKEACH, M. **Understanding human values: individual and societal**. New York: The Free Press, p. 1-11, 1979.

ROKEACH, M. **The nature of human values**. New York: The Free Press, 1973.

ROSENFELD, Kathrin H. **Sófocles & Antígona**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

RUIZ, Rogério L. *et at.* Blaise Pascal: o homem e a ciência. **Revista Ética e Filosofia Política**, v. 1, no. 12, abril, 2010.

SALES, Nei A Filho; SALES, Virgínia O. Valores humanos em educação: a complexidade do óbvio na escola do século XXI. EDUCERE. **XII Congresso Nacional de Educação**. PUCPR, de 26 a 29, out., 2015.

SANTOS, Evânio J.M. **Corrupção eleitoral, princípio da proporcionalidade e proteção jurídica insuficiente**. 2018. 288 f. Tese (Doutorado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANTOS, Fábio. **Terra política**: Veja 10 exemplos de corrupção no cotidiano do brasileiro. Disponível em <<https://noticias.terra.com.br/brasil/politica/veja-10-exemplos-de-corrupcao-no-cotidiano-do-brasileiro,880b6c891fd2c410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 24 de dez. de 2018.

SANTOS, Antonio C. Francis Bacon: as duas faces da ciência. Universidade Federal de Pelotas. Departamento de Filosofia. **Revista Dissertatio**, no. 41, p. 83-98, 2015.

SANTOS, Elder C.; NETO, Othon C. M.; KOLLER, Silvia H. Adolescentes e adolescências. In: HABIGZANG, Luísa F.; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (orgs.). **Trabalhando com adolescentes**: teoria e intervenção psicológica. Editora Artmed, 1ª.ed., 2014.

SCHELER, Max. **El formalismo em La ética e La ética material de los valores**. Madrid: Revista de Occidente, 1941.

SCHIAVINI, Janaína M.; SCHERER, Flávia L.; CORONEL, Daniel A. Entendendo o guanxi e sua influência nas relações internacionais. **Revista Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, no. 2, p. 316-332, mai/ago, 2012.

SCHWARTZ, Shalom H. **Universals in the content and structure of values**: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. *Advances in Experimental Social Psychology*, v25, p. 1-65. San Diego, CA: Academic Press, 1992.

SCHWARTZ, Shalom H. Are there universal aspects in the structure and contents of Human Values? **Journal of Social Issues**, v. 50, n. 4, p. 19-45, 1994.

SCHWARTZ, Shalom H.; SAVIG, L. Identifying culture-specifics in the content and structure of values. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, no. 26, p. 92-116, 1995.

SCHWARTZ, Shalom H. A theory of cultural values and some implications for work. **Applied Psychology: An International Review**, v. 48, p. 23-47, 1999.

SCHWARTZ, Shalom H. *et al.* Extending the cross-cultural validity of the theory of basic human values with a different method of measurement. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, 32, no. 5, p. 519-542, 2001.

SCHWARTZ, Shalom H. Valores humanos básicos: seu contexto e estrutura intercultural. In: TAMAYO Álvaro; PORTO, Juliana. B. (orgs.). **Valores e comportamento nas organizações**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 21-55, 2005.

SCHWARTZ, Shalom H. Basic human values: theory, measurement and applications. **Revue française de sociologie**. V. 47, no. 2, p. 249-288, 2006.

SCHWARTZ, Shalom H. **Basic human values**: theory, methods and applications. 2007 . Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/285308922_Basic_human_values_Theory_methods_and_application>. Acesso em 06 de novembro de 2016.

SCHWARTZ, Shalom H. *et al.* Refining the theory of basic individual values. **Journal of Personality and Social Psychology**. American Psychological Association, July, 2012.

SCHWARTZ, Shalom H. *et al.* Value Tradeoffs and Behavior in Five Countries: Validating 19 Refined Values. **European Journal of Social Psychology**. In press, June, 2017.

SCHWARTZ, Shalom H.; BILSKY, Wolfgang. Toward a universal psychological structure of human values. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 53, no. 3. 1987. 550-562. DOI: 10.1037/0022-3514.53.3.550.

SCHWARTZ, Shalom H.; BILSKY, Wolfgang. Toward a theory of the universal content and structure of values: extensions and cross-cultural replications. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 58, no. 5, p. 878-891, 1990. DOI: 10.1037/0022-3514.58.5.878.

SCHWARTZ, Shalom H.; BUTENKO, Tania. Values and behavior: Validating the refined value theory in Russia. **European Journal of Social Psychology**, v. 44, p. 799–813, 2014.

SCORALIK, André. **Paixão, liberdade e conveniência em dois ensaios de Montaigne (da vaidade e de poupar a vida própria)**. 2013. 142 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

SEEDF. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Competências SEEDF**. Disponível em < <http://www.se.df.gov.br/competencias-seedf/>>. Acesso em 12 de janeiro. 2019.

SIGNIFICADOS. Repositório de significados, conceitos e definições. Disponível em <<https://www.significados.com.br/zoeira/>>. Acesso em 19 de janeiro de 2019.

SILVA, Paulo S.M.; VIANA, Meire N.; CARNEIRO, Stania N. V. **O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget**. Psicologia.pt. O Portal dos psicólogos, 2011.

SIMÕES, M. **Adolescência**: transição, crise ou mudança? *Psychologica*, v. 30, p. 407-429, 2002.

SKIMINA, Ewa *et al.* Testing the Circular Structure and Importance Hierarchy of Value States in Real-Time Behaviors. **Journal of Research in Personality**, Published online, February, 2018, DOI: 10.1016/j.jrp.2018.02.001.

SMITH, Peter *et al.* How distinctive are indigenous ways of achieving influence? A comparative study of Guanxi, Wasta, Jeitinho and “Pulling Strings”. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, January, 2011. DOI: 10.1177/0022022110381430.

SMITH, Peter *et al.* Are indigenous approaches to achieving influence in business organizations distinctive? A comparative study of guanxi, wasta, jeitinho, svyazi and pullings strings. **The International Journal of Human Resource Management**. University of Sussex Library, v. 23, n^o. 2, p. 333-348, january, 2012. Doi: 10.1080/09585192.2011.561232.

SMITH, Peter *et al.* Are guanxi-type superior-subordinate relationships culture-general? An eight-nations test of measurement invariance. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, June, 2014. DOI: 10.1177/0022022114530496.

SOUSA, Pedro M. L. **Desenvolvimento moral na adolescência**. Psicologia.com.pt. Portal dos psicólogos. 2006.

SOUZA, Venceslau A. **Malandragem e cidadania: novas pistas**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP. 2008.

SPRATT, C.; WALKER, R.; ROBINSON, B. Mixed research methods. Practitioner Research and Evaluation Skills Training in Open and Distance Learning. **Commonwealth of Learning**, 2004. Disponível em: <<http://www.col.org/SiteCollectionDocuments/A5.pdf>> Acesso em 02 de novembro de 2017.

SILVA, Moacyr M. **O pensamento de Homero: inspiração temática para a filosofia do Direito**. Núcleo de Estudos Jurídicos, NEJ, v. 14, no. 3, p. 183-207, 2009.

TAMAYO, Álvaro. Hierarquia de valores transculturais e brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. especial, 007-015, 2007.

TAMAYO, Álvaro; PORTO, Juliana B. Validação do questionário de perfis de valores (QPV) no Brasil. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, no. 3, jul/set, p. 369-376, 2009.

TAMAYO, Álvaro; MENDES, Ana M.; PAZ, Maria G. T. Inventário de valores organizacionais. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 5, n^o. 2, p. 289-315, 2000.

TAMAYO, Álvaro; SCHWARTZ, Shalom H. Estrutura motivacional dos valores humanos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 9, n^o. 2, p. 329-348, 1993.

TEIXEIRA, Maria L. M. *et al.* Peculiaridades da estrutura de valores básico dos brasileiros. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 14, no. 2, abr./jun, p. 139-152, 2014.

TÓFOLI, Daniela. **Pré-adolescentes: um guia para entender o seu filho**. 1^a. ed. São Paulo: Principium, 2018.

TORRES, Carlos V.; SCHWARTZ, Shalom H.; NASCIMENTO, Thiago G. A Teoria de Valores Refinada: associações com comportamento e evidências de validade discriminante e preditiva. **Revista Psicologia USP**, v. 27, no. 2, p. 341-356, 2016.

TORRES, Claudio V. *et al.* Uma meta-análise dos valores humanos básicos no Brasil: diferenças observadas no país. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 15, no. 1, jan/mar, p. 89-102, 2015.

TORRES, Claudio V. *et al.* Brazilian jeitinho versus chinese guanxi: investigating their informal influence on international business. **Revista de Administração Mackenzie – RAM**, Universidade Presbiteriana Mackenzie Brasil. São Paulo, v. 16, n. 4, jul-ago, p. 77-99, 2015.

TÔRRES, Ternise C. **O sujeito pré-adolescente**: uma visão multidisciplinar. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.

TURNER, Jonathan H. **Sociologia**: conceitos e aplicações. São Paulo: editora Pearson, p. 253, 2010.

UZEFVSKY, F.; DÖRING, A.; KNAFO, A. Values in middle childhood: social and genetic contributions. **Social Development**, v. 25, n° 3, p. 482-502, 2016.

VAHL, Matheus J. **Santo Agostinho**: os fundamentos ontológicos do agir. Pelotas: NEPFIL online, 180 p., 2016. (Série Dissertatio Filosofia). Disponível em <<http://nepfil.ufpel.edu.br/publicacoes/1-santo-agostinho.pdf>>. Acesso em 25 de dez. 2018.

VÁRNAGY, Tomás. O pensamento político de John Locke e o surgimento do liberalismo. In: ATÍLIO A. **Filosofia política moderna**: de Hobbes a Marx Boron. Universidade de São Paulo, , Departamento de Ciências Políticas, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006. Disponível em http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20100603074417/04_varnagy.pdf>. Acesso em 29 de dezembro.

VERGARA, Mairo. **Pull strings**: o que significa esta expressão? Mairovergara.com, fevereiro, 2018.

VILELA, Thâmara S. V. **Valores humanos pessoais predizem comportamento ecológico?** 2017. 223 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia, Brasília, 2017.

WALLON, Henry. **Psicologia e educação da infância**. Rio de Janeiro: Estampa, 1995.

WACHELKE, João; RODRIGUES, Laiz B. Estudo exploratório das relações entre valores básicos pessoais e psicossociais. **Rev. Avaliação Psicológica**, v. 14, no. 3, p. 353-363, 2015.

WU, Roberto. Heidegger e o neokantismo de Windelband e Rickert. **Revista Estudos Filosóficos** – versão eletrônica, n° 5. Universidade Federal de São João Del-Rei. Departamento de Filosofia e Métodos, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Solicitação de autorização para pesquisa junto a SEEDF

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Programa de Pós Graduação em Educação



Solicitação de Autorização para Pesquisa junto aos Discentes da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal

Pesquisador requerente: Luiz Gonzaga Lapa Junior
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudia Pato (FE / UnB)

Título da Pesquisa : “MAPEAMENTO DE VALORES E COMPREENSÃO DO JEITINHO BRASILEIRO EM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DO DISTRITO FEDERAL”

Sr. Diretor do
Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação – EAPE

Há algum tempo muitas escolas vêm desenvolvendo projetos com o desejo de uma transformação social nos estudantes (crianças/adolescentes) visando conscientizá-los de seus atos consigo e com os outros, promovendo melhorias na prática do respeito ao próximo, para formar verdadeiros cidadãos.

A motivação para a investigação das relações interpessoais na escola e o interesse na formação de valores nos estudantes tem como eixo orientador a Teoria de Valores Humanos de Shalom Schwartz. Composto à interpretação dos valores humanos pessoais desses estudantes, surge a necessidade em compreender suas percepções a respeito do “jeitinho brasileiro” tão presente nas diversas ações e situações da vida escolar.

Na literatura, o “jeitinho” é tratado como tática de comportamento visando à resolução de problemas sociais, é visto como algo criativo, sendo relacionado à simpatia, ou transgressor, relacionado à malandragem evidenciando a relação do comportamento com a moralidade. É um componente da cultura brasileira usada como influência social para alcançar metas, porém, quebrando regras formais; e que é uma representação social embebida de práticas sociais, ou seja, de cultura.

As crianças e os jovens brasileiros, portanto inseridos nessa cultura, possivelmente formam seus sistemas de valores e desenvolvem sua moral considerando, também, como referência o jeitinho brasileiro de ser. Entretanto, os estudos acerca desse fenômeno do jeitinho brasileiro parecem estar mais concentrados no público adulto, justificando, portanto, um trabalho inédito com pré-adolescentes.

No entanto, tomando-se como referência o ambiente escolar, onde praticamente todas as crianças e os jovens se inserem em boa parte da vida, percebe-se o jeitinho de resolver as coisas, em que muitos estudantes encontram soluções triviais na

tentativa de flexibilizar regras e normas na escola. Desta forma, podem justificar possíveis ações recorrentes, cujo julgamento moral pode estar comprometido ou distorcido.

Neste olhar, os objetivos deste projeto de pesquisa são investigar os valores pessoais e compreender o jeitinho brasileiro em estudantes do ensino fundamental do Distrito Federal, visando a construção de projetos interventivos em prol das melhorias nas relações inter e intrapessoais dos estudantes.

A metodologia propõe uma abordagem mista dos métodos quantitativos e qualitativos, onde a primeira busca uma abordagem dedutiva, com base no teste de uma teoria com um olhar sobre o fenômeno social como algo objetivo e mensurável. A segunda utiliza uma abordagem buscando a emergência de uma teoria e considera o fenômeno social como algo construído pelas pessoas. A pesquisa utilizará como instrumentos dois questionários que serão construídos com a participação dos sujeitos, por meio de rodas de conversa.

A pesquisa terá a orientação da Prof^a. Dr^a. Claudia Pato (FE / UnB), e os dados coletados serão publicados para fins acadêmicos ou científicos, mantendo o sigilo sobre a participação das Unidades de Ensino e seus respectivos pré-adolescentes, sem qualquer tipo de constrangimento.

Esclarecemos que, ao mesmo tempo em que garantimos o anonimato dos sujeitos participantes, podemos comunicar os resultados obtidos, aos Centros de Ensino, caso assim o desejar.

Respeitosamente,

Brasília, 05 de setembro de 2017.

Claudia Pato
Orientadora (FE/UnB)

Luiz G. Lapa Jr.
Doutorando (FE/UnB)

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre – Unidades de ensino

Universidade de Brasília
 Faculdade de Educação
 Programa de Pós Graduação em Educação

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

À Direção do _____

Eu, Luiz Gonzaga Lapa Junior, professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal, matrícula nº 58.792-3, Doutorando do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB – realizo pesquisa com estudantes das séries finais do ensino fundamental – 6º. e 7º. anos –, na faixa etária dos 10 aos 13 anos, sobre seus valores pessoais e sua compreensão do jeitinho brasileiro. O tema da pesquisa é **“MAPEAMENTO DE VALORES E COMPREENSÃO DO JEITINHO BRASILEIRO EM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DO DISTRITO FEDERAL”**, tendo como orientadora a Profª Dra. Claudia Pato. Por meio desta, venho solicitar autorização para atuar nesta Unidade de Ensino, por meio de aplicação de questionários.

Esclarecemos que as informações colhidas serão utilizadas academicamente nesta pesquisa, ao mesmo tempo em que garantimos o anonimato dos sujeitos participantes, podendo comunicar os resultados obtidos, a esta Unidade de Ensino, caso assim o desejar.

Atenciosamente,

 Claudia Pato
 Orientadora (FE/UnB)

 Luiz G. Lapa Jr.
 Doutorando (FE/UnB)

Em concordância com o pleito: _____

Direção da Unidade de Ensino

APÊNDICE C - Roteiro de apresentação de imagens

Objetivo: Refletir e discutir sobre possíveis cenários do jeitinho brasileiro

Reflexão para o momento de apresentação das imagens:

“O que essas imagens significam para vocês?”

Discussão em cada imagem apresentada:

“Dê sua opinião sobre esta imagem”
“Como você tentaria resolver esta situação?”

Discussão ao final da apresentação das imagens:

“Você já presenciou uma situação semelhante?”
“Para você, quais situações ocorrem no dia-a-dia?”
“Quais as situações que mais lhe chama atenção?”